



75

A N O S

Faculdade de
Medicina UFC

1948 – 2023

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO



EDITORA
Imprensa
Universitária
da UFC

**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC****Reitor**

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva

**EDITORA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA UFC****Diretor**

Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL DA UFC**Presidente**

Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto

Conselheiros

Joaquim Melo de Albuquerque

José Edmar da Silva Ribeiro

Felipe Ferreira da Silva

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Prof.^a Ana Fátima Carvalho Fernandes

Prof. Guilherme Diniz Irffi

Prof. Paulo Rogério Faustino Matos

Prof.^a Sueli Maria de Araújo Cavalcante**FACULDADE DE MEDICINA DA UFC****Diretor:**

Prof. João Macedo Coelho Filho

Vice-Diretora:

Profa. Danielle Macedo Gaspar

Coordenadora do Curso de Medicina: Profa.

Mônica Cardoso Façanha

Vice-Coordenadora do Curso de Medicina:

Profa. Sandra Nívea dos Reis Saraiva Falcão

Coordenadora do Curso de Fisioterapia:

Profa. Nataly Gurgel Campos

Vice-Coordenador do Curso de Fisioterapia:

Prof. Ramon Távora Viana

Assessor Pedagógico:

Alberto Farias Filho

Secretária Administrativa:

Lis Soares Severino

IMAGEM DA CAPA:

Escultura da sala da diretoria da Faculdade de Medicina da UFC, doada em 1955 pelo médico paulista Mário Ottobri Costa.

Comissão dos 75 anos da Faculdade de Medicina da UFC

Presidentes de Honra: Sílvia Bomfim Hyppólito e Maria Neile Torres de Araújo.

Presidentes: Fernando Barroso Duarte, João Macedo Coelho Filho.

Membros:

Danielle Macedo Gaspar, Fernando Antonio Siqueira Pinheiro, Fernando Barroso Duarte, Isabel Bessa Leite, João Erivan Façanha Barreto, João Macedo Coelho Filho, José Huygens Parente Garcia, Lilia Maria Carneiro Câmara, Luiz Alberto de Freitas Júnior, Maria de Fátima Vitoriano de Azevedo, Maria Neile Torres de Araújo, Mônica Cardoso Façanha, Nicolas Gustavo Souza Costa, Sílvia Bomfim Hyppólito, Virgínia Claudia Carneiro Girão, Zenilda Vieira Bruno.

Editora filiada à

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Editora Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

F143 Faculdade de Medicina – 75 anos (1948-2023) [livro eletrônico] : história e desenvolvimento / Editores Fernando Barroso Duarte ... [et al.]. – Fortaleza: Editora Imprensa Universitária da UFC, 2023.

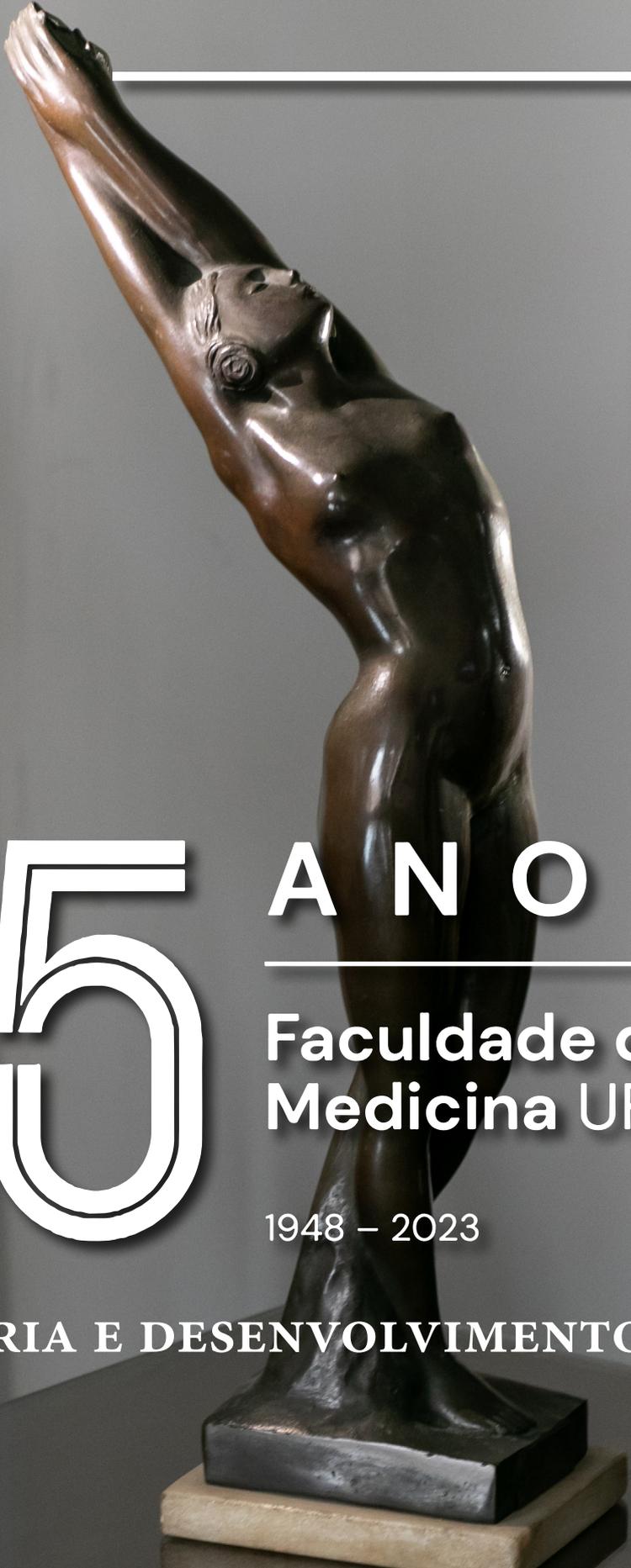
20.655 kb. : il. ; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7485-445-8

1. Faculdade de Medicina – Universidade Federal do Ceará. 2. Faculdade de Medicina - Memória. 3. Faculdade de Medicina - História. 4. Curso de Medicina. 5. Medicina – Estudo e ensino. 6. História da Medicina. I. Duarte, Fernando Barroso (ed.). II. Pinheiro, Fernando Antonio Siqueira (ed.). III. Costa, Jesus Irajacy Fernandes da Costa (ed.). IV. Coelho Filho, João Macedo (ed.).

CDD 610.98131



75 ANOS

**Faculdade de
Medicina UFC**

1948 – 2023

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO



**Palavra do
Reitor**

Em meados do século passado, mais precisamente no ano de 1948, um grupo de médicos abnegados fundou a Faculdade de Medicina (Famed) do Ceará, empreendimento da mais alta relevância que, desde então, tem sido estratégico para a história do ensino superior cearense. Três quartos de século depois, ou seja, nas presentes celebrações dos 75 anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), couberos a honra e o privilégio de assinalar neste texto o merecido aplauso ao distinto caminho de excelência trilhado pela Famed no ensino, na pesquisa, na extensão e na assistência.

A ideia saiu do papel, o sonho acalentado por tanto tempo enfim se concretizou, e a sociedade prontamente reconheceu a validade e a importância do movimento organizado por intelectuais e líderes para que Fortaleza e o Ceará tivessem uma escola médica. O contexto era propício, pois reuniram-se a massa crítica, a visão de futuro, o estágio adequado de maturação do projeto e a vontade política para expandir o ensino médico. Tal medida, podemos afirmar, era sobretudo uma iniciativa coletiva, fruto do diálogo construtivo, da coragem e do consenso, do encontro de um denominador comum, isto é, de formar profissionais de alto nível, com capacidade técnica e sensibilidade humana, beneficiando assim a população cearense e nordestina em suas justas demandas por saúde e qualidade de vida.

Com a instalação da Famed, a juventude das terras alencarinhas não precisaria mais se deslocar longas distâncias rumo a outros centros urbanos do Brasil ou mesmo do exterior, à procura de oportunidades para cursar Medicina. Também para os outros estados do Nordeste as distâncias ficaram menores. Novos ventos alteraram a direção do fluxo migratório, uma vez que estudantes do interior e de estados vizinhos passaram a querer se radicar em Fortaleza, vislumbrando por aqui não só a esperança, como a possibilidade real e concreta de se tornarem médicos e pesquisadores. Dessa maneira, foi possível reter jovens talentos no Ceará, formando os profissionais de que tanto necessitávamos, com a oferta das disciplinas de ciclo básico, de internato, de estágios nos serviços de saúde e de residência nas mais diversas especialidades clínicas. O advento de uma escola superior de Medicina no Estado lançou boas sementes em solo fértil, cuidadosamente preparado, o que proporcionou o surgimento de um corpo clínico bastante qualificado dentre os egressos da instituição, tornando a Famed respeitada no Nordeste e em todo o País.

Além do legado indiscutível na formação de recursos humanos e no desenvolvimento científico, com a sua presença, a escola médica trouxe profundas transformações à paisagem urbanística da cidade. Nas paragens do que antes era o remoto Porangabuçu, percebido à época como localidade distante do centro da capital cearense, com o passar dos anos, foram sendo edificados laboratórios, blocos didáticos, sedes administrativas, espaços de convivência, ambulatórios e clínicas. As instalações do Complexo Hospitalar da UFC, a partir da construção do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e da Maternidade Escola Assis Chateaubriand (Meac), foram peças fundamentais para estabelecer o *campus* especializado da UFC para as profissões da saúde. O território desbravado por professores, estudantes e servidores técnico-administrativos da Famed se tornou o *Campus* do Porangabuçu, eixo estruturante para configurar o próprio bairro Rodolfo Teófilo, nomeado em tributo ao célebre escritor, farmacêutico e sanitarista cearense, inventor da cajuína e da vacina contra a varíola.

Seis anos depois de inaugurada, portanto, em 1954, a Faculdade de Medicina foi uma das unidades acadêmicas alinhadas à iniciativa para constituir a UFC, a primeira instituição universitária do Estado, *alma mater*, universidade-mãe da Terra da Luz. Unida fraternalmente à Faculdade de Direito, à Faculdade de Farmácia e Odontologia e à Escola de Agronomia, a Famed desempenhou, com galhardia, a tarefa de servir a comunidade e de ampliar o escopo da formação acadêmica, profissional, técnica e humanística.

Os professores e médicos que erigiram a faculdade demonstraram espírito público e desprendimento, por terem colaborado de modo significativo para o processo de implantação e consolidação da UFC. Em momentos cruciais da história da nossa Universidade, quadros importantes da Famed se apresentaram para atuar em cargos e funções da gestão acadêmica e administrativa, fazendo diagnósticos precisos, acompanhando a evolução da conjuntura e auxiliando na tomada de decisões institucionais.

A contribuição desses mestres transcende as lições aprendidas em sala de aula, o exemplo de boas condutas nos ambientes hospitalares e o atendimento humanizado prestado aos pacientes com o intuito de lhes amenizar as agruras das enfermidades. Os pioneiros e os discípulos que os sucederam no magistério foram profundamente generosos em deixar como herança para a posteridade, tanto a escola médica como a Universidade Federal do Ceará, patrimônios inestimáveis e fontes de progresso da nossa terra.

No percurso de 75 anos de existência, por repetidas vezes, a Faculdade de Medicina tem se mostrado verdadeiramente digna da credibilidade e do prestígio que possui perante a comunidade acadêmica e a sociedade cearense. É salutar reconhecer a *expertise* da Famed que a tornou referência em áreas como o transplante de órgãos, em especial os de fígado e de rins, bem como as produções científicas, concretizadas no conjunto de pesquisas clínicas, patentes de inovação depositadas e trabalhos publicados nos principais periódicos nacionais e internacionais. A parceria estreita com gestores municipais e estaduais de saúde pública é um outro fator que retroalimenta os estudos desenvolvidos na faculdade, sendo um diferencial para uma formação comprometida com o social e o bem-estar coletivo.

No âmbito das ciências médicas desenvolvidas na UFC, novamente nos posicionamos na vanguarda, por conta dos avanços obtidos na telemedicina e de suas repercussões no currículo da graduação, no mercado de trabalho e no ofício cotidiano do médico. Assim, somamos o tradicional ao moderno, pela prioridade conferida a uma prática médica que é, simultaneamente, impulsionada por inovações tecnológicas e fundamentada no capital humano. Nos próximos anos, será preciso investir maciçamente para que recursos e serviços de saúde estejam cada vez mais acessíveis a todos os cidadãos, independentemente de classe social e origem étnica, que residam em zonas urbanas e rurais, nos centros e nas periferias, no litoral e no interior.

Na plenitude deste septuagésimo quinto aniversário, reconhecemos o valor que a Faculdade de Medicina da UFC tem tido em alavancar o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Ceará, da região Nordeste, e por consequência direta, do Brasil. Parabenizamos a Famed por seguir firme na rota de cumprir a nobre missão de preparar indivíduos para cuidar do próximo, com foco naquilo que as pessoas têm de mais precioso e insubstituível: a saúde e a dignidade da vida humana.

Desejamos a todos uma ótima experiência de leitura deste livro, que já nasce um clássico da história da medicina cearense, um registro documental e memorialístico dessa época para partilhar lá na frente com os nossos descendentes.

Prof. Dr. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque
Reitor da Universidade Federal do Ceará



Palavra do
Diretor

A Faculdade de Medicina (Famed) da UFC é a escola de referência na formação de profissionais médicos no estado do Ceará. Instalada em 1948, foi o primeiro e o único curso de medicina público no Estado até 2001, quando se deu a sua expansão e interiorização para as cidades de Sobral e Barbalha. Os cursos de medicina que surgiram no Ceará após a interiorização da Famed contaram todos, em grande parte, com a inspiração e a condução de docentes egressos da instituição, pelo que podemos considerá-la a nossa escola-mãe de medicina.

A Famed formou, desde a sua fundação, quase 9.000 médicos. Em 2009, por meio da adesão da UFC ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a Famed passou a contar com mais um curso de graduação, além de medicina, qual seja o de fisioterapia. Em curto espaço de tempo, a fisioterapia da UFC obteve notável desenvolvimento tanto em termos de qualidade da graduação – com excelência comprovada por nota máxima nas avaliações externas e se posicionando entre os melhores cursos nos rankings nacionais – como no que se refere à pesquisa e à pós-graduação. O Programa de Pós-Graduação em Fisioterapia e Funcionalidade foi o primeiro, e, até o momento, o único da área no Ceará, oferecendo a oportunidade de qualificação, por meio de mestrado acadêmico, aos mais de 6.000 fisioterapeutas e 11.000 educadores físicos atuantes no Estado.

Os cursos de graduação da Famed têm se caracterizado pelo contínuo aprimoramento e incorporação dos novos conceitos e tendências da educação em medicina e fisioterapia. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de medicina foi revisado em 2004, 2018 e 2022, ajustando-se às Diretrizes Curriculares Nacionais, e o de fisioterapia teve a sua primeira versão, elaborada quando da criação do curso, revisada em 2013, adotando um currículo integrado, que articula dinamicamente prática e teoria, trabalho e ensino, ensino e comunidade, bem como metodologias ativas de ensino e aprendizagem. Os currículos atuais dos dois cursos estabelecem a inserção precoce dos alunos na rede de saúde e a existência de eixos longitudinais ou módulos de desenvolvimento profissional, visando à formação de profissionais com perfil generalista, ético e humanista.

A pesquisa ocupa cada vez mais lugar de destaque na Famed, tendo sido responsável por importantes contribuições para as práticas de saúde, inclusive em âmbito internacional. Citem-se, como exemplos, a descoberta dos efeitos do peptídeo STa da *Escherichia coli*, resultando na família das guanilinas; a aplicação da pele de tilápia no tratamento de queimaduras e outras condições; a demonstração da associação entre patógenos entéricos e comprometimento

cognitivo em crianças; e a determinação da eficácia do tratamento com glutamina e alanil-glutamina na recuperação da barreira funcional do epitélio intestinal e na melhora do estado nutricional de crianças.

Fundamental para impulsionar os avanços na pesquisa da Famed foi a instalação de dois importantes núcleos de pesquisa, em 1989 e 2015, respectivamente, quais sejam o Nubimed – Núcleo de Biomedicina e o NPDM – Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos. Nestes, situam-se unidades de ponta como o Biotério Setorial, um dos mais bem instalados do país, e outras recentemente implantadas, como o Biobanco e o Laboratório de Agentes Patogênicos (nível de biossegurança NB3).

A pós-graduação na Famed encontra-se atualmente consolidada por meio de 12 programas de mestrado e doutorado, todos com excelente avaliação pela Capes, inclusive um deles, o Programa de Pós-Graduação em Farmacologia, com a nota máxima 7, de padrão internacional. A formação de pesquisadores médicos, no âmbito desses programas, foi recentemente impulsionada com a instalação do Programa MD-PhD, que possibilita o ingresso no doutorado de alunos de graduação de alto desempenho e vocacionados para a pesquisa científica.

Os docentes e estudantes dos dois cursos que integram a Famed exercem, por meio das ações de extensão acadêmica, enorme protagonismo no enfrentamento dos problemas de saúde da comunidade. A Famed é responsável pela maior parte dos projetos de extensão desenvolvidos na UFC, os quais englobam desde as ligas acadêmicas, onde os alunos desenvolvem ações junto à população em diversas áreas do conhecimento, até projetos transdisciplinares de mais abrangência, como aqueles desenvolvidos no âmbito do Iprede – Instituto da Primeira Infância e do Geeon – Grupo de Educação e Estudos Oncológicos.

O Complexo Hospitalar da UFC, integrado pelo Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand (Meac), sempre funcionou como a grande sala de aula da Famed. Trata-se de um equipamento com longa história de desenvolvimento, que se iniciou quando o Instituto de Ensino Médico, que geria a Faculdade de Medicina, assumiu em 1952 e colocou em funcionamento uma ala designada para tratamento de doenças transmissíveis, a qual fazia parte de um hospital estadual localizado em Porangabuçu, cujas obras se arrastavam por limitação de recursos. Esse hospital veio posteriormente a ser incorporado à Universidade, quando então foram impulsionadas as suas obras. Com a conclusão do mesmo, ocorreu a transferência da Faculdade de Medicina para as suas dependências, sendo finalmente inaugurado em 1959, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek.

O HUWC, antes denominado Hospital das Clínicas, tornou-se unidade de referência da atenção terciária no Ceará, apresentando contínua expansão de suas atividades e serviços. Um dos destaques do HUWC tem sido na área de transplantes – renal, hepático e de medula óssea – todos realizados por docentes da Famed. Neste hospital, ocorreu o primeiro transplante hepático da região Norte-Nordeste e o HUWC chegou a se consolidar como o maior serviço de transplantes de fígado do Brasil e até superando, sozinho, o número de transplantes de fígado realizados em países como México e Chile. A Meac, por sua vez, foi inaugurada em 1963, desfrutando hoje de amplo reconhecimento nacional como centro de excelência no atendimento humanizado à saúde da mulher e do recém-nascido.

Todos estes aspectos citados sobre a trajetória da Faculdade de Medicina da UFC credenciam-na como um dos mais exitosos empreendimentos públicos da sociedade cearense e encontram-se detalhadamente descritos em artigos deste livro. Na primeira parte da obra, docentes, discentes e egressos, formados em diferentes épocas, narram suas emocionantes experiências como estudante da instituição - a faculdade que viveram. Em seguida, docentes trazem à baila as memórias e a história de nossas conquistas e desenvolvimento. A cena de artes e humanidades, que foi sempre vigente no Campus de Porangabuçu, também ganha destaque, assim como os desafios e as perspectivas futuras da nossa escola de medicina.

A presente publicação - para não se perder de vista os registros históricos sobre a Famed - soma-se às duas outras previamente feitas em alusão ao aniversário da instituição. A primeira, um livro dos 10 anos, editado em 1958*, e a segunda, um opúsculo dos 60 anos**, lançado em 2008.

O conjunto de textos aqui contidos, em suma, desvendam de onde partimos, onde estamos e para onde pretendemos nos encaminhar, fazendo-nos perceber que nenhum desenvolvimento teria sido possível sem o esforço e sem a participação de múltiplas e continuadas mãos. Inúmeras pessoas que convergiram em torno de um propósito comum - a formação de excelência dos profissionais de saúde.

Prof. João Macedo Coelho Filho
Diretor da Faculdade de Medicina da UFC

* ARARIPE, J. C. A. *A Faculdade de medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012.

** 60 ANOS da Faculdade de Medicina da UFC 1948 – 2008. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....17

Fernando Duarte Barroso, Fernando Antônio Siqueira Pinheiro, Jesus Irajacy Fernandes da Costa e João Macedo Coelho Filho

PREFÁCIO.....19

Maria Helena da Silva Pitombeira

HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

O TRIUNFO DE UMA IDEIA.....24

Lúcio Gonçalo de Alcântara

PANORAMA HISTÓRICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC.... 35

Cristiane Pimentel e Marco Fukuda

A FACULDADE DE MEDICINA QUE EU VIVI

FORMANDO DE 196646

Martinho Rodrigues Fernando

FORMANDO DE 196753

Manassés Claudino Fonteles

FORMANDO DE 196959

João Martins de Souza Torres

FORMANDO DE 198365

Terezinha do Menino Jesus Silva Leitão

FORMANDO DE 199075

Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho

FORMANDO DE 199180

Francisco Edson de Lucena Feitosa

FORMANDO DE 200284

João Odilo Gonçalves Pinto

FORMANDO DE 200890

Lia Sanders

FORMANDO DE 202393

Myrella Messias de Albuquerque Martins

O CURSO DE MEDICINA

TRAJETÓRIA E EVOLUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA: 1948-2001..... 100

Maria Neile Tores de Araújo, Maria Goretti Frota Ribeiro, Yacy Mendonça de Almeida e Henry de Holanda Campos

ENSINO MÉDICO NA FACULDADE DE MEDICINA - UFC - FORTALEZA, 1948–2025 110

Mônica Cardoso Façanha e Alberto Farias Filho

A EVOLUÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (FAMED/UFC): A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E DAS COMUNICAÇÕES (TDIC) ...126

Luiz Roberto de Oliveira

HUMANIDADES MÉDICAS NA FACULDADE DE MEDICINA137

Álvaro Jorge Madeiro Leite

O CURSO DE FISIOTERAPIA

FISIOTERAPIA, UMA NOVA CONFIGURAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC148

Fabiane Elpídio de Sá Pinheiro, Nataly Gurgel Campos, Pedro Olavo de Paula Lima, Rafael Barreto de Mesquita e Rodrigo Fragoso de Andrade

A PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A RESIDÊNCIA MÉDICA NA FAMED160

Salustiano Gomes de Pinho Pessoa

A PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*.....171

Paulo Roberto Leitão de Vasconcelos

A EXTENSÃO

EXTENSÃO E LIGAS ACADÊMICAS202

Elizabeth De Francesco Daher, Geraldo Bezerra da Silva Junior e Aline de Oliveira Viana

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO ENTRE ENSINO, PESQUISA E COMUNIDADE: EXPERIÊNCIA DE TREZE ANOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UFC.....214

Fabiane Elpídio de Sá Pinheiro, Nataly Gurgel Campos, Pedro Olavo de Paula Lima, Rafael Barreto de Mesquita e Rodrigo Fragoso de Andrade

O COMPLEXO HOSPITALAR

O COMPLEXO HOSPITALAR DA UFC E A FAMED222
Carlos Augusto Alencar Júnior

O CENTRO ACADÊMICO XII DE MAIO

O CENTRO ACADÊMICO XII DE MAIO: CENÁRIO DE SONHOS,
LUTAS E APRENDIZAGENS.....236
Helly Pinheiro Ellery

INTERIORIZAÇÃO E INTERCIONALIZAÇÃO

PIONEIRISMO NA EXPANSÃO DA FACULDADE DE MEDICINA
DA UFC PARA O INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ248
*Henry de Holanda Campos, José Luciano Bezerra Moreira, Gerardo
Cristino Filho, Yacy Mendonça de Almeida, Maria Goretti Frotta
Ribeiro, Marciano Lima Sampaio, Vicente de Paulo Teixeira Pinto,
Cláudio Gleidiston Lima da Silva E Maria Neile Torres de Araújo*

INTERNACIONALIZAÇÃO NA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC.. 263
Armênio Aguiar dos Santos e Aldo Ângelo Moreira Lima

ARTES E HUMANIDADES

ARTE E CULTURA NA FAMED274
Hélio Rola

AS MANGUEIRAS DA FAMED.....285
Dalgimar Beserra de Menezes

O AMANHÃ

PERSPECTIVAS FUTURAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC...294
José Glauco Lobo Filho

Apresentação

A intenção de lançar um livro comemorativo dos 75 anos de nossa Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará surgiu de uma forma quase que imediata - espontânea e intuitiva - junto com os festejos que a direção da Famed programou para a semana do dia 12 de maio de 2023. Resgatar nossa história, os momentos pessoais de cada geração, os caminhos que o curso foi tomando, nossas conquistas, nosso crescimento, nossa tradição, tudo merece um registro formal e iconográfico, daí a produção de um livro praticamente se impôs.

A primeira ideia que veio a nós, editores, foi entregar aos leitores o modelo de Faculdade de Medicina vivido por cada aluno que por aqui passou. As peculiaridades de cada geração, o estudo da medicina de cada época, as conjecturas políticas e sociais, até aspectos culturais e comportamentais que movimentaram nossos alunos e professores. Depois dessa primeira parte, contar nossa história baseada em nosso crescimento, naquilo que já foi feito e nas mudanças que foram surgindo ao longo dos anos tomou conta da outra parte do livro, de modo que ao vê-lo concluído, nos enche de orgulho, pois acreditamos estar entregando mais do que um documento representativo, uma joia preciosa, que é a história viva de todos nós.

Prof. Fernando Antônio Siqueira Pinheiro
Prof. Fernando Duarte Barroso,
Prof. Jesus Irajacy Fernandes da Costa
Prof. João Macedo Coelho Filho
(Editores)



Prefácio

Enfeitamos a casa. Convidamos os amigos. Vestimos nosso melhor traje. Temos aniversário. Estamos comemorando os 75 anos da Faculdade de Medicina. É um momento para festejarmos nossas raízes, analisarmos nossos caminhos e planejarmos nosso futuro.

Há quem diga que o tempo é o escultor da história; por isso, para que ela não seja esquecida, pensamos que seria interessante armazená-la e disponibilizá-la para as futuras gerações. É o que pretendemos fazer mexendo no nosso baú de recordações.

“Tudo morre...menos a história, a memória e a saudade”. E lançando mão da memória, prescrutamos a nossa história, que vem toda envolvida em saudade.

Recordando Martins Filho, nosso eterno Reitor, sabemos que:

[...] a Universidade do Ceará, hoje Universidade Federal do Ceará, foi criada em 16 de dezembro de 1954, pela Lei 2373, sancionada pelo Presidente João Café Filho e referendada pelo Ministro Cândido Mota Filho. Quando a Universidade foi instalada no dia 25 de junho de 1955, existiam apenas a Faculdade de Direito, criada em 1903; a Faculdade de Farmácia e Odontologia, fundada em 1916, como estabelecimento de ensino superior privado; e a Escola de Agronomia, instalada em 1918, também de caráter privado. A Lei que instituiu a nossa Universidade incorporou a Faculdade de Medicina, que tinha como entidade mantenedora o Instituto de Ensino Médico do Ceará.

No dia 12 de maio de 1948, acontecia a primeira aula de sapiência que marcou a instalação da Faculdade de Medicina no Ceará. Inicialmente, seu funcionamento ocorreu em um prédio na Praça José de Alencar e, em 1957, a Faculdade veio para o Porangabuçu.

Essa data ficou eternizada e homenageada, ao se nomear o nosso brilhante Centro Acadêmico XII de Maio.

Cheguei à Faculdade de Medicina em 1958, começamos juntas no Porangabuçu, saí médica em 1963. E aqui me encontro até hoje. Desde então, percorremos um longo caminho, até chegar ao estágio de excelência em que hoje nos encontramos. São 75 anos de história, de desafios e de conquistas, tendo como palco um espaço onde ensino, extensão e pesquisa são cuidados diuturnamente. Não há a menor dúvida de que toda essa conquista resultou do trabalho constante de uma equipe de valorosos professores, pesquisadores, cientistas e pessoal de apoio.

Para contar essa história, o Diretor da Faculdade de Medicina, Professor Doutor João Macedo, reuniu uma equipe de colaboradores para, juntos, organizarem as diversas e merecidas comemorações. Dentre elas, a criação deste livro, que traça a “[...] história, o desenvolvimento, as aquisições e o futuro da Faculdade de Medicina, escrito por docentes, egressos e estudantes da instituição”.

Os acontecimentos aqui descritos são os fundamentos sobre os quais nossa Faculdade foi construída e cresceu. Trazemos um relato dos fatos ao longo do tempo, de uma maneira agradável, saudosa, consciente e verdadeira.

Foram convidados professores que aqui se formaram e vivenciaram distintas épocas da nossa Famed. É um passeio de recordações e constatações que se desenrolam nas suas descrições no capítulo “A Faculdade de Medicina que eu vivi”, de 1948, uma criança recém-nascida, a 2023, uma digna senhora, com muita história para contar: os novos desenhos dentro da Faculdade, como os programas da graduação, expostos por quem tem a responsabilidade de conduzi-los atualmente; o Curso de Fisioterapia, que tanto enriqueceu nossos programas educacionais, riqueza na área da arte e cultura; os programas de extensão e as Ligas Acadêmicas, que trouxeram os alunos para trabalharem mais próximos ainda dos professores, tão bem orientados.

A Faculdade forma o médico e lhe dá a possibilidade de especialização através dos programas de Residência. Também leva à descoberta de pesquisadores e cientistas estimulados pelos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Temos, nas nossas fileiras, cientistas reconhecidos e premiados nacional e internacionalmente e uma série de projetos inovadores que visam ao importante e necessário desenvolvimento de medicamentos.

Louvamos a iniciativa de levar a Famed para o interior do Estado e podemos, pela palavra de quem viveu e atuou nessa implantação, avaliar a riqueza e os benefícios que essa iniciativa trouxe à saúde e desenvolvimento intelectual do povo cearense.

Vivemos numa época de transformação na aquisição e na disponibilização do conhecimento. Percebemos o quanto o mundo “ficou pequeno”. A Tecnologia Digital e da Informação proporcionou uma mudança radical na comunicação, seja no ensino, na pesquisa e na nossa vida



diária. A Famed, com núcleos e projetos, nos mostra a importância e a utilização dessa nova ferramenta.

Com emoção, me reporto ao Complexo Hospitalar (HUWC e Meac), berço protetor de todos nós que escrevemos este livro. Foi aí que aportamos como jovens sedentos de conhecer, cuidar e aprender com os pacientes. Aí continuamos como médicos, professores ou pesquisadores. E cumprimos a tarefa de receber os novos alunos e com eles continuarmos aprendendo sobre os progressos da medicina e as entrelinhas da vida.

Evocamos com imenso carinho a rica convivência com o nosso mangueiral. Quantas histórias vividas, horas de estudos nessa sombra amiga, lutas, romances, emoção, repouso, alegrias, lágrimas, festejos, reuniões, encontros (secretos ou não) nos contam esses troncos bonitos, essa folhagem frondosa... tudo permeado por uma suave e benfazeja saudade. Ao longo dos anos, mudou muito a fisionomia do espaço das nossas mangueiras. Mas não mudaram os sentimentos, o respeito e o amor que temos por elas. Fazem parte da nossa vida, da nossa compreensão de camaradagem, da nossa certeza de pertencimento à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, ao nosso intocável Porangabuçu.

Uma palavra de reconhecimento e saudade aos tantos que fizeram essa Faculdade ser o que é e que, por determinação natural da vida, não se encontram mais entre nós; como também àqueles que, por motivos outros, não conseguem participar desses momentos de festejos e alegrias. Todos eles estão nos nossos corações.

Expresso meu profundo agradecimento ao Diretor Professor Doutor João Macedo e à sua equipe de colaboradores, ao nosso atual Reitor, Cândido Albuquerque, e a todos que escrevem este primoroso livro, por me permitirem essa introspecção com a minha própria história, no ambiente onde vivi de estudante a Professora Emérita.

Muito obrigada.

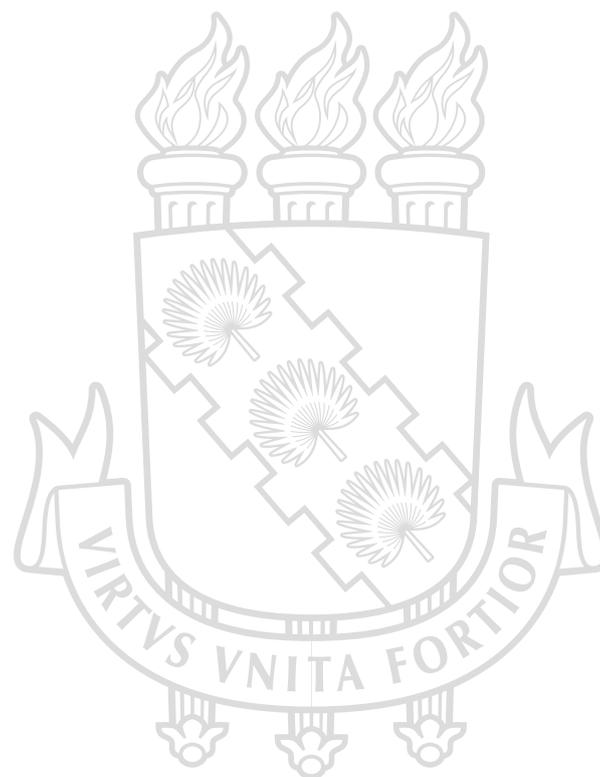
Maria Helena da Silva Pitombeira
Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará





Biblioteca da Faculdade de Medicina, localizada no pavilhão do Instituto Evandro Chagas, em 10 de maio de 1961. Note-se o piso que ilustra páginas do presente livro comemorativo.

Fonte: Memorial da UFC.



HISTÓRIA DA
FACULDADE DE
MEDICINA DA UFC

O TRIUNFO DE UMA IDEIA

*Lúcio Gonçalo de Alcântara**

A história da Faculdade de Medicina do Ceará está satisfatoriamente coligida, sobretudo nos seus primórdios, embora um tanto dispersa em diversas publicações que serviram a diferentes objetivos. Entre todas, avultam as assinadas por J.C. Alencar Araripe, secretário da faculdade, por recomendação do então diretor Waldemar Alcântara na ocasião do primeiro decênio da escola, e o devotado pesquisador professor Murilo Martins no decurso das comemorações alusivas ao seu cinquentenário. Bem andou a direção da Faculdade ao decidir publicar esta obra que servirá para consolidar, atualizar a memória da instituição e especular sobre o seu futuro, como pedem seus organizadores. Honrado pelo convite para escrever um texto, é o que tento fazer ao reunir informações esparsas envoltas na experiência recolhida como aluno e professor, condições que me acompanharam vida afora.

Antecedentes e primórdios

A chama do ideal para a criação da Faculdade de Medicina foi acesa pelo professor e clínico de renome Antônio Austregésilo em 1939, quando de sua passagem por Fortaleza, em trânsito para o Norte, foi hóspede de Jurandir Picanço, que fora seu aluno no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida aos “Associados”, sugeriu que era tempo do Ceará ter sua Faculdade, cujos filhos com maior condição econômica se deslocavam sobretudo para a Bahia e o Rio de Janeiro e, em menor número, para o Recife, com o fito de ingressar no curso médico. O advento da II Guerra Mundial, que concentrou atenções, retardou a germinação da semente até 1946, quando afinal eclodiu com a energia do entusiasmo. No intervalo, na área da saúde o fato novo foi a criação da Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo em 1943, sob a liderança da irmã Breves, na qual ensinavam futuros fundadores da nossa Faculdade. A realização do 1º Congresso Brasileiro de Médicos Católicos em 1946, na capital cearense, evento que alcançou grande repercussão, contribuiu para reanimar a ideia adormecida. José Raimundo Costa, no livro *Me-*

* Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará em 1966. Exerceu mandatos como prefeito de Fortaleza, deputado federal, vice-governador, senador e governador do Ceará.



mória de um jornal, à página 268, reproduz notícia publicada no jornal *O Povo de 05 de Julho de 1946* do seguinte teor (SILVA, 2010):

Realiza-se em Fortaleza, o 1º Congresso de Médicos Católicos. Sabe-se que o espírito predominante é favorável à fundação de uma faculdade de medicina em Fortaleza. A idéia é boa, pois o Ceará já reclama que os seus jovens que desejam seguir a carreira daqui não mais precisem sair para Salvador ou Rio de Janeiro (SILVA, 2010).*

Jurandir Picanço, seu Vice-Presidente, retomou o tema e deu largada à busca do sonho despertado. No dia 9 de junho de 1947, em sua residência, foi fundada a Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina, eleita sua diretoria e distribuídas, em comissões, tarefas a serem cumpridas pelos demais participantes da reunião.**

Competia agora angariar apoios, das autoridades e da comunidade, para viabilizar o empreendimento. O Governador Faustino Albuquerque doou o prédio situado na Praça José de Alencar para sede da escola, um terreno no bairro de São Gerardo e recurso no valor de Cr\$ 200.000,00, segundo lei aprovada pela Assembleia Legislativa. O destinatário dos benefícios da lei era o Instituto do Ensino Médico, a nova entidade mantenedora da faculdade cujos estatutos foram publicados no *Diário Oficial do Estado*.*** Em viagem ao Rio de Janeiro, Jurandir Picanço havia obtido, em audiência na companhia de parlamentares cearenses, decidido apoio do Presidente Dutra para a consecução do objetivo traçado. Clemente Mariani, Ministro da Educação, em visita à Fortaleza, recepcionado na Assembleia Legislativa, manifestou-se favorável ao pleito apresentado pelo Deputado Parsifal Barroso. O Deputado Paulo Sarasate apresentou projeto à Câmara dos Deputados destinando no orçamento para 1948, dotação no valor de Cr\$ 500.000,00 para ajuda ao Instituto. A proposição foi rejeitada, para em seguida ser renovada, agora com o apoio de toda bancada cearense, e afinal aprovada no mesmo ano. Entre os particulares, cabe ressaltar o montante expressivo de doações, com destaque para Pedro Filomeno, Banco Frota Gentil, Carlos Jereissati & Cia, Organização Silveira Alencar, Quixadá & Cia, Francisco Moreira de Azevedo e Gutenberg Teles & Cia Ltda, dentre muitos outros contribuintes nos limites de suas

* Cf. citado em: SILVA, M. G. (org.). *I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: Textos e Contextos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

** Acerca dos participantes da reunião, ver: ARARIPE, J. C. A. *A Faculdade de medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012. p. 19.

***Diário Oficial do Estado do Ceará, edição de 28 de julho de 1947.

posses. Os esforços agora se concentravam em obter a indispensável autorização para seu imediato funcionamento, o que dependia, óbvio, dos órgãos reguladores do Ministério da Educação. A instalação da Faculdade ocorreu no dia 1º de março de 1948; a autorização para funcionamento aconteceu em 13 de abril de 1948, e a aula de sapiência, a cargo do professor Alfredo Monteiro, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, ocorreu na data de 12 de maio de 1948, o que solenizou o efetivo início do curso. Afinal, o sonho, ao se realizar, abria as portas para vindouros desafios. O reconhecimento viria pelas mãos do Presidente Getúlio Vargas em 27 de março de 1951, o que completava o rol de medidas legais que concedia funcionamento pleno à nova escola.

O elenco de apoios recebidos para dar consistência ao projeto envolvia a adesão de serviços governamentais, e até privados, de instituições de saúde tais como a Santa Casa, o Hospital Central de Polícia e o Hospital Geral do Exército, cujas novas instalações, no sítio atual, foram entregues em 1º de março de 1948. Durante o trâmite da documentação, o Ministério da Educação (MEC), ao alegar a presença de comunistas no corpo docente, exigia a substituição dos nomes apontados sob pena de não conceder a tão esperada autorização. Sobre o episódio pouco se conhece. Às eleições que ocorreram após o fim do Estado Novo, entre os partidos autorizados a participar do pleito estava o Partido Comunista Brasileiro (PCB) cuja legenda elegeu, em diversas unidades da Federação, representantes para as Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas e Congresso Nacional. Acontece que o Partido teve seu registro cassado, e em decorrência, os eleitos perderam seus mandatos. No Ceará, o médico Pontes Neto, Deputado Estadual, foi uma dessas vítimas. O outro alvo do veto poderia ser Paulo Machado, o qual disputou a eleição de prefeito de Fortaleza pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) sendo, no entanto, preservado na relação de professores enviada ao Ministério. Tive conhecimento de um diálogo entre contemporâneos do fato sobre o qual comentavam que, alijado, Pontes Neto teria então permutado a posição com Ossian de Aguiar, antes indicado como seu assistente; gesto fidalgo, como era de seu caráter. O episódio, surpreendentemente, foi noticiado pela imprensa do Rio de Janeiro (NOVAS..., 1948).

Em todas instâncias, da administração e do conselho, por onde o projeto tramitou, registrou-se inegável boa vontade, manifesta na postura

solidária de Jurandir Lodi, Diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação e do Professor Cesário de Andrade, cujo parecer aprovado no plenário do Conselho Nacional de Educação reconheceu a Faculdade já no terceiro ano de operação. A pesquisa que efetuei revelou que integrava o colegiado o eminente cearense Martins Rodrigues, desde 1945 até 1955, quando assumiu a cadeira de Deputado Federal, que certamente terá colaborado para o desfecho favorável ao pleito. O primeiro vestibular realizou-se a 13 de abril de 1948, durou nove dias, perante uma banca de sete professores, sendo que dos 85 candidatos apenas dez foram aprovados, resultado saudado no jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, como indicativo da moralidade do exame.* Desses, apenas três colaram grau na primeira turma, em 1953.

Com a criação da nossa universidade federal, teve início um movimento com o objetivo de incorporar a Faculdade, uma entidade privada, integrando-a à novel instituição constituída inicialmente pelas Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, além da Escola de Agronomia. A federalização se deu em 1954, por iniciativa do Senador Onofre Muniz Gomes de Lima, autor de emenda, aprovada, apresentada ao projeto de lei que criava a Universidade Federal do Ceará. Referida emenda passou a constituir o artigo 6º da Lei nº 2373 de 23 de dezembro de 1954, complementada pela Lei nº 2700 de dezembro de 1955. O passo seguinte foi a transmissão do patrimônio, cujo valor superava Cr\$ 13.000.000,00, do Instituto do Ensino Médico para a Universidade. Cumpria-se, destarte, o grande desiderato dos fundadores, o que levou Jurandir Picanço, por considerar cumprida sua missão, a renunciar ao cargo de diretor. Encerrada essa etapa da vida de nossa Faculdade, cumpre assinalar que, embora privada, não encontrei nenhuma menção à cobrança de mensalidade dos alunos. Se houve, ignora-se. Já sobre o patrimônio do mantenedor, veja-se o disposto no *Capítulo III, artigo 6º: Constituem patrimônio do Instituto: a) as quotas dos sócios fundadores e efetivos e os doativos por eles feitos*. Reproduzo artigo sobre o que foi a saga heroica desse vitorioso cometimento, cujo autor Carlos Cavalcanti, suponho ser Caio Cid, jornalista, poeta, cronista, que por algum tempo militou na imprensa carioca.

* LEAL, V. A. H. de B. *História da Medicina no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978.

Mudança e consolidação

Waldemar Alcântara, o primeiro diretor, nomeado a 7 de fevereiro de 1957 pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, exerceu o cargo em dois períodos sucessivos num total de seis anos. Então Deputado Estadual, renunciou ao mandato para assumir a nova função, atitude reveladora da importância e apreço que atribuía à instituição da qual foi um dos fundadores. Tão logo assumiu, cuidou da transferência da sede para Porangabussu superando resistências dos que temiam a mudança para um local remoto e sem estrutura. O ponto de partida foi o edifício inacabado destinado ao Hospital Carneiro de Mendonça, para atendimento aos portadores de doenças transmissíveis, pertencente ao governo do Estado. Transferido para o Instituto de Ensino Médico, foi o embrião do Hospital de Clínicas, construído com apoio técnico da Fundação Especial de Saúde Pública (FSESP). A prioridade, nos termos acertados com o governo do Estado, foi a construção de um bloco destinado aos doentes carentes de isolamento. Nos primeiros meses de 1952, no governo de Raul Barbosa, inaugurava-se essa ala especializada, sendo Secretário de Educação e Saúde, Waldemar Alcântara.

O futuro confirmou o acerto da ousadia. À época, o diretor da Faculdade acumulava com a direção do hospital e ambos se confundiam no mesmo espaço físico. Gestão e expansão do hospital seriam orientadas por consultores exógenos, dos quais lembro Odair Pedroso. Pronto, o nosocômio veio a ser inaugurado pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 1959. A cessão de uma vasta área de terra de propriedade do município pelo Prefeito Paulo Cabral permitiu, em seguida, a expansão dos serviços e a construção do Instituto Evandro Chagas, a cargo da Fundação Júlio Pinto, um prédio gracioso, infelizmente demolido, que abrigou salas de aula, a biblioteca e os laboratórios das cadeiras básicas. Em 1959 foi criado, pela Resolução número 62 do Conselho Universitário, o Instituto de Medicina Preventiva (IMEP), vinculado administrativamente à Universidade e tecnicamente à Faculdade, para operar no que foi o primeiro distrito de saúde, a partir de uma perspectiva multiprofissional. Tinha por objetivo, a partir do ensino integrado da medicina preventiva, transmitir aos alunos a realidade social e nosológica na qual iriam atuar após a formatura. A proposta encerrava um certo pioneirismo e foi na palavra de seu maior inspirador, o Professor Joaquim Eduardo de Alencar, uma tentativa de fazer os estudantes “[...] perceberem além dos determinantes biológicos, os determinantes sociais da doença”



(DIAS, 1997).^{*} Sucessivamente, o campus veio a ser enriquecido pelo Hospital Infantil Olga Monte Barroso (1963), a Maternidade Escola Assis Chateaubriand (1965) e o Centro de Radioterapia do Instituto do Câncer (1970). Nessa caminhada, as dificuldades vieram do aumento de matrículas em razão de transferências de alunos de outros estados e dos chamados excedentes, os classificados além do número de vagas oferecidas no exame de seleção, que impunham uma pressão de demanda incompatível com a estrutura disponível.

A reforma universitária implantada em 1971, instituiu um curso básico anterior à opção profissional, acabou com as faculdades e agrupou cursos afins em centros especializados. Passamos de faculdade a Curso de Medicina do Centro de Ciências da Saúde, assim como farmácia, odontologia e enfermagem. A alteração introduziu o sistema de créditos, aboliu a figura do catedrático, fortaleceu os órgãos colegiados, desestimulou vocações face a obrigatoriedade do ano básico, tumultuou a convivência acadêmica e nunca foi absorvida pela comunidade escolar. Quando secretário estadual de saúde no governo de Aduelmo Bezerra, preocupado com a política de sangue no Estado, então totalmente na mão de particulares, idealizei a criação de um hemocentro, em convênio com a França, assistido por uma equipe multidisciplinar onde despontavam Murilo Martins, Helena Pitombeira, Galba Araujo e Ormando Rodrigues Campos, economistas, engenheiros e arquitetos. O projeto culminou com a inauguração do Hemoce em 9 de março de 1979, equipado e pronto para funcionar. Por escrúpulo do então Governador Waldemar Alcântara que, em fim de gestão, não desejou constranger o sucessor ao nomear funcionários, só em 23 de novembro de 1983 veio a funcionar em convênio com a Faculdade de Medicina, graças ao empenho do Secretário de Saúde do Estado, Professor Elias Salomão, na administração do Governador Gonzaga Mota. O intercâmbio com centros mais avançados de ensino médico, o aperfeiçoamento de docentes, a admissão de novos quadros treinados em centros avançados, competentes e entusiastas, a expansão das instalações e equipamentos de laboratório e os pródomos da pesquisa médica conferiram prestígio nacional à entidade. No ano de 1962

^{*} DIAS, F. das C. M. *O Instituto de Medicina Preventiva (IMEP): uma história do ensino da medicina preventiva da Universidade Federal do Ceará*. 1997. 153 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6959>. Acesso em: 06 fev. 2023.

foi introduzido no currículo, o regime de internato para os alunos do sexto e último ano, com rodízio obrigatório nas disciplinas de clínica, cirurgia, pediatria e obstetrícia, preâmbulo do que os aguardava no exercício da profissão em territórios à míngua de assistência. O internato era o último ato para o aprendizado prático, mediante o cuidado direto com o paciente, oportunidade para aprender o essencial dos quatro alvos da atenção médica. Lembro, com alguma nostalgia, de quando cumpri o internato na Maternidade Escola, das madrugadas soníferas nas quais os bebês gostam de nascer, sob a supervisão rigorosa do Professor Galba Araújo. No primeiro dia, além de uma orientação geral, recebíamos uma caderneta onde devíamos anotar nome da parturiente, data e hora do parto, condições da mãe e do nascituro. O interno tinha a obrigação de fazer durante o estágio, no mínimo, cem partos; eu que nunca me vi parteiro, ultrapassei com folga a meta estabelecida. Na sequência da conclusão do curso, no mesmo ano, foi instituída a residência profissional, para os que desejassem especializar-se em qualquer das quatro áreas fundamentais da ciência médica. Mais tarde, o advento da pós-graduação em 1976, oferecida por cursos de mestrado e doutorado, em número crescente, hoje são 20 ao todo, colocou a Faculdade num patamar privilegiado no rol de suas congêneres.

Festas, eventos, comemorações

Além da Semana Universitária, dos Jogos Universitários e das animadas festas do Clube do Estudante Universitário (CEU), que abrangiam todas as unidades integrantes da universidade, a medicina tinha seu próprio calendário de eventos. A aula de sapiência, também chamada aula magna, ministrada por um professor convidado, abria o ano letivo. A estreia, como vimos, deu-se com o Professor Alfredo Monteiro, que inaugurou o curso médico cearense. A data consagrou o dia como de fundação da Faculdade e serviu para dar nome ao diretório acadêmico, XII de Maio, responsável pela promoção de festa comemorativa anual em um dos clubes elegantes da cidade. Quando os militares assumiram o poder (1964), foi posto em causa o protagonismo político do diretório e exacerbado o conflito ideológico, instalando-se um clima de pânico entre o alunado, muitos temerosos de retaliações. Instado por lideranças das duas correntes, tendo em vista meu perfil, assumi a presidência do grêmio como fiador de um delicado equilíbrio. Concentrei minha



atenção na assistência aos estudantes necessitados de apoio, na prestação de serviços, nas atividades científicas e lazer. Prestigiamos a revista *Pesquisa Médica* voltada para a publicação de trabalhos de autoria de professores e alunos e marcamos presença no Encontro Científico de Estudantes de Medicina (ECEM), em Belo Horizonte. Com participação ativa de Josué de Castro, promovíamos regularmente alegres tertúlias, muito frequentadas, e a tradicional festa do 12 de Maio. Esta, realizada no Clube Líbano Brasileiro, foi para mim motivo de grande preocupação. Ocorre que, por exigência do clube, assumira responsabilidade por qualquer dano material de suas instalações. Face os excessos etílicos dos participantes, temia a todo momento o dano a um belo espelho postado no vestibulo do salão de festas e pensava, alheio à pândega que reinava, o que seria de mim caso isso acontecesse. Felizmente, tudo correu bem, o baile foi um sucesso, o grande espelho restou incólume. Convocado por militares responsáveis por inquéritos para apurar proselitismo esquerdista de professores e alunos, sempre os isentei de intentos voltados para subverter a ordem. Anos passados, em entrevista concedida ao jornal *O Povo*, o professor Joaquim Eduardo de Alencar mencionou o quanto foi positivo meu depoimento para amenizar o constrangimento que estava a sofrer. Logo que foi possível, promovi eleições livres ficando regularizada a vida da agremiação representativa dos estudantes. A Festa do Estetoscópio acontecia no Dia do Médico, 12 de outubro, símbolo da assunção ao internato; a 25 de setembro ocorria a missa e a sessão solene de homenagem ao Cadáver Desconhecido, em reconhecimento ao livro anônimo, feito de vísceras, músculos e ossos, exposto aos olhos curiosos de neófitos na matéria. A Aula da Saudade, ministrada por um professor homenageado pela turma, coroava o esforço de tantos anos numa despedida que antecipava o caminho que cada um haveria de tomar dali em diante. Tradições que sumiram com o tempo, inclusive o trote de recepção aos novatos, esses recebidos de forma jocosa, às vezes um tanto agressiva. Na animada passeata dos bichos, os louros das cabeças raspadas anunciavam os novos acadêmicos em esfuziante comemoração pela vitória alcançada. A concentração das faculdades de Farmácia, Odontologia e Enfermagem em Porangabussu consolidou o campus da saúde e favoreceu a integração das profissões correlatas, mais tarde reforçada pela criação da residência multiprofissional.

Das comemorações aniversárias ressalto aquelas documentadas e a que tive acesso. A do primeiro decênio, comemorada com a publica-

ção do livro *A Faculdade de Medicina e sua ação renovadora*, de J.C. de Alencar Araripe (2012), cujo título diz bem do impacto que sua fundação teve no meio médico e na sociedade de modo geral. Os trinta anos ficaram marcados pelo concurso para a publicação do livro sobre a história da medicina no Ceará, vencido pelo Professor Vinicius Barros Leal, e a sugestiva escultura de Sérvulo Esmeraldo, lamentavelmente desaparecida, ambas de iniciativa do Governador Waldemar Alcântara (Figura 2). O cinquentenário, registrado na copiosa obra do Professor Murilo Martins, judicioso inventário humano e material, assinala o desmembramento do curso do Centro de Ciências da Saúde e reversão à denominação de Faculdade de Medicina. Na ocasião, Senador e presidente de honra da comissão organizadora dos festejos, sugeri que se tentasse o retorno do nome faculdade inspirado no que já havia acontecido com a Faculdade de Direito, que reconquistara o título por lei, proposição do Deputado Marcelo Linhares. Cauteloso, o Reitor Roberto Cláudio mostrou-se reticente, certamente temeroso das reações que a ideia poderia suscitar, até, generoso, abraça-la. A comemoração dos 60 anos registra o nascimento das faculdades de Sobral e Barbalha novos braços da original, reparo a um tratamento discriminatório do governo federal comparado em números a outros estados da Federação por mim reiteradamente denunciado.

Se há uma lição para o futuro que a história dos primeiros anos da Faculdade de Medicina evoca, essa é a do poder aglutinador de personalidades díspares e ideologicamente divergentes em torno de uma ideia com

Dr. Waldemar Alcântara, então Governador do Estado, discursa na cerimônia de inauguração da escultura que assinalava os 30 anos de existência da Faculdade de Medicina. Da esquerda para a direita: Geraldo de Sousa Tomé, Lúcio Alcântara, Elias Boutala Salomão, José Aires de Castro (então Secretário de Saúde), Newton Gonçalves, Waldemar Alcântara, Walter Cantídio, Geraldo Gonçalves

Fonte: Acervo da Fundação Waldemar Alcântara.



indiscutível conteúdo social e humano. Exemplo digno de ser lembrado e recuperado sempre que o superior interesse público estiver em causa.

Se muito disse, mais ficou por dizer, todavia espaço e tempo já não chegam. Assim, despeço-me com a evocação saudosa do mangueiral umbroso, território democrático e acolhedor, bucólica sede de nossos sonhos e esperanças. Cenário celebrado na música *Nas mangueiras vou deixar meu coração*, autoria de Dalgimar Beserra de Menezes e Paulo Roberto Carvalho de Almeida. Diz-se que debaixo da mangueira nada cresce. Sob as nossas floresceram todas emoções humanas, amizades, amores, zangas, ideologias, frustrações, alegrias e tristezas, crenças, sentimentos individuais, ou coletivos, esses reunidos em ruidosas assembleias retidas na memória dos que ficaram ou partiram na diáspora dos ex-alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

60 ANOS da Faculdade de Medicina da UFC 1948 – 2008. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008. 48 p.

ARARIPE, J. C. A. *A Faculdade de medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012. 161 p.

BEIRA de calçada. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, ano 21, 1 jun. 1949.

CINQUENTENÁRIO de fundação da Faculdade de Medicina UFC (1948-1998). Fortaleza: UFC, 1998. 50 p.

DIAS, F. das C. M. *O Instituto de Medicina Preventiva (IMEP): uma história do ensino da medicina preventiva da Universidade Federal do Ceará*. 1997. 153 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6959>. Acesso em: 06 fev. 2023.

LEAL, V. A. H. B. *História da medicina no Ceará*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1978. 232 p.

MARTINS, J. M. de C. *Faculdade de medicina da UFC: professores e médicos graduados*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1998. 5 v.

MENEZES, D. B. de. *Apontamentos diários e eventos*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. 221 p.



MENEZES, D. B. de. *Bronze cristal porcelana prata pérola coral*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. 176 p.

MENEZES, D. B. de. *Discursos imperfeitos e escritos precários ou escritos imperfeitos, discursos precários*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1993. 184 p.

MENEZES, D. B. de. *Medicina da UFC 1977-2022: 45 anos de formatura da Turma Prof. José Carlos Ribeiro*. Fortaleza: [s.n.], 2022. 160 p.

MENEZES, D. B. de. *Memórias da graduação em medicina: lembranças da minha alma mater*. Fortaleza: Edição do Autor, 2022. 112 p.

NOVAS eleições para a governança de S. Paulo. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 4331, p. 3, 22 mar. 1948.

SILVA, M. G. (org.). *I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: textos e contextos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. 460 p.



PANORAMA HISTÓRICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

*Cristiane Pimentel**

*Marco Fukuda**

Unidade acadêmica que consolidou os alicerces para a estruturação do ensino superior no estado do Ceará, a Faculdade de Medicina do Ceará foi criada em 1º de março de 1948, em um contexto sociopolítico de expansão do ensino médico e transformações na saúde pública do País. Alinhada ao desenvolvimento econômico e populacional da cidade de Fortaleza, que demandaram melhorias em equipamentos e políticas locais, a implantação da Famed transformou a atuação e pesquisa em saúde no estado.

A instalação da Faculdade de Medicina do Ceará ocorreu em 1º de março de 1948, mas suas origens conectam-se ao começo do século XX, quando uma verdadeira transformação ocorreu no campo da saúde pública no país. As primeiras décadas foram marcadas por inovações na assistência à saúde, e a força motriz dessa ação foi o movimento sanitário, que se fundiu aos conceitos de formação nacional e de desenvolvimento urbano da República (PIMENTEL; FUKUNDA, 2022, p. 167).**

Um marco propulsor para o estabelecimento da Faculdade foi a criação do Centro Médico Cearense (CMC), em 1913, pelo médico Manuel Duarte Pimentel. A agremiação profissional, inicialmente denominada Associação Médica e Farmacêutica, reuniu médicos, farmacêuticos e cirurgiões-dentistas que atuaram para consolidar a profissionalização do cenário de saúde no Ceará. A entidade teve como primeiro diretor o médico Guilherme Studart - o Barão de Studart - e exerceu grande impacto na elaboração de políticas públicas em saúde para Fortaleza.

Além de um espaço de sociabilidade, o Centro Médico construiu as bases para a prática acadêmica da medicina no Ceará, através de sua revista, inicialmente chamada Norte Médico e depois Ceará Médico, periódico que apresentava revisões de casos clínicos e novidades científicas (PIMENTEL; FUKUNDA, 2022, p. 168).***

* Jornalistas e servidores técnico-administrativos da Coordenadoria de Comunicação e Marketing da Universidade Federal do Ceará (UFC Informa).

** PIMENTEL, C.; FUKUNDA, M. *A construção do amanhã: as origens da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022. p. 167.

*** PIMENTEL, C.; FUKUNDA, M. *A construção do amanhã: as origens da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022. p. 168.



As articulações e debates acadêmicos do CMC culminaram na realização do primeiro Congresso Médico Cearense, em 1935. Patrocinado pelo Governo do Estado, na gestão Menezes Pimentel, o evento reuniu 104 congressistas, promovendo atividades como visitas a unidades de saúde e ao açude Acarape que, à época, abastecia a Capital.

Outro evento fulcral para a edificação desse panorama foi o Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, realizado de 1º a 7 de julho de 1946, em Fortaleza, como parte dos 10 anos de retiros da Sociedade Médica São Lucas. Cerca de 500 participantes de todo o Brasil integraram as discussões sobre medicina e religião, com atividades no Theatro José de Alencar e no Palácio do Comércio, no Centro da Capital. Nomes de destaque da classe médica local integraram a organização do Congresso, que teve como presidente e vice Jurandir Picanço e Waldemar Alcântara, respectivamente.

O sucesso dos dois congressos médicos somado ao prestígio da Sociedade Médica São Lucas, que congregava um denso corpo intelectual em saúde no Ceará, empregaram vigor às manifestações favoráveis a uma faculdade de medicina na Terra da Luz. Em 9 de junho de 1947, o médico Jurandir Picanço, integrante da Sociedade Médica São Lucas e do Centro Médico Cearense, reuniu em sua casa, colegas de profissão a fim de unir forças em torno do projeto de criação da primeira escola médica cearense. Na ocasião estiveram presentes: César Cals de Oliveira, Eliezer Studart da Fonseca, Waldemar Alcântara, João Estanislau Façanha, Alber Vasconcelos, Antônio Jorge de Queiroz Jucá, Juvenil Hortêncio de Medeiros, Fernando Leite, José Leite Maranhão, Vicente Andrada Lima, Walter de Moura Cantídio, Tarcísio Soriano Aderaldo, João Otávio Lobo, João Batista Saraiva Leão, Josa Magalhães, João Ramos Pereira da Costa, Haroldo Gondim Juaçaba e Raimundo Vieira da Cunha.

Findos os debates, foi aprovada a criação da Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará, tendo como presidente Jurandir Marães Picanço, e César Cals de Oliveira como presidente de honra.

Dali em diante seriam iniciados os trabalhos de angariação de apoio político e da sociedade em geral para executar o objetivo pretendido. Definiu-se ainda que o presidente da Sociedade Promotora, Jurandir Picanço, realizaria a entrega dos anais do Congresso Católico ao presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e às demais autoridades na capital Rio de Janeiro, e uma comissão procuraria o governador do Ceará, Faustino de Albuquerque, em



busca de apoios institucionais para a instalação da Faculdade de Medicina (PIMENTEL; FUKUDA, 2022, p. 171).*

Em 18 de julho de 1947, a Sociedade Promotora mudou de nome e estrutura organizacional, passando a se chamar Instituto de Ensino Médico. O objetivo era fazer um levantamento das demandas relacionadas à fundação, instalação e manutenção da Faculdade de Medicina. Como estratégia de suporte financeiro foi ainda constituído o *Livro de Ouro* do Instituto de Ensino Médico, que contou com doações em dinheiro de representantes de setores do comércio e da indústria. Um desses aportes veio do empresário Pedro Filomeno Ferreira Gomes, que doou 50 mil cruzeiros, no primeiro ano, e financiou uma bolsa de estudos de 30 mil cruzeiros ao melhor aluno do curso, no período de 1953 a 1958.

Naquele mesmo ano sucedeu-se um apoio decisivo para o início das atividades da Faculdade: do Governo do Estado, sob gestão de Faustino Albuquerque, veio a doação de um prédio para a sede, além da cessão de um crédito financeiro de 200 mil cruzeiros para a instalação e 240 mil cruzeiros para manutenção e despesas da escola médica nos anos seguintes. Outro suporte veio na votação do orçamento de 1948, quando o deputado federal Paulo Sarasate incluiu uma emenda parlamentar no valor de 500 mil cruzeiros para o mesmo fim.

A instalação da Faculdade de Medicina concretizou-se em 1º de março de 1948, sob a direção do Instituto de Ensino Médico. A concessão para funcionamento foi dada em 13 de abril, após assinaturas do presidente Eurico Gaspar Dutra e do ministro da educação Clemente Mariani. Três dias depois, em 16 de abril, foi realizada, entre os membros do Instituto de Ensino Médico, a votação do novo diretor da Faculdade sendo eleito, por unanimidade, o professor João Batista Saraiva Leão.

Em 26 de abril de 1948, foi realizado o primeiro processo seletivo da Faculdade, no formato de arguição oral. Foram oferecidas 60 vagas, para as quais se candidataram 85 pessoas. Ao fim do certame, 10 estudantes integraram a primeira turma e, desses, 3 (três) chegaram à colação de grau, em 1953: Hilda de Sousa Guimarães, Ana Nogueira Gondim e Raimundo Hélio Cirino Bessa. Vale destacar que a seleção através de provas escritas passou a ser adotada apenas em 1953.

* PIMENTEL, C.; FUKUDA, M. *A construção do amanhã: as origens da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022. p. 171.

A aula inaugural foi realizada em 12 de maio de 1948, por Alfredo Alberto Pereira Monteiro, diretor da Faculdade Nacional de Medicina (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)). Na ocasião, foram abordadas inovações no campo da cirurgia e a atuação de Alfredo como médico na linha de frente dos combates travados na Europa durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Na sexta-feira, 14 de maio, teve início o ano letivo, com as duas primeiras disciplinas: Anatomia e Histologia, e Embriologia Geral. O Diretório Acadêmico XII de Maio, dos estudantes da Famed, cujo nome alude à data da aula de sapiência, foi instalado em 4 de agosto de 1948, tendo como primeiro diretor, o estudante Aldo Cavalcante Leite.

A Faculdade de Medicina do Ceará foi reconhecida em 27 de março de 1951, em decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro da Educação, Ernesto Simões Filho. Até 1954 foi mantida pelo Instituto de Ensino Médico, quando foi federalizada no mês de dezembro e passou a integrar o grupo de unidades pioneiras da Universidade do Ceará, hoje Universidade Federal do Ceará (UFC).

As atividades da Faculdade de Medicina ocorreram no Centro da Capital até julho de 1957, quando ocorreu a transferência ao Porangabussu.

[...] local que recebera, em 1944, o início das obras do Hospital Carneiro de Mendonça, que vinha sendo construído pelo Governo do Estado. Interrompida mais de uma vez, a construção da unidade de saúde esteve completamente parada em 1949, ano em que o Instituto de Ensino Médico se mobilizou para conseguir a transferência patrimonial do prédio que poderia vir a abrigar o Hospital das Clínicas de seu curso médico há pouco inaugurado. O governador Faustino de Albuquerque concordou com a transferência, definindo como contrapartida que, no hospital, fosse instalado um serviço para isolamento de pacientes com doenças infectocontagiosas, o que viria a acontecer em 1952; antes de 1957, o ensaio de clínica médica e cirurgia, distribuído nos últimos três anos do curso, era ministrado na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza (PIMENTEL; FUKUDA, 2022, p. 174).*

Passaram a funcionar, na nova sede, os ambulatórios de Cardiologia, Dermatologia e Doenças Infectocontagiosas. Naquela época, o diretor da faculdade, Prof. Waldemar de Alcântara, acumulava as funções de dirigente da escola médica e do hospital.

* PIMENTEL, C.; FUKUDA, M. *A construção do amanhã: as origens da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022. p. 174.



Em 20 de abril de 1956, o patrimônio do Instituto de Ensino Médico, composto pelo prédio da praça José de Alencar, o Hospital das Clínicas em construção e uma vasta área no Porangabussu, foi transferido à Universidade do Ceará.

A inauguração do Hospital das Clínicas ocorreu em 1959, com a presença do então presidente da República, Juscelino Kubistchek. O equipamento de saúde abrigou especialidades clínicas que antes tinham a Santa Casa de Misericórdia como local de ensino. Isso possibilitou, em 1962, a criação da primeira turma de internato, na época, para os alunos do último ano de Medicina, e das Residências Médicas nas áreas de Clínica Médica, Cirurgia, Patologia Clínica, Ginecologia-Obstetrícia e Pediatria. Em 1965, foi oficialmente inaugurada a Maternidade Escola, com a presença do empresário das comunicações Assis Chateaubriand, que nomeia a unidade. Como homenagem a um dos fundadores da Faculdade de Medicina e ex-reitor da UFC, o Hospital das Clínicas recebeu o nome de Walter Cantídio, na década de 1980.

Em 26 de novembro de 2013, o Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) assinou contrato de gestão com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH). A Ebserh é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Educação, criada pela Lei Federal nº 12.550, de 15 de dezembro de 2011, para a prestação de serviços gratuitos de assistência médico-hospitalar, ambulatorial e de apoio diagnóstico e terapêutico à comunidade. Além disso, a Ebserh presta serviços de apoio às instituições públicas federais de ensino nas áreas de ensino, pesquisa, extensão, ensino e aprendizagem, e formação de pessoal no campo da saúde pública.

MUDANÇAS - Em 1973, uma reforma universitária extinguiu as faculdades, reunindo os cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFC. Em 1997, houve nova mudança com a extinção do CCS, originando a atual configuração: Faculdade de Medicina (Famed) e a Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), este último curso foi criado em 1976.

Integrante da Famed, o curso de Fisioterapia teve início em fevereiro de 2010. As bases para a criação remontam a 2008, a partir do funcionamento da Residência em Fisioterapia Hospitalar no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC). No ano seguinte, foi aprovado o projeto de implantação do Curso de Fisioterapia da UFC, através da Resolução

nº 12/2009, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE). A graduação em Fisioterapia surgiu no contexto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o Reuni, do Ministério da Educação.

EXPANSÃO - Até 2001, o curso de Medicina da UFC em Fortaleza foi o único do Ceará para a formação superior médica. Foi a partir desse ano, mais exatamente em abril, que tiveram início as aulas de duas novas graduações na área, no interior do estado: nas cidades de Barbalha, no Cariri cearense, e Sobral, na região Norte.

A expansão do curso de Medicina teve início no ano 2000, com a resolução nº 5 do Conselho Universitário (Consuni), assinada no dia 2 de junho daquele ano pelo então vice-reitor René Barreira. No documento consta a apreciação positiva para a criação dos dois cursos médicos. Os locais foram considerados estratégicos para o feito devido à estrutura de atenção primária nas regiões.

Dentre os objetivos pretendidos estavam: o incremento do número de profissionais médicos no Ceará; a realização de uma política de incentivo ao desenvolvimento regional; o fomento à melhoria dos sistemas de saúde municipais, resultando no aumento do número de leitos destinados ao ensino; o crescimento da rede hospitalar; e a democratização do acesso ao curso superior médico.

A aula inaugural em Sobral foi realizada no dia 2 de abril de 2001, no Centro de Ciências da Saúde, Campus do Derby, da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), para uma turma de 40 alunos. À época, faziam parte do quadro de servidores 8 (oito) docentes e 1 (um) técnico-administrativo. Atualmente, o prédio da Medicina em Sobral dispõe de uma sede em estilo neoclássico, ocupando uma área de mais de 5 mil m².

A instalação do curso federal de formação médica na região Norte possibilitou a implantação dos primeiros programas de Residência Médica no interior do Estado do Ceará, na Santa Casa de Misericórdia de Sobral e no Sistema Municipal de Saúde; assinalando a certificação da Santa Casa como primeiro hospital de ensino do interior cearense. Além disso, a criação de programas de pós-graduação *lato sensu* contribuiu para a qualificação de egressos do curso, como estratégia de fixação de médicos na região Norte. O Curso de Medicina foi um eixo estruturante para o Campus da UFC em Sobral, instalado em 2006.



Em Barbalha, as atividades tiveram início em 28 de abril de 2001, na antiga sede do Colégio Santo Antônio. Lecionando para uma turma de 40 alunos havia, no início, apenas 3 (três) docentes. Atualmente o curso integra a Universidade Federal do Cariri (UFCA), desmembrada da UFC em 2013.

NPDM - Outro marco na história da Faculdade de Medicina é a criação do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), em 2 de fevereiro de 2015, sob coordenação do Prof. Odorico de Moraes. Estrutura pioneira no País habilitada a atuar em todas as etapas no desenvolvimento de equipamentos, possui uma área total de 10 mil m², divididos em: 28 laboratórios para pesquisas toxicológicas e farmacológicas; estrutura hospitalar com 64 leitos, 14 ambulatórios, um consultório odontológico e uma enfermaria especial para testes de novos protocolos em câncer; 60 gabinetes individuais para pesquisadores, uma área administrativa e de apoio logístico; um Biotério, além de auditórios e refeitórios.

CONTEXTO ATUAL – Atualmente, a Faculdade de Medicina da UFC possui 957 alunos e 381 servidores, sendo 251 docentes e 130 técnico-administrativos. Nesses 75 anos, formou 8.828 alunos. O Projeto Pedagógico atual data de 2018.1 e define como base a formação de um profissional médico apto a atuar na atenção à saúde, gestão e educação em saúde, focando nas necessidades de saúde local, regional e global das populações.

A Famed possui 10 programas de pós-graduação, sendo 7 (sete) cursos de mestrado e doutorado (Ciências Médicas, Ciências Médico-Cirúrgicas, Ciências Morfofuncionais, Farmacologia, Microbiologia Médica, Saúde Pública e Medicina Translacional), 3 (três) cursos de mestrado acadêmico (Patologia, Ciências Cardiovasculares, e Fisioterapia e Funcionalidade) e 2 (dois) de mestrado profissional (Farmacologia e Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente). O mais antigo dos programas de pós-graduação é o de Farmacologia, iniciado pela criação do curso de mestrado em 1978, por pesquisadores do Departamento de Fisiologia e Farmacologia.

Uma inovação recente nesse âmbito de formação de pesquisadores foi a aprovação, em novembro de 2022, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFC, do Programa de Formação de Médicos Pesquisadores (MD-PhD), que permitirá a alunos de alto desempenho do Curso de Medicina interromper temporariamente a graduação para se dedicarem a atividades na pós-graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA CEARENSE DE MEDICINA. *Academia Cearense de Medicina: história e patronos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.

ARARIPE, J. C. de A. *A Faculdade de Medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

ARARIPE, J. C. de A. *A Faculdade de Medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1958.

GADELHA, G. *Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948)*. Fortaleza: EdUECE, 2017.

GIRÃO, B. *Doutor Waldemar: o médico, o político*. Fortaleza: Anuário do Ceará Publicações, 1992.

GIRÃO, B. *Waldemar Alcântara*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

GIRÃO, C. B. *Memória do Hospital das Clínicas: fragmentos da história do hospital-escola da UFC*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1994.

GIRÃO, J. E. *Clínica médica no Ceará: passado e presente*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

HADDAD, A. E. *et al. A trajetória dos cursos de graduação na saúde: 1991-2004*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

INSTITUTO DO CÂNCER DO CEARÁ. *Instituto do Câncer do Ceará: ética, ciência e vida*. Fortaleza: Expressão, 2004.

LEAL, V. A. H. de B. *História da medicina no Ceará*. Fortaleza: INESP, 2010.

MARTINS, J. M. *Faculdade de Medicina da UFC: professores e médicos graduados*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MOREIRA, A. G. *et al. Biblioteca de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará: 70 anos*. Fortaleza: Memorial da UFC, 2019.

PIMENTEL, C.; FUKUDA, M. *A construção do amanhã: as origens da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2022.



SILVA, M. G. C. da (org.). *I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos: textos e contextos*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

SILVA, M. G. C. da. *Academia Cearense de Medicina em crônicas e biografias*. Fortaleza: Editora do Autor, 2015.



Colaço de grau da Faculdade de Medicina na Reitoria da UFC, em 1975. Na mesa, ao centro, o Reitor Pedro Teixeira Barroso, tendo à sua direita, o Prof. Faustino de Albuquerque Sobrinho (Vice-Reitor) e, à sua esquerda, o Prof. José Maria Moreira Campos (Pró-Reitor de Graduação)

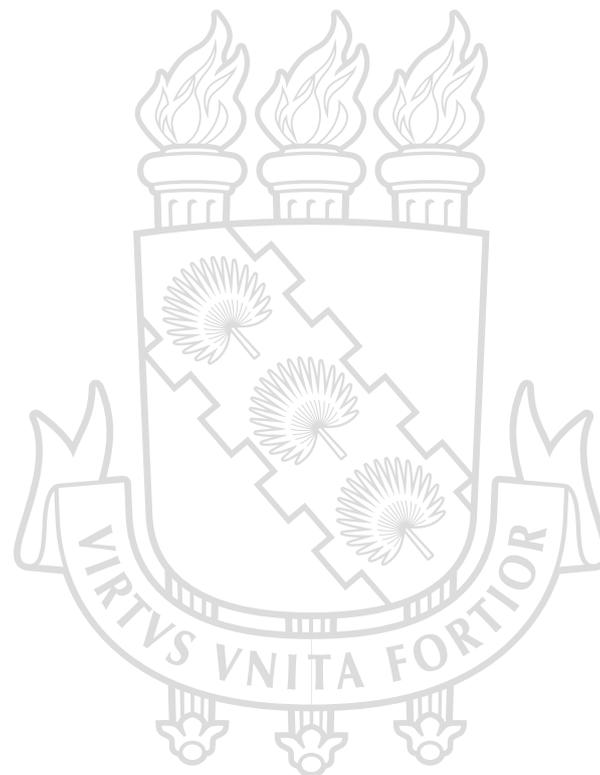
Fonte: Memorial da UFC.





Laboratório de Patologia Clínica da Faculdade de Medicina, em 10 de maio de 1961

Fonte: Memorial da UFC.



A FACULDADE DE MEDICINA QUE EU VIVI

**Médicos, docentes e suas trajetórias
como alunos nas sete e meia
décadas de existência da Famed**

FORMANDO DE 1966

*Martinho Rodrigues Fernando**

Tenho conversado com os colegas da minha faixa etária observando o quanto a nossa geração foi privilegiada em ter presenciado, nos últimos 60 anos ou um pouco mais, a extraordinária evolução da ciência, da tecnologia e do conhecimento em todos os ramos da atividade humana.

Coube à minha geração a oportunidade de acompanhar o aprimoramento do curso médico a partir de 1962, quando o último ano da graduação passou a ser o Internato no Hospital de Clínicas da FMUFC. Este fora inaugurado três anos antes em Porangabussu, bairro onde vivi com liberdade e alegria a minha infância e parte da juventude.

Minha turma chegou ao internato em 1966, momento de maior proveito para nós que pretendíamos ser clínicos, tendo como principais responsáveis por nossa formação profissional, os professores Luiz Carlos Fontenele, José Murilo de Carvalho Martins, Francisco Paiva Freitas, José Nogueira Paes Júnior e João Barbosa Pires de Paula Pessoa. Um dos grandes nomes da clínica, o Prof. Paulo Marcelo Martins Rodrigues, estava na Universidade de Brasília, onde permaneceu por três anos. Ao retornar, foi o mestre que congregou em torno de si um grupo de jovens médicos, seus ex-alunos e seguidores: Elias Geovani Boutala Salomão, José Iran de Carvalho Rabelo, José Otho Leal, Sérgio Gomes de Matos, Manoel Leôncio de Carvalho Macieira, José Eduilton Girão, Valter Correia, Paulo Roberto Tavares, Marciano Lima Sampaio, Oswaldo Gutierrez, Sérgio Ibiapina Ferreira Costa, Paulo Roberto Lins Pontes, entre os quais me incluo, formando uma respeitável escola de clínicos.

No mesmo ano em que começava o Internato, surgiram as Residências Médicas (RM), em diversas áreas de ensino, como forma de aprimoramento médico. Era o que faltava para a criação da especialidade em Clínica Médica, ou Medicina Interna, como quer o livro do Harrison, e alguns colegas preferem chamar.

Em 1962, tendo chegado à Fortaleza, o Dr. Paulo Marcelo Martins Rodrigues foi um dos entusiastas para a criação da RM, unindo-se aos

* Professor aposentado de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



professores José Murilo de Carvalho Martins, Luiz Carlos Fontenele, Francisco Paiva de Freitas e João Barbosa Pires de Paula Pessoa.

A RM na Faculdade de Medicina da UFC foi criada como período de treinamento médico intensivo com duração prevista de dois anos, candidatos escolhidos, por convite, entre os recém-formados em 1961. As áreas contempladas foram Clínica Médica, Cirurgia, Gineco-Obstetrícia, Pediatria, Radiologia, Patologia Clínica e Anestesiologia. Não havia vínculo empregatício da UFC com os médicos residentes. Eram pagos através de uma espécie de “bolsa de estudo”.

Os primeiros Médicos Residentes no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da UFC foram:

CLÍNICA MÉDICA - 1962 a 1963 - Renan Magalhães Montenegro e Lise-Mary Alves de Lima. O Dr. Renan, após o primeiro ano, foi para Ribeirão Preto, onde especializou-se em Endocrinologia. Dra. Lise-Mary concluiu os dois anos; em seguida, fez especialização em Hemoterapia no Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro.

1963 a 1964 - Elias Geovani Boutala Salomão e Pedro Mauro Rola de Souza. Ambos, após concluírem os dois anos de RM, por notório saber, foram logo contratados como professores de Iniciação ao Exame Clínico. À época, ainda não havia concurso para a docência. O Dr. Elias permaneceu na disciplina de Clínica Médica e Dr. Pedro Mauro transferiu-se para o setor de ensino de Radiologia, que viria a ser sua grande paixão.

CIRURGIA - 1962 a 1963 - João Evangelista Bezerra Filho e Raimundo Porfírio Sampaio Neto. O Dr. João Evangelista fez especialização em Perfusão Extracorpórea no Instituto de Cardiologia no Estado de São Paulo (1967). O Dr. Raimundo Porfírio Sampaio Neto, durante a Residência em cirurgia no HUWC, incluiu Internship (rotatório) no Huron Road Hospital, Cleveland, EUA (um ano). Ambos se tornaram professores do Departamento de Cirurgia da FMUFC.

GINECOLOGIA – OBSTETRÍCIA -1963 a 1964 - Antônio Ciríaco de Holanda Neto.

1964 a 1965 - Francisco Pereira dos Santos e Ormando Rodrigues Campos.

PEDIATRIA - 1962 a 1963 - Maria Zuleide Caminha Carvalho. Após a RM, fez Curso de especialização em Saúde Pública e Administração Hospitalar.

RADIOLOGIA - 1963 a 1964 - José Jurandir Cardoso Ferreira.

PATOLOGIA CLÍNICA – 1962 a 1963 - Maria Zélia Petrola Jorge Bezerra e Vaulice Sales Café. A Dra. Zélia fez o último semestre da RM no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Em 1964, fez Curso de Especialização como estagiária do Serviço de Hematologia da Primeira Clínica Médica do Departamento de Clínica Médica no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. A Dra. Vaulice, em 1964, fez Curso de Especialização em Microbiologia no Instituto de Microbiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ANESTESIOLOGIA - 1962 a 1963 - Maria Albertízia Rocha Gomes, concluiu a RM e tornou-se professora do Departamento de Cirurgia da FMUFC.

IMPORTANTE: Em relação à RM, os dados acima foram obtidos através de colegas que testemunharam os fatos e consultas aos excelentes livros do Prof. José Murilo de Carvalho Martins – *FACULDADE DE MEDICINA da UFC Professores e médicos graduados*. Quanto aos anos de 1962 e 1963, há incertezas relativas aos residentes em GO e em RADIOLOGIA. Em CIRURGIA, PATOLOGIA CLÍNICA, PEDIATRIA e ANESTESIOLOGIA, há dúvidas quanto aos anos de 1963 e 1964.

Em relação à história da nossa medicina, sinto a necessidade de dizer um pouco do muito que testemunhei ao longo de seis anos de graduação e cinquenta e seis de prática profissional ininterrupta.

Em 1969, um fato marcou a nossa medicina: a inauguração do Hospital Geral de Fortaleza (HGF), aonde fui conduzido pelo Prof. Luiz Carlos Fontenele. Pelo grande número de professores em sua equipe médica, o HGF, com todo o mérito, era uma espécie de sucursal da FMUFC. A história do HGF é muito importante e bonita. Precisa ser urgentemente preservada num registro histórico, enquanto restam alguns sobreviventes desse momento de grande significado para a medicina do nosso estado.

No ano seguinte, vi a primeira Unidade de Terapia Intensiva (UTI) ser instalada no Ceará, no Hospital Policlínica, onde tive oportunidade de trabalhar, sob a direção do Prof. José Nogueira Paes Júnior. À época, não havia a tecnologia, nem o conhecimento atual que exige alta qualificação do médico intensivista, uma moderna e importante especialidade hipocrática.



O progresso da cirurgia plástica e reparadora foi notável no HGF, com os doutores Germano Riquet, Vladimir Távora Fontoura Cruz, Ercílio Guimarães e outros. Também houve grande aperfeiçoamento na cirurgia plástica estética, proporcionando alegria àqueles que conseguiram ficar bonitos, ou um pouco menos feios, benefício atualmente garantido a todos que podem pagar.

Testemunhei a endoscopia digestiva alta passar do *endoscópio rígido para o flexível*, tornando-se um exame da maior importância em Gastroenterologia, quando para tanto tínhamos apenas a *seriografia gastroduodenal*. Com a flexibilidade do endoscópio, surgiu a colonoscopia que superou o enema opaco, sendo atualmente exame imprescindível na prevenção e diagnóstico precoce do câncer de cólon.

Quando ainda era estudante, vi surgir entre nós a diálise peritoneal. Mais tarde, a hemodiálise, e o transplante renal para os nefropatas crônicos. Ao longo do tempo, vieram os transplantes de coração, de fígado e o de pulmão, todos ancorados no avanço dos cuidados de terapia intensiva e da imunologia.

Lembro a *ultrassonografia* instalando-se na av. Pe. Antônio Tomaz, vizinho ao Hospital Batista, como resultado do esforço e dedicação do Dr. Boghus Boyadjian que, sendo cirurgião, ia para o plantão de cirurgia no HGF levando consigo os livros de ultrassonografia, para estudar entre uma cirurgia e outra. Anos depois, chegamos ao avanço atual do *US transesofágico*.

A ultrassonografia, um exame não invasivo, de relativo baixo custo, é um dos maiores avanços da medicina moderna. Convém lembrar que sua sensibilidade e especificidade diagnósticas dependem fundamentalmente do médico que realiza o exame, exigindo dele o tempo, o empenho e a competência necessários. Por isso, é um exame que inclui alto índice de erros diagnósticos.

Ao longo dos anos, na UTI do HGF, observei a ventilação mecânica, muito precária, com o BIRD, evoluir para ventiladores altamente sofisticados, mudando o prognóstico da insuficiência respiratória aguda e favorecendo a recuperação de muitos doentes graves. Enfim outro grande salto veio com a cirurgia laparoscópica, trazendo menos necessidade de analgesia pós-operatória, menor tempo de permanência hospitalar, menos complicações e redução de custos. A in-

interessante história de como surgiu e evoluiu a cirurgia laparoscópica foi contada por completo, em detalhes, pelo Prof. João Evangelista Bezerra Filho, numa noite em que comemorávamos o aniversário do nosso querido colega Elias Geovani Boutala Salomão, no Iate Clube. Quem sabe quais são os pioneiros da laparoscopia no Ceará? É preciso, com cuidado, e urgentemente, registrar essa história para a posteridade.

Seria injusto não destacar a extraordinária evolução da analgesia e da qualificação dos nossos anestesistas, sem as quais nenhum progresso na cirurgia teria sido possível.

É Jurgen Thorwald (2010), autor do livro *O Século dos Cirurgiões*, quem diz:

[...] vai muito longe o 16 de outubro de 1846, quando teve início a cirurgia moderna com a anestesia da dor, mediante a narcose com inalação de gases químicos. Já não é possível a um homem do nosso tempo compreender a revolução que se iniciou naquele dia na sala de cirurgia do Hospital Geral de Massachusetts. Hoje, eu mesmo tenho frequentemente a impressão de que a época horrenda da cirurgia da minha mocidade nunca existiu.

Em relação aos antimicrobianos, na década de 1960, doentes com infecções graves eram tratados com penicilina e cloranfenicol, combinação aparentemente antagônica, para depois surgirem os aminoglicosídeos, e outros, até os antimicrobianos mais modernos que observamos no importante protocolo atual para o imediato tratamento da sepse.

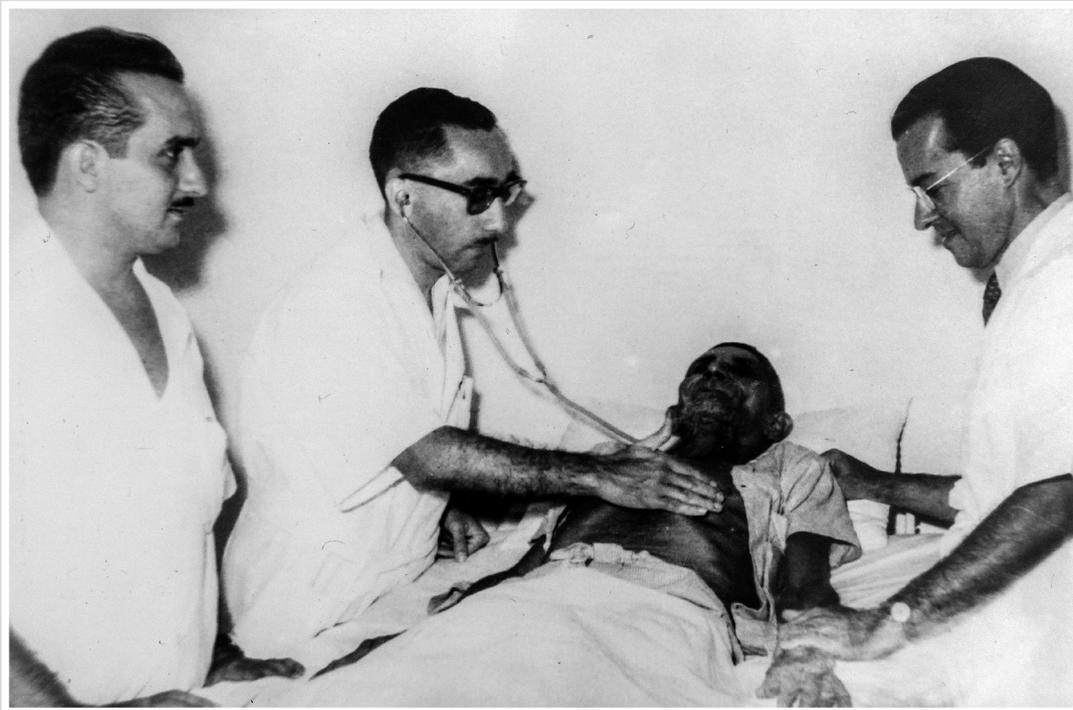
Nos anos em que ensinei na faculdade, durante as aulas e visitas à enfermaria, com frequência, fazia perguntas para despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Tentava mostrar que, ao longo do tempo, as perguntas são as mesmas, o que muda, com a evolução do conhecimento, são as respostas. Há cinquenta anos, como era tratada a insuficiência cardíaca congestiva? A hipertensão arterial? E a úlcera péptica?

Observei pacientes com insuficiência cardíaca (ICC) sendo tratados com repouso no leito, digital, diuréticos e dieta com o mínimo de sal. Muitos faleceram por intoxicação digitalica e pelo tromboembolismo pulmonar, favorecido pelo excessivo repouso no leito, além da hiponatremia. Para a HAS, tínhamos poucos recursos, como a reserpina e a metildopa. A úlcera péptica era tratada com dieta láctea e antiácidos, durante trinta dias, época em que, além da síndrome alcalina, eram frequentes as complicações da úlcera – hemorragia, penetração,



obstrução e perfuração - que levavam o paciente à cirurgia, e, algumas vezes, ao óbito.

O uso de betabloqueadores na ICC e o tratamento do *Helicobacter Pilory* (HP) para a úlcera, inicialmente pareciam absurdos. Atualmente, os betabloqueadores estão consagrados, o controle da hipertensão arterial dispõe de muitas alternativas, as úlceras tornaram-se raras e as complicações cirúrgicas da úlcera péptica desapareceram, coincidindo com o tratamento do HP. Ainda hoje, a quimioterapia não seletiva para neoplasias e a cirurgia bariátrica para a obesidade mórbida têm algo de absurdo, e brevemente deverão ser substituídas por terapias melhor aperfeiçoadas. Talvez a obesidade mórbida venha a ser tratada eficientemente com medicamentos anticompulsão, encarando o alimento como uma droga que provoca uma incontrolável dependência, ou com o recurso da terapia cognitiva. Os médicos da minha geração têm muitas outras histórias para contar. São fatos que precisam ser revisitados em ordem cronológica, com urgência e cuidado, num livro de história da nossa Medicina, ainda a ser escrito por um de nós.



Docentes da 1ª
Clínica Médica
examinando um
dos primeiros
pacientes do
hospital escola,
em 1959. Da
esquerda para a
direita: Profs. João
Barbosa de Paula
Pessoa, José
Pierre Filho e Alber
Vasconcelos

FORMANDO DE 1967

*Manassés Claudino Fonteles**

Sendo um dos aprovados no grupo de 40 alunos que foram selecionados de um total de 283 candidatos para cursar a Faculdade de Medicina do Ceará, no ano de 1962, isso representou, para mim, apenas o primeiro passo de minha carreira acadêmica. Até então, não imaginava o limite de minhas forças, até onde eu poderia chegar. Ser parte desse seleto grupo de quarenta alunos aprovados, era um privilégio para poucos abastados, um sonho para um rapaz órfão de classe média, ex-aluno do Liceu do Ceará, que adentrava o recém-criado Curso de Medicina tão desejado pela maior quantidade de pretendentes. Os sonhos se amontoavam no coração dos aprovados, cada qual com a sua bagagem de alegrias. Os desapontamentos e tristezas, nessa hora, perderam sua importância para mim, e, apenas a sensação de vitória passou a comandar minhas ações, me fortalecendo a prosseguir, e ter atitudes mais confiantes no meu aprendizado que me apontava um amplo horizonte para que eu exercesse uma carreira que nesse tempo tinha a feição de um sacerdócio. Ser médico na sociedade vigente, era gozar de privilégios e abria portas para um futuro promissor, dando autoridade como parte da família da qual cuidava, conhecendo suas fragilidades e compartilhando seus saberes. A cura das enfermidades, mesmo não estando ao alcance de todos, ainda assim, dava conforto sacerdotal.

O tempo era pouco para um estudante de poucos recursos que precisava trabalhar para seu sustento. Assim, as madrugadas compartilhavam de meu esforço que seria reconhecido ao longo dos anos como um bom discípulo dos melhores mestres das cátedras. Ser professor catedrático era um sonho bem guardado em meu coração, muito embora meus esforços fossem máximos para ajustar trabalho com tempo de estudo. Raros colegas se encontravam nessa condição, lembro-me apenas de dois da turma, éramos exceção, na realidade. O trabalho me fez crescer na ciência, pois ensinar fazia parte de meu cotidiano, levando-me a progredir no aprendizado e crescimento de minha futura profissão, a qual foi escolhida desde as frequentes visitas médicas à minha humilde casa durante a enfermidade de minha mãe.

* Professor e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

As disciplinas eram ministradas anualmente. A turma era muito unida e havia esse sentimento coletivo de solidariedade, que nos ajudava nas horas mais difíceis, principalmente quando perdemos dois colegas de turma, aos quais, aqui, rendo minha homenagem, ao colega Francisco Eudes Diógenes, vítima de um ataque cardíaco ainda no segundo ano de faculdade, e o colega José Granja Filho, no terceiro ano, vítima de um acidente de carro. Essas perdas lamentáveis nos deram um forte sentimento gregário.

A Faculdade estava se firmando sob a direção do Dr. Walter de Moura Cantídio, homem de grande visão de futuro. Grandes mestres faziam parte dessa instituição e nos estimulavam a prosseguir nessa carreira humanitária, nos preparando para sermos prontos para ouvir o paciente e observar os sinais clínicos de suas patologias, sinais esses que nos direcionariam a um correto diagnóstico. “A clínica é soberana”, era a máxima que nos foi inculcada por esses mestres aos quais dedicávamos respeito e apreço. Com alguns deles, cheguei a compartilhar grande amizade.

O estudo dos medicamentos e seus mecanismos me fascinaram durante a adolescência, ao presenciar as dores de minha mãe acometida de câncer. Nesse tempo, apenas a morfina era usada com a finalidade de aliviar por poucas horas, o padecer do semelhante, como minha própria mãe, a pessoa que me gestou, me nutriu e me dispensou amor e segurança, mesmo em seus momentos mais difíceis. Treinado pelo Prof. Haroldo Juaçaba, eu mesmo fazia as aplicações intramusculares dessa droga miraculosa, a qual conseguia proporcionar a ela alívio temporário das metástases que já se espalhavam por seu frágil corpo. Desde sua partida, busquei me aprofundar nessa área de medicamentos, com leituras complementares sobre um assunto em evolução. A responsabilidade de ser médico e aliviar a dor humana concretizava-se com a aprovação no vestibular dessa tão querida Faculdade que, nesse tempo, dava seus primeiros passos, sendo ainda incipiente instituição de ensino.

Minha escolha para exercer a cátedra remonta à minha adolescência, quando iniciei com a alfabetização dos pedreiros que trabalhavam no bairro de Joaquim Távora, onde morava. Meus colegas, até o sexto ano, muitos ainda não haviam feito suas escolhas e vários chegaram a mudar sua área de preferência. Essa antecipação de minha profissão, deu-me muita segurança e me tornou um lutador com experiência em educação, após ter ministrado aulas também no Colégio 7 de Setembro. Como alu-



no da Faculdade, fundei, com o colega Lúcio Alcântara, o Cursinho Aluísio Pinheiro, que funcionava à noite na rua Assunção, vizinho à Loteria Estadual do Ceará. Essa atividade pedagógica supria minhas necessidades, que eu controlava rigorosamente. O Cursinho foi um sucesso, sendo o mais procurado da cidade e tendo aprovado um número considerável de alunos para a Faculdade de Medicina. Passei a ser monitor de Fisiologia e, depois, de Farmacologia. Fui também aprovado em primeiro lugar para ser professor do Cursinho da própria Faculdade de Medicina, onde lecionei durante quatro anos, Química Orgânica. Com isso minha história na educação estratificou-se gradativamente, pois eu soube aproveitar todas as oportunidades que me foram oferecidas pela minha querida Faculdade. Cheguei a levar um cartão do Dr. Edilson Brasil Suarez, que era membro do Conselho Estadual de Educação, além de Diretor do Colégio 7 de Setembro, para o Reitor Martins Filho, que, lamentavelmente, não tinha verba para me dar uma bolsa. Chegando lá de bicicleta, ele me recebeu com muita lhanza e me disse que se eu houvera lhe pedido, ele teria me enviado a bicicleta do carteiro do campus. A nossa amizade começou ali. Quando da criação do Curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará, há vinte anos, o Dr. Martins Filho foi me parabenizar por esse grande feito; isso se tornou notícia de jornal.

Os primórdios do Departamento de Farmacologia e Terapêutica do Curso de Medicina do Ceará foram marcados pela visita do Prof. Lauro Sollero, à Fortaleza, vindo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o propósito de fundar um núcleo de Farmacologia financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e, assim, fazer uma prospecção para criar um núcleo nessa área. Quase ao mesmo tempo, o Prof. Ribeiro do Vale veio à Fortaleza, com uma equipe de jovens pesquisadores da Escola Paulista de Medicina, tendo como finalidade ampliar os estudos dessa área no Nordeste. Para tal, ministraram um Curso financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) durante o período de trinta dias. Com essa matriz, o curso, eminentemente direcionado para a prática, propiciou a implantação de aulas práticas em nossa Faculdade, tendo o apoio de um pequeno grupo de experimentação nessa área. A partir de então, o Departamento passou a se chamar Departamento de Farmacologia e Fisiologia.

Havia grande demanda pela experimentação prática de Farmacologia. A iniciativa de reproduzir modelos de aulas práticas da Escola Paulista de

Medicina coincidiu com o pedido de importação de instrumentos necessários para ministrar essas aulas, instrumentos esses que seriam importados da Casa Palmer, na Inglaterra. O Prof. Paulino de Barros, assessorado pelo Presidente do CNPq, foi crucial para que essa importação se concretizasse. Isso foi catalisado pelo Prof. Lauro Sollero, o qual apresentou a relação dos equipamentos que precisávamos importar. Ao mesmo tempo, ele fez um convite ao Dr. Cantídio, o qual me favoreceu com uma passagem de ônibus para o Rio de Janeiro com a finalidade de que eu aprimorasse os conhecimentos farmacológicos. Posteriormente, viajei para Recife, a convite do Prof. Cesário de Melo, o qual tinha como colaborador o Prof. Artur Coutinho. Ampliei, portanto, a partir dessa iniciativa, meus conhecimentos na área farmacológica. Ao retornar à Fortaleza, participei de curso específico, ministrado pelo Prof. Geraldo de Sousa Tomé, com cerca de doze alunos, quando aprendemos sobre a preparação de lâminas para o estudo de patologia. O Curso era teórico-prático e, geralmente, os colegas se esforçavam para aproveitar ao máximo o aprendizado, visando ao crescimento profissional. Os melhores foram selecionados para um aprimoramento com o Prof. Luiglio Bogliolo, grande anatomista patológico da Faculdade de Medicina da Argentina. Nesse prévio estágio, consolidou-se uma identidade entre o aluno e o futuro pesquisador que, após a conclusão do Curso de Medicina, iria aprimorar-se para exercer a cátedra de Professor Titular de Farmacologia, abrindo o caminho e criando condições para outros médicos se qualificarem no exterior, com o propósito de colocar nossa Faculdade de Medicina em outro patamar, tornando-a respeitada em todo o país, tendo vários artigos publicados no exterior, por meio desses novos estudantes de pós-graduação. Esse esforço não foi em vão, pois conseguimos competir dessa maneira com respeitáveis instituições do sul do país, marcando, assim, a relação entre metabolismo e receptor, pela revelação de um mistério das ciências médicas que, até então se apresentava apenas como uma hipótese.

Não podemos deixar de mencionar o Prof. Galba de Araújo como um agente inovador da pesquisa da ginecologia, hoje nominada de tocoginecologia. O Prof. Galba havia estudado nos Estados Unidos e, como tinha conhecimento dos avanços nessa área médica, conseguiu implantar novos horizontes de pesquisa melhorando substancialmente os programas de residência e pós-graduação nesse campo, fazendo da Maternidade Escola Assis Chateaubriand, um modelo de modernidade desse audacioso projeto por ele idealizado. O Prof. Galba conseguiu

trazer professores pesquisadores para a Faculdade, enriquecendo substancialmente as novas metodologias de pesquisa, seja no parto, seja na biologia molecular.

O Prof. Farah Otoch era um excelente conhecedor de Medicina Clínica, a quem muito devo, no que diz respeito à minha carreira doutoral nos Estados Unidos. Posteriormente, com a reforma da Academia, incorporou-se ao Departamento de Farmacologia. Quando da vinda do descobridor dos betabloqueadores, o cientista Prof. Raymond Alquist, que me orientou no PhD, o Prof. Farah ofereceu sua residência para fazermos um banquete, com mais de cem pessoas. A vinda do cientista em primeira mão a Fortaleza, causou certa agitação no meio científico na turma do sul do Brasil. O Rio de Janeiro passou a ser sua segunda parada onde fez conferência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Prof. Lauro Sollero.

O Prof. Nogueira Paes fez um projeto de estudo de Prevenção Secundária de Doença Coronária com a equipe da Casa de Saúde São Raimundo. Esse programa teve uma duração de, aproximadamente, quatro anos e beneficiou vários alunos que dele participaram.

Não fora nossa Faculdade de Medicina, centenas de médicos não teriam sido formados, conseqüentemente, a área da saúde de nosso Estado sofreria sérias carências de vagas no Ceará. As lembranças dos mestres ainda estão vivas em nossa memória, algumas muito boas como as do Prof. Alber Vasconcelos, *expert* em diabetes e doenças do fígado. Como ele não podia ir à Faculdade aos sábados, nós nos encontrávamos no centro, na Livraria Evangélica, na Senador Pompeu, onde havia um recanto onde podíamos conversar sobre os avanços da medicina, conhecimentos que eu internalizava sem mesmo me dar conta.

Após abrir o baú de lembranças, é chegado o momento de agradecermos. Sou grato, primeiramente ao Deus Altíssimo, depois aos caros colegas que, de maneira direta ou indireta, participaram do engrandecimento de nossa Faculdade. Ao Deus Altíssimo, a Ele toda honra e toda glória, por ter me favorecido com a oportunidade dessa formação que me ajudou a realizar meu desiderato de uma vida dedicada à medicina, à pesquisa, ao ensino médico e ter contribuído com mais duas Universidades, ao exercer o cargo de Reitor da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Em tudo Deus estava presente e chegamos até aqui. Baruch HaShem Adonai!



Reunião na Reitoria com docentes da Faculdade de Medicina, em 1967. Da esquerda para a direita, em pé: Evandro Studart, Jurandir Picanço, Roberto Cabral, Josué de Castro, Ari Ramalho, José Maria Chaves, Ossian Aguiar Júnior, Maria Gonzaga Pinheiro, Heraldo Pinheiro; sentados: Alber Vasconcelos, Paulo Machado e Elcias Camurça

Fonte: Memorial da UFC.



Solenidade comemorativa dos 20 anos da Faculdade de Medicina, em 1968, ocasião em que discursava o diretor Prof. Ocelo Pinheiro

Fonte: Memorial da UFC.

FORMANDO DE 1969

*João Martins de Souza Torres**

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, com justiça e mérito, festeja seus setenta e cinco anos de profícua existência (1948-2023). Grande vitória para a muito jovem instituição. Nada mais adequado que publicar, em forma de livro, sua história do início até os dias atuais.

O professor Fernando Siqueira Pinheiro, atual chefe do Departamento de Cirurgia, meu destacado ex-aluno, muito me honrou com o convite para escrever um capítulo neste livro comemorativo do qual, é um dos coordenadores. A escolha do tema ficaria a meu critério. Também por isso lhe sou muito grato.

Optei por tratar dos *Anos Sessenta*, década que, por não poucos motivos, me fascina, inclusive no mundo musical. Busquei informações gerais sobre o assunto dos demais coautores. O intuito foi reduzir, maximamente, repetições.

Os *Anos Sessenta* do século passado foram profundamente emblemáticos para o mundo todo. Na Europa, teve destaque, em 1968, a cruenta Primavera de Praga, quando a então Tchecoslováquia, sob o domínio rígido da União Soviética, buscava mais liberdade. No mesmo ano, mais uma vez, a França (Paris) efervescia sob o comando do jovem Daniel Cohn Bendit. O mundo estava mais agitado. A Guerra Fria da pós-Segunda Guerra nunca estivera tão quente. Outro grande fato, este no campo da Farmacologia, foi o advento da pílula anticoncepcional, em 1961, dando à mulher a possibilidade de controlar sua fertilidade, como também maior liberdade sexual. O advento da Informática (Alan Turing) realmente globalizou o mundo. Imprescindível, o computador se tornou um império inabalável, uma superpotência.

Levando para o campo pessoal, escolhi os *Anos Sessenta* porque fiz meu curso médico de graduação no período de 1964 a 1969. E muito aconteceu e mudou. Exponho minha análise enquanto estudante de Medicina e, numa segunda etapa, na qualidade de professor por mais de três décadas no Departamento de Cirurgia (FM-UFC). Já aposentado, não me sai da mira esta minha querida escola pela qual tenho muito

* Professor (aposentado) de Cirurgia Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

zelo. Aqui e acolá, visito-a para dizer da minha fé nos seus atuais dirigentes, animando-os ou mesmo dando sugestões. Tenho 53 anos de vida médica e 6 como aluno, portanto, 59 anos. Considero o curso médico a infância de nossa profissão. É da infância que temos as mais indelévels e deleitosas saudades. Intitulo-me um R 53 (Residente 53), sempre querendo aprender. É uma postura que apregoo a todos os colegas.

Em 1964 (março – abril), o Brasil passou a ter um governo militar. À época, os simpatizantes o chamavam de revolução, enquanto os oponentes o tachavam de ditadura, golpe.

Para a admissão ao curso de Medicina era preciso passar no famigerado vestibular. Até 1963, eram três matérias: Física, Química e Biologia. Frequentar cursinhos preparatórios era indispensável para a imensa maioria. Já em 1964, foi exigido às três disciplinas o acréscimo de Português e Inglês. Mais dificuldade. O autor escolhido foi Rui Barbosa. Inicialmente, a oferta era de 90 vagas. Houve um forte movimento nacional para o aumento de mais vagas. A meu ver, de maneira impensada e populista, o então presidente da República João Goulart (Jango) duplicou o número de vagas. Passamos a 180 alunos. Não havia estrutura docente e nem técnica (microscópios, salas, laboratórios etc). Apesar do alto nível da segunda turma, esta foi discriminada. Era chamada de Turma João Goulart (um autêntico “bullying”). Não tardou a vigorar a chamada pela ordem alfabética, reduzindo não totalmente o desconforto.

Findo o sexto ano, acontecia a inesquecível e solene Colação de Grau na Concha Acústica da Reitoria. Tal fato não ocorreu em 1968 em consequência do AI-5, mas trinta anos depois, em 1998, resgatou-se essa solenidade na mesma Concha Acústica. Após a Colação, dias depois acontecia o Baile da Esmeralda, à época muito menos caro e suntuoso, porém, inesquecível. Dancei a valsa de formatura com minha mãe, namorada, irmãs e outras amigas.

Sobre o curso médico desta década, julgo oportuno e ilustrativo tecer algumas considerações. O curso médico era anual. No sexto ano, acontecia o Internato. O sistema, atualmente, é semestral, doze semestres, com um grande progresso: o Internato é de quatro semestres, portanto, o dobro. O Internato contemplava Clínica Cirúrgica, Clínica Médica, Obstetrícia – Ginecologia e Pediatria. Sempre pugnei por um Internato de três anos (seis semestres). Traduz com maior aproximação o que ocorre na prática médica: boa dosagem entre a teoria e a prática.



Nos *Anos Sessenta* tínhamos os métodos de avaliação traduzidos pelas siglas: Nota Parcial de Conhecimento (NPC) (avaliação teórica); Nota de Exame Final (NEF) (avaliação também teórica, mais ampliada); Nota de Trabalho Individual (NTI) (avaliação prática, com trabalho escrito, uma espécie de minitese baseada na prática da disciplina). Coisa estranha: o aluno que não alcançasse o perfil da nota exigida ficava em recuperação na respectiva disciplina. Quem ficasse em três recuperações, perdia o ano em todas as disciplinas. Tornava-se repetente, perdia sua turma. Nada bom para a autoestima. Na época, causava medo, mas não estranheza. Atualmente, o estudante só repete as disciplinas nas quais tiver sido reprovado, o que parece mais acertado e justo. As recuperações eram feitas no período de férias. No máximo duas; haveria mais tempo para estudar as disciplinas. Na década de sessenta havia dois anos muito temidos: o terceiro, por causa da Patologia e Psiquiatria; o quinto ano, pela Clínica Médica, G-O e Urologia. Não me recordo de reprovações no internato.

Outro aspecto sobre a Faculdade nos *Anos Sessenta*, então única, hoje inúmeras entre as públicas e particulares no Ceará, diz respeito a um significativo número de sucursais da nossa escola: Santa Casa de Misericórdia, Hospital Dr. Cesar Cals, Assistência Municipal (HPS), hoje, Instituto Dr. José Frota (Frotão e Frotinhas), Gonzaguinhas, Hospital de Messejana e Hospital Infantil Albert Sabin. A partir de 1970, o Hospital Geral de Fortaleza (HGF). Fiz todo o curso na Faculdade: a prática no Hospital das Clínicas, hoje HCWC (Hospital das Clínicas Walter Cantídio). Não tenho queixas. Aprendi muito.

Faço uma observação muito pessoal. Enquanto aluno, nos *Anos Sessenta*, me foi claro que dependia mais do aluno fazer um bom curso, incluindo teoria e prática. O corpo docente poderia ser mais cobrador. Vendo como professor, estou convicto de que o bom aprendizado do aluno é quando existe o conjunto do trio Paciente, Aluno e Professor (PAP). É o que apregoava William Osler (1849-1919): “Medicina não se aprende nas salas de aula, e sim à beira do leito”. Lembro-me mais das visitas às enfermarias que das aulas teóricas. Na realidade, o grande e sempre docente do aluno e do médico, vida afora, é o doente, basta eliminar o c do do(c)ente! Portanto, muito respeito, carinho e gratidão aos pacientes, nossos mestres de sempre e para sempre! Mas reitero: o principal papel do sucesso profissional cabe ao aluno, sempre aprender, mesmo nas grandes escolas de fama mundial.

OUTROS CONSIDERANDOS MAIS AMENOS

Tínhamos nos *Anos Sessenta*, e já antes, o Diretório Acadêmico XII de Maio (DA) (em homenagem à data da inauguração da nossa Escola Médica). Um pequeno prédio térreo, onde se desenvolviam diversas atividades lúdicas, inclusive dança. Tinha uma diretoria eleita. Era uma espécie de escolinha de lideranças. O DA das faculdades estava sujeito, hierarquicamente, ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). Este, pertencente à União Nacional dos Estudantes (UNE).

CEU: Clube dos Estudantes Universitários. Três pavimentos. No térreo havia almoço e jantar. Nos andares superiores dispunha-se de acomodações residenciais. Quadra de esportes de salão. Às terças-feiras noturnas, contávamos com tertúlia dançante. Inesquecíveis os animadíssimos, até acirrados, jogos universitários, incluindo possibilidades não infrequentes de brigas entre as torcidas das diversas faculdades. Durante o regime militar, esse clube foi desativado, alegando-se maior controle disciplinar. Os Diretórios Acadêmicos (DA) se transformaram em Centro Acadêmico (CA), o que soava, para mim, muito oncológico. Neste período, a Faculdade de Medicina foi campeã várias vezes consecutivas. Espetacular era o time de futebol de salão, ainda hoje muito lembrado.

Também nesse período (*Anos Sessenta*, antes e depois) contávamos com professores muito renomados, especialmente o famoso trio cirúrgico dos catedráticos: Newton Teófilo Gonçalves, Paulo de Mello Machado e Haroldo Gondim Juaçaba. Este, o mais longevo dos cirurgiões no campo de ação. Os três, muito cultos e venerados. Tive a grande honra e o privilégio de ser colega dos três, eu ainda jovem, no Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. O quadro de docentes, muito preparado e dedicado, em sua grande maioria, foi nota máxima em minhas saudades. Saliente-se a primorosa contribuição dos monitores (alunos) e residentes.

FESTA DOS BICHOS

Muito a propósito, deixei por último este relato muito especial para nós da época de *sessenta*.

Quando passávamos no vestibular de Medicina, éramos submetidos ao inevitável trote, em parte temido, em parte desejado. Os rapazes tinham seus cabelos trucidados, estropiados, com veredas as mais ex-



travagantes. A saída, desejada fortemente pelos bichos, era raspar todo o cabelo da cabeça. Assim usava-se uma touca muito elegante verde-branca com o nome da Faculdade de Medicina. Não éramos chamados de estudantes, e, sim, acadêmicos de medicina. Quem feio fosse, menos feio ficava; se bonito fosse, mais bonito se tornava. Um outro trote era exigir das colegas que fizessem declaração de amor a um “cabra” bem feio e receber uma faixa de rainha, feita de papel higiênico. Tomar uma colher de óleo de rícino, de nauseante gosto, seria muito recomendável para todos os problemas, inclusive mau-olhado. Mas o empolgante era o desfile da rainha dos bichos, onde a indicação obedecia à beleza de face e corpórea da jovem.

CONCLUSÃO

Costumo repetir, aos 53 anos de médico, que nossa Faculdade de Medicina tem semelhança com os cactos. Nasce, cresce, floresce e dá belos e bons frutos, dispondo de poucos nutrientes, no caso, recursos financeiros. Da minha parte, repito: fiz um bom curso médico, as aulas práticas foram muito boas. As clássicas aulas teóricas tinham seu grande encanto cultural. Os fundadores da nossa escola médica, que nasceu particular, os cinco de grande visibilidade: Jurandir Picanço, José Carlos Ribeiro, Newton Teófilo Gonçalves, Waldemar Alcântara e Walter Cantídio, contaram com muitos outros, como João Batista Saraiva Leão, Josa Magalhães, Aloísio Pinheiro, João Ramos, assim por diante. Nossa Faculdade, dia a dia, continua sendo fundada pela geração de sucessores que, na grande maioria, são ex-alunos.

Então, 75 anos de existência gloriosa, merece o fulgor dessa celebração.

Parabéns, minha, nossa querida Faculdade de Medicina, agora e sempre com suas frondosas mangueiras, crescendo em todos os bons aspectos. Para mim, os seis anos foram tempos felizes, sonhando em ser médico.

Que a ciência, o ensino médico e a assistência ao povo menos privilegiado sejam a energia mágica que vitaliza e nutre essa nossa querida e mística escola médica para sempre!



Vista lateral do Hospital das Clínicas a partir da atual Rua Prof. Costa Mendes. Nota-se adiante o pavilhão da Anatomia e, em seguida, a Maternidade Escola

Fonte: Acervo do Hospital Universitário Walter Cantídio.

FORMANDO DE 1983

*Terezinha do Menino Jesus Silva Leitão**

Ingressei na Faculdade de Medicina no segundo semestre de 1977. Lembro demais o momento que vi meu nome dentre os aprovados no exame do vestibular. Meu irmão mais velho já se encontrava no local onde estava fixada a lista, ele me viu e deu a notícia: “você passou”. Eu precisei ver para acreditar, fiquei radiante, era a realização de um sonho. Eu queria muito esse ingresso e queria mais ainda correr para casa e contar aos meus pais. Eles ficariam muito felizes, seria mais uma etapa concluída na saga iniciada por eles em 1961, quando saíram do interior para dar aos filhos estudo e oportunidade de um futuro melhor, para isso trabalhavam tanto. Eu era a quinta dentre os sete filhos e os três irmãos à minha frente já cursavam a universidade. Minha mãe estava mexendo no jardim quando contei pra ela, riu e disse “vou ter uma filha médica!”. Papai ficou muito alegre, mas eles não pareceram surpresos, não sei se porque achavam que isso seria o resultado esperado pela minha dedicação aos estudos, ou pela simplicidade deles, que não interessava muito o curso, mas sim o fato de ter obtido sucesso no meu projeto.

Vivíamos ainda os anos do regime militar, o Presidente da República era o General Geisel, que iniciou de forma muito tímida a abertura no Brasil, mas, mesmo assim, eu ouvi de meus pais para ter cuidado, não dar ouvidos a conversas sobre política e não faltou quem me assustasse e lembrasse o que tinha ocorrido com estudantes em períodos anteriores, no governo do Presidente Médici.

Naquela época, o envolvimento com política não fazia parte da minha vida e que eu lembre, de nenhum dos colegas da minha turma; vivíamos um período no qual não se permitia discussões políticas, porque não havia participação da sociedade nas decisões do país, essas eram apenas comunicadas. Eu era uma jovem saindo de uma adolescência muito vigiada e que queria estudar e ter um pouco de liberdade, por merecimento, já que tinha demonstrado responsabilidade com meu futuro. A ansiedade e expectativa eram enormes nesse novo horizonte que se apresentava.

* Professora aposentada de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Diferentemente de hoje, a medicina fazia parte do Centro de Ciências da Saúde, que incluía ainda, a odontologia, enfermagem e farmácia. O curso era dividido em semestres e não mais em anos, como era antes e nos contaram os mais antigos. Os dois semestres iniciais eram feitos no Campus do Pici e consistia em estudar cálculo, química, física, biologia (chamado Básico I), seguido por estatística, química orgânica, sociologia e psicologia (Básico II), além de educação física nos dois semestres. Nós estranhávamos essas disciplinas e foi até motivo de discussão numa das aulas de sociologia com a Profa. Maria Luíza Fontenele. Queríamos começar com temas mais diretamente relacionadas com o curso médico, como anatomia, fisiologia etc., que passaríamos a ver somente no segundo ano. Contudo, aquele primeiro ano para mim foi maravilhoso, o Pici era, e ainda é, um campus muito bonito, amplo, vasto, como parecia ser o mundo que se desenhava para mim naquele momento. Para uma jovem de 19 anos, era tudo muito novo, as amizades, os assuntos, as diversões, ídolos, músicas e leitura.

Por isso mesmo, a chegada para o segundo ano, no campus do Porangabussú foi uma grande decepção. Cadê aquela lagoa linda que se via do restaurante universitário do Pici? Que dava uma sensação de amplitude, de uma perspectiva sem cercas! Até tinha a lagoa do Porangabussú ali bem perto, mas nós não a víamos e nem sabíamos que existia. Totalmente diferente, aqueles prédios da medicina eram alguns bem velhos, apertados e feios. Demorou para me acostumar e só me adaptei quando os temas das disciplinas se tornaram o atrativo maior, para contrabalançar a estranheza daquele campus. Aos poucos, fui me adaptando e as mangueiras passaram a ser o local de descontração naquele segundo ano, porque ali podíamos encontrar colegas de anos à frente do nosso e conversar sobre assuntos do curso e também outros não menos importantes. Ainda não tinha sido construído o prédio que hoje abriga a diretoria da faculdade. Ali tinha apenas o estacionamento com chão de terra, depois com calçamento de pedras toscas e as belas e frondosas mangueiras, que foram preservadas, felizmente.

Aos poucos o apego ao campus foi crescendo, estimulado pelo respeito e admiração aos professores e o compromisso com a minha formação médica. Melhorias aconteceram lentamente ao longo dos anos, reformas e novas construções eram feitas e que paulatinamente proporcionaram um acolhimento maior, não só ao aluno, mas aos pacientes que procuravam assistência médica.



Difícil esquecer as disciplinas de anatomia e fisiologia, ministradas no terceiro e quarto semestres, respectivamente. A primeira, por nos colocar em contato com o corpo humano inerte. O local era pouco ventilado e aquele cheiro de formol entrava nas narinas queimando e irritando os olhos, mas a curiosidade era muito maior que essas reações. Marcante mesmo na anatomia foram as aulas e elegância didática do Prof. Vicente Lemos e as gincanas realizadas como avaliação para nota. Ficava toda a turma presa no anfiteatro e saía em grupos para identificar os nervos, músculos vasos expostos para testar nossos conhecimentos. Ao final, íamos comer alguma coisa numa padaria em frente ao prédio, na Rua Prof. Costa Mendes, outras opções para alimentação eram praticamente inexistentes na época. As gincanas de anatomia causavam muita ansiedade, mas nada, nada se comparava às aulas de fisiologia com o Dr. Jorge Romcy. Nelas, o aluno tinha que estudar previamente o tema e era sorteado para apresentá-lo na aula; aquilo nos revirava o estômago e muitos de minha turma foram reprovados nessa disciplina, o que causou um transtorno enorme para a matrícula da turma um semestre antes da nossa.

A disciplina de patologia, ministrada no terceiro ano, foi para mim um marco na faculdade, como disse um colega, a gente começou a sentir um “cheirinho de medicina”. Os professores daquele departamento no qual a patologia se inseria: Prof. Dalgimar Beserra de Menezes, Prof. Livino Pinheiro Junior, Prof. Valdeci de Almeida, Prof. Eilson Góes, para citar alguns, inauguraram uma forma diferente de relação com o aluno, que nos deixava mais próximos, confiantes e empolgados com o curso, abrindo portas e facilitando o acesso e ajuda, caso precisasse. Nesse mesmo semestre e nesse mesmo prédio, tivemos a disciplina de Bioagentes Patogênicos com o Prof. Washington Barata e a doce Profa. Zilmar Fontenele com sua maravilhosa aula sobre Leishmaniose, que já despertou em mim um interesse por esses tipos de doenças.

Foi no entanto, nas disciplinas de semiologia, chamada Iniciação ao Exame Clínico (sexto semestre) que tivemos, de fato, o primeiro contato com os pacientes através do exame físico e da coleta das histórias clínicas. O formato da disciplina de semiologia era muito bom, a turma era dividida em grupos menores e ministrada por um único professor, por todo o semestre. Nosso grupo teve as aulas dadas pelo grande Prof. Elias Boutala Salomão, responsável por nos ensinar a ferramenta mais importante e que usaríamos por toda a vida profissional médica: o exa-

me físico. A maioria das aulas ocorreu nas enfermarias do Hospital das Clínicas e, com o Dr. Elias, aprendi a mais importante lição: o respeito ao paciente e sua dor.

O hospital escola, conhecido nos anos 1970 como Hospital das Clínicas, passou nos anos 1980, a ser chamado de Hospital Universitário Walter Cantídio e foi, durante todo o curso, a nossa grande sala de prática. Era um curso muito voltado para o doente internado, não se falava em atenção básica nessa época, não havia estágio ou aulas em postos de saúde e os ambulatórios dos serviços dentro do hospital giravam em torno de doenças mais complexas, tudo abordado de forma segmentada. Contudo, o perfil social dos pacientes atendido naqueles anos era bem diferente do que vemos hoje nos ambulatórios e enfermarias do hospital universitário, os doentes eram muito mais carentes, muito mais pobres.

O bloco da cirurgia ficava em um prédio separado do hospital. É onde hoje funciona o prédio dos ambulatórios. Lá iniciou a emergência (fechada no início dos anos 1990) e acolhia as enfermarias chefiadas pelos grandes cirurgiões, nossos professores. A cirurgia no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 era uma grande clínica, os pacientes eram internados para investigação e não somente para procedimento como se tornou ao longo dos anos, os cirurgiões desse tempo eram também grandes clínicos e tinham um diferencial a mais: a intervenção cirúrgica. As clínicas cirúrgicas eram divididas em letras e tinham um professor responsável, lembro demais do Dr. Cleson Menezes Aquino que chefiava a clínica cirúrgica A. Ele discutia os casos e, através de suas perguntas, levava-nos a fazer as hipóteses diagnósticas para os casos

Nos anos 1980, o Hospital das Clínicas era financiado pelo Ministério da Educação e também pelo atendimento ao Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência (INAMPS), criado nos anos 1970 para prestar atendimento médico aos que contribuía com a previdência social e era administrado pela Sociedade de Assistência à Maternidade Escola Assis Chateaubriand (SAMEAC). Além dos conveniados, o Hospital das Clínicas também atendia pacientes pelo Funrural (fundo rural voltado para contribuição social) e aqueles sem nenhuma assistência formal, indigentes como eram chamados. As dificuldades com o financiamento da saúde eram grandes nesse período, e o hospital funcionava com grande carência, realidade que seguiu como uma sombra o hospital; mesmo com os avanços tecnológicos da saúde que ocorreram

ao longo dos anos, o hospital sofria financeiramente. Guardávamos, como relíquias, as amostras grátis de medicamentos, pela dificuldade de acesso a estes pela grande maioria da população que se entregava aos nossos cuidados.

Era comum naqueles anos, os estudantes procurarem outras salas de prática e o acompanhar a rotina de médicos experientes (alguns alunos já sabiam o que queriam ser depois de formados), quando se recebia o nome de “pica-fumo”. Assim, estudantes atendiam pacientes na Santa Casa, no Instituto Dr. José Frota (chamávamos ainda de Assistência Municipal, ou só Assistência), Casa de Saúde São Raimundo, a enfermaria do Dr. Célio Girão no Hospital dos Acidentados e tantos outros.

Não tive experiência com a pesquisa durante o curso médico, só conhecíamos a farmacologia como centro para essa atividade, por isso aproximei-me mais das monitorias e fui gostando cada vez mais da docência e passou a me atrair a ideia de ser professora e seguir a carreira docente.

A tão esperada disciplina de clínica era ofertada no quarto ano do curso. O formato da disciplina de clínica era semelhante ao de semiologia e, por um semestre, tivemos a querida Profa. Emirene Lima Verde como nossa mestra e com proximidade para conversarmos sobre os temas médicos dados nas aulas, como também algumas vezes sobre a vida em geral.

No final dos anos 1970, no governo do Presidente Figueiredo, já era possível a organização dos estudantes e, aos poucos, passamos a ter a visita nas salas de aula, dos alunos mais destemidos e que estavam reorganizando o Centro Acadêmico (CA) XII de Maio. Lembro do colega Jorge Montenegro, que liderou essa reestruturação do movimento estudantil no Curso de Medicina. O CA, mais tarde, liderou uma greve dos estudantes em defesa do hospital universitário em 1982. Reclamávamos muito da falta de condições estruturais para manutenção do hospital, e também pela pouca participação docente no hospital e, desse movimento, saiu a criação do corpo clínico do hospital, mas que não chegou a ser incluído no organograma da Instituição e foi esquecido.

No início dos anos 1980 era impossível não perceber as mudanças que estavam por vir. Nas pichações dos muros em frente à Reitoria já se lia: “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”. Era a volta dos exiliados, do

irmão do Henfil, dos políticos como Brizola, as músicas citavam esse clima e muito de nós já tinha amadurecido e não mais ignorava a situação do país, com seus problemas estruturais, a desigualdade social, a presença da corrupção e da inflação na vida do brasileiro.

A disciplina de doenças infecciosas era ofertada no quinto ano, antes de entrar no internato. Eu me apaixonei por essas doenças, havia uma causalidade externa, visível (ao microscópio em muitas) e que podia algumas vezes ser prevenida com medidas factíveis, como a melhoria da qualidade de vida, através do acesso a água tratada corrente, coleta de lixo e esgoto. Espaços de aprendizado como o Hospital São José foram somados àqueles já conhecidos. Havia o estágio remunerado, nesse hospital de doenças infecciosas, após aprovação em concurso e ele tinha um grande diferencial, pois contávamos com a orientação de médicos experientes no local. Conheci o sarampo, a difteria, o tétano, grassavam ainda as meningites, dentre estas, a tuberculosa. Febre tifoide era sempre colocada no diagnóstico diferencial das doenças febris por ser ainda de ocorrência comum.

O entrelaçamento secular das doenças infecciosas com a história da humanidade me fascinava e, no ano em que estava no internato, 1982, começamos a ouvir falar naquela que seria a doença emergente mais impactante do século XX: a Aids. Essa patologia abalou os paradigmas que regiam a sociedade conservadora da época. O comportamento da vida urbana moderna, principalmente nos grandes centros, que permitia em muito o anonimato, revelou práticas que a sociedade preconceituosa condenava. Foi um grande desafio para todos, principalmente para a ciência, que respondeu prontamente com o diagnóstico e possibilidade de controle, tratamento e prevenção da doença nas décadas seguintes. A vida de quem foi jovem nos anos 1980 foi de alguma maneira tocada por essa doença, que dirá de quem decidiu ser infectologista durante os tempos difíceis dessa pandemia.

A chegada ao internato era muito comemorada. Naquele ano não teríamos prova, que alívio, após cinco anos de muita cobrança. Optei por fazer o internato no Hospital Universitário e este se iniciou no segundo semestre de 1982. Estávamos saindo de cinco anos de seca que assolou o Estado do Ceará. Era comum notícias de saques pelos flagelados e de morte de crianças e adultos por desnutrição e fome. O Nordeste era visto como um peso para o país, improdutivo e discriminado pelos cen-



tros mais ao sul, que tinham maior abundância de alimentos, mas também com desigualdade na sua distribuição. O fenômeno da seca não era abordado politicamente de forma correta, que permitisse a convivência com ele e que indicasse como enfrentá-lo; os investimentos feitos, até então, não resolviam nem amenizavam suas consequências.

Foi no internato (em abril de 1983) que tive uma das maiores experiências de vida e que mudou para sempre o meu modo de enxergar o Brasil. O estágio rural, Crutac, que podia ser feito através do Projeto Rondon, levou-me à cidade de Xapuri no Acre. Fomos transportados para lá num pequeno avião da Força Aérea Brasileira (FAB), a aventura já começava aí. Do alto já se tinha noção da imensidão daquela floresta, cortada lindamente pelos rios. Saímos de Rio Branco num ônibus em direção àquela cidade por uma estrada de barro. Precisamos descer e empurrar o ônibus mais de uma vez, porque este atolava no barro amolecido pelas constantes chuvas. Éramos um grupo de quase dez pessoas que ficou num alojamento muito bom. A coordenação do grupo foi feita por professores do Centro de Ciências da Saúde (Prof. Ronaldo Ribeiro e depois Profa. Vera Almeida). A cidade era muito pequena e tudo muito diferente, o clima úmido e quente, a vegetação generosa, as habitações elevadas do chão e a utilização de barcos como meio de transporte corriqueiro. Conheci o ativista Chico Mendes, conversamos demoradamente sobre sua vida, contou-me como havia se tornado líder sindical e sua luta em defesa dos seringueiros. Diferentemente de quando entrei na faculdade, naqueles últimos anos, já me interessava por política e havia recebido de amigos, também de esquerda, ainda de forma clandestina (o Brasil ainda estava no regime militar), que deveria procurar por ele e me apresentar. Voltei com a intenção de escolher uma atividade dentro da medicina que me levasse a trabalhar com população mais carente e tentar ajudá-la de alguma forma.

Tive dois grandes professores durante o estágio de clínica médica no internato: o Dr. Martinho Rodrigues e o Dr. Paulo Marcelo Martins Rodrigues; as discussões na beira do leito eram muito concorridas, cansativas, mas de muito aprendizado. Eu estava me envolvendo na política nacional de retorno à democracia. Dr. Paulo Marcelo uma vez nos acompanhou no estacionamento para pintar com tinta removível o logo de “Diretas Já” no vidro traseiro dos carros, fazia isso enquanto era repreendido pelo Dr. Murilo Martins que saía no seu carro, nosso grande professor e chefe da Hematologia. Não posso deixar de citar a

Dra. Helena Pitombeira, a imagem que tenho dela desse tempo: grávida, linda, sustentando aquela barriga, mas fui ter contato com ela somente mais tarde, durante a residência médica.

Formei-me no meio do ano de 1983. Fui monitora de patologia e depois de anatomofisiopatologia, ou seja, estive no Departamento de Patologia e Medicina Legal quase 2/3 do curso e fui muito estimulada a seguir nessa carreira, mas a clínica me atraía muito e optei por ela quando fui me inscrever na prova de residência médica. E essa foi outra grande alegria, ter passado na residência médica de clínica do Hospital Universitário (1984 a 1986). Queria muito ficar na universidade, aquele espaço já era minha casa, passava mais tempo ali do que com minha família. Ainda hoje, sou tomada por certa nostalgia quando subo as escadas do térreo do anexo cirúrgico do hospital (construção essa iniciada para abrigar toda a cirurgia no início dos anos 1980), por lembrar de quando jovem subia rapidinho, muitas vezes ao dia, aqueles degraus durante a residência. Outra forte emoção que tive, foi quando pela primeira vez discuti um paciente no hospital, desta vez como professora, anos depois.

Hoje é diferente, felizmente, mas no internato e na residência médica daqueles anos, não se tinha plantonista médico nas enfermarias. Ficavam o interno e o residente, muitas vezes o R1, que há poucos meses era interno, responsável por todos os pacientes internados no hospital. Nosso medo era maior quando nos chamavam na dermatologia, eram doentes muito graves geralmente. Contávamos somente com a ajuda dos médicos da UTI, que eram muito bons e nos ajudavam bastante com os doentes complicados, muitas vezes porque tinham perfil de UTI, mas não tinha vaga para transferência. A turma de R1 que entrou depois da nossa (1985), decidiu dar plantões em dupla para dividir a responsabilidade, prática essa que foi seguida pelas turmas posteriores.

Um professor que me marcou muito na residência médica foi o Dr. Pessoa (Prof. João Barbosa Pires de Paula Pessoa) que chefiava o Serviço de Gastroenterologia. Ele aliava competência com simpatia e descontração, característica de quem trabalhava com o que gostava e era realizado na profissão. Dr. Pessoa tinha um ambulatório que atendia pacientes com diabetes no Posto de Saúde Anastácio Magalhães, a alguns quarteirões do Hospital. Eu me arrependo demais por não ter ido mais vezes com ele, fui escutar colegas que não gostavam daquela atividade, diziam



que fugia do sentido da residência, imaginem só a ideia que se tinha na época sobre a residência de clínica.

Como já engatinhávamos na democracia fizemos, em 1984, um movimento de paralisação em defesa do hospital pelas constantes faltas de medicamentos e insumos essenciais. Conseguimos, com esse movimento, chamar a atenção da sociedade e da mídia e, assim, conseguir trazer socorro para aquelas dificuldades imediatas. Nesse movimento, fizemos da carroceria de um caminhão um palanque, onde os representantes da comunidade no entorno do hospital se revezaram com pacientes, alunos e residentes nos discursos a favor de melhores condições de ensino e atendimento à população no hospital.

Como tinha interesse em seguir a carreira docente, ao final da residência, fui fazer mestrado em São Paulo, em Doenças Infecciosas. Voltei em 1987 para prestar concurso para docente da disciplina de Doenças Infecciosas; consegui passar e voltei no final dos anos 1980 para, finalmente, exercer aquela que tinha sido minha escolha quando ainda nem tinha me formado médica. Exerci as atividades de professora, pesquisadora, médica assistente até o final de 2018, quando me aposentei, porque meus pais que tinham viabilizado esse meu projeto, já estavam muito velhinhos e precisavam de mais atenção agora.



Confraternização de grupo de estudantes com o Prof. Célio Brasil Girão (sentado), em 1980. Sentadas, na primeira e segunda posição da esquerda para a direita, duas atuais docentes da Faculdade de Medicina: Profas. Lúcia Libanez Bessa Campelo Braga e Zenilda Vieira Bruno.

FORMANDO DE 1990

*Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho**

Decidi ser médico por um acaso, talvez pela força do exemplo e da admiração que trazia pelo meu pai e pelo meu avô materno, ambos médicos e professores da Universidade Federal do Ceará. Estava decidido a fazer minha inscrição para o vestibular de Engenharia Civil, pois cria que era o caminho adequado para quem se dedicava, prioritariamente, aos estudos de matemática e física. Fiz outra escolha no último instante. Lembro-me que hesitei em contar a novidade à minha família. Fi-lo após alguns dias, acho que gostaram, meu pai e minha mãe.

Quando recebi o convite para escrever sobre a minha experiência, percebi que seria interessante descrever um pouco da história de quem ingressou na Faculdade de Medicina em janeiro de 1984, dos fatos e vivências de uma época de transição, afinal era o penúltimo ano do Governo Militar de João Batista Figueiredo, e também, da forma como senti e vivi essa complexa transformação de vida.

Ingressamos no Curso Básico, nas disciplinas de Cálculo, Física, Biologia e Química, que eram consideradas uma perda de tempo. Mas, foi justamente nessa contradição, que encontramos professores capazes de superar essas dificuldades. Os Professores Airton Xavier e Rouqueirol nos apresentaram um mundo diferente. No caso do Professor Rouqueirol, conheci além das bases da Química Orgânica. É que, na mesma época do início das aulas, acontecia o Festival Hitchcock de Cinema. Eu, e creio que também o professor, éramos amantes de cinema. Não perdi um só dia do festival. Até aí tudo normal. O problema é que as aulas eram no mesmo horário do festival. Para nossa sorte ou azar, a Universidade entrou em greve. Assim, perdi um semestre, mas ganhei a oportunidade de entender que um bom professor e médico gosta de cinema, de cultura e de arte.

O curso era semestral, com disciplinas que completavam 40 horas semanais, herança da reforma do ensino superior de 1968, quando foram criados o sistema de departamentos e instituída a escolha dos Reitores pelo Presidente da República, juntamente com a autonomia Administrativa.

* Professor Associado de Cardiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Os semestres iniciais foram dedicados ao estudo das áreas básicas. Vivemos uma faculdade intensa, com professores famosos, cada um a sua forma: rígidos, elegantes, exóticos, disciplinados e irreverentes. Compunham um celeiro de exemplos de dedicação e, quase sempre, orgulho e paixão pelo que faziam. Assim foram os professores Vicente Lemos, Aprígio Mendes Filho, Luiz Capelo, Hélio Rola, Livino Pinheiro, Joaquim Eduardo de Alencar, Dalgimar Bezerra de Menezes, Francisco Valdeci de Almeida Ferreira e Vaulice Sales Café.

A ansiedade pelo futuro era cada vez maior. Quanto mais intensas as aulas e mais rígidas as avaliações, mais aguardávamos para frequentar o Hospital das Clínicas (HC). Foi nessa época em que avivaram minhas memórias sobre o antes de ser aluno daquela Faculdade. Lembrei que, ainda criança, andava pelos corredores da faculdade, e assistia com meu pai a aulas na biblioteca e a reuniões do Departamento de Medicina Clínica. Ali, encontrei pela primeira vez os professores Alber Vasconcelos, Célio Brasil Girão e o saudoso Haroldo Juaçaba.

As disciplinas clínicas marcaram um novo início. Como não lembrar do ensino das grandes síndromes, do professor Célio Brasil Girão? Era um homem diferente, de uma doação incomum à medicina e aos pacientes. A aula era longa, em algumas ocasiões durava mais de quatro horas ininterruptas. Lembro-me de uma aula de equilíbrio ácido básico, quando fez uma demonstração da coleta e da análise de uma gasometria arterial. Algo como acontece nos casos editados de procedimentos cirúrgicos nos congressos atuais. Somente mais tarde, conheci parte de suas inúmeras habilidades. Vários anos após o seu falecimento, quando concluí o doutorado na Universidade de São Paulo, orientado pelo professor Eduardo Moacyr Krieger, soube da amizade entre eles. Na década de 1960, o Professor Krieger foi convidado pelo então Reitor Fernando Leite, para substituir os professores em greve no Departamento de Fisiologia da nossa Faculdade. Descreveu-me, detalhadamente, as conversas com o professor Célio, enquanto, diariamente, se dirigiam à Faculdade de Medicina. O professor também me relatou como recuperou os equipamentos e laboratórios da fisiologia, além do primeiro experimento de descerebração da nossa Faculdade.

Nas disciplinas clínicas e cirúrgicas tudo se modificou. Foi nesse momento que comecei a testemunhar a paixão do meu pai pelo ensino e, principalmente, pelas pessoas.



Estudávamos, diariamente, até bem tarde da noite. Os livros já não eram o Guyton da fisiologia, o Ham da histologia, e Simo Cecil e o Harrison da clínica médica. Foi, também, nessa época, que começamos a ter acesso aos artigos científicos do *Medical Clinical of North América* e do *New England Journal of Medicine*. Eram os mais disponíveis, e costumavam chegar à biblioteca alguns meses após a publicação.

A Faculdade era o berço das inovações e o celeiro de talentos para todo o Estado. Todas as normas de comportamento e o conhecimento tinham como referência o Hospital Universitário Walter Cantídio e a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Assim, fui apresentado às especialidades médicas.

No internato, tivemos uma vivência inesquecível. Guardo até hoje os exemplos, a forma de pensar e, principalmente, as oportunidades de crescer como estudante e como gente. Naquele momento, entramos em contato com o sofrimento humano, e aprendemos a respeitar as diferenças, as crenças, e a forma de enfrentar o processo de adoecimento. Iniciamos nosso aprendizado sobre a morte, ou melhor, o morrer.

Junto a essas experiências, trouxemos as decepções com os resultados negativos, passamos a lidar com a culpa dos nossos fracassos. Como exemplo, cito o caso de uma paciente lúpica, muito jovem, que desenvolveu uma trombose arterial e teve as duas pernas amputadas. Culpei-me por muito tempo pelo destino da paciente. Acalmou-me o espírito reencontrá-la na porta do Hospital após onze anos, quando retornei para Fortaleza.

Fiz duas residências de Clínica Médica, a primeira no nosso Walter Cantídio. O hospital era quase igual ao atual, exceto pela vigente ausência do Setor de Emergência e pelo prédio da cirurgia. A cirurgia ficava onde hoje estão os novos ambulatórios, nas chamadas “Ilhas”. Cumprimos estágios em todas as especialidades. Apaixonei-me por cada uma delas, em especial, pela Reumatologia e pela Neurologia. Os recursos eram poucos, mas as dificuldades eram suplantadas pela vontade e capacidade de doação. A convivência com os professores Otoni Cardoso do Vale, Marta Medeiros, Fátima Landim, Antônio Borges Campos e Clara Bastos, mudou minha forma de entender a arte médica. Tive a felicidade de tê-los como mestres e amigos. Aprendi a cuidar!



Ao retornar de São Paulo, onde permaneci por onze anos, para concluir as residências de Clínica Médica e Cardiologia, além do Doutorado em Cardiologia, retornei para a Faculdade de Medicina da nossa Universidade. Dessa vez, como professor substituto, por 4 (quatro) anos, e posteriormente, como adjunto das disciplinas de Clínica Médica e Cardiologia.

Quanto mais longo fica o tempo, mais ricas ficam as memórias. Memórias de quando aprendi a observar, em cada detalhe, a forma simples e decidida dos nossos mestres e exemplos que fizeram e fazem o nosso HC, em especial o meu pai, pela sua irreverência ao lidar com a arte, ou mesmo o tocar de afetividade. Percebia, nele, um olhar de ternura que trazia de suas concepções de vida e de suas vivências quando ainda muito jovem, mas também de suas dúvidas e angústias com o futuro. Transparecia-me algo intocável, era sua obstinação pela humanidade.

Como num instante se passou..., já se foram 33 anos de exercício de algo que a meu ver não é trabalho, pois não se traduz em produto algum, nem em resultado. É sim, um ato continuado de perda e busca da própria identidade, tanto minha como daqueles com quem pactuo a cerimônia das visitas.

Vestem-se em arte, em suor e extenso sofrimento.

São essencialmente ações espontâneas quando versam de atitudes, de articulações de palavras e ações.





Equipe de enfermagem, em 1960, em frente ao setor de Clínica Cirúrgica, local onde se encontram atualmente as chamadas Ilhas dos Ambulatórios

Fonte: Memorial da UFC.

FORMANDO DE 1991

*Francisco Edson de Lucena Feitosa**

Na década de 1980, como aluno do Colégio Cearense Sagrado Coração, recém-chegado na capital oriundo da pequena Brejo Santo, me encantava com as primorosas aulas de um professor de Biologia, o Prof. Vicente Lemos. Sua caligrafia perfeita (sim, as aulas eram em quadro-negro com giz) e a singeleza de seus desenhos, faziam parecer fácil a matéria pela qual nutria grande interesse. Com o passar do tempo, descobri que ele também era docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (Famed-UFC). Estava selada ali minha escolha pelo que gostaria de fazer: Medicina.

Após a entrada no curso, me reencontro com o saudoso professor, sempre sério, agora já como Coordenador do Curso da Famed-UFC e, em uma das oportunidades, relatei minha admiração por ele e pela forma didática com que transmitia seus conhecimentos desde à época do Colégio Cearense, no que ele, de forma ativa, respondeu: “[...] se prepare para estudar a vida inteira”. Somente depois é que descobri que ele estava coberto de razão.

Passagens marcantes ainda estão bem vivas na minha memória. Analisando o passado, só agora consigo enxergar como alguns professores marcam cada semestre. Dão a tônica do aprendizado, norteiam nossas escolhas, atiçam nossa curiosidade, impulsionam nossos sonhos, definem o que queremos e poderemos ser.

Credito ao 4º. Semestre e a todo o período do internato, os momentos mais marcantes de acúmulo de conhecimentos de toda a longa jornada da graduação.

Até hoje a magnífica aula de choque, da disciplina de anatomofisiopatologia, do Prof. Livino Virgínio Pinheiro Junior, ainda embasa meus estudos e meus ensinamentos. Foi tão marcante, tão empolgante e tão transformadora que norteou a opção da nossa turma de qual professor gostaríamos que fosse o escolhido para ministrar nossa Aula da Saudade nas solenidades de término do curso. E lá, também, ele foi espetacular.

* Professor Associado de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



Foi nesse mesmo semestre que tivemos contato com o Prof. Dalgimar Beserra de Menezes, tanto nas disciplinas do semestre, mas principalmente na sessão clínica das sextas-feiras à tarde. Começávamos a ver a importância da integração clínica, dos aspectos semiológicos, da interpretação dos achados laboratoriais, o desenrolar do prognóstico e, por fim, o desfecho clínico. Tudo parecia mágico, entrelaçado, fluido, mas, ao mesmo tempo desafiador. Por muitas vezes, casos semelhantes tinham desfechos completamente diferentes, diversos, de certo ponto, às vezes, traiçoeiros. Muitas das respostas não eram cartesianas e nem poderiam ser. Ali começávamos a entender sobre individualização dos casos, da necessidade da atualização constante e perene, do ser como parte de uma engrenagem social, de como o meio ambiente poderia interferir de alguma forma com o processo saúde-doença.

E como a sessão era sexta à tarde e se estendia até a “boca da noite”, a turma aproveitava depois para um *happy hour* da qual “algumas vezes” o prof. Dalgimar participava. E ali nascia uma admiração enorme por aquele professor “miúdo” em altura, mas gigante em conhecimento. Poliglota, cientista, mas, principalmente professor. Um dos seus principais méritos era a disponibilidade de tempo inteiro para os estudantes e compromisso com a atividade de ensino até as últimas consequências. Mas também um ser político, nos presenteando com conversas sobre justiça social, direitos humanos, defesa da diversidade humana, e, principalmente, da necessidade de construção de um Estado de bem-estar social.

Com o avançar dos semestres éramos brindados pelas disciplinas clínicas, a participação em estágios e o surgimento em profusão de plantões para acompanhar algum professor ou tentar suprir alguma deficiência nos conhecimentos em que tínhamos mais interesses. Essas jornadas, juntamente com as obrigações da própria faculdade, consumiam 60-70h semanais. O tempo que sobrava era preenchido pelo futebol, fosse representando a turma ou a própria faculdade, e as pequenas festas no pátio das mangueiras, ao lado do Departamento de Patologia. Era cansativo, mas a maioria dos colegas tirava de letra.

A chegada ao internato trazia um misto de incertezas do contato contínuo com o processo assistencial e o desejo de aprender a ser “médico”. Passaríamos a ser responsáveis por dar seguimento ao caso de cada paciente, juntamente com os residentes e o corpo clínico da instituição. Colheríamos a história clínica, realizaríamos o exame físico, solicita-

ríamos os exames laboratoriais (e iríamos pegar, literalmente, os resultados), prescreveríamos, apresentaríamos os casos nas visitas clínicas e sessões de casos. Seríamos quase médicos, só não teríamos “carimbo”.

Com o internato, moldaríamos a escolha da especialidade, escolheríamos o que passaríamos a fazer para o resto da vida. Era naquele lapso de tempo que definíamos, também, o que não faríamos de forma alguma.

A cada rodízio, um novo aprendizado. Novos conhecimentos eram acumulados, aprendíamos realmente a fazer e, na enorme maioria das vezes, queríamos fazer. Tudo isso ganharia, depois, nomes e abreviatura: conhecimento, habilidade e atitude (CHA), quando eu já era docente da Famed-UFC.

No internato, a escolha da especialidade cristalizou-se. Fazer residência médica não era opção, víamos como obrigatório. A opção pela ginecologia e obstetrícia surgiu pela possibilidade de, em uma mesma especialidade, ter os mais diversos campos de atuação. Praticar promoção de saúde, atuar tanto na baixa quanta na alta complexidade, realizar diversos métodos diagnósticos, envolver-se em todas as fases da vida: do nascimento à senescência e participar de atividades cirúrgicas, me seduziram.

Fiz minha especialização na Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará (MEAC-UFC). De lá nunca mais saí. Logo ao término da residência, fui aprovado no concurso para médico da própria MEAC-UFC, fiz mestrado, doutorado e me tornei Professor do Departamento de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da UFC. Bom, mais aí já seria uma outra longa história.



Prof. Galba
Araújo, diretor
da MEAC-
Maternidade
Escola Assis
Chateaubriand,
em apresentação
na II Jornada
Cearense de
Administração
Hospitalar, em
1975

Fonte: Acervo
do Hospital
Universitário
Walter Cantídio.



FORMANDO DE 2002

*João Odilo Gonçalves Pinto**

Início meu testemunho sobre nosso tempo na Faculdade de Medicina aludindo a defesa do mesmo como dos mais importantes para a história desta instituição. Período que foi marco de grandes transformações tanto para a formação médica em nosso estado, quanto para a história do nosso país e do mundo.

Ao mesmo tempo em que adentramos na memória afetiva e na celebração encomendadas pelo momento, é necessário contextualizar os acontecimentos durante aquele conjunto de anos, enumerando as razões de sua relevância.

Sem dúvida, o maior episódio daquela época, que mudaria para sempre a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), com impactos sobre toda a medicina cearense, foi a perda do seu posto de única instituição formadora de médicos até então. Foram justamente aqueles os anos que registraram a abertura dos primeiros novos cursos de medicina do estado do Ceará, tanto por instituições públicas quanto privadas. A Faculdade de Medicina de Juazeiro Estácio em 2000, a nova federal da UFC em Sobral e a Federal do Cariri (UFCA) em Barbalha, ambas em 2001, a Universidade Estadual do Ceará (UECE) no campus do Itaperi em 2002, seguida de Unifor e Unichristus em 2006.

Tenho recordação em especial de um evento realizado pelo Centro Acadêmico XII de Maio com a participação do Prof. José Murilo de Carvalho Martins, em que este último defendia a expansão de novos cursos de medicina como justificado pelo aumento da população, da demanda no vestibular e da necessidade de interiorização. Os estudantes, por sua vez, mesmo reconhecendo tais necessidades, sentiam grande preocupação com a nova empreitada. A queixa era de que nosso hospital era sucateado e de que havia tantas carências no curso de medicina da UFC, em Fortaleza, que ficava difícil aceitar uma expansão naqueles moldes, ainda mais sabendo que os novos cursos seriam abertos sem mesmo possuírem hospitais universitários próprios que lhes dessem apoio.

* Cirurgião do Serviço de Cirurgia Digestiva do Hospital Universitário Walter Cantídio da Universidade Federal do Ceará.



Enquanto o que assombrava o universo da medicina era a crescente especialização, frequentemente chamada de superespecialização, com a consequente desvalorização da atividade clínica e generalista, a Faculdade de Medicina seguia aperfeiçoando seu currículo. Várias disciplinas, como cálculo, já haviam sido suprimidas, porém, ainda tivemos aulas no campus do Pici incluindo bioquímica, com estudo detalhado da fotossíntese, por exemplo. Sob a liderança da Profa. Maria Neile de Araújo Torres, metodologias ativas como o PBL (*Problem Based Learning*) foram implantadas, seguidas da criação de módulos, unindo o ciclo básico e o clínico, os quais aos poucos foram modernizando o ensino médico ao mesmo tempo em que requalificavam o papel das aulas expositivas tradicionais. Grandes conferências, como nossa aula inaugural proferida pelo Prof. Mario Rigatto do Rio Grande do Sul, falando sobre viver até os 120 anos e sobre as “maravilhosas endorfinas” que circulavam na corrente sanguínea, restam eternizadas em nossas memórias, assim como a do nosso eterno coordenador e amigo, que o apresentou naquele dia, o Prof. Elias Geovanni Boutala Salomão.

O mundo, por sua vez, resolveu que não aliviaria seu peso sobre aquela geração, muito pelo contrário. O avanço tecnológico daquela década mostrou de maneira definitiva o que significava crescimento exponencial. Dessa forma, foi que ouvimos o resultado do vestibular em primeira mão na Rádio Universitária, logo após ser fixado nas paredes da biblioteca no Pici para, no dia seguinte, podermos conferi-lo nas páginas impressas dos jornais. Realidade bem diferente de quando, ao colarmos grau, em que já podíamos solicitar nosso diploma por e-mail e acessar o site da universidade.

Entramos copiando as informações das aulas a mão em cadernos de rascunho, tirando livros de empréstimo na biblioteca e acessando bases de dados como a Bireme e o *Medline* somente nos terminais da mesma. Na transição entre o fim das máquinas de escrever, mas antes da popularização dos computadores, a solução era pagarmos pela digitação e impressão dos textos e trabalhos em uma das várias empresas que serviam à comunidade universitária. Passamos do disquete ao *pendrive* para culminar com a nuvem de dados durante esse período. Entramos com os últimos cartões de telefone e os primeiros telefones celulares. Terminamos com os primeiros *smartphones* em mãos e acessando uma infinidade de informações na internet após a fundação da *Google*, em 1999, passando inclusive a poder ter notícias e encontrar velhos amigos

pelo recém-inaugurado *Facebook*, a partir de 2004. Preparávamos nossos seminários em transparências e *slides* ao entrar e deixamos a vida universitária com apresentações no *PowerPoint* para a Aula da Saudade.

Éramos parte dos poucos clientes das sapatarias a comprar sapatos brancos. Vestir-se todo de branco ainda era um grande símbolo, bem como a maleta e o estetoscópio, quando entramos. A variação era a bata branca por cima da roupa, em poucas ocasiões de aulas em laboratório. Em nossas fotos de formatura, fomos apresentados ao jaleco e à gravata, nutrindo o sentimento de estarmos mais próximos aos personagens dos seriados americanos. Aliás, sentir-se como nos filmes em um mundo cada vez mais globalizado foi marcante, haja vista podermos utilizar moedas ao invés apenas de cédulas com a chegada recente do Real ao cotidiano. Passamos a achar o máximo introduzir aquelas moedas em máquinas para retirar uma Coca-Cola. Por outro lado, assistimos com indiferença e melancolia, à quase solene retirada definitiva dos telefones públicos “orelhões” do entorno do campus.

As turmas ainda eram muito coesas. A convivência intensa até a separação no internato fazia que nossas amizades de fato se confundissem com nossas histórias de vida. Mesmo dividida em terços, as turmas seguiam para fazer o internato completo em uma única instituição, com poucos rodízios externos. Assim, nos dividíamos entre o Hospital Universitário Walter Cantídio, o Hospital Geral de Fortaleza e o Hospital Geral Dr. Cesar Cals. Nesses cenários de prática, ainda fomos capazes de viver serviços com praticantes mais antigos, jovens assistentes e residentes que, de maneira consistente, nos davam a segurança de vivenciar a medicina real num mundo ainda não tão líquido, não tão corrido, não tão complexo.

A memória dos personagens daquele tempo ainda remete a figuras icônicas como o Fernandinho, aluno cuja repetência e permanência em diversas turmas era considerada parte do tratamento de sua condição psiquiátrica. Também o querido Domingos, que a “pretexto” de sobreviver vendendo fotocópias aos estudantes em sua salinha contigua ao Centro Acadêmico, parecia ter mesmo seu propósito em nos presentear com sua amizade, boa prosa e generosidade. Havia ainda o Mauro, flanelinha peculiar, que “guardava” o caótico estacionamento dos estudantes, meticulosamente mapeando veículos e proprietários. Com sua batuta certa, apontava quem deveria trancar quem. Normalmente, bastava deixar o carro destravado em ponto morto, que o Mauro empurrava



os carros como Hércules para lá e para cá, fazendo um quebra-cabeças que só ele entendia e que, frequentemente, gerava longas esperas. Ainda arriscava algumas manobras à custa de uns poucos acidentes, quando os mais corajosos confiavam suas chaves a ele. Outro personagem, tão fácil de encontrar tanto dentro quanto fora das salas de aula, foi nosso querido Prof. Dalgimar Beserra de Menezes. Com seu jeito único de se expressar e sua disposição infinita em dar a todos extraordinária atenção, realizava chamadas tão memoráveis quanto sua grande inteligência e capacidade de se recordar de cada aluno seu.

Algumas outras atividades do cotidiano de quem frequentou a Faculdade de Medicina durante aquela década, merecem ser citadas, como nossa relação próxima com o comércio no entorno do campus do Porangabussu. Neles, fazíamos nossas refeições, comprávamos nossos livros, fazíamos nossas fotocópias e nos juntávamos para nos divertirmos ao som de um bom violão ao final de um dia intenso de faculdade, fazendo jus à herança de Belchior. As mangueiras seguiam nosso grande anfiteatro, palco das Calouradas, Aulas da Saudade e todo tipo de festividade.

Assistimos ao grande desenvolvimento do Departamento de Farmacologia e Fisiologia com a abertura, à época, do embrião do núcleo de pesquisa e desenvolvimento de medicamentos, em prédio construído com espaço cedido pelo Centro Acadêmico, a troco de uma reforma. No local, como voluntários pagos de pesquisa clínica, muitos de nós passaram algumas noites tomando medicamentos e colhendo amostras de sangue, enquanto conversávamos até quase o amanhecer. Durante o dia, no laboratório de cirurgia experimental, alguns da minha turma fizeram história ao participarem das experiências preparativas para o primeiro transplante de fígado, que seria realizado em 2002, pelo Prof. José Huygens Parente Garcia.

O direito de greve recuperado após a redemocratização do país foi utilizado à exaustão durante o período. As greves duravam dois, três, até quatro meses nos deixando à beira de perder o semestre. Não seria exagero dizer que passamos a maior parte daqueles anos sem um calendário letivo regular. Por sorte nossa, como o ócio ainda era criativo e as redes sociais incipientes, pudemos até tirar proveito dessas férias prolongadas. Eram bem melhores do que as inúmeras aulas canceladas sem aviso ou com atrasos de várias horas para iniciar, como era comum naquele tempo.

O Centro Acadêmico XII de Maio seguia bastante ativo, abrindo seu curso pré-vestibular para alunos carentes e fomentando discussões sobre as grandes questões envolvendo o ensino médico. Os congressos regionais e nacionais de estudantes de medicina eram renomados e renderam viagens inesquecíveis Brasil afora para muitos estudantes mais desbravadores.

Minha turma, formada em 2002, escolheu como nome o lema: “Justiça social instrumento de Cura”. Tomo aqui nosso exemplo para finalizar com outra tônica que marcou nosso tempo, que foi a forte ascensão da militância e ativismo político e ideológico do período. Éramos muito unidos em nossos sonhos e nossas causas, tínhamos um só pensamento, o único possível caminho para nos levar a redução das desigualdades e, conseqüentemente, a um país de futuro melhor. Éramos encorajados pelos nossos professores e não hesitávamos em apregoar nossos pensamentos dentro das salas de aula ou junto aos pacientes. Geralmente nos saíamos bem, mas, às vezes, tínhamos o mau jeito próprio da juventude, como numa manifestação que fizemos no momento do descerramento da placa e monumento comemorativo aos 50 anos da Faculdade de Medicina. Naquela ocasião, fomos repreendidos pelo Prof. e Senador Lúcio Alcântara, por considerar o evento de grande apelo afetivo, não cabendo aquela manifestação naquele momento.

Foi um período de muita paz, muita transformação e muitas conquistas. Saímos daquela década certos de a deixarmos melhor que a encontramos e decididos a querer sempre mais. A sensação era de estarmos próximos uns dos outros e do mundo, a ponto de ficarmos hoje a contemplar este passado com imensa saudade. Da concórdia, da vida menos corrida, menos líquida e porque não dizer, da ignorância que nos repousava



Solenidade de posse do diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Walter de Moura Cantídio, em 1966. Momento de descontração no jardim da Reitoria. Da esquerda para a direita: Edgardo Saraiva Leão, Luiz Carlos Fontenele, Lúcio Alcântara, não identificado, Paulo Marcelo Martins Rodrigues. Nota-se o hábito de fumar, à época amplamente difundido, mesmo entre os médicos.

Fonte: Memorial da UFC.

FORMANDO DE 2008

*Lia Sanders**

“Eu não caminho para o fim,
eu caminho para as origens”

Manoel de Barros

(TRIMARCO, C.; MARTINS, 2006).

A capacidade ou a possibilidade de curar, por meio da profissão médica, é o que a Faculdade de Medicina nos confere. O Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) me deu essa e inúmeras outras possibilidades. Ainda vivo essa faculdade, agora na condição de docente. A professora de hoje não tem como reconstruir o que experimentou vinte anos atrás. Por isso, recorre a um texto que redigiu por ocasião de um dos aniversários da faculdade; ele revela as minhas derradeiras impressões de estudante prestes a deixar a UFC... ainda que apenas por alguns anos. Vejamos:

Passou pra Medicina, a vida muda. Ora como pano de fundo, ora como atração principal, a faculdade está sempre lá. O jeito é se acostumar com o deslumbramento (ou desdém) que a condição de acadêmico de medicina desperta. Para o resto do mundo você já é doutor e isso implica inconvenientes pedidos de receita, marcação de consulta e até pareceres. Do alto da sua inexistente experiência clínica, você tenta explicar que não pode, que os professores estão tentando te ensinar a não emitir atestados por procuração, que há uma inimaginável fila de pacientes à espera por consultas no hospital... Não adianta! O lance então é se concentrar no grande barato de entender a confusa maquinaria humana. Enquanto o poder de intervir em dores e mudar o rumo de enfermidades te seduzem, conciliar a própria complexidade com a da medicina te enlouquece. Pacientes, assim como você, não são anjos e endurecer significa sim perder algo da ternura... Perigo é perder de vista a paixão! A ficha de que você é um médico em formação pode demorar a cair. No meu caso, demorou horrores! Decidir, assinar e responder por suas decisões, tudo isso com uma dose de teatro e um quê de insegurança... Há quem queira sair correndo! Não adianta, aquela sensação de que você

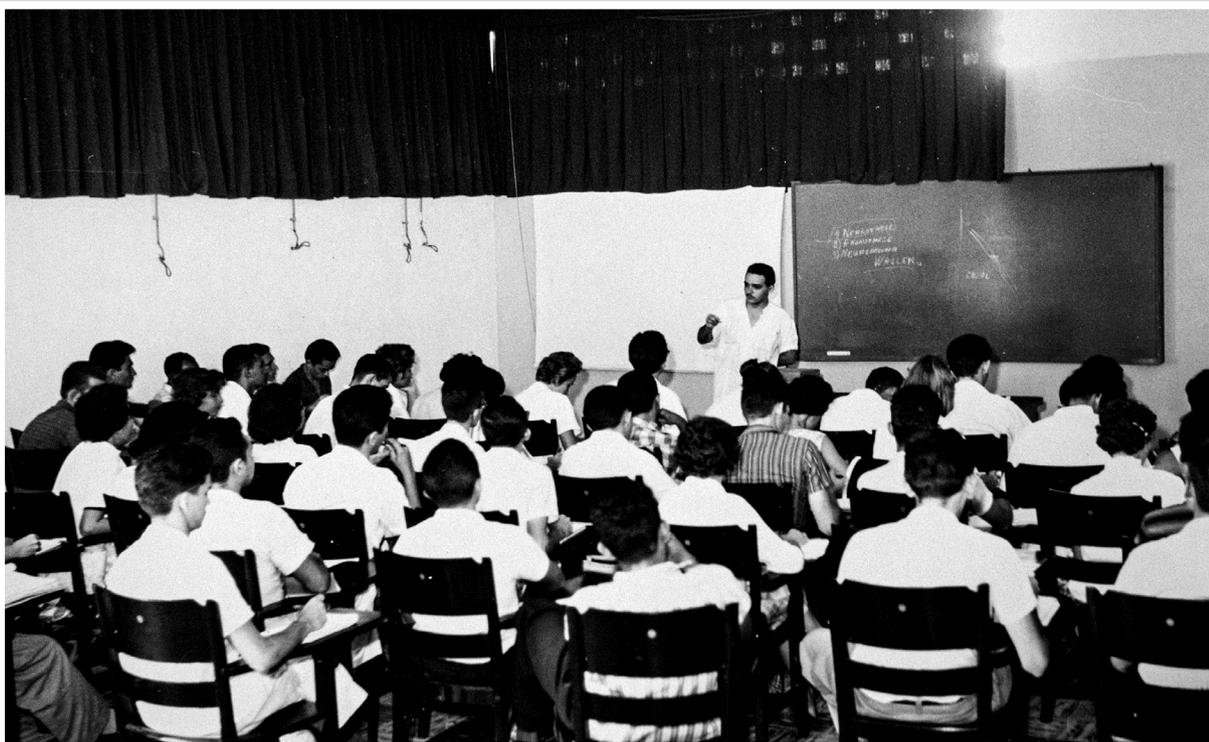
* Professora Adjunta de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



não está dando o máximo de si estará sempre por ali, como uma mosca zombeteira. Ainda mais porque seu colega de turma é simplesmente a reprodução fiel de Hipócrates! Perceber que você não é exatamente assim vai doer. Só que a vida é de ironia tal, que o protótipo do clínico acaba se decidindo por algo tão especializado como, sei lá, retina! Cada qual é dono de suas escolhas, fazer o quê? Possibilidades não lhe faltarão! Procura direito: Todo mundo acha onde se encaixar! O que é afinal a faculdade se não uma vasta degustação de especialidades? Você passará por serviços que abomina e a vida de interno-contínuo muitas vezes vai dar vontade de chorar. Facilidade não há em quase nada nessa vida e, convenhamos, moleza não foi exatamente o que nos reuniu neste curso! Mestres te servirão de modelo e neles se espelhar não significa seguir seus exatos caminhos. Embora no começo parecesse que só mesmo um trabalho de macumba muito forte poderia transformá-lo em médico, não é que que você aprendeu? A boa nova é que é só mesmo o suficiente para nunca parar de estudar. Humildade para confrontar os próprios equívocos ajuda... Infelizmente erros acontecem e a piedade com falhas médicas não costuma ser das maiores. Na formatura, você lançará sobre seus colegas um olhar cúmplice e se espantará com o fato de que o que no começo parecia tão homogêneo revelou seres de interesses e aptidões tão distintas. O traço em comum são os anos de excelentes histórias, as amizades para toda vida e a irremediável verdade de vocês agora pensarem e agirem como médicos.

Quem escreveu as linhas acima não imaginava continuar o texto quinze anos depois como professora da mesma universidade. Na época, eu já passeava pela literatura em um blog chamado “meu cérebro na rede” e enveredava pelo estudo das neurociências. Por mais que a minha visão da medicina, das doenças e da mente humana tenha evoluído, não há reparos ao artigo anterior. Ele revela a minha honesta dificuldade em assumir o papel de médica e a profunda consciência do muito por aprender.

Nossa travessia pela vida desenha uma espiral. Percorremos ciclos que se afastam e retornam às origens. A Faculdade de Medicina é um princípio, um ponto de partida de uma formação que jamais se encerra. Talvez por isso eu tenha retornado à universidade, onde podemos nos debruçar sobre a construção do conhecimento, um processo infinito, inesgotável.



Aula na Faculdade de Medicina sobre neurocirurgia, em 1961, ministrada pelo Prof. Djacir Figueiredo
Fonte: Memorial da UFC.

FORMANDO DE 2023

*Myrella Messias de Albuquerque Martins**

Quando ingressei naquele espaço físico, o que me encantou de imediato foram todos aqueles prédios a serem conhecidos. Era 2017, e, apesar da juventude dos recém-chegados alunos da turma 121, a Faculdade de Medicina já estava – imponente – no bairro Rodolfo Teófilo há muito tempo. Ela me assustou um pouco, pois logo pensei que era boa demais para mim.

Todavia, esse sentimento foi, de forma bastante natural, transmutado, porque na Faculdade de Medicina que eu vivi – descobri – há lugar para cada um. Cedo eu encontrei um dos meus: Liga de Trauma.

Ainda estava no que chamamos carinhosamente de “S0” (este tempo forjado pelo Criador para os estudantes só é possível aos prediletos, isto é, para as turmas que iniciam no meio do ano), mas as ligas acadêmicas já estavam à nossa vista, promovendo cursos e fazendo seleções para novos membros. Foi nesse espírito curioso que participei do Curso de Condutas Básicas em Emergência promovido pela Liga de Trauma, e não aguentou meu coração quando aprendi a realizar Suporte Básico de Vida, imobilização de membros, sutura de feridas, sem nem ter ainda iniciado os módulos da faculdade! “Vou me desenvolver muito aqui”, pensei. E, em abril de 2017, ingressei nesse projeto de extensão, onde permaneci até não ser mais possível com o ingresso no internato.

Essa foi a minha primeira experiência com a Faculdade de Medicina, mas, como ser humano inquieto que sou, devo adiantar, não foi a única marcante. Devo antecipar ao caro leitor que esta instituição me deu tudo, e aqui falo de mim somente, apesar de que certamente muitos colegas diriam o mesmo. A cada semestre, foi crescendo a confiança em mim mesma; a confiança de que eu seria capaz e de que eu estava aproveitando todas aquelas oportunidades pelas quais ansiei; a confiança de que eu estava me melhorando. Aquela menina, que quando abriu as portas da imperiosa Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará se sentiu tão pequena, hoje, embora ainda não só se sinta, mas saiba – é mesmo pequena – entende também que é uma diminuta e indispensável parte dessa magnífica construção dos grandes.

* Formanda pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Algo que me maravilha pensar até hoje é: frequentei o mesmo ambiente que a maioria dos meus professores (e eles são brilhantes!). Pisei o mesmo chão, provavelmente notei as mesmas rachaduras, nas paredes e no sistema, que eles. Desenvolvi-me sob as mesmas adversidades. Aproveitei as mesmas bonanças. Se você pensar bem, é como uma família. Crescemos em meio a costumes e recursos semelhantes, e apesar de não sermos iguais uns aos outros, e haver várias pequenas (ou grandes) diferenças ao longo de cada trajetória e tempo, temos o espírito em comum. Aliás, o sobrenome nos une. Na família, a genética prende a todos. Na Faculdade de Medicina, a epigenética que, já sabemos, ao longo de anos pode até mudar os fenótipos. E foi exatamente o que aconteceu comigo.

Depois dessa digressão, que para mim foi quase uma epifania, como a *lispensoriana* que sou, voltemos a 2017. Em agosto, iniciou-se o primeiro semestre da turma 121. E depois daqueles inúmeros edifícios que compunham a **nossa** faculdade (a esta altura já me sentia parte), o que mais me surpreendeu foi a diversidade das pessoas. A princípio, pensei que, por ser do interior do Estado, a questão era sobre mim, que não era muito de sair ou de conhecer gente nova. Mas, depois, entendi que não, pelo menos não somente. O Curso de Medicina tem um potencial singular de reunir pessoas diferentes umas das outras. Acho que todo tipo de gente se interessa por essa ciência que ensina a pensar e a melhorar pessoas. Esses indivíduos começaram a formar tribos na nossa T121, e aqueles garotos jovens, imaturos, diferentes uns dos outros e cheios de ideias e personalidades, se desentenderam muito, desde o começo. Política, professores preferidos, greve, data de prova... era impossível um consenso, não importava o assunto. Esse é um tema que ainda irei retomar, posto que o desafio persistiu ao longo dos nossos anos juntos. Mas sobrevivemos, concluindo o primeiro semestre e o ano de 2017. Com muitos momentos emblemáticos, passamos pelo módulo do Sistema Locomotor e já ali professores incríveis marcaram a nossa trajetória: Renata, Erivan, Virgínia(s), Socorro, foram alguns nomes que até hoje ficaram impressos em nossos corações de forma irremediável. Forjaram os garotos do início e ensinaram as bases para que pudéssemos aprender Medicina. Serei eternamente grata.

Chegado 2018, agora mais ambientada no meu lugar, conheci um outro aspecto do tripé acadêmico, fundamental para o sucesso que é a nossa instituição: pesquisa. Ingressei em um projeto de iniciação científica na área da Endocrinologia com a professora Virgínia, que conheci no 1º semestre, e com o professor Renan, e lá permaneci – *adivinhem até*

quando? – até as vésperas de ingressar no internato médico. Esse costume de perseverar foi o que me arrancou da cidade de Quixeramobim e me trouxe a esse histórico lugar, por isso fiz questão de levar às últimas consequências todas as oportunidades que encontrei aqui. Foi por ocasião desse projeto de iniciação científica que conheci as ILHAS (Polí-clínicas Especializadas do Complexo HUWC) ainda no Ciclo Básico: acompanhei ambulatorios, aprendi a usar o *RedCap* e auxiliei a equipe multiprofissional (e já no início entendi sua importância) em avaliações dos pacientes. E assim, nessa conversa muito mais que resumida, foi o meu 2018 na Famed-UFC. Preciso poupar palavras, afinal, a história mais comprida ainda está por vir.

O ano de 2019, ousado dizer, foi o mais importante da graduação para mim. O 4º semestre em nossa faculdade é uma verdadeira ruptura, e para mim não poderia ser diferente. Ao acompanhar as inesquecíveis aulas de Conceição Dornellas, eu percebi que precisava estudar mais. Dedicar mais tempo ao aprofundamento teórico, para que minha prática não fosse obra do acaso ou dos instintos. Foi também nesse ano que realizei meu primeiro estágio, na emergência do Instituto Dr. José Frota (IJF), onde percebi que meus sentidos aguçados deveriam ser uma resposta medular, fruto dos conhecimentos adquiridos. Precisava estudar. E estudei. Ao me debruçar sobre a Semiologia e a Anatomofisiopatologia, percebi que as doenças crônicas me encantavam muito mais do que a cinemática dos traumas. E assim, decidi ingressar em outro projeto de extensão: Liga de Medicina Clínica.

Esta minha nova epifania não teria sido possível se não tivesse gastado meu tempo estudando, estudando muito. Sem pressa, aprendendo. Dedicando minhas melhores e mais produtivas horas ao aprendizado. Começou a fazer cada vez mais sentido empregar o meu tempo em mim, estudando. Foi como colocar dinheiro em uma poupança para quando viesse a grande necessidade. Passei a fazer grandes aportes nesta conta dali em diante. Inclusive, neste semestre em que estive mais atenta em mim mesma, prestei mais atenção em uma pessoa. Percebi que a existência dela muito me incentivava a fazer esses investimentos robustos no que era bom. Não demorou muito até que ele se tornasse o meu namorado, com o qual divido ainda hoje os ônus e os bônus de ser da emblemática turma 121. Afinal, a Faculdade de Medicina sempre foi um lugar apaixonante, não é mesmo?

Por toda a descoberta que 2019 trouxe, e por trazer à minha turma o esperado Ciclo Clínico, com os mestres inesquecíveis: Sandra e João Falcão, Rômulo, Miltinho, Miguel, Marcellus, e tantos outros!, 2020 era

um ano muito esperado. Nefrologia, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria e Neonatologia, Infectologia, Hematologia, Reumatologia, ufa!, em verdade, teria para todos os gostos. Seria o apogeu do Ciclo Clínico, até que nos deparamos com a inopinada pandemia causada pelo SARS-CoV-2.

Eu estava no ambulatório de Transplante Renal, sob a tutela da profa. Dra. Tainá Veras. Era dia 17 de março de 2020. Começou um burburinho entre aquelas diminutas salas, mas eu pouco prestava atenção, porque tentava usar toda a minha concentração para entender, mesmo que de forma simplória, sobre as glomerulonefrites. Mas, em um dado momento, vi aquela professora que tanto admirava (havia sido a responsável pelo meu grupo de semiologia, já era um amor antigo) sem a sobriedade que lhe é característica. Estava um tanto atabalhoada, andando por entre os apertados corredores daquele ambulatório, até que parou diante de nós, dizendo que havia sido notificada sobre casos suspeitos de COVID-19 no Ceará. Vale fazer um resgate histórico (embora seja doloroso relembrar): desde fevereiro de 2020, o vírus havia iniciado circulação em nosso País, mas, diante dos festejos carnavalescos, não se sabia a rapidez com que a disseminação iria ocorrer. Pouco ou nada se sabia sobre a infectividade do vírus naquele instante. E esta minha professora, prudente e certa, despachou aquela dúzia de estudantes para casa, distanciando desta ameaça pacientes transplantados, ou seja, imunossuprimidos. Aquela foi a última vez que entrei em dependências hospitalares sem usar máscara.

Depois dessa inesperada folga em uma terça-feira de manhã, estranhamente não nos invadiu a alegria própria do estudante quando tem uma aula cancelada no meio de um semestre cansativo. Pelo contrário. Fomos tomados de tristeza, preocupação, e, naquele dia, mesmo diante de uma turma agitada, como já conversei com vocês, não houve briga. Tempos sombrios viriam. E vieram. Até hoje, foram aproximadamente 700 mil vidas dissipadas no Brasil. Diante disso, os meses perdidos em nossa faculdade pareciam pouco, e de fato são. Cedo aprendemos em nossa graduação que a vida (*em abundância*) é a nossa prioridade.

Fui colocar os pés de novo na amada Faculdade de Medicina já era agosto do ano de 2020, após mais de 5 (cinco) meses reclusa. Uma separação prematura, quando ainda estava no 6º semestre. Eu não estava pronta para me distanciar assim. Ninguém estava. Enquanto não voltávamos, aprendemos a fazer salas de aula virtuais, afinal, se as coisas não saem como o planejado, mude os planos, mas não os objetivos. Apesar de não saber direito como fazer naquele momento delicado, todos ainda



estavam comprometidos em formar médicos. *E assim foi indo*, como se diz popularmente no meu Quixeramobim. As paredes da Faculdade de Medicina foram substituídas pelas paredes dos quartos, salas e escritórios, onde nós ligávamos, sonolentos, os computadores, celulares ou *tablets* para participar das aulas *on-line*. Toda semana uma expectativa diferente de que seria aquela a semana em que voltaríamos ao presencial.

Nessa época, me tornei representante de turma. Encontrei mais um lugar para chamar de meu na minha faculdade. Vivenciei incontáveis reuniões com a Coordenação e a Direção, tentando balizar uma saída para um problema que certamente era maior que todos nós juntos. Passei a admirar muitos professores e funcionários da Faculdade de Medicina, porque, com muita boa vontade, se dispuseram a dar o melhor a cada um de nós, mesmo diante de uma situação impossível.

Foi a partir de um grato arrefecimento dos estragos causados pela pandemia que o nosso almejado retorno começou a ser desenhado, e que aquela turma diversa, repleta de pessoas diferentes, entrou novamente em conflito. Alguns estavam muito temerosos em retomar, afinal, não tínhamos ainda vacina! E quem anda de coletivo? Antes de chegar ao hospital, já cruzou com um punhado de gente potencialmente doente! E quem mora com idosos, imunossuprimidos, hipertensos e diabéticos? Vai levar o vírus para eles e aguardar a visita da morte? Já outros, vendo o atraso em que se pôs o aprendizado, e os meses de total paralisação que vivenciamos, não viam a hora de poder voltar. Com tudo isso, uma só conclusão foi feita: o mundo deixou de ser nossa casa e agora temos que pedir licença para sair.

Devagar, como um namoro antigo que está sendo retomado e ainda não quer ser anunciado, como se fosse às escondidas, apesar de nada haver de errado, fomos retornando. Máscara e proteção facial, e apenas para aulas práticas, voltando às pressas para casa. Foi assim até 2021, quando nossa turma ingressou no internato. Logo no início fomos vacinados, e hoje já tenho 4 (quatro) doses no braço. Naquele começo, fui presenciando os olhares apagados e os rostos acabrunhados, pelas perdas pessoais e acadêmicas, recobrando o brilho e o entusiasmo. Assistia a colegas narrando aventuras nos plantões e rotinas puxadas nas enfermarias, com a satisfação de quem está se deixando construir. Eu me sentia assim também. Era como no início.

Outra breve abstração temporal antes do fim dessa conversa: foi ainda em 2021, diante de tantas limitações para exercer a medicina,

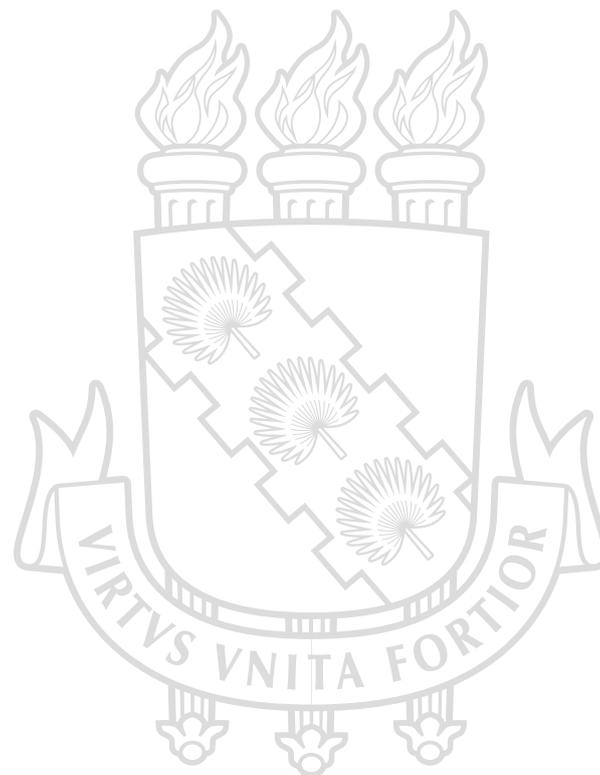
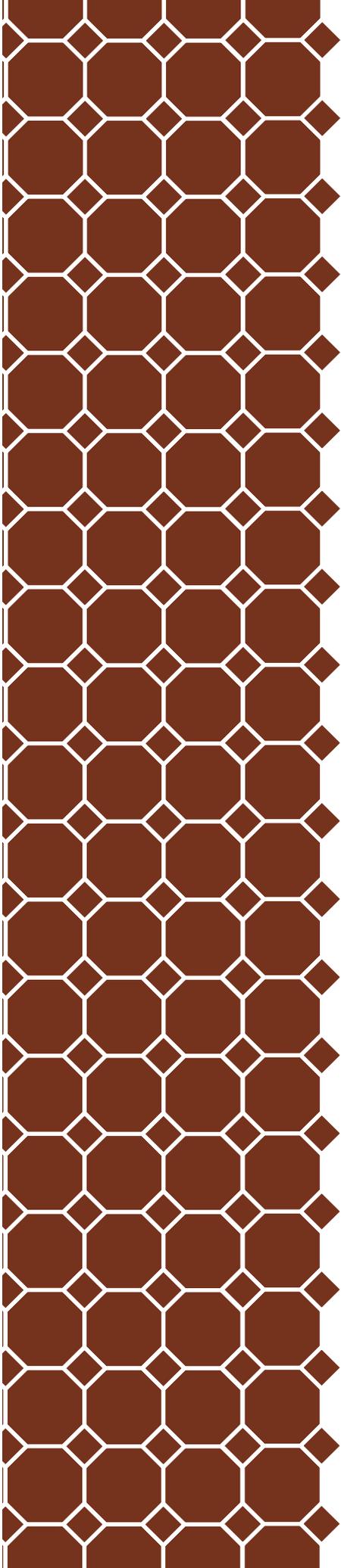


que prestei exame para ser monitora. A verdade é que no Ciclo Básico não me senti atraída a realizar iniciação à docência, por isso esta foi a última atividade do tripé acadêmico na minha história. A disciplina de Infectologia, por mim escolhida, é realmente encantadora. Reúne tudo que há de bom em minha opinião: fisiopatologias complexas, tratamentos inovadores, quadros clínicos floridos, e para quem é aluno desta nobre universidade, culmina com a honra de ser aluno de Guilherme Henn, Mônica Façanha, Jorge Luiz, Roberto da Justa e Lisandra Serra Damasceno. Foi maravilhoso. E quando a gente gosta, pede mais. Foi assim que, no meio do internato, decidi por ingressar na monitoria de Semiologia, com os olhos brilhando de admiração pelos professores e, mais ainda, por todo o conteúdo a ser revisto e ministrado aos colegas, alunos do 4º semestre.

Tendo findado minha última viagem epifânica, vale dizer, ainda, que o nosso internato foi provavelmente uma intervenção divina na polêmica turma 121. Começaram a surgir amizades improváveis, encontros quase que impossíveis de alma. As tribos se misturaram sem pudor, não o suficiente para deixarem de existir, mas o bastante para sorrirmos juntos e celebrarmos as nossas conquistas. Neste ano de 2023, dentro de poucos meses, seremos médicos formados no berço da Medicina Cearense, em um lugar de tradição, honra e história. Centésima Vigésima Primeira Turma da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Em nossa classe, em meio a tantas histórias diferentes, cada um vivenciou esforços peculiares para chegar a tão alto lugar. Alto porque elevado, não superior; porque nobre, não presunçoso; por ter em nossas mãos a oportunidade de muito fazer.

Estar aqui significa muito para mim. Não apenas pelo diploma, mas pela profunda realização que se aquieta em meu interior. Há muitos anos, permiti que se acendesse em mim uma chama. Nunca permiti que ela se apagasse. Ora está invadindo os espaços em seu vigoroso poder de se alastrar, ora está mais para faísca, lutando para permanecer acesa. Ao findar esse caminho, tenho a certeza de que quero transformar essa chama que foi em mim acesa em uma tremenda claridade. Não importa se o ambiente está tranquilo ou agitado, tampouco se o mundo me deu licença para entrar: a Faculdade de Medicina me fez ter em mãos a oportunidade de muito fazer.





O CURSO DE MEDICINA

TRAJETÓRIA E EVOLUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA: 1948 - 2001

*Maria Neile Tores de Araújo**

*Maria Goretti Frota Ribeiro**

*Yacy Mendonça de Almeida**

*Henry de Holanda Campos**

A Faculdade de Medicina foi criada em 1948 por um grupo de médicos que constituiu o Instituto de Ensino Médico que financiou a Faculdade com recursos próprios e angariados do comércio, da indústria e do Governos do Estado. Em 1956 foi federalizada, incorporando-se à Universidade do Ceará, criada em 1954.

Constavam no Regimento da Faculdade, a estrutura curricular com 27 cadeiras anuais distribuídas em seis anos; não havia internato. A preocupação com o ensino sempre esteve presente, como se pode ver em ata, de 1956, da Congregação da Faculdade: “O objetivo do ensino médico básico é preparar o aluno técnica, moral, social e culturalmente para o exercício da profissão e com uma soma de conhecimento que lhe permita ser um prático geral ou escolher qualquer ramo da medicina para iniciar uma formação especializada”. Assim, a primeira Reforma Regimental, em 1957, criou o internato com 12 meses e 39 cadeiras distribuídas em cinco anos.

Em novembro de 1968, foi publicada a Lei da **Reforma Universitária**, com prazo de três anos para implantação, extensiva a todo o País. Na UFC, iniciou-se a implantação em 1972, tendo grande impacto no currículo a criação do ciclo básico, para desespero dos estudantes, o sistema de matrícula semestral e por créditos, que gerou a fragmentação das disciplinas das grandes áreas clínicas em múltiplas optativas com poucas vagas; houve a extinção das Faculdades e surgiu o Centro de Ciências da Saúde (CCS) congregando os Cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia e Enfermagem. O vestibular era feito por áreas do conhecimento e, na área da Saúde, as disciplinas de Cálculo, Física, Sociologia e outras eram comuns a todos os alunos. O preenchimento das vagas de cada curso era definido com base do rendimento obtido no

* Professores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



final do ciclo básico. Durou pouco, felizmente A competição acirrada e a insatisfação dos candidatos inviabilizaram a estratégia. Voltou-se a definir, no vestibular, a entrada no Curso de Medicina, mas permaneceram as disciplinas de Cálculo, Física (com muitas reprovações), Biologia e Química Orgânica no primeiro ano. Outras medidas foram tomadas gradativamente no Curso para minimizar a fragmentação curricular.

Em meados dos anos 1980 foram realizados três Seminários de Ensino Médico. Com a abertura política, então em curso no País, e maior participação dos alunos na vida acadêmica, algumas reivindicações foram atendidas. Cálculo e Física foram substituídas por Fundamentos da Prática e da Assistência Médica e Fundamentos Científicos e Éticos da Pesquisa Médica, bem como foi ampliado o internato, período de grande aprendizado, para 18 meses. Foi então realizada a primeira eleição para a Coordenação do Curso, no próprio seminário, com participação de docentes e discentes.

Em 1994 foi realizada uma avaliação do Curso de Medicina, sob a orientação de professoras da Faculdade de Educação. Em síntese, obtivemos como resultado um currículo fragmentado, com disciplinas isoladas e impropriedades na sua sequência, com carga horária mal distribuída e subutilizadas. Disciplinas básicas e clínicas/cirúrgicas totalmente dissociadas. A relação professor/aluno era elevada, agravada pelas transferências judiciais. As fontes de informação eram basicamente o professor e as anotações de aula, valorizando os cadernos. As metodologias tradicionais eram utilizadas, tendo o aluno papel passivo, com ênfase em aulas teóricas e aulas práticas “teorizadas” e em condições inadequadas. A formação dos estudantes era feita preponderantemente na atenção terciária, em hospitais, priorizando a medicina curativa e estimulando a especialização precoce. A formação do estudante era centrada no Médico/Professor e no paciente, longe das comunidades, descomprometida com as transformações da sociedade, com raras oportunidades de treinamento em atenção primária e em equipe. As avaliações eram estressantes e cobravam memorização. Havia algumas iniciativas de avaliação dos docentes e não havia avaliação do currículo.

Esta avaliação foi discutida em cada departamento, com detalhamento de aspectos particulares de cada um e ficou patente a necessidade de uma mudança curricular abrangente, e não apenas um rearranjo da grade curricular.

Com essa mobilização da comunidade interna, foi crescendo a percepção da importância da Faculdade de Medicina, para renovar o sentimento de pertencimento e o envolvimento de docentes, discentes e técnico-administrativos com as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em 1998 foi feita a divisão do CCS com a recriação da Faculdade de Medicina, que faria 50 anos, e criada a Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem.

Projeto Político Pedagógico de 2001

A elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Medicina de 2001 foi uma construção coletiva, planejada e de muito aprendizado. Deu-se no esteio de um movimento mundial e nacional de adequação da formação médica às necessidades das sociedades.

No Brasil, esse processo foi articulado pela Comissão Interinstitucional de Avaliação do Ensino Médico (CINAEM), criada por iniciativa da Associação Brasileira de Educação Médica - ABEM e congregando as principais associações da categoria médica, de estudantes e de gestores com interesse na formação do médico. O Projeto CINAEM foi elaborado e, na primeira fase, coletou dados de 76 das 80 escolas existentes, sobre aspectos políticos, administrativos, econômicos, recursos humanos, modelo pedagógico, dentre outros. Na segunda etapa do projeto, foi proposta a adoção de planejamento estratégico a ser desenvolvido em cada Escola para avaliar o seu PPP, de modo a favorecer a transformação curricular adequada a cada local.

A discussão dos dados do projeto CINAEM e da avaliação de 1994 do Curso de Medicina, foram importantes para o desencadeamento do processo de mudança. Foram definidos como elementos norteadores dos trabalhos: a) a necessidade de ser o processo participativo, com professores, estudantes e comunidade externa; b) o pressuposto do currículo abrangendo todo o processo ensino e aprendizagem; e c) a necessidade de um processo de avaliação adequada da aprendizagem e do próprio currículo.

A definição do perfil ideal do médico a ser formado foi feita em reuniões da comunidade interna e grupos de interesse externos e, posteriormente, cotejado com um cenário de 20 anos.

O cenário de 20 anos foi traçado com a comunidade interna e representantes de diferentes setores relacionados direta ou indiretamente

com a saúde. O cenário traçado indicava transformações sociais com acesso fácil a informações, maior consciência e cidadania, gerando fiscalização sobre o setor saúde e exigência de atenção mais humana e ética; mudanças demográficas com crescimento da terceira idade; aumento das doenças crônico-degenerativas e relacionadas a hábitos de vida; aumento dos problemas psicossociais; tendência de privatização e terceirização de serviços de saúde e educacionais; exigência por medidas preventivas, de acesso aos serviços de saúde e aos avanços científicos e tecnológicos.

Diante deste cenário, definiu-se que o formando deveria: ter uma formação geral e sólida nos três níveis de atenção à saúde; ser comprometido com as transformações da sociedade; com a defesa da vida e com o autodesenvolvimento; ser cooperativo; ser criativo, dotado de capacidade analítica e saber tomar decisões.

Grupos de trabalho definiram as diretrizes gerais para o novo currículo, indicando que este deve ser centrado e baseado nas necessidades das comunidades, com oportunidades de aprendizagem nos três níveis de atenção, assegurando a aquisição de competências para compreender a pessoa e seus problemas de saúde no seu contexto social, cultural e familiar. O conteúdo deve ser dinâmico, incorporar novos conhecimentos e tecnologias, enfatizando a integração das diversas áreas. A metodologia deve ser centrada no aluno e multidisciplinar, propiciando a consciência do processo de aprendizagem, a iniciativa, a responsabilidade, o autodesenvolvimento, a educação permanente e o trabalho em equipe. O Curso deve propiciar a estudantes e professores, o fortalecimento das relações interpessoais, o compromisso com a comunidade e com a instituição, e a atuação de acordo com os princípios éticos e morais. O professor deve assumir o papel de facilitador, comprometido com a docência e com o próprio desenvolvimento técnico e pedagógico. O sistema de avaliação do currículo, por alunos, docentes e consultores externos, deve ser periódico e com metodologias adequadas. Os estudantes devem ser avaliados quanto ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes.

A análise do PPP vigente frente ao perfil do médico a ser formado, evidenciou a inadequação do mesmo e a necessidade de mudanças profundas. Tornou-se evidente, também, a necessidade de desenvolvimento docente em aspectos educacionais e a sensibilização dos mesmos para a mudança

necessária. Foram formados grupos de estudo sobre metodologias ativas, modelos de currículo, Integração com a comunidade e Comunicação.

Em 1998, houve uma greve das universidades federais que perdurou por 4 (quatro) meses. Nesse período, foi realizado um treinamento com professores principalmente do Departamento de Patologia e Medicina Legal em metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Considerando que a ABP era um método compatível com o Perfil do Médico a ser formado, foi iniciado um **projeto piloto**, integrando as disciplinas de Patologia, Imunologia, Microbiologia e Parasitologia, na retomada do semestre com um programa de 4 (quatro) semanas, para concluir o semestre 1998.1. A experiência foi muito positiva e o semestre permaneceu em ABP, inclusive no novo currículo.

Em 1999 foi instituída a Comissão de Reforma Curricular designada para fazer a elaboração de uma proposta que possibilitasse a formação do profissional com o perfil desejado, de acordo com as diretrizes estabelecidas.

As principais características do novo Currículo foram definidas, sendo o Curso estruturado em 12 semestres com 8 (oito) semestres com, pelo menos, 100 dias letivos e 2(dois) anos de internato. Os conteúdos nucleares distribuídos em 53 módulos sequenciais, em 2 (dois) módulos longitudinais – Desenvolvimento Pessoal e Assistência Básica em Saúde e no Internato nas áreas de Clínica Médica, Saúde Comunitária, Cirurgia, Pediatria e Tocoginecologia. Módulos optativos oferecidos do 5º aos 8º semestres, com disciplinas de 20 ou 40 horas. Integração e organização dos módulos sequenciais por sistemas, buscando também a integração básico-clínica. Presença de horário livre de, pelo menos, 2 (dois) turnos por semana do 1º ao 8º semestres. Uso de metodologias que favoreçam o processo ativo de aprendizagem, o trabalho em pequenos grupos, com situações reais ou simuladas, com recursos e em ambientes adequados. Ênfase nas atividades práticas em diferentes ambientes e níveis de atenção. Sistema de avaliação do estudante respeitando os critérios da UFC para a progressão, mas incluindo avaliação formativa e abrangendo conhecimentos, habilidades e atitudes. Adoção de um Sistema de Avaliação para acompanhamento e aperfeiçoamento do currículo.

Em 2001, o Currículo foi aprovado em assembleia e iniciou-se sua implantação nos novos cursos de medicina da UFC, criados nas cidades

de Sobral e de Barbalha, no interior do Ceará e, a seguir, no Curso de Medicina em Fortaleza.

Parcerias e Programas

Os primeiros passos foram dados em parceria com Escola de Saúde Pública do Ceará, que inseriu a Faculdade de Medicina no Polo de Formação, Capacitação e Educação Permanente de Profissionais para a Saúde da Família. Em 1999 foi criado o Núcleo de Desenvolvimento em Educação Médica (NUDEM), ligado à Diretoria da Faculdade de Medicina, com a finalidade de articular o processo de mudança curricular, com foco especial em um programa de desenvolvimento docente, avaliação e planejamento pedagógico.

Em 2002, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Ministério da Saúde (MS) lançaram o Programa de Incentivo às Mudanças Curriculares para as Escolas Médicas (PROMED). Com o Projeto da Faculdade de Medicina aprovado, entre as 20 escolas selecionadas, conseguiu-se recursos para prosseguir com o planejamento estratégico no processo de mudança curricular. Nos anos subsequentes, com iniciativas interministeriais, o MEC e o MS criaram vários programas para propiciar a formação de profissionais da área da saúde adequados às necessidades de saúde da população. Dentre os mais importantes destacam-se: Pro-Saúde I, Pro-Saúde II, Pet-Saúde, Pro-Ensino, Pro-Pet, Ativadores de mudança, Pro-Internato, Revalida, Expansão das Federais, Projeto de Capacitação de Preceptores, dentre outros. Buscou-se sempre a participação da Faculdade como forma de viabilizar um Programa de Desenvolvimento Docente (PDD) com Assessorias, Oficinas, Palestras, Seminários, Grupos de estudo, Visitas, Participação em congressos, atividades sempre realizadas com participação de estudantes. As atividades do PDD incluíram temas sobre o Processo de ensino e aprendizagem, Metodologias ativas de aprendizagem, Aprendizagem Baseada em Problemas (a formatação de problemas, dinâmica dos grupos tutoriais, avaliação nos grupos tutoriais), Treinamento em laboratório de habilidades clínicas, Treinamento em habilidades de comunicação, Ensino e aprendizagem em Ambulatório, Técnicas de *feed-back*, Avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal de estudantes, Elaboração de Questões de Múltipla Escolha, Integração do curso com o SUS, estas envolvendo professores e profissionais do SUS e muitas outras.

Vale ressaltar que a Faculdade de Medicina desenvolveu em parceria com o *Foundation for advancement of International Medical Education* (FAIMER), um programa de especialização “Desenvolvimento Docente para Educadores das Profissões da Saúde”. Vários professores da Faculdade de Medicina, e de outros cursos, participaram do treinamento e alguns permaneceram no curso como facilitadores.

Em decorrência das atividades do PDD e do interesse e estudo acerca do processo ensino e aprendizagem, expandiu-se a produção científica sobre temas pedagógicos, gerando um aumento da participação em congressos e publicações na área.

Planejamento e avaliação

A implantação do novo currículo foi acompanhada de intenso planejamento sempre baseado em avaliações. Oficinas de planejamento eram realizadas reunindo os professores em salas individualizadas por semestre, após apresentação de avaliações prévias e/ou dinâmicas que favoreciam a reflexão, objetivando a melhoria dos mesmos.

Avaliações amplas foram realizadas internamente sobre o internato, qualidade de Vida dos Estudantes de Medicina e Odontologia, Avaliação seguida dos módulos à medida que eram implantados, Grupos Focais com estudantes, Avaliação geral de todos os módulos, envolvendo aspectos pedagógicos e sobre os docentes, Avaliação de habilidades nas áreas de clínica, cirurgia, pediatria e tocogienecologia.

Amplas discussões foram realizadas sobre avaliações externas, como a avaliação da CINAEM em 1997, o Provão do Ministério da Educação (MEC) de 1999 e 2000, ainda antes do novo currículo e, posteriormente, sobre os resultados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e do teste do Progresso.

As avaliações foram muito importantes, pois evidenciavam aspectos que estavam funcionando adequadamente e aqueles que precisavam ser melhorados. A aceitação dos processos avaliativos foi aumentando progressivamente pelo caráter impessoal e não punitivo dos mesmos, pelo uso de metodologias claramente descritas, permitindo a discussão dos resultados com maior fluidez e participação. Algumas vezes, professores e estudantes cobravam ao NUDEM e à Diretoria da Faculdade, a realização de avaliações.

Uma avaliação do novo currículo realizada após 10 anos da sua implantação coletou dados 47 (88,7%) dos 53 módulos existentes. No novo currículo, a proporção de aulas teóricas diminuiu de 51% da carga horária no currículo anterior (avaliação de 1994) para 39%; foram incluídas atividades de discussão em pequenos grupos (17% da carga horária) e as aulas práticas foram ampliadas para 45% da carga horária no novo currículo contra 40% no currículo anterior. Observou-se uma melhoria da relação professor/aluno, inclusive nas aulas teóricas, pois no cíclico clínico (S5 a S8), os módulos recebem metade da turma (40 alunos); diversificação dos cenários de prática, além de ambulatórios, enfermarias, laboratórios básicos, morfofuncionais e sala de parto, foram utilizados ambientes da atenção primária em inserção no SUS, laboratórios de habilidades e de comunicação e ampliados atendimentos em emergências. As atividades em pequenos grupos referem-se aos grupos tutoriais da ABP e TBL, apresentação e discussão de casos, visitas. Agrupados em outras atividades, estão os seminários e sessões clínicas. A avaliação cognitiva de estudantes era feita por questões de múltipla escolha em 85,7% dos módulos, por questões descritivas em 59,6% e eram realizadas avaliações cognitivas, de habilidades e atitudes em 76,6% dos módulos. A avaliação do processo ensino e aprendizagem foi prática corrente em 61,7% dos módulos, incluindo avaliação dos docentes em 48,9%.

Desafios e Facilidades para implantação do novo currículo

A transição entre os dois currículos representou um grande desafio e exigiu compreensão por parte de professores e estudantes, especialmente porque a turma que já havia cursado o primeiro semestre do antigo currículo, optou por aderir ao novo, mantendo o internato de 18 meses. Dessa forma, duas turmas caminharam simultaneamente durante a implantação dos 8 (oito) semestres e quando houve deslocamento de disciplinas para semestres mais iniciais, como a Anatomofisiopatologia, tivemos 3 (três) turmas ao mesmo tempo até durante 1 (um) ano!

Como em todo processo de mudança, houve resistências: dos docentes, muitas vezes, por terem uma visão centrada na importância do conhecimento de sua área, sem considerá-la em relação ao profissional e ser formado e às necessidades da população; dos estudantes, principalmente em relação às mudanças dos cenários de prática e por terem que assumir um papel mais ativo e responsável pelo próprio aprendizado, acomodados que estavam ao papel passivo até então desempenhado. Um aspecto mui-

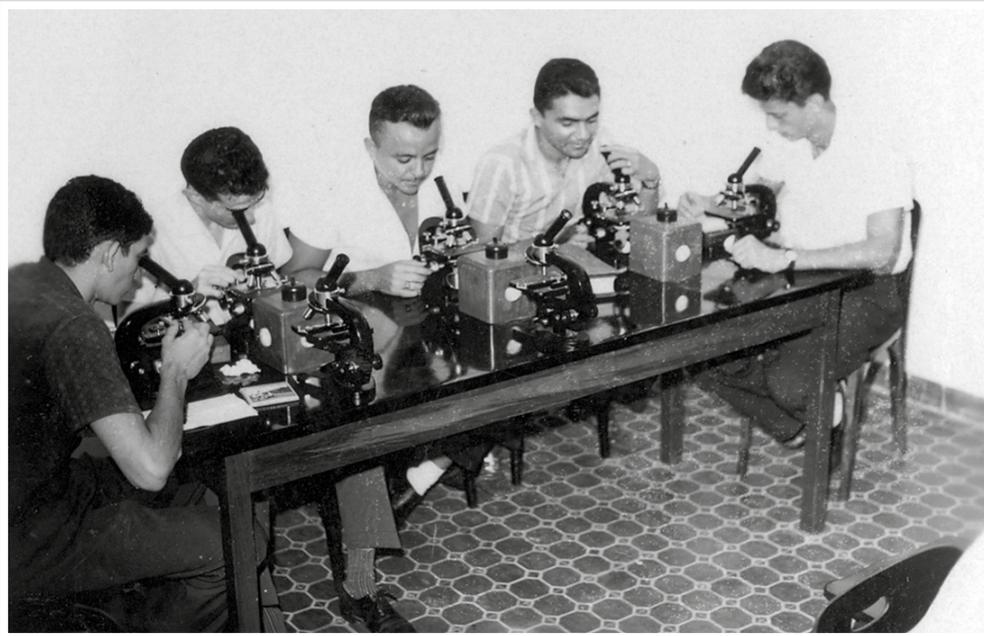
to importante do currículo 2001 é a integração intra e interdisciplinar dos módulos, o que requeria uma construção continuada, envolvendo os professores de diversos departamentos. Por isso, a avaliação e planejamento eram sistemáticas, pelo menos a cada início de semestre.

A implantação dos módulos longitudinais de Atenção Básica à Saúde, em todos os semestres, desde o início do curso, representou uma mudança importante nos cenários de prática, requerendo um cuidado especial porque envolvia os profissionais e os gestores das unidades de Saúde no processo e articulação com as Secretarias Municipal e Estadual de Saúde. A inserção dos estudantes, geralmente imaturos, na realidade da rede do SUS, em unidades muitas vezes distantes e com condições de trabalho precárias, representaram preocupações a serem trabalhadas constantemente.

Por outro lado, a conjuntura nacional favorável às mudanças curriculares foram fator facilitador no processo de mudança. A instituição pelo MEC das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de medicina, pela Resolução nº 4, de 7 de novembro de 2001, após longa articulação mediada pela ABEM com as escolas médicas, induziu mudanças curriculares em todo o País. As novas DCN passaram a fazer parte dos processos avaliativos do MEC, com força de Lei. Vale notar que, em 2001, o novo currículo em implantação já estava em consonância com essas diretrizes, uma vez que a Faculdade de Medicina participou ativamente da construção nacional das mesmas. Como citado anteriormente, a política do MEC/MS de incentivo à formação de um profissional adequado às necessidades da população, com a edição de vários programas, permitiu o desenvolvimento de um PDD.

O preço do Currículo, assim como da Liberdade, é a eterna vigi-
lância!

O Currículo, assim como a Liberdade, só é bom, só fica ótimo, quan-
do é de todos!



Aula de
Histologia, no
pavilhão do
Instituto Evandro
Chagas da
Faculdade de
Medicina

Fonte: Memorial
da UFC

ENSINO MÉDICO NA FACULDADE DE MEDICINA – UFC – FORTALEZA, 1948-2025

*Mônica Cardoso Façanha**

*Alberto Farias Filho***

O contexto do ensino médico no Brasil até 1948

A partir de 1800, brasileiros passaram a ser formados em Medicina em Coimbra. Oito anos depois, foram instaladas as academias médico-cirúrgicas de Salvador e Rio de Janeiro. Em 1832, seguindo o modelo da Faculdade de Medicina de Paris e do que ficou conhecido como a Reforma *Cabanis*, uma lei transformou as referidas academias em Escolas ou Faculdades de Medicina, o que permitia conceder o título de Doutor em Medicina ou revalidar títulos obtidos no estrangeiro, bem como definiu a duração de seis anos do curso de Medicina e critério para ingresso. A Reforma *Cabanis* preconizava um ensino médico profissionalista, como formação hospitalocêntrica, intervencionista, com currículos orientados por disciplinas em regime de progressão linear.

Em 1882 houve reforma sob a influência do modelo germânico, gerando mudanças curriculares nas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro. Em 1910, o Relatório Flexner voltou a defender o ensino baseado na experiência hospitalar. Em 1911, a Lei Orgânica Rivaldavia Correia propôs uma reforma baseada na autonomia didática e administrativa das Faculdades com a constituição dos corpos docentes. Em 1920, na Inglaterra, o Relatório Dawson enfatizou a necessidade de práticas de atenção básica no ensino médico e o uso da rede regular de serviços como escola. Na década de 1940, o modelo norte-americano de formação médica passou a ser predominante no Brasil, com o treinamento em serviço passando a fazer parte da formação médica.

* Coordenadora do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

** 24 Médico hematologista. Assessor Pedagógico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



O Processo de formação de médicos no Ceará

Para ser médico no Ceará era necessário, no mínimo, ir morar em outro estado para estudar, sendo os principais destinos o Rio de Janeiro, por ser a capital federal na época, ou Bahia e Pernambuco por serem mais próximos, no Nordeste. Além das dificuldades que a vida em outras terras impunha aos estudantes e a suas famílias, ainda havia o risco do médico recém-formado não retornar, seja por casamento, seja por encontrar posto de trabalho interessante na cidade em que havia estudado. Por anos, a comunidade médica cearense sentiu a necessidade de uma Faculdade de Medicina no estado do Ceará, o que fez com a ideia de uma Faculdade de Medicina no Ceará fosse se materializando. Em 1914 houve uma tentativa de criação da Faculdade de Medicina Tropical, Farmácia e Odontologia que não se realizou.

Organizações filantrópicas, de cunho voluntarista, reverenciando São Lucas, nasceram a partir da criação da Sociedade Médica São Lucas na França em 1871. Esse modelo foi replicado no Brasil em 1904 e foi o promotor do Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, em Fortaleza, em 1946, fato que deu novo impulso à criação da Faculdade de Medicina em Fortaleza.

Em 1947 foi fundada a Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará, logo transformada em Instituto de Ensino Médico do Ceará, entidade com personalidade jurídica, capacidade financeira, normas administrativas e o embrião do corpo docente apresentado no requerimento de autorização para o funcionamento da Faculdade de Medicina do Ceará, feito ao Ministério da Educação e Saúde (ARARIPE, 2012).

Em 16 de abril de 1948 foi autorizada a criação da Faculdade de Medicina do Ceará fato registrado em sua primeira ata; aliás, a Faculdade de Medicina conserva sua coleção original dos livros de atas de 16 de abril de 1948 a 27 de junho de 1973. Ficou definido, na referida ata, que o curso seria desenvolvido em seis anos, as entradas e os períodos (séries) seriam anuais e o curso receberia, no máximo, 60 alunos por ano.

O contexto do ensino médico no Brasil entre 1948 e 1972

Ocorreu em Londres, em 1953, a 1ª Conferência Mundial de Educação Médica, que sucedeu a conferência realizada em 1952, nos Estados

Unidos da América. Nesta, se deu prioridade ao processo curricular da graduação, propagando a ideia dos currículos mínimos, os quais seriam a melhor forma de credenciamento das escolas de medicina. Apoiado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), foi incentivado o desenvolvimento das disciplinas básicas e o estímulo à introdução do ensino dos aspectos preventivos e sociais e à criação de departamentos de medicina preventiva. A aproximação das faculdades de medicina brasileiras com os organismos internacionais de apoio técnico e de financiamento, influenciou a criação de hospitais-escola como campo de treinamento e o surgimento dos departamentos.

Em 20 de fevereiro de 1968, o Decreto n.º 62.279 dispôs sobre a reestruturação da Universidade Federal do Ceará (UFC) criando o Centro de Ciências da Saúde, abrangendo: Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Farmácia. Em 1969, a Resolução n.º 215, de 20 de fevereiro, definiu a Implantação da Reforma Universitária com o funcionamento obrigatório do Sistema Departamental e a obrigatoriedade da adoção do sistema curricular que individualizasse semestre-disciplina, incluindo a avaliação final de aproveitamento em cada semestre.

O saber médico ensinado na Faculdade de Medicina, no Ceará, foi se aprimorando entre 1948 e 1972, influenciado por esse contexto.

Para o primeiro ano de funcionamento da Faculdade, em 1948, foram selecionados apenas dez estudantes. As cadeiras a serem cursadas nesse primeiro ano eram: Anatomia Descritiva e Histologia e Embriologia. No segundo ano, as cadeiras programadas eram Química Fisiológica, Anatomia (2ª parte), Física Biológica e Fisiologia. O programa do terceiro ano era constituído por Microbiologia, Parasitologia, Patologia e Farmacologia.

Para 1951, quarto ano da Faculdade, foram apresentados os programas das cadeiras de Clínica Dermatológica e Sifilográfica, Clínica Propedêutica Médica, Anatomia e Fisiologia Patológicas e Clínica Oto-Rino-Laringológica. Foi registrado o movimento para oficializar a concessão da Santa Casa de Misericórdia e da Assistência Municipal como campos de treinamento e de aulas dos estudantes do quarto ano que estava prestes a se iniciar.

Para 1952, quinto ano da Faculdade, foram aprovadas as cadeiras de Puericultura, Clínica Urológica, Clínica de Doenças Tropicais e Infec-

tuosas, Higiene, Terapêutica Clínica, Medicina Legal, Clínica Médica, além dos programas de Ginecologia e Clínica Cirúrgica, que seriam iguais aos utilizados pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, na época Faculdade Nacional de Medicina. Também foram aprovadas alterações nas cadeiras de Anatomia Descritiva (ministrada no primeiro ano) e na cadeira de Parasitologia (ministrada no terceiro ano).

O programa proposto para 1953, sexto ano da Faculdade, era composto por Clínica Obstétrica, Clínica Cirúrgica, Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica, Clínica Médica, Clínica Psiquiátrica, Clínica Neurológica, Clínica Tisiológica. Foram apresentados os programas de Técnica Operatória e de Clínica Propedêutica Cirúrgica a serem ministradas no quarto ano. Foi registrado que o programa de Clínica Oftalmológica não foi apresentado.

Ao final dos 6 (seis) anos, em 26 de dezembro de 1954 concluíram a Faculdade de Medicina do Ceará três estudantes, sendo duas mulheres e um homem: Raimundo Hélio Cirino Bessa, Ana Nogueira Gondim e Hilda de Souza Guimarães.

Em 7 de agosto de 1953, a Faculdade de Medicina assinou Memorial de apoio a criação da Universidade do Ceará que seria composta inicialmente pela Faculdades de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Medicina e Escola de Agronomia.

Em 30 de dezembro de 1954 ocorreu a última reunião da Congregação da Faculdade de Medicina como entidade privada, após 7 (sete) anos de funcionamento, pois a Faculdade de Medicina foi federalizada. Nessa época, já estava em curso a obra no Porangabuçu para receber a Faculdade de Medicina, que até então funcionava na Praça José de Alencar. Várias discussões aconteceram sobre a transferência da Faculdade e de seu patrimônio para o Instituto Evandro Chagas, o maior dano era a perda do prédio da Praça José de Alencar, pois se não fosse utilizado, precisaria ser devolvido ao Estado. Porém, também foram levantados problemas de ordem arquitetônica como a falta de ventilação onde seria a Biblioteca e as salas do prédio previstas para laboratórios não eram adequadas para salas de aula. A transferência foi feita e os bens da Faculdade de Medicina foram doados à Fundação Júlio Porto, da qual o Instituto Evandro Chagas era parte integrante. A Faculdade de Medicina entrou com o Hospital de Isolamento, os laboratórios de Fisiologia, Química, Anatomia Patológica e Física e o Instituto de Ensino Médico

com um grande terreno doado pela prefeitura e uma verba federal de Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros).

Em 1955, a Faculdade de Medicina passa a integrar a Universidade do Ceará e a ter um representante no Conselho Universitário. Em dezembro de 1955 foram aprovados cursos de férias Introdução a Cirurgia Digestiva, Diagnóstico Ginecológico, Patologia da Mama, Diagnóstico da Lepra e Anemias.

Em 1955, com a visita do Dr. Jurandir Lodi, Diretor de Ensino superior, foram criados os departamentos, cada um com seus catedráticos, que teriam professores adjuntos ou assistentes para lecionar as diversas disciplinas. Nesse ano, já estava sendo discutida a necessidade de atrair médicos para suprir a falta de que se ressentia o interior do país, e havia sido constituída uma comissão nacional para estudar os programas das Faculdades de Medicina. No Ceará, já para 1956, houve alterações nos programas das disciplinas cirúrgicas, inclusive na Clínica Propedêutica Cirúrgica.

Em 1956, consta em ata, a aprovação do conceito de que o ensino médico deve preparar o estudante técnica, moral, social e culturalmente para o exercício da profissão, além de possibilitar a formação para iniciar-se em qualquer área da profissão, que seja capaz de exercer a profissão com os conhecimentos já adquiridos ou escolher complementar uma formação especializada.

Também foi destacado, nesta ata, que o currículo médico se mostrava demasiado complexo pelo excesso de cátedras, entretanto, nesta ocasião, foi criada uma nova disciplina: “Psicologia Médica”. O Colegiado concordou, então, que o currículo deveria ser alterado, mas considerou que a modificação da seriação das disciplinas seria muito difícil, bem como parecia ser inviável a redução da duração do curso, que foi mantida em 6 (seis) anos. Foi aprovada a constituição dos Departamentos com uma única cátedra. Aceitou-se que o Internato fosse realizado em regime de dedicação exclusiva dos alunos, em hospital universitário ou não, desde que preenchesse os requisitos necessários. Vedou a realização do Internato em locais onde não houvesse “facultativos”. Discutiu, ainda, os critérios de seleção para entrada na Faculdade, a Residência Médica, carreira universitária e criação de novas escolas. Sobre o número de estudantes, a comissão considerou justo que se limitasse o número de estudantes não apenas de acordo com o

número de vagas nas cadeiras básicas, mas, principalmente, nas disciplinas clínicas.

Em 28 de fevereiro de 1957 foi aprovado o Regimento Interno da Faculdade de Medicina. No segundo semestre de 1957 houve a mudança para o Porangabuçu e decidiu-se, para janeiro de 1958, o início das sessões semanais de Clínica Médica e Cirúrgica às terças-feiras, das 8 às 9 horas.

Em 1958, dos 191 candidatos, apenas 11 foram aprovados para as 60 vagas existentes, o que desencadeou a realização de um novo concurso. O curso estava com graves problemas nos ambulatórios e discutiu-se se os professores deveriam dar assistência aos ambulatórios, que a assistência não poderia ser separada da cátedra que era essencial despertar o interesse do assistente pelo serviço e finalmente, que os assistentes estavam em dificuldades financeiras. Esse problema foi levado para uma reunião do Conselho Departamental. Ainda em 1958 foi criado o Núcleo de Higiene – Medicina Preventiva em virtude da necessidade de implementar a vacinação antitífica e antivariólica e efetivação do cadastro torácico dos estudantes.

Para o ano de 1959 foram aprovados 64 dos 195 inscritos e foi autorizada a matrícula dos 4 (quatro) excedentes. O Regimento Interno estava praticamente pronto e foi posta em prática a proposta que constava do anteprojeto já aprovado pelo Conselho Universitário em que Clínica Propedêutica Cirúrgica, Clínica Cirúrgica e Clínica Dermatológica e Sifilográfica seriam ministradas em um só período, com os alunos divididos em duas turmas.

Ao longo de 1960, há muitas críticas sobre o funcionamento dos Departamentos tanto em cumprir seus objetivos como em seu entrosamento e foi proposta reforma do Estatuto nesse assunto, até porque havia uma linha de pensamento de que não deveria haver mais do que um catedrático em cada departamento, com diversos opositores. Muitas críticas ao corpo de funcionários do Hospital Escola, ao corpo docente, a área física mal construída, impropriedade de material permanente, parcimônia dos recursos, falta d'água, dos esgotos imprestáveis, deficiência de energia elétrica. Uma reforma curricular implantada em 1960, alterou a sequência de algumas cadeiras, por exemplo, Anatomia e Fisiologia Patológica migrou do quarto para o segundo ano.

Em 1961, a cadeira de Propedêutica Clínica estava com 78 alunos matriculados e nenhum assistente, depois da “vassourada”, possivelmente do presidente Jânio Quadros. Ainda houve discussão sobre a série em que deveriam estar as cadeiras. Parasitologia, por exemplo, que estava na primeira série, deveria ser transferida para a segunda série e Anatomia Patológica, que estava na segunda, deveria ir para a terceira série. Essas alterações implicavam na mudança do regimento. O internato também foi discutido, mas o conteúdo da discussão não foi registrado na ata.

Para 1962 foi decidido o aumento no número de vagas, que passou para 90. E foi concluído o novo regimento que tinha, entre outras mudanças, o Rendimento Escolar por Disciplinas Semestrais; verificação de assiduidade e eficiência nos estudos, ambos eliminatórios. O estudante seria impedido de fazer os exames finais se tivesse mais de 10% de faltas não justificadas ou mais de 15% de faltas por motivo de força maior devidamente comprovado e aceito como justo. Em 22 de maio de 1962 houve greve de estudantes, inclusive do Internato, que reivindicavam paridade de um terço de representação nos órgãos colegiados.

Em 1963 discutia-se um novo regimento. O Conselho Nacional de Educação estabeleceu dois ciclos para os cursos da educação superior: o Básico e o Profissional e a inclusão da Medicina Preventiva no Ciclo Profissional. Há reorganização dos Departamentos, com junções e divisões de Departamentos, alterações de nomes. Algumas disciplinas não aconteceram neste ano, por exemplo, Estatística, por ser uma cadeira nova e Ginecologia por ter mudados de série. Algumas outras não ministraram aulas práticas, por exemplo, cadeiras do Departamento da Medicina Legal. E outras ainda ministraram as práticas antes das teóricas, por exemplo, Clínica Médica e Clínica Cirúrgica.

Para 1964 foi proposta a criação da Maternidade Escola e aprovada a formação da Sociedade encarregada de administrá-la. Aprovada a criação da Residência Médica em Pneumologia para funcionar no Hospital de Maracanaú, e a separação do Departamento de Microbiologia do de Higiene e Medicina Preventiva.

A Universidade Federal do Ceará, através das Resoluções do Conselho Universitário (CONSUNI), deliberou:

- vestibular unificado para duas áreas: Ciências e Humanidades;

- baixou normas para implantação e funcionamento do 1º. Ciclo, com o objetivo de recuperar deficiências prévias ao vestibular, matrícula por disciplina, duração de 2 (dois) semestres. O concurso vestibular seria por área, Ciências e Humanidades e o aluno indicaria o curso pretendido de acordo com a classificação no vestibular, mas ficava a opção na dependência do Coeficiente de Rendimento obtido o 1º. Ciclo. A avaliação do estudante seria por atribuição de notas de zero a dez e o coeficiente de rendimento do 1º. Ciclo tinha por objetivo classificar o aluno com vistas à opção para o profissional. Foram preconizadas disciplinas comuns às áreas de Ciências e de Humanidades: Comunicação em Língua Portuguesa (5 créditos (cr)) Matemática (5cr), Física (5 cr), Introdução às Ciências Jurídicas (5cr), Biologia (4cr). Eram obrigatórias também para o Centro de Ciências da Saúde, Estatística (6cr) e Química Básica (6cr). Deveriam ser cursadas também três disciplinas a serem escolhidas dentre uma lista anexa a esta resolução;
- baixou normas complementares, mantendo a matrícula por disciplina, alterando a forma de opção pelo curso, que deixou de considerar o Coeficiente de Rendimento do 1º. Ciclo, definiu em 48 créditos com duração mínima de 2 (dois) semestres e máxima de 4 (quatro) semestres letivos, não podendo ultrapassar o máximo de 24 créditos nem o mínimo de 12 créditos por semestre. A distribuição curricular para a área de Ciências, no primeiro semestre, passou a ser: Física Geral I, Cálculo I, Química Geral e Biologia Geral I e o segundo semestre foi definido por Centro, ficando o Centro de Ciências da Saúde com Química Orgânica e Física Geral II e a Medicina também com Biologia Geral II e Introdução a Estatística;
- baixou normas para disciplinar o funcionamento do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária do Ceará (CRUTAC/CE).
- no segundo semestre de 1972, os históricos dos estudantes do curso de Medicina passam a apresentar a distribuição por semestre e as avaliações em conceitos: Mau (M) Insuficiente (I), Regular (R), Bom (B) ou Excelente (E). Média Regular era o mínimo para aprovação.

O curso de Medicina no Centro de Ciências da Saúde de 1973 a 1997

Em 1973, cada curso de graduação passou a ser ministrado em 2 (dois) ciclos: 1º. Ciclo e o ciclo profissional tanto na área de Ciências quanto na de Humanidades e, em 1974, a matrícula passou a ser por disciplina.

A maioria dos corpos discente e docente da Faculdade de Medicina considerava essas disciplinas do primeiro Ciclo desconectadas dos objetivos dos cursos ou simples repetições do que já havia sido visto no ensino médio.

O primeiro ciclo se manteve em 2 (dois) semestres, até o segundo semestre de 1981. E a partir de então, ficou restrito a 1 (um) semestre, com Cálculo, Física Geral, Química Orgânica I e Biologia Geral. A Clínica Médica passou a ministrada em 4 (quatro) disciplinas denominadas Primeira, Segunda, Terceira e Quarta Clínica Médica, a Medicina Social em 3 (três) semestres (Medicina Social I, II e III) e Pediatria em 2 (dois) semestres (I e II). Dois semestres de prática de Educação Física eram obrigatórios. Essa turma teve a oportunidade de ter três semestres de Internato, iniciados em 1987. A partir do segundo semestre de 1986 as avaliações voltaram ser expressas por notas de zero a dez e não mais por conceitos como vinham sendo desde 1972.

Os estudantes que iniciaram o curso no segundo semestre de 1988 já não foram obrigados a cursar Cálculo. Manteve-se ainda no primeiro semestre a Física Geral, Química Orgânica e Biologia Geral. Em 1989 foram excluídas a Física Geral e Biologia Geral e incluídas Fundamentos da Prática e Assistência Médicas e Fundamentos Científicos e Éticos da Pesquisa Médica.

Em 1991 foi criada a Comissão Interinstitucional de Avaliação das Escolas Médicas (CINAEM) que contribuiu para a melhoria do ensino médico, tendo grande influência nas mudanças curriculares que aconteceram no Curso de Graduação em Medicina da UFC e nas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001. Em 1997, o Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Superior (MEC/SESu) apresentou Edital para novas Diretrizes Curriculares, com ênfase na definição de competências e habilidades profissionais a serem adquiridas até o final do curso.

A Faculdade de Medicina de 1998 aos dias de hoje

Alterações fundamentais no currículo do Curso de Medicina foram introduzidas para a turma que iniciou o curso no segundo semestre de 2001. A proposta foi amplamente discutida com docentes e discentes. Houve mobilização para seminários, oficinas e cursos de novas metodologias de ensino, entre elas o PBL, Problem Based Learning, Estudo Baseado em Problema, e de maneiras de padronizar avaliações, especialmente as práticas, introduzindo o conceito de paciente padronizado e avaliação clínica estruturada, ampliando o olhar a respeito das avaliações sobre as possibilidades de utilizar as “gincanas”, estações com problemas específicos a serem resolvidos, com tempo predefinido, para além das disciplinas básicas de Anatomia e de Histologia onde eram realizadas e Mini CEX, *Mini Clinical Evaluation Exercise*, também para avaliação de competência clínica. Foi introduzido o conceito de módulo, isto é, disciplinas afins foram agrupadas em um mesmo momento do curso, como disciplinas clínicas e cirúrgicas que estudam um mesmo sistema, por exemplo, Gastrenterologia e Cirurgia Gastrointestinal. Foi criado um eixo de módulos relacionados à atenção/assistência nas unidades de saúde e em seus territórios, e outro de desenvolvimento pessoal e profissional para fortalecer as atitudes éticas, a comunicação interpessoal e a relação com o paciente e equipe profissional. Disciplinas/módulos desses eixos eram ministrados ao longo de todo o semestre nos oito primeiros semestres do curso. Foram definidas áreas verdes, cada estudante deveria ter, no mínimo, dois turnos livres de atividades obrigatórias a cada semana ao longo dos semestres pré-Internato. Ficaram definidas cargas horárias de disciplinas optativas e de atividades complementares. Entre o quinto e o oitavo semestre, os módulos obrigatórios passaram a ocupar 16 das 18 semanas, ficando as duas últimas reservadas para as optativas. As disciplinas/módulos clínicos ou clínico-cirúrgicos passaram a ter sua carga horária e seus conteúdos ministrados para grupos menores de alunos a cada bimestre. As disciplinas remanescentes do 1º. Ciclo Básico, introduzido em 1972, foram excluídas, abrindo espaço para o Internato em dois anos, o que acrescentou um semestre de Saúde Comunitária, o que estaria em alinhamento com a aproximação feita ao longo dos semestres com as unidades básicas de saúde e a Medicina de Família e Comunidade. Esse foi um currículo muito inovador e serviu como inspiração para as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001 -

DCN 2001. Está descrito no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) 2001 e amplamente conhecido pelos professores e servidores técnico-administrativos como *Livrinho Verde*. Atualmente disponível na página da Faculdade de Medicina.

No primeiro semestre de 2018 foi introduzida uma nova reforma curricular e implementado um novo projeto pedagógico, o PPC 2018, em obediência às DCN 2014. Foram mantidos dois turnos sem atividades obrigatórias a cada semana. A duração dos oito primeiros semestres foi padronizada em 16 semanas, para que o estudante pudesse ter acesso a disciplinas optativas desde o início do curso. A carga horária de optativas e atividades complementares foi ampliada. O Internato passou a ter duas novas áreas obrigatórias: Saúde Coletiva e Saúde Mental. Também estipulou um mínimo de 30% (trinta por cento) da carga horária prevista para o internato médico da Graduação em Medicina desenvolvido na Atenção Básica e em Serviço de Urgência e Emergência do Sistema Único de Saúde (SUS), com predomínio de carga horária para Atenção Básica, mantendo o Internato mínimo em dois anos, com carga horária mínima de 35% (trinta e cinco por cento) da carga horária total do Curso. As atividades em serviços de Urgência foram introduzidas nas grandes áreas de Pediatria, Ginecobstetrícia, Clínica Médica e Cirurgia, excluindo da Saúde Comunitária, onde estavam alocadas no PPC 2001.

Em 2020, com a grave pandemia de Covid-19 foram necessárias várias adaptações. As atividades letivas do S1 ao S7 foram paralisadas entre 19 de maio e 22 de julho de 2020, após consulta a cada turma. O S8 seguiu com atividades remotas e o Internato se manteve, necessitando de adaptações a cenários de prática, pois diversos locais deixaram de receber estudantes, inclusive internos, seja pelo risco para o estudante, seja por falta de equipamento de proteção individual, seja por insuficiência de preceptores para orientar os estudantes. Alguns internos fizeram opção por suspender o Internato até que fosse possível uma melhor avaliação e mais segurança. Tanto professores quanto estudantes tiveram que se adaptar a uma nova forma de ensinar e de aprender: por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. As disciplinas optativas ofertadas do 1º semestre (S1) ao 8º semestre (S8) foram criadas neste formato ou, como as demais, precisaram ser ajustadas. A falta de cenários de prática foi o que mais retardou o reinício das atividades; à medida que foram sendo liberadas, as práticas foram sendo

retomadas, pois as teóricas já estavam sendo ministradas remotamente. O calendário do Curso de Medicina ficou assíncrono em relação a diversos cursos da UFC, o que representou um problema, principalmente para os professores que ministram disciplinas em outros cursos e para alguns procedimentos administrativos junto ao Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), por exemplo. Ainda está sendo um sério problema a outorga de grau para os estudantes aprovados em seleções públicas que ocorrem nos períodos próximos ao término do curso. Durante o período de Emergência da pandemia, foi possível a abreviação do período de estudos, desde que mantida a carga horária. Entretanto, essa possibilidade perdeu amparo legal. E tem havido dificuldades pois, além de concursos e seleções para empregos, há a Residência Médica. Para o retorno gradual ao calendário universitário padrão, fez-se a opção por distribuir as disciplinas optativas ao longo das 16 semanas de disciplinas obrigatórias, uma vez que eram remotas, e assim, poder utilizá-las para recomeçar mais cedo o próximo semestre. Desta forma, a cada dois semestres, poderíamos repor um mês do atraso da pandemia. A UFC também definiu períodos de recesso menores, de modo que, em janeiro de 2023, a turma já entrou no Internato no primeiro dia útil de janeiro, retornando ao calendário pré-pandemia. E os demais estudantes tiveram “férias” (até um pouco mais longas) nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Professores também estão podendo escolher seu período de férias.

Um novo PPC com nome provisório de PPC 2023, precisou ser elaborado para ajuste à Resolução n.º 28 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), de 1º de dezembro de 2017 e a Resolução n.º 7, de 18 de dezembro de 2018 que definiram um mínimo de 10% (dez por cento) da carga horária total do Curso deve ser ministrada em atividades de extensão, sem aumentar a sua carga horária. Além disso, os Pró-Reitores de Extensão definiram que os estágios obrigatórios não poderiam ser contados como atividades de extensão. Com o objetivo de manter o Internato em dois anos e extirpar o mínimo de horas de cada disciplina/módulo obrigatório, foi solicitado a cada coordenador que identificasse as atividades de extensão que já eram realizadas em sua rotina, e o que poderia ser introduzido como forma de melhorar a aprendizagem de seus alunos e torná-los protagonistas em intervenções na comunidade. Desse modo, o novo PPC passou a ter 832 horas de atividades de extensão, distribuídas em 55 disciplinas do S1 ao S8 (642), 30 horas de projetos de extensão con-

tabilizadas em atividades complementares e 160 horas do CRUTAC/CE, a serem cumpridas ao longo dos dois últimos anos do curso.

No momento, o curso tem ainda uma turma no PPC 2001, com conclusão prevista para agosto de 2023, alunos de turmas anteriores do PPC 2001, e todas as turmas do PPC 2018, pois a primeira concluirá no início de 2024 e já aguarda a aprovação do PPC 2023 para implementação. Enquanto isso, discute-se a interação entre as disciplinas, para identificação de lacunas, duplicidades e oportunidades de melhorias. Em 2023, o Curso recebeu o certificado de Acreditação pelo Sistema de Acreditação de Escolas Médicas do Conselho Federal de Medicina (SAEME).

Observa-se que o currículo do curso de medicina é dinâmico, não apenas pelas demandas legais externas, mas por ajustes às necessidades epidemiológicas, aos avanços no conhecimento e às demandas locais. Seus professores, estudantes e servidores técnico-administrativos continuam sendo muito comprometido com a formação da pessoa que será o melhor médico possível para seu paciente e para a comunidade em que está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIPE, J. C. A. *A Faculdade de medicina e sua ação renovadora*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012. 161 p.

ARAÚJO, M. N. T. de; PINHEIRO, V. G. F.; RIBEIRO, M. G. F.; ALMEIDA, Y. M. de; RAMOS, A. N.; MOTA, M. V.; CAMPOS, H. de H. Educação baseada na comunidade: a experiência do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará. In: BOLLELA, V. R.; GERMANI, Ana C. C. G.; CAMPOS, Henry de Holanda; AMARAL, E. *Educação baseada na comunidade para as profissões da saúde: aprendendo com a experiência brasileira*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2014. Disponível em: https://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/ebc_aprendendo_com_a_experincia_brasileira_2014_port.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

BATISTA, N. A.; VILELA, R. Q. B.; BATISTA, S. H. S. da S. *Educação médica no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Superior. *Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014*. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina e dá outras providências. Bra-



sília, DF: CNE, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizescurriculares-cursos-de-graduacao. Acesso em: 16 jan. 2023.

BRASIL. Decreto nº 62.279, de 20 de fevereiro de 1968. Institui Reforma Universitária. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 1601, 21 fev. 1968. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62279-20-fevereiro-1968-403662-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FACULDADE DE MEDICINA. Livros de Atas de Reuniões da Congregação da Faculdade e depois da Direção da Faculdade de Medicina em fase de digitalização pelo Memorial da UFC. [S.l.: s.n.], [2---].

FARIAS FILHO, A. *Avaliação institucional: interlocução entre autoavaliações na perspectiva do SINAES e do GESPÚBLICA*. 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FARIAS FILHO, A. *Internato médico: construção de modelo de autoavaliação institucional e educacional*. 2018. 132 f. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

GADELHA, G. *Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense, 1913-1948*. 2012. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

LAMPERT, J. B. *Tendências de mudanças na formação médica no Brasil: tipologia das escolas*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

MARANHÃO, É. de A.; GOMES, A. P.; SIQUEIRA-BATISTA, R. O que mudou na Educação Médica a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais: sob os olhares do Jano de Duas Faces. In: STREIT, D. S. *et al.* (org.). *Educação médica: 10 anos de Diretrizes Curriculares Nacionais*. Rio de Janeiro: ABEM, 2012. p. 59-91.

MARQUES, C. *et al.* A caridade criando hospitais em Minas Gerais (Brasil) - séculos XVIII-XX. *Dynamis*, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 107-129, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 215, de 20 de fevereiro de 1969*. Implantação da Reforma Universitária com o fun-

cionamento obrigatório do Sistema Departamental e a obrigatoriedade da adoção do sistema curricular que individualize semestre-disciplina. Fortaleza: UFC, 1969. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1969/resolucao215_consuni_1969.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 243, de 29 de outubro de 1971*. Definiu o vestibular unificado para duas áreas: Ciências e Humanidades. Fortaleza: UFC, 1971. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1971/resolucao243_consuni_1971.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 244, de 23 de novembro de 1971*. Baixa normas para implantação e funcionamento do 1º. Ciclo. Fortaleza: UFC, 1971. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1971/resolucao244_consuni_1971.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 253, de 20 de julho de 1972*. Baixou normas complementares às da Resolução 244. Fortaleza: UFC, 1972. Disponível em https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1972/resolucao253_consuni_1972.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 259, de 28 de setembro de 1972*. Baixa normas para disciplinar o funcionamento do Crutac/CE. Fortaleza: UFC, 1972. Disponível em: https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_1972/resolucao259_consuni_1972.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Projeto Pedagógico do Curso de Medicina 2001*. Fortaleza: UFC, 2001. Disponível em: <http://www.medicina.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/PPC-2001.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Projeto Pedagógico 2018.1*. Fortaleza: UFC, 2018. Disponível em: <http://www.medicina.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/PPC-Faculdade-de-Medicina-2018.1-vf-completo-09fev181-min.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Projeto Pedagógico do Curso de Medicina 2023*. Fortaleza: UFC, 2023. No prelo.



Curso sobre nutrição por professor convidado na Faculdade de Medicina, em 1967

Fonte: Memorial da UFC

A EVOLUÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (FAMED/UFC): A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E DAS COMUNICAÇÕES (TDIC)

*Luiz Roberto de Oliveira**

Introdução

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (Famed/UFC), completando três quartos de século, tem mantido persistente crescimento desde sua fundação, com melhorias de grande valor na formação de profissionais médicos ao longo de seus 15 lustros de existência. Nesse contexto, é oportuno refletir sobre quais direcionamentos devem se assentar possíveis propostas futuras de atualização curricular, considerando os crescentes desafios da Infoera.** Por conta das pressões causadas pelo uso das Tecnologias Digitais da Informação e das Comunicações (TDIC), por suas características de ubiquidade e interrupção (ao contrário da linearidade convencional), torna-se indispensável conjecturar sobre os processos de ensino e aprendizagem no Curso de Medicina da instituição. Inclusive com apreciações capazes de induzir possíveis influências nos demais cursos da área da saúde da UFC, consoante novas tendências da era da informação e do conhecimento, vale dizer, da Sociedade Digital, destacando a necessidade da convergência, da cooperação e da colaboração.

A Sociedade atual, nos últimos 50 anos, deparou-se com a realidade mutante da Infoera, a qual, conforme adverte Zuffo (1977, p. 10),

[...] traz em seu bojo uma plêiade de promessas, que poderão resultar numa idade de ouro para as artes e ciências e uma infinidade de ameaças que pode-

* Professor Associado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Mestre e Doutor em Medicina. Especialista em Informática em Saúde.

** Conforme o Dicionário Informal, a “Infoera é a era da informação e do conhecimento. Nós estamos no início da infoera com o advento das tecnologias da comunicação, especialmente os computadores e a Internet”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/infoera/>. Acesso: 05 jan. 2023.



rão resultar numa divisão da humanidade em rígidas caixas sociais, e numa nova idade das trevas, que poderá perdurar por muitos e muitos séculos.

Comentando uma das mais destacadas aplicações das TDIC na área da Saúde, Sabbatini (2014, p. 1), ao discorrer sobre a evolução e as perspectivas da Telemedicina no Brasil, menciona que “[...] o fantástico progresso tecnológico da eletrônica e da informática nas últimas décadas afetou todos os setores da sociedade e a medicina não foi exceção”.

Pittamiglio e Batista (2005, p. 223), por sua vez, ressaltam que as TDIC “[...] expandem a capacidade humana de recuperar, armazenar, organizar, tratar, produzir, comunicar e disseminar a informação”. Telecomunicações e computadores, em sua união irreversível a partir dos anos 70 do século passado (SABBATINI, 2014), afetaram todos os setores da sociedade, com consequências muito positivas, mas, em seu bojo, trazem também enormes possibilidades de efeitos nocivos e devastadores. Computadores, no que pese o avanço da Inteligência Artificial (IA) e suas aplicações na área da saúde, não passam de máquinas simulando próteses para deficiências naturais do cérebro humano, “[...] instrumentos que o homem cria para tornar mais poderosa, no tempo e no espaço, sua capacidade de ação” (OLIVEIRA LIMA, 1981, p. 798).

O presente capítulo apresenta considerações sobre tópicos básicos do impacto das TDIC na saúde e a importância de adotar processos de ensino e aprendizagem para introduzir formação em Saúde Digital nos cursos de graduação e pós-graduação na área. Essa realidade tornou-se factível no Curso de Medicina da Famed/UFC, que já tem uma disciplina na pós-graduação* e, a partir do ano em curso, também na graduação médica.

Implicações das TDIC nos processos de ensino e aprendizagem nas áreas da saúde

A presença de artefatos computacionais e informacionais no cotidiano das pessoas, em todos os segmentos sociais, tornou-se irretorquível. Essa realidade, ao longo dos anos, tem mudado inclusive o conceito de inclusão digital, com a disponibilidade de melhoras nas comunicações sem fio e a disseminação dos Dispositivos de Acesso Único (DAU), computadores portáteis, tablets e telefones celulares. Estão cada vez menores e mais leves (facilitando o transporte), mais

* Programa de Pós-Graduação em Ciências Médico-Cirúrgicas – Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (<https://ppgcmc.ufc.br>).

velozes, com capacidade de processamento e armazenamento em constante crescimento e preços em queda. As comunicações, pela disponibilidade de redes de fibra ótica e em especial das redes sem fio, sempre com maior velocidade, número de conexões simultâneas e disponibilidade, presentes em diferentes ambientes, mostram tendência de constante melhoria e redução de custos.

O advento da tecnologia 5G, por sua vez, promete concretizar a realidade da fusão dos mundos físico, virtual e biológico.* Ou seja, a Internet das Coisas Médicas (IoMT, sigla do inglês *Internet of Medical Things*) já é uma realidade disponível.** Tudo isso faz parte da transformação digital decorrente do avanço das TDIC, em seus dois braços principais: convergência digital e divergência de plataformas. Entretanto, e em especial no que se refere à educação na área da saúde, carece juntar ponderações indispensáveis.

A primeira delas é observar como, ao longo das últimas décadas, fato já mencionado em parágrafo anterior, a exclusão digital, antes associada a dificuldades de aquisição de dispositivos de informática e de acesso à internet por questões econômicas, tornou-se muito mais uma questão de alfabetização, letramento e literacia digital.

Aliás, seria melhor falar em letramentos, no plural, com destaque para os letramentos digital, informacional, visual e midiático (OLIVEIRA, 2022). De forma bem objetiva, a inclusão digital não dependeria mais e exclusivamente da disponibilidade monetária para aquisição de hardware/software e custeio de acesso. É necessário ter formação para empregar esses itens como elementos (próteses?) capazes de auxiliar nas atividades laborais dos seres humanos que os venham utilizar produtivamente. Em suma, é preciso cuidar do *peopleware*.

Para Bellini, Gievelen e Casali (2010, p. 25), muito embora o termo exclusão digital seja o mais comum para referir-se às dificuldades de acesso e uso das TDIC, melhor seria referir-se às “[...] três formas principais de limitações digitais (limitação de acesso, limitação cognitivo-informacional e limitação comportamental)”. Este autor, em seus estudos “[...] de natureza conceitual e crítica”, ainda afirma:

* 5G na educação: impactos e oportunidades para a área. Disponível em: <https://certi.org.br/blog/5g-na-educacao/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

** Internet das Coisas na medicina: entenda os impactos. Portal Telemedicina. Disponível em: <https://portaltelemedicina.com.br/blog/internet-das-coisas-entenda-os-seus-impactos-no-mundo-da-medicina>. Acesso: 05 jan. 2023.

[...] percebe-se que o fenômeno da limitação digital envolve mais dimensões do que usualmente se imagina e apresenta uma dinâmica complexa de possibilidades de solução, dado que a interdependência entre as três formas de limitação é muito sensível a alterações em fatores tecnológicos, sociais, econômicos, cognitivos e comportamentais (BELLINI; GIEVELEN; CASALI, 2010, p. 25).

Depreende-se, pelo exposto acima, haver outro item a merecer cuidadosa atenção: há riscos inerentes ao mau uso das TDIC, seja em relação aos processos de ensino e aprendizagem, seja no emprego de ferramentas ou possibilidades por estas disponibilizadas para ações de atenção à saúde. Um desses riscos, no ensino e na educação, refere-se à procrastinação, pois embora o tempo e o espaço tenham novo redimensionamento na sociedade digital, a duração de 24 horas continua sendo a mesma para cada dia. Mas, a mesma facilidade de obter e disponibilizar informações e facilitar as comunicações, pode contribuir para dispersar, potencializada, por exemplo, pelas ofertas de lazer e de outras atividades improdutivas disponibilizadas em multiplicadas formas. O uso das Tecnologias da Inteligência (LÉVY, 2010) implica desenvolver disciplina, organização e autonomia.

O uso produtivo de tais disponibilidades e facilidades tecnológicas, dessa forma, no contexto atual da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), implica em criar a cultura de uso. Para tanto, não basta instituir treinamentos, atualizações, capacitações, tentativas de curto prazo que não contribuem muito para implementar uma cultura organizacional de valor. É preciso formar, por meio da educação, a partir de ensino adequadamente planejado. Torna-se imperioso pensar no *peopleware* (nas pessoas) como elemento central da caminhada para adentrar na sociedade digital com chances de colher melhores resultados e minimizar erros. A internet e a web propiciam a todos uma oportunidade ímpar de serem produtores e não meros receptores passivos de conteúdo, mas devem ser orientados para obter níveis crescentes de proficiência, partindo da alfabetização, atingindo o letramento e a literacia.

Há ainda a considerar, outro tópico de destaque, e embora a lista possa se alongar bastante, a importância das considerações éticas no uso das TDIC, um olhar de compromisso ecológico com a bioética digital. Silva Filho (2010, p. 67) comenta: “[...] Como a ética é permanente e a moral é temporal, vamos presenciar, ainda mais, mudanças de comportamento e de abordagens”.

A transformação digital é irreversível, mas se refere menos às transformações tecnológicas do que, e principalmente, às pessoas envolvidas no uso de equipamentos, softwares e algoritmos. Decorre disso o fato singular sobre a tecnologia prover ferramentas para agilizar os processos de trabalho, disponibilizar informações significativas no momento e no local em que estas são necessárias para subsidiar tomadas de decisão, agilizar comunicações para vencer impedimentos de tempo e espaço. Mas, isso não pode se tornar apenas uma mera mecanização da burocracia na atenção da saúde, da rotina em emergências, enfermarias e consultórios. A tecnologia deve ser humanizada, algo impossível sem educação, induzindo “[...] mudança estrutural na cultura da organização para acolher a inovação, nos modelos de gestão e no *mindset* dos profissionais de saúde” (TRANSFORMAÇÃO..., 2023, n.p.).

A Famed/UFC tem sido presente em diversas iniciativas de melhoria da aprendizagem em medicina desencadeadas no país, desde a utilização das Metodologias Ativas de Ensino e Aprendizagem (MAEA), com destaque para a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL, da sigla em inglês de *Problem Based Learning*), com expressiva participação no Pró-Saúde e na implantação do Projeto FAIMER.

Merecem destaque também a menção à participação nos Programas Telessaúde Brasil Redes, Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS), e Rede Universitária de Telemedicina (Rede RUTE), a cargo do Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (NUTEDS/FAMED/UFC), disponibilizando cursos mediante o uso da Educação a Distância (EaD) *online*, desde Especialização em Saúde da Família e da Comunidade (em parceria com a Universidade Aberta do SUS), e diversos outros cursos. Para a especialização, tem-se privilegiado a modalidade híbrida da EaD baseada na web, com resultados positivos (baixa evasão), e também com oferta de cursos autoinstrucionais.

Quando da constituição das três iniciativas acima mencionadas (Telessaúde Brasil Redes, Rede RUTE e UNA-SUS), citadas nessa ordem por conta de suas datas de criação, foi muito oportuno agregar sua gerência e execução sob responsabilidade de um único Núcleo, daí a criação do NUTEDS/FAMED/UFC pela Portaria UFC nº 76, de 15 de janeiro de 2010, do Magnífico Reitor Jesualdo Pereira Farias. Antes, já havia sido criado o Núcleo de Telessaúde (Portaria UFC nº 2260, de 06 de dezembro de 2007, do Magnífico Reitor Ícaro de Sousa Moreira). Por fim, a Resolução nº 2

do Conselho Universitário (20 de março de 2019), criou o Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde, “[...] com finalidade de atuar no desenvolvimento, instituição e consolidação do uso das Tecnologias Digitais da Informação e das Comunicações (TDIC) e suas aplicações na área da saúde, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva das práticas da Saúde Digital” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2019).

Perspectivas Futuras e desafios

Soares, Roussenq, Crocetta e Benetti (2022, p. 38954), ao analisar os processos de implementação da Saúde Digital no Brasil, afirmam que suas “[...] ações [...] só terão a efetividade, se os profissionais e gestores estiverem capacitados e sensibilizados para utilizá-las adequadamente”. Esse esforço de prover formação intensificou-se com a crise sanitária instalada pela pandemia do Covid-19, demandando qualificar profissionais para atender a situação de emergência. Práticas anteriormente ainda não aceitas na área da saúde, como as teleconsultas, ou pouco disseminadas, como a EaD online, foram adotadas e tornou-se possível perceber a necessidade de formação para obter os melhores resultados. No segmento educacional, não bastava introduzir o ensino remoto, de qualquer maneira, apenas tentando reproduzir por meios virtuais as práticas tradicionais do ensino presencial. No setor saúde, muitos detalhes importantes precisavam também ser observados, desde a regulamentação legal, mesmo que em caráter emergencial, mas observando também cuidados com a qualidade da atenção, a equidade, a satisfação dos pacientes com suas jornadas de saúde e, por óbvio, o gerenciamento dos recursos necessários evitando desperdícios.

O uso das TDIC, tanto na atenção à saúde quanto na educação, demanda formação para obter bons resultados. Em educação, o que se almeja com a intermediação tecnológica digital é facilitar a aprendizagem significativa, não apenas reproduzir sua vertente mecânica e ineficiente. Pretende-se, na saúde, melhorar a qualidade da atenção, dar mais e melhores oportunidades de acesso, reduzir custos (o denominado *triple aim*). Um quarto item é cada vez mais valorizado: contribuir para a satisfação do paciente, inclusive estimulando sua responsabilidade pela própria saúde (autorresponsabilidade decorrente da literacia em saúde). Tudo isso não deve aguardar nova crise sanitária para ser implantado.

Na base de tudo está a educação. Por conseguinte, os cursos de graduação na área da saúde precisam incluir a educação em Saúde Digital, e muitos tópicos deveriam ser ministrados em equipe. Não faz mais sentido formar médicos, enfermeiros, farmacêuticos e odontólogos, citando apenas as quatro subáreas mais tradicionais da saúde, como núcleos separados, privilegiando o isolamento justo no momento que se avizinha célere, a 5ª Revolução Industrial (FINCATO; CARPES, 2020). É preciso convergir. As TDIC não são diferentes para os profissionais de saúde, e a Lei Geral de Proteção de Dados não tem tal diferenciação. O que precisa mudar é o modo de ensinar, começando por nivelar as deficiências de conhecimentos com que os discentes adentram nos cursos superiores de um modo geral, e isso deve contemplar também os próprios docentes. Estes devem receber estímulo para aderir a programas de formação continuada contemplando aspectos pedagógicos, andragógicos, uso de novos recursos metodológicos e abordagens metodológicas. É fato conhecido, embora pouco estudado, que muitos profissionais liberais que adentram o magistério superior na saúde não possuem formação pedagógica, ou seja, “[...] o preparo necessário para seu exercício e encontram na formação continuada essa possibilidade” (FAN, 2017, p. 9).

No momento em que está em curso a implementação da Saúde Digital no país (BRASIL, [2023]a; BRASIL, [2023]b), torna-se oportuno rever os padrões de ensino e a formação dos futuros profissionais de saúde que adentrarão o mercado de trabalho em plena efervescência do uso das TDIC em saúde. E sob a égide da Lei Geral de Proteção de Dados (BEZERRA, 2022), é preciso despertar em todos os profissionais de saúde a necessidade de ter conhecimento sobre as bases legais existentes para o uso dessas tecnologias, espírito crítico e consciência ética no emprego da Telemedicina e da Telessaúde, de soluções de Prontuário Eletrônico do Paciente e de Registro Eletrônico de Saúde, de Sistemas de Apoio à Decisão, de Sistemas de Informação em Saúde, uso de Assinaturas Eletrônicas, indicando alguns dos princípios que devem ser incorporados à formação dos profissionais de saúde no novo contexto.

Há ainda que tratar da formação continuada de docentes para atender novas exigências e desafios da contemporaneidade digital, na contingência do mundo BANI, caracterizado pela fragilidade, ansiedade, não linearidade e (panorama) incompreensível (do inglês, *brittle, anxious, nonlinear* e *incomprehensible*) (BEZERRA, 2022). Esse contexto requer outras abordagens, e a universidade pode e deve ser celeiro de novas soluções,

acrescentando ao seu tripé clássico (ensino, pesquisa e extensão) outra tríade de atribuições, constituída pela inovação, empreendedorismo e pela liderança apreciativa (WHITNEY; TROSTEN-BLOOM; RADER, 2011). Para enfrentar a complexidade do mundo atual, a proposta de soluções não pode ser simples, inflexível e nem embasada em parâmetros defasados, cultivando o conservadorismo tão frequente na área da saúde. Há a necessidade de se propor soluções também complexas e, de preferência, centradas em singularidade tecnológica e estratégica (AFFONSO, 2018).

Ao fim, como propostas, algumas indagações podem ser deixadas para reflexão. Por que a Famed/UFC ainda não adotou, a exemplo de outras instituições de ensino superior e outros cursos de medicina, o ensino híbrido, empregando ambiências criadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) MOODLE (unanimidade em instituições de ensino superior da área da saúde)? Como instituir um programa de formação continuada para docentes da área da saúde da UFC, para impulsionar o uso das TDIC acopladas às MAEA, fomentando a modernização dos processos de ensino e aprendizagem, na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida e por toda a vida? A mudança curricular acrescentando a Introdução à Saúde Digital como disciplina obrigatória no currículo do Curso de Medicina já é um sinal dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFFONSO, A. *Singularidade, singularidade Tecnológica e singularidade estratégica*. [S.l.], 2018. Disponível em: [https:// professorannibal.com.br/2018/06/05/singularidade-de-singularidade-tecnologica-e-singularidade-estrategica/](https://professorannibal.com.br/2018/06/05/singularidade-de-singularidade-tecnologica-e-singularidade-estrategica/). Acesso: 23 jan. 2023.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLINI, C. G. P.; GIEBELEN, E.; CASALI, R. R. B. Limitações digitais. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 20, n. 2, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91396>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BEZERRA, S. Mundo BANI: o que é esse conceito? *StartSe*, [s.l.], 15 dez. 2022. Disponível em: <https://www.startse.com/artigos/mundo-bani-o-que-e-esse-conceito/>. Acesso: 23 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estratégia de Saúde Digital para o Brasil 2020-2028*. Brasília, DF, [2023]a. Disponível em: https://bvsmssaude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategia_saude_digital_Brasil.pdf. Acesso: 23 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é Saúde Digital*. Brasília, DF, [2023] b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-digital>. Acesso: 23/01/2023.

FAN, L. G. *A formação continuada na percepção dos docentes dos cursos de graduação de profissionais liberais da área da saúde*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/5671>. Acesso em: 21 jan. 2023.

FINCATO, D. P.; CARPES, A. T. A 5ª Revolução (industrial) e a volta à humanidade como elemento de disrupção. *Revista de Direito do Trabalho e Seguridade Social*, São Paulo, v. 46, n. 209, p. 105–126, jan./fev. 2020.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2010.

OLIVEIRA LIMA, L. de. Computador-sociedade-democracia. *Ciência e Cultura*, [s.l.], v. 33, n. 6, jun. 1981.

OLIVEIRA, L. R. de. Literacia em Saúde Digital. In: MONTEIRO, A.; RENDEIRO, M. M. P.; ALVES, A. T. S. (org.). *Inovação e Futuro da Saúde Digital para o Pós-pandemia*. Rio de Janeiro: Laboratório de Telessaúde, 2022. cap. 1, p. 20-31.

PITTAMIGLIO, E. L. de; BATISTA, N. A. O Docente e suas Relações com as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs). In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H.; ABDALLA, I. G. (org.). *Ensino em saúde: visando conceitos e práticas*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2005. cap. 12, p. 223-238.

SABBATINI, R. M. A Telemedicina no Brasil: evolução e perspectivas. In: CAETANO, K. C.; MALAGUTTI, W. (org.). *Informática em Saúde: uma perspectiva multiprofissional dos usos e possibilidades*. São Caetano do Sul: Yendis Editora Ltda, 2014. cap. I, p. 1-16.

SALA de operação no hospital escola, em 1959. [1959]. 1 fotografia.

SILVA FILHO, P. Ética na Internet. In: WEINLICH, N. C.; DONADON, A. M. C. P. (org.). *Reflexões para o despertar da consciência ética*. São Paulo: Loyola, 2010.

SOARES, A. N.; ROUSSENQ, S. C.; CROCETTA, T. B.; BENETTI, M. O que é saúde digital? Uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 8, n. 5, p. 38954-38972, maio 2022.

TRANSFORMAÇÃO Digital na Saúde. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://redfox.tech/baixe-o-e-book-transformacao-digital-na-saude/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 02/CONSUNI, de 20 de março de 2019*. Fortaleza: UFC, 2019.

WHITNEY, D.; TROSTEN-BLOOM, A.; RADER, K. Liderança Apreciativa: concentre-se no que funciona para impulsionar um desempenho vencedor e construir uma empresa próspera. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

ZUFFO, J. A. *A Infoera: O Imenso Desafio do Futuro*. São Paulo: Editora Saber Ltda, 1977.

Sala de
operação
no hospital
escola, em
1959

Fonte:
Memorial
da UFC.



HUMANIDADES MÉDICAS NA FACULDADE DE MEDICINA

*Álvaro Jorge Madeiro Leite**

INTRODUÇÃO

[...] percebi há muito que a medicina tem um travo diferente quando é praticada por médicos cultos não só porque aprendem mais facilmente a complexidade do que é estar doente [...] mas também porque desenvolvem aptidões como empatia, curiosidade, sentido de humor, imaginação, disponibilidade, que lhes permitem saborear melhor a profissão que abraçaram (ANTUNES, 2005).

Pode-se argumentar que o espírito do movimento das Humanidades Médicas encontra-se nessa epígrafe capturada de escritos do respeitado médico português João Lobo Antunes (1944-2016).

Já vem de tempos distantes a percepção de que a quase totalidade dos cursos médicos costuma estar repleta de conteúdos biológicos, fisiopatológicos e científicos que ofertam a base para o desenvolvimento do raciocínio clínico. Com esse raciocínio, os alunos adquirem conhecimentos essenciais à prática de identificar e tratar as doenças dos pacientes; esses saberes preponderantes na escola médica tendem a tornar os futuros profissionais da medicina em estudantes de doenças - exímios diagnosticadores de doenças.

Por outro lado, as crescentes exigências da sociedade requerem que os médicos, além de tecnicamente competentes, sejam capazes de compreender de modo empático a experiência das pessoas que estão doentes; de utilizar no encontro clínico, habilidades de comunicação que revelem um conhecimento mais profundo da natureza da profissão e da expectativa dos pacientes de receberem o melhor cuidado possível nas circunstâncias em que a prática clínica acontece.

Aprender a desenvolver e pôr em prática virtudes éticas e relacionais revela-se crucial para a competência clínica. Essa competência só pode ser ensinada por intermédio das humanidades (filosofia, história da medicina, literatura, cinema, antropologia, sociologia, psicologia, artes plásticas, teologia, direito, bioética, dentre outras). Com as humani-

* Professor Titular de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

dades, o objetivo geral a ser alcançado é o enriquecimento (cultivo) do espírito humano por intermédio da formação sólida na cultura científica, na cultura das humanidades e das artes; um olhar sobre a condição humana; cultivo do profissionalismo médico.

No desempenho competente do futuro médico deve-se ainda cotejar aqueles que estão relacionados com a organização dos sistemas de saúde, pois estes conformam os locais de prática clínica onde a atividade médica efetivamente será desenvolvida. Praticamente em todos os países (aqui o diagnóstico vem dos países desenvolvidos!) têm sido vistos paradoxos para o exercício profissional. Há exatos 20 anos, uma declaração conjunta intitulada “Profissionalismo médico no novo milênio” da Federação Europeia de Medicina Interna e do Colégio Americano de Medicina em conjunto com a Sociedade Americana de Medicina Interna, alertava: “Os médicos, atualmente, se sentem frustrados na medida em que as mudanças nos sistemas de atenção à saúde, praticamente em todos os países industrializados, ameaçam a natureza e os próprios valores da profissão médica”.

O somatório dessas perspectivas – escolas médicas e sistemas de saúde – se adicionados à falta de formação ético-humanista sólida, aumenta o risco de que a atenção médica assuma um caráter cada vez mais impessoal (“um médico qualquer que atende um paciente denominado de mais um”). Esses ambientes deixam pouca margem para a construção de um relacionamento comunicativo, baseado nas virtudes médicas, valorizando o contexto biográfico e sociocultural do paciente. Se o médico especialista em doenças se envolve nessa situação na qual impera a invisibilidade, o resultado pode ser um processo de alienação que atinge a ambos com consequências indesejáveis - insatisfação, frustração, falta de realização profissional, *burnout*.

Ilustrando o aspecto do impacto da qualidade da comunicação médico-paciente sobre os resultados clínicos, vários estudos revelam que: melhora a compreensão das informações pelo paciente; aumenta a aderência ao tratamento; potencializa o alívio dos sintomas; aumenta a satisfação do paciente; melhora o desfecho fisiológico; reduz a frustração do médico e aumenta sua satisfação no trabalho. Esse último aspecto – frustração médica - não há de ser desprezível diante da complexidade das relações sociais e institucionais onde se realiza o encontro do médico com os pacientes (STEWART *et al.*, 2017).*

* STEWART, M. *et al.* *Medicina centrada na pessoa: transformando o método clínico*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

Como resposta a essa situação, as escolas médicas em todo o mundo estão preocupadas com a formação técnico-científica e ético-relacional dos médicos (humanismo médico). O desafio é enorme para essa profissão que escuta, acolhe e enfrenta o sofrimento humano.

Médicos ciosos de sua identidade profissional e compromisso com a sociedade, *são médicos que tiveram a oportunidade de desenvolver um alto grau de profissionalismo.*

No entanto, o exercício cotidiano da atividade clínica aponta para uma fragilidade de comportamentos e atitudes muitas vezes distantes da compreensão da experiência da doença e do sofrimento dos pacientes. Observa-se um predomínio exagerado da medicina tecnológica e um distanciamento dos traços humanísticos e das habilidades éticas e de comunicação específicas dos encontros humanos na prática clínica.

Em nossa Faculdade, vários professores têm desenvolvido estudos que versam sobre aspectos da formação humanística dos alunos, tais como empatia, compaixão, conexão profunda com as preocupações e sentimentos dos pacientes, habilidades de escuta atenta, imaginação médica, virtudes e dimensões éticas do trabalho médico; tópicos que procuram preencher a lacuna deixada pela ciência e pela racionalidade biomédica, claramente insuficientes para formar um profissional competente. Assuntos ou saberes ligados ao campo da sensibilidade, do artístico, do literário e suas fabulações humanas, do lúdico, da linguagem simbólica são tópicos imprescindíveis para acolher a dimensão emocional e ética do ser humano. Essas experiências com os alunos pretendem contribuir para a aquisição de virtudes médicas que se expressam em habilidades humanísticas de comunicação necessárias ao exercício clínico, e assim, facilitar o desenvolvimento da identidade e da sensibilidade médica.

PRIMÓRDIOS (contribuições dos professores Flávio Leitão e Fernando Siqueira)

Já na década de 1980, o professor Pedro Henrique Saraiva Leão apresentava, nas reuniões do Departamento de Cirurgia, a importância da inclusão de temas de humanidades na formação de nossos acadêmicos.

A partir de então, surgiu a fundação da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, que não deixa de ser uma tentativa de criar elos entre a ciência médica e a arte, e, desta forma associar a temas sensíveis que possam fortalecer a formação humanística que todo médico deve ter.

Mas, somente na gestão do professor Sergio Regadas, em 1998, foi criada oficialmente a sessão de humanidades médicas pelo Departamento de Cirurgia, que ficou a cargo do Professor Flávio Leitão e que foi, desde o início, inserida de modo esporádico dentro da sessão conjunta da Gastroenterologia com a Cirurgia, e, a partir de 2010, já sob coordenação do professor Fernando Siqueira, a sessão foi oficializada e vem ocorrendo todas as vezes em que há uma 5ª sexta-feira no mês.

Ao longo destes 25 anos já estiveram nesta sessão, abordando os mais variados temas, muitos intelectuais (médicos, advogados, arquitetos, engenheiros, poetas, cineastas, contistas, filósofos, professores universitários etc.).

Podemos destacar aqui os nomes:

O advogado Tarcísio Leitão; o escritor e membro da Academia Cearense de Letras, Juarez Leitão; o contista, professor e membro da Academia Cearense de Letras, Batista de Lima; o químico/físico Prof. Júlio Goes; o engenheiro e professor titular de informática da UFC, Fernando Carvalho; o arquiteto e professor universitário Romeu Duarte; o professor de direito e cineasta, Regis Frota; o médico, anestesista e enólogo Rômulo Lobo; o advogado Djalma Pinto; os professores aposentados da FAMED/UFC: João Evangelista, Dalgimar Beserra de Meneses, Luiz Gonzaga Porto Pinheiro, Hélio Rola e Lúcio Alcântara.

Contribuições da professora Fátima Azevêdo

Nascida em uma família de músicos, poetas, artesãs e artistas, com avós, um jurista e outro médico, ao mesmo tempo que cursava Medicina, não deixava de tocar violão, ler livros além dos de medicina, pintar e cantar nas noites de luar, ao som da gaita ou do violão de meu pai. Memórias afetivas preciosas. Essa diversidade de interesses e saberes com que fui educada forjaram a médica e professora universitária que me tornei. Passei muitos anos conversando informalmente com nossos alunos, sobre a importância de enquanto acadêmicos de Medicina, dedicarem-se também às artes, à música e a literatura, na medida do possível. Porque por experiência própria, sabia que para escutar nossos pacientes e lhes entender as dores além do diagnóstico, era preciso ter a sensibilidade aguçada, estimulada e sem a arte, a música e a literatura, o ser humano perde muito da capacidade de ser sensível.

A última reforma curricular veio responder aos meus anseios de institucionalizar o ensino das Humanidades Médicas no currículo da Famed-UFC, algo que há muito já vinha sendo feito em outras universidades, tanto no exterior quanto no Brasil.

Foi aí que tivemos a feliz ideia de ofertarmos dois módulos optativos (disciplinas que os alunos escolhem para complementar seus créditos) na área em questão. Um deles, *Arteterapia um Convite à Saúde* e o outro, *Arte e Literatura - Humanidades Médicas*. Cada um deles com 20 vagas e com carga horária de 20 horas. Em “Arteterapia um Convite à Saúde”, os alunos entram em contato com vários meios de arte, usados como forma de prevenir doenças psíquicas e/ou tratamento coadjuvante para as mesmas. São oferecidas oficinas de aquarela, origami, colagem, música e fotografia. Ao mesmo tempo em que os alunos praticam em cada oficina, pesquisam sobre trabalhos científicos realizados com esses vários meios, sobre os pioneiros na área da Arteterapia em Medicina e sobre o que mudou até o momento. Muitos nunca haviam lido sobre Nise da Silveira ou sobre o Museu do Inconsciente. Muitos alunos expressam sentimentos de alegria e gratidão, pela oportunidade de entrarem em contato com a arte que deixaram esquecida na infância e dão depoimentos que me emocionam. Todos dizem que levarão para sua vida e para sua prática médica o que aprenderam nessas aulas. No módulo “Arte e Literatura-Humanidades Médicas”, o enfoque é nos grandes humanistas, sejam estes médicos ou não, em textos e poesias que retratem situações de doenças, perdas, morte, superação, questões básicas da condição humana. E também em trechos de filmes que remetam a situações importantes, doenças genéticas, pacientes terminais, preconceitos, em que a relação médico-paciente gera tema para debate e aprendizado. A Medicina Narrativa também entra em cena nesse módulo e há momentos de relatos pessoais reveladores e emocionantes. Já vi muita cura ocorrer em muitos relatos pessoais. Alunos que nunca compartilharam uma situação vivida, encontram espaço acolhedor nesse módulo, para falar livremente como pacientes que um dia foram. A cada semestre convido algum professor colaborador, para enriquecer a programação e já tive a oportunidade de contar com a participação de professores ilustres como o querido Mestre Professor Dr. Murilo Martins, a também querida Professora Fernanda Coutinho (Letras), a saudosa Professora Izaira Silvino (Música) e, mais recentemente, as queridas Professoras Márcia Machado e Liu Man Ying (Música). Para mim, Geneticista que

faz arte e poesia, é alegria imensa poder levar essa arte e essa poesia que só nos faz bem, e igualmente para nossos alunos.

Contribuições do professor Álvaro Madeiro Leite

Foi no período compreendido entre os anos 1998-2000 que ouvi pela primeira vez o termo Humanidades Médicas. À época, estava concluindo doutorado na Unifesp e com atividades de consultoria na Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE) onde fora diretor na gestão da dra Sílvia Mamede Studart Soares. O Dr. Júlio Penaforte nos apresentou o tema. Intelectual médico, arguto em identificar veredas que contribuam para que a medicina e os médicos alcancem patamares de práticas e investigações clínicas na dimensão cognoscente e ética de seus postulados humanistas. Anos depois (2003), iniciei a oferta da disciplina optativa que atualmente está denominada “Humanidades Médicas & Atitudes na Vida Profissional: mediação pela literatura, cinema e artes visuais”.

A seguir, serão mencionadas algumas iniciativas que foram desenvolvidas em torno do tema das Humanidades médicas nesses últimos 20 anos.

1. Em 2000, junto com colegas professores de vários departamentos, organizamos um ciclo de debates intitulado “Grupo Interdepartamental: iniciativa para melhorar a sensibilidade médica”; o mesmo procurava difundir o campo das humanidades médicas para todo o corpo docente e discente de nossa Faculdade. Foram participantes os seguintes professores ora intitulados *HumanAmigos*: Jesus Irajacy (Radiologia), João Macedo Coelho Filho (Geriatria), Almir de Castro Neves Filho (Pediatria), Marcelo Alcântara (Pneumologia) e Marta Medeiros (Reumatologia);
2. Esses debates tiveram parceria com o programa de pós-graduação do Departamento de História Social da UFC na pessoa do professor Frederico Castro Neves que articulou a participação de vários pós-graduandos com temas da história da medicina em nosso Estado – ex: Juvenal Galeno e a “Medicina Caseira”: Poesia e Medicina; Isolar, Sangrar e Curar: uma análise das ideias e práticas médicas na cidade de Fortaleza na primeira metade do século XIX; Magos Doutores: Arte Médica no Brasil Colonial;
3. Por essa mesma época (2006), estimulados pela diretora de nossa Faculdade, Profa Maria Neile Torres e com influência dos diretores da

ESP-CE já citados, em atividade de consultoria educacional, foi introduzida a disciplina curricular “Habilidades de comunicação com Pacientes e Famílias”. Essa iniciativa contou com a decidida participação dos professores Francisco das Chagas Medeiros e Valéria Gois Monteiro, e, em anos posteriores, com a participação da dra Ionésia Amaral. Estava, por fim, garantida para todos os alunos da Faculdade, uma das dimensões cruciais das humanidades médicas;

4. Em parceria com os professores Henrique Luís do Carmo e Sá e Renata Giaxa foi realizado o *1º Colóquio sobre Humanidades Médicas/FAMED-UFC/UNIFOR*. O Colóquio foi organizado pelo Grupo HumanAmigos em parceria com a Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Foi realizado no dia 26 de agosto de 2013. Foram convidados dois médicos-assistentes da Universidade de São Paulo (USP) com tese de doutorado na área: Dr. Ricardo Tapajós e Dra. Izabel Rios. Participaram também da iniciativa: o Núcleo de Ensino, Assistência e Pesquisa da Infância do Departamento de Saúde Materno-Infantil-FAMED/UFC; o Projeto de Vivência da Relação Médico-Paciente (PROVIMP); o Núcleo de Desenvolvimento da Educação Médica (NUDEM); Instituto da Primeira Infância (IPREDE) e o Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (NUTEDS) (<https://colouiohumanidadesmedicas.blogspot.com.br/>);
5. O PROVIMP (Projeto de Vivência na Integração Médico-Paciente) projeto de extensão de iniciativa de alunos de graduação, foi fundado com o objetivo de estudar e propagar, no meio acadêmico e hospitalar, o importante tema para quem deseja trabalhar com algo tão precioso que é a saúde humana: *Relação Médico-Paciente*, que se propunha a oferecer, aos seus integrantes, a oportunidade de aprofundamento nesse tema, além de lhes dar a oportunidade de serem divulgadores da importância de uma boa interação Médico-Paciente, fundamental ferramenta diagnóstica e estratégia terapêutica, aliada aos conhecimentos técnicos da profissão. Orientadores: Prof. Álvaro Jorge Madeiro Leite e o Prof. Almir de Castro Neves Filho (<https://provimp-ufc.webnode.com.br/>);
6. Mais recentemente, constituiu-se uma Liga de Humanidades Médicas tendo como pioneiros os estudantes: Isabella Regina Borges Toledo; Daniele Rodrigues Vasconcelos; Fernando Lima; Nathália Farias Vasconcelos; Mariana Michiles Santos Ramos; Arthur

Queiroz Pinheiro; Bruno Cavalcante Fales de Brito Alves; Fernando Ricardo Fernandes Paz Júnior.

7. Com a eclosão da pandemia da Covid-19, um novo ciclo de conferências foi articulado com o NUDEM (2021); recebeu a denominação *Humanidades Médicas em tempos difíceis*. As exposições estão disponíveis no canal do YouTube do NUDEM: <https://www.youtube.com/watch?v=MvM2jNUZlsA&list=PLD688aFAzK8LxmYu66S4VXjm19Q0aTO-m&index=1> ou no site: <http://www.humanidadesmedicas.med.br/>.
8. Em 2021, em plena pandemia, vivia-se um cenário repleto de incertezas, medo, imprevisibilidade. A disciplina optativa foi ofertada em módulo remoto. Cento e sessenta e cinco alunos se inscreveram no curso. A riqueza dessa experiência resultará na publicação de um livro online e impresso cujo título é *Apanhadores de sensibilidades: um livro-afeto em torno das humanidades médicas*, em parceria com o monitor Gabriel Marques Cavalcante (S-6). Os objetivos estavam alinhados com as seguintes diretrizes:
 - Desenvolver uma noção geral sobre a formação profissional no que se refere aos conteúdos humanísticos da profissão
 - Identificar e refletir sobre aspectos da experiência sensível na formação e no exercício da medicina;
 - Refletir sobre a contribuição das humanidades (ciências humanas e sociais, literatura, poesia, filosofia, cinema, arte) para apoiar a formação humanística e a sensibilidade do aluno de medicina; e
 - Desenvolver hábitos inseridos nos referenciais da cultura civilizatória que apoiem sua presença ética e estética no mundo e na profissão escolhida.

No espírito da disciplina tome-se um trecho do livro *Ensaio sobre a Cegueira* do escritor José Saramago. No momento em que o homem recém-cego entra no consultório do oftalmologista pode-se atentar para aspectos essenciais da profissão médica (SARAMAGO, 1995, p. 8, grifo nosso):

[...] A mulher guiou o marido para uma cadeira livre, e, por não sobrar outro assento, ficou de pé ao lado dele, Vamos ter de esperar, murmurou-lhe ao ouvido. Ele percebeu porquê, ouvira vozes dos que ali se encontravam, agora afligia-o uma preocupação diferente, pensava que quanto mais o médico tardasse a examiná-lo, mais profunda a cegueira se tornaria e portanto, incurável, sem remédio.

[...] Muito obrigado pela sua bondade, senhor doutor, é que meu marido, e tendo dito interrompeu-se, em verdade ela não sabia o que realmente sucedera, sabia apenas que o marido estava cego e lhes tinham roubado o carro. O médico disse: Sentem-se, por favor, ele próprio foi ajudar o paciente a acomodar-se...

No geral, as Humanidades são disciplinas que apoiam os alunos na articulação de sentimentos e crenças, no seu processo de autopercepção, na percepção da alteridade do mundo, na percepção de diferentes comportamentos e potencialidades humanas e no entendimento dos valores que fazem de pessoas juntas uma comunidade. As Humanidades instilam sabedoria. Lidam com o que significa ser humano e viver uma vida humana (TAPAJÓS, 2022).*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

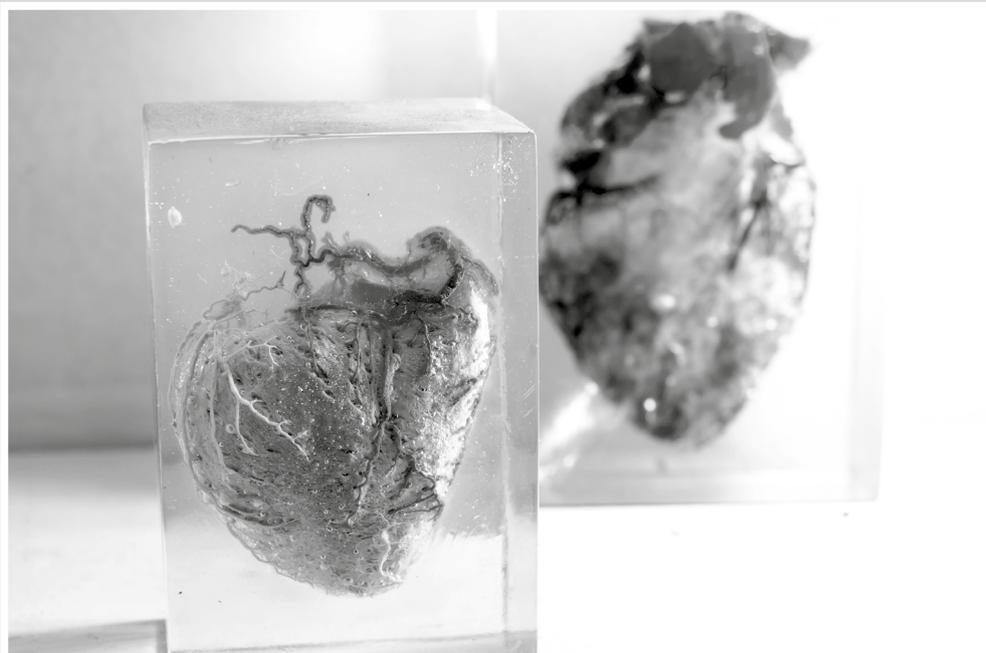
ANTUNES, J. L. *Sobre a mão e Outros Ensaio*. Lisboa: Gradiva, 2005.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

STEWART, M. *et al. Medicina centrada na pessoa: transformando o método clínico*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

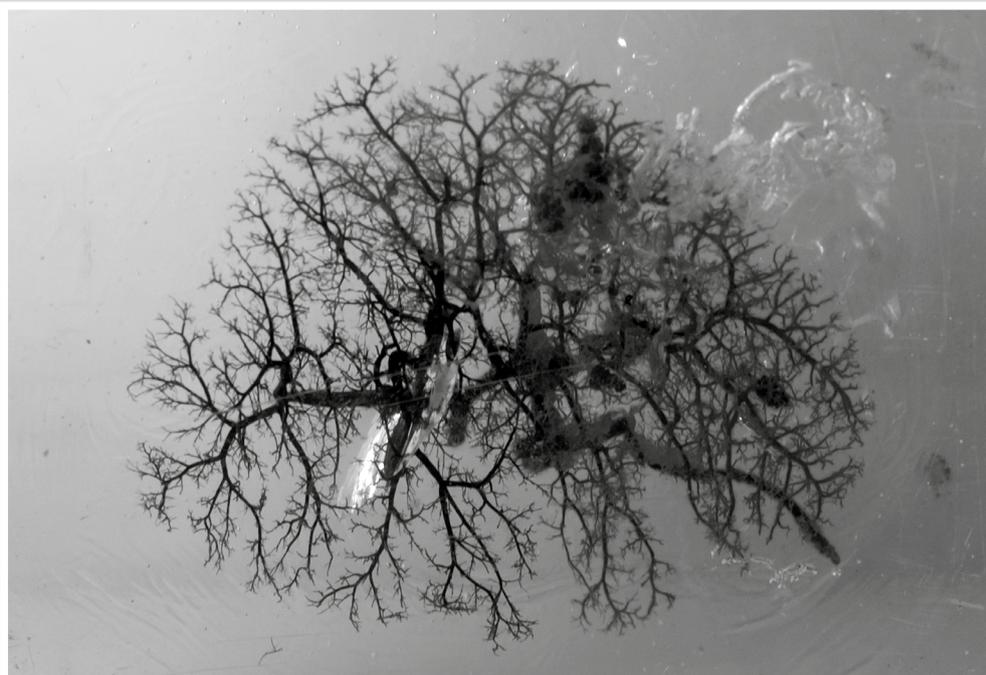
TAPAJÓS, R. A introdução das artes nos currículos médicos. *Interface - Comunic, Saúde, Educ.*, v. 6, n. 10, p. 27-36, fev. 2002.

* TAPAJÓS, R. A introdução das artes nos currículos médicos. *Interface - Comunic, Saúde, Educ.*, v. 6, n. 10, p. 27-36, fev. 2002.



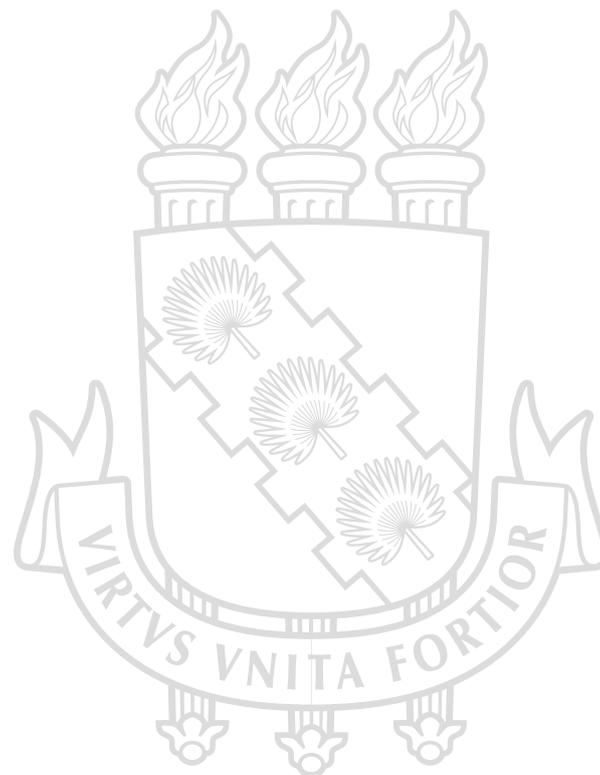
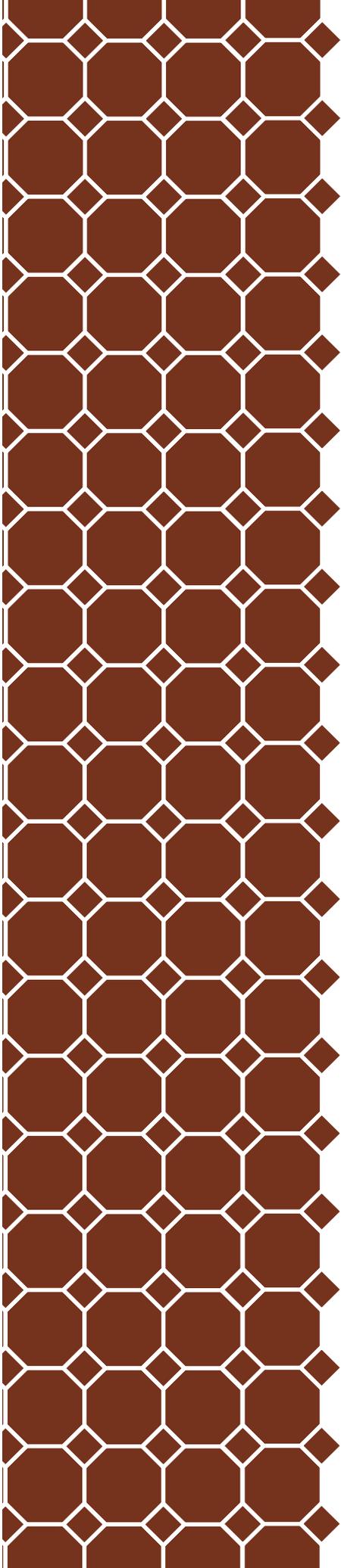
Modelagem da vascularização cardíaca realizada por angiotécnica: coração humano incluso em bloco de resina acrílica.

Fonte: Coleção Museológica do Laboratório de Anatomia – Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina da UFC



Modelagem da vascularização pulmonar por angiotécnica, destacando os lobos do pulmão esquerdo.

Fonte: Coleção Museológica do Laboratório de Anatomia do Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina da UFC



O CURSO DE FISIOTERAPIA

FISIOTERAPIA, UMA NOVA CONFIGURAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

*Fabiane Elpidio de Sá Pinheiro**

*Nataly Gurgel Campos***

*Pedro Olavo de Paula Lima****

*Rafael Barreto de Mesquita*****

*Rodrigo Fragoso de Andrade******

A Fisioterapia é uma ciência da saúde que tem como objeto de estudo o movimento humano em todas as suas formas de expressão e potencialidades, quer nas alterações patológicas, cinético funcionais, quer nas suas repercussões psíquicas e orgânicas, objetivando a preservar, desenvolver, restaurar a integridade de órgãos, sistemas e funções, desde a elaboração do diagnóstico físico e funcional, eleição e execução dos procedimentos fisioterapêuticos pertinentes a cada situação.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Graduação em Fisioterapia, através da Resolução CNE/CES 4, de 19 de fevereiro de 2002 a serem observadas na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do País, definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de fisioterapeutas para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Fisioterapia.

O Curso de Graduação em Fisioterapia tem como perfil do formando egresso/profissional o Fisioterapeuta, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual.

* Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

** Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

*** Professor Adjunto do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

**** Professor Adjunto do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

***** Professor Associado do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.



Destarte, a formação do Fisioterapeuta tem como objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em individual quanto coletivamente; tomada de decisões: o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo e efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas; comunicação: os profissionais de saúde devem ser acessíveis e manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral; liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos para assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade; administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde e educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática.

A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, regra esta contida no Artigo nº 205 da Constituição Federal. Para tanto, o governo federal, em 2003, e com previsão de conclusão até 2012, adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.

O Curso de Fisioterapia da UFC apresenta-se como desconstrutor do paradigma cartesiano em saúde que, partindo do modelo biomédico, introduz modelos de formação tecnicista e fragmentado. Aspectos preconizados pelas DCNs, tais como: saúde ambiental, cultura afrodescendente, inclusão e acessibilidade, direitos humanos e diversidade de gêneros e cultura deverão dotar o profissional de conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades: aten-

ção à saúde, com profissionais aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação na saúde, com práticas realizadas de forma integral nessas populações, sendo agente transformador dessas práticas, com a responsabilidade para resolver os problemas relacionados à saúde.

A elaboração de propostas metodológicas que inquietem os alunos a construírem seus conhecimentos facilitará um diálogo em via dupla, pois os sujeitos apresentam conhecimentos prévios que servirão de base para sua formação; assim, teremos a emancipação dos sujeitos para a construção de uma sociedade multicultural que busque, no âmbito da educação, uma justiça curricular.

HISTÓRICO DO CURSO

A Fisioterapia nasce na UFC a partir do serviço oferecido no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e, posteriormente, na Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC). O Programa de Residência em Fisioterapia Hospitalar no HUWC, criado em 2008, motivou a criação do Curso de Graduação em Fisioterapia, único em uma instituição pública no Estado do Ceará, sendo esta uma das principais justificativas para a sua concepção na UFC. Assim, nos termos da Resolução nº 12/2009 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE foi aprovado, em 29 de abril de 2009, o projeto de implantação do Curso de Fisioterapia da UFC vinculado a Faculdade de Medicina (Famed) sob a direção do Professor Doutor José Luciano Bezerra Moreira.

Portanto, a UFC apresenta, como justificativa, a inserção do curso de Fisioterapia em uma instituição pública para a formação de profissionais diferenciados, com uma visão técnica e de campo social, além de oferecer uma alternativa de formação acadêmica, com adequações curriculares, que permitam a formação de um profissional que irá se opor ao modelo tradicional e flexineriano dos cursos da área da saúde, e, em especial, a Fisioterapia que teve, como formação anterior no Brasil, uma profissão da área técnica, para somente em 1969, formar profissionais fisioterapeutas com reconhecimento superior.

Para a organização da matriz curricular do curso, utilizaram-se as DCNs do Curso de Graduação em Fisioterapia com base no desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, tendo o professor

como facilitador dos processos de ensino e aprendizagem centrados no aluno. Participaram, como responsáveis pela criação do primeiro PPC, os professores: Andréa da Nóbrega Cirino Nogueira, Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho, Cristiano Teles de Sousa, José Luciano Bezerra Moreira, Maria do Socorro Quintino Farias, Soraya Maria do Nascimento Rebouças Viana, Vasco Pinheiro Diógenes Bastos e Yacy Mendonça de Almeida.

O Bacharelado em Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará foi autorizado pela Resolução nº 17/CONSUNI, de 24 de julho de 2009. O Curso de Fisioterapia da UFC, em respeito às normas superiores pertinentes à integralização curricular, obedece aos seguintes indicativos: tempo útil de 4.668 horas, destas 1.312 horas de formação em estágios obrigatórios; 140 horas de atividades complementares; 128 horas em disciplinas optativas e 64 horas de trabalho de conclusão de curso, ofertado anualmente, através do sistema seriado semestral (40 vagas/ano) e integralização de 10 semestres, tendo a conclusão do curso pela primeira turma em dezembro de 2014.

A organização curricular constituiu-se de unidades curriculares com cinco eixos de formação, a seguir: I) Formação social, humana e pesquisa; II) Formação biológica; III) Formação pré-profissional integrativo; IV) Formação profissional instrumental e V) Profissional avançado. O PPC trouxe um caráter inovador por constituir a integralização curricular, habilitar o aluno ao trabalho multi e interprofissional; a pesquisa baseada em evidências e a articulação dinâmica entre os ciclos básicos, clínico, ensino, serviço e comunidade com a inserção precoce do aluno nos campos de atuação da Fisioterapia através dos módulos de Vivências em Fisioterapia I, II, III e IV, Clínicas de especialidades e o Internato, tendo como referencial os níveis de atenção em saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2001, determinando os domínios da saúde e domínios relacionados à saúde. Estes domínios são descritos com base na perspectiva do corpo, do indivíduo e da sociedade em duas listas básicas: (1) Funções e Estruturas do Corpo; e (2) Atividades e Participação. O intuito é capacitar os futuros fisioterapeutas para intervir nos cuidados de saúde pessoais, incluindo a prevenção, a promoção da saúde, estimulando a participação, removendo ou atenuando as barreiras sociais e a atribuição de apoios e de facilitadores sociais.

Em 2009 foram organizados os primeiros concursos públicos para docentes do Curso de Fisioterapia da UFC, sendo aprovados os professores Andréa Soares Rocha da Silva, Fabiane Elpídio de Sá, Kátia Virgínia Viana Cardoso, Pedro Olavo de Paula Lima, Raimunda Hermelinda Maia Macena, Rodrigo Ribeiro de Oliveira e Renato Evando Moreira Filho, considerados os sete (7) docentes fundadores do curso. Atualmente o curso apresenta um quantitativo de trinta professores doutores, 28 fisioterapeutas, 1 (uma) enfermeira e 1(uma) docente com formação em Ciência da Computação. Os alunos, desde a implantação do Curso, desenvolvem também suas atividades acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão) junto aos professores dos Departamentos de Morfologia, Fisiologia e Farmacologia e Patologia e Medicina Legal da Famed.



Docentes do curso de Fisioterapia da UFC.

Da esquerda para direita, *em pé*: Jardel Almondes, Rafael Mesquita, Alaine Rocha, Lidiane Oliveira, Elisete Mendes, Juliana Freire, Patrícia Collares, Rodrigo Oliveira, Hermelinda Maia, Renata Bessa, Márcio Almeida, Kátia Virgínia, Rodrigo Fragoso, Fabiane Elpídio, Renata Jucá, Fabianna Moraleida, Vilena Barros, Camila Leite, Andréa Soares; *agachados*: Gabriel Leão, Naysa Ferreira (visitante), Daniela Gardano, Nataly Campos, Mayle Andrade, Ana Carla.

O Curso de Fisioterapia foi coordenado inicialmente pelo Professor Roberto da Justa Pires Neto (gestão 2009-2011), médico infectologista, lotado no Departamento de Saúde Comunitária, seguido pelos Professores Fabiane Elpídio de Sá Pinheiro, coordenadora (gestão 2012-2015) e Rodrigo Ribeiro de Oliveira, vice-coordenador (gestão 2012-2013), fisioterapeutas. Durante essa gestão foi designado o primeiro Núcleo Docente Estruturante conforme deliberação do Colegiado da Coordenação

do Curso de Fisioterapia e de acordo com a orientação contida no art. 6º, parágrafo 1º da Resolução nº 10/2012/CEPE, de 1º de novembro de 2012.

Nesse interstício, ocorreu a solicitação de desligamento do vice-coordenador, Professor Rodrigo Oliveira. A Professora Kátia Virginia Viana Cardoso passa a ocupar o cargo de vice-coordenadora ainda durante a gestão da Professora Fabiane Elpídio (gestão 2013-2015). Ressalta-se que, durante esta coordenação, a responsabilidade para organizar juntamente com o corpo docente, discente e de servidores técnico-administrativos toda a documentação e infraestrutura necessárias para receber a Comissão de avaliação, composta pelas professoras Iêda Pereira de Magalhães Martins e Tania Cristina Malezan Fleig, que foram designadas para a Avaliação nº 106296, com vistas ao reconhecimento do Curso de Fisioterapia.

Sendo assim, em abril de 2014, o curso passou pelo processo de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes)/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), considerando os aspectos como ensino, pesquisa, extensão, responsabilidade social, gestão da instituição e corpo docente obtendo conceito 4. De acordo com o parecer das avaliadoras através do “Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância - Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento de Curso”, o Curso de Fisioterapia da UFC apresentou vários pontos fortes, entre os quais se destacaram: coordenação do curso e Núcleo Docente Estruturante (NDE) atuante, compromissado e envolvido; um corpo docente altamente qualificado, com dedicação exclusiva ao curso, experiência na docência do magistério superior e com grande número de produção científica; um corpo discente participativo e integrante efetivo no curso. No entanto, alguns fatores influenciaram para que a nota máxima, 5 (cinco), não fosse obtida: a ausência de um laboratório ou espaço específico para o uso de informática pelos alunos; ausência da clínica escola, descentralização excessiva dos locais de sala de aula, o que dificulta e enfraquece a interação entre os discentes do curso; a ausência de muitas bibliografias básicas e especializadas; assim como a dificuldade para acessibilidade em vários espaços da instituição.

Em agosto de 2015, durante a gestão das professoras Fabiane Elpídio e Kátia Viana, ocorreu a criação do Departamento de Fisioterapia da UFC conforme a Resolução nº56/CONSUNI, de 14 de agosto de 2015, compondo um dos 8 (oito) departamentos vinculados à Famed da UFC.

Após o término desta coordenação, procedeu-se a eleição para a nova coordenação do Curso de Fisioterapia, sendo eleita a chapa única composta pelos professores Rodrigo Ribeiro de Oliveira e Rodrigo Fragoso de Andrade (gestão 2015.2 – 2017), tendo como diferencial a criação do Programa de Acompanhamento Discente – *Mentoring*, o aumento da flexibilização curricular e fortalecimento da pesquisa com parcerias para instituição de programas de pós-graduações futuros.

Sucederam a gestão dos professores Rodrigo Oliveira e Rodrigo Fragoso, as professoras Juliana Freire das Chagas Vinhote (coordenadora) e Nataly Gurgel Campos (vice- coordenadora) até fevereiro de 2018, seguindo o interstício de 2018 a 2021 as referidas professoras, porém, na qualidade de coordenadora, a Profa Dra. Nataly Gurgel e vice- coordenadora a Profa Dra. Juliana Freire. Esta gestão trouxe um grande incentivo à implementação e apoio na criação da Associação Atlética Valente, entidade máxima de representação das atividades esportivas e culturais universitárias do Curso de Fisioterapia no Campus do Porangabussu da Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de estimular o esporte e a integração entre os alunos.

No ano de 2019, a Profa Nataly, na função de coordenadora do curso, participou da Comissão de Assessoria de Avaliação no INEP, pelo Ministério da Educação, para a formulação da prova referente ao Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de Fisioterapia do Brasil.

Atualmente o Curso de Fisioterapia funciona sob a Coordenação da Profa. Dra. Nataly Gurgel Campos e Vice-Coordenação do Prof. Ramon Távora Viana. A presente coordenação se fez premente a revisão do PPC e da matriz curricular do curso. Este PPC foi fruto de pesquisas sobre outros cursos no país, e de inúmeras reuniões de construção colaborativa realizadas pela chefia de departamento e coordenação do curso, com apoio do colegiado do curso, NDEe com a participação estudantil através da representação do Centro Acadêmico Sônia Gusman. Ressalta-se a participação da Profa. Dra Hermelinda Maia Macena como mentora dos trabalhos de reformulação do novo PPC, o qual se encontra em processo de tramitação na Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular (COPAC). É importante lembrar que, em 2013, ocorreram modificações no PPC inicial em razão do reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação, com vistas a que o curso, em sua completude, funcionasse em conformidade com as disposições legais vigentes.

Conforme os indicadores da Prograd, o curso apresenta 187 discentes ativos e 226 alunos egressos inseridos no mercado de trabalho público e privado, além de programas de Residências Multiprofissionais do Ceará e demais Estados do Brasil, aperfeiçoamentos, programas de pós-graduação *latu e stricto sensu* e docência do ensino superior. O curso também inseriu estudantes no Programa Ciência sem Fronteiras entre os anos de 2012-2016, em que aproximadamente dez (10) estudantes participaram de programas de intercâmbio e mobilidade internacional em países como Inglaterra, Portugal, Espanha e Canadá.

CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA DA UFC

O Departamento de Fisioterapia (DEFISIO) foi criado nos termos da Resolução nº 56/CONSUNI, de 14 de agosto de 2015 sob a chefia dos Profs. Pedro Olavo de Paula Lima e Ana Carla Lima Nunes (gestão 2015-2017), sucedidos pelos chefe e subchefe, respectivamente, Profs. Pedro Olavo de Paula Lima e Renata Bessa Pontes (gestão 2017-2019).

Atualmente o Departamento de Fisioterapia possui uma quantidade de 30 docentes, 4 (quatro) servidores técnicos fisioterapeutas, 3 (três) servidores técnicos de laboratório e 3 (três) servidoras administrativas. A Chefia do Departamento é composta pela Chefe do Departamento, Profa. Dra. Renata Bessa Pontes e pela subchefe, Profa. Dra. Vilena Barros de Figueiredo (gestão 2019-atual). O Curso está sob a Direção da Faculdade de Medicina da UFC, cujo Diretor é o Prof. Dr. João Macedo Coelho Filho.

Após a consolidação do DEFISIO, surgiu o desejo de um grupo de docentes liderados pelos Professores Pedro Olavo de Paula Lima e Rodrigo Ribeiro de Oliveira para formalização de parceria interinstitucional entre a UFC e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com a vinda do programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Ciências da Reabilitação, proporcionando aos docentes vinculados ao DEFISIO, assim como docentes de outras instituições de ensino superior (IES) realizarem *in loco*, o referido curso de pós-graduação, modalidade *stricto sensu*.

A primeira defesa do doutorado referente ao DINTER do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação ocorreu no dia 14 de agosto de 2018, em Belo Horizonte. Orientado pela Prof. Christina Danielli Coelho de Moraes Faria, o fisioterapeuta e atual professor do DEFI-

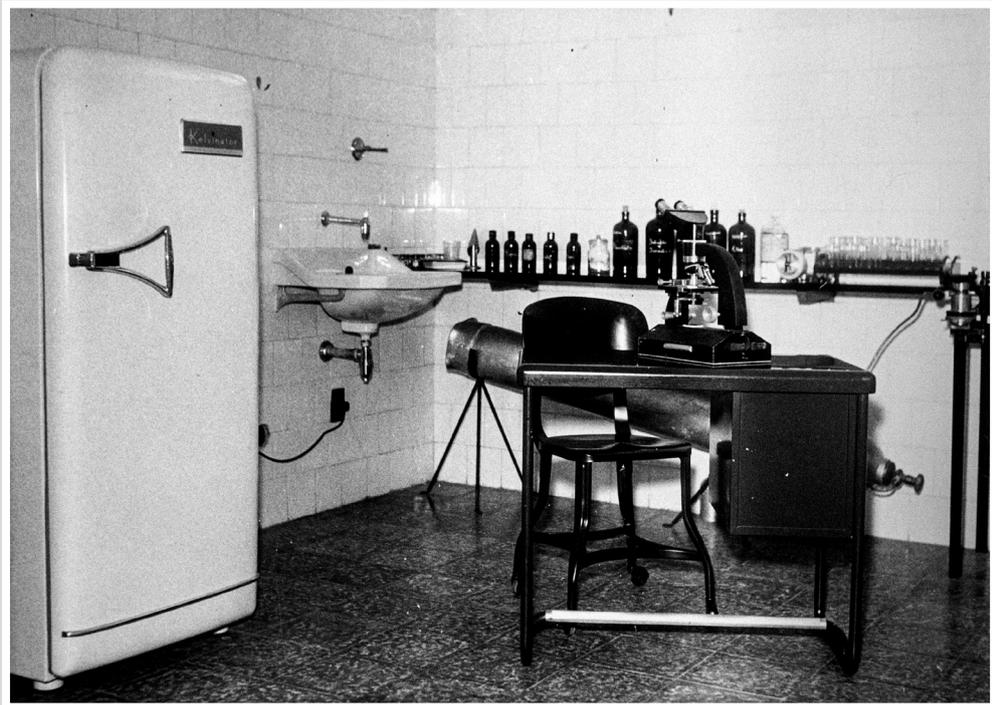
SIO, Ramon Távora Viana apresentou a tese intitulada “Autopercepção de saúde geral e comparativa: comparação de indivíduos pós Acidente Vascular Cerebral quanto aos domínios mental, físico e pessoal”, tendo como membros da banca examinadora, as Doutoradas Christina Danielli Coelho de Moraes Faria, Aline Alvim Scianni, Paula Luciana Scalzo, Iza de Faria Fortini e Lidiane Andrea Oliveira Lima.

Com a finalização do DINTER, esforços foram concentrados para a criação do Programa de Pós-Graduação em Mestrado de Fisioterapia e Funcionalidade (PPGFisio). O PPGFisio foi criado pela Resolução nº 53 do Conselho Universitário (CONSUNI), de 30 de outubro de 2017, tendo suas atividades iniciadas em 5 de agosto de 2019, sob a coordenação dos Profs. Drs. Pedro Olavo de Paula Lima e Fabianna Resende de Jesus Moraleida (gestão 2019-atual). Atualmente, o programa possui 22 docentes permanentes, 1 (um) docente colaborador, 1 (um) servidor administrativo, 22 egressos e 53 alunos ativos. Ao total, já foram 22 dissertações defendidas.

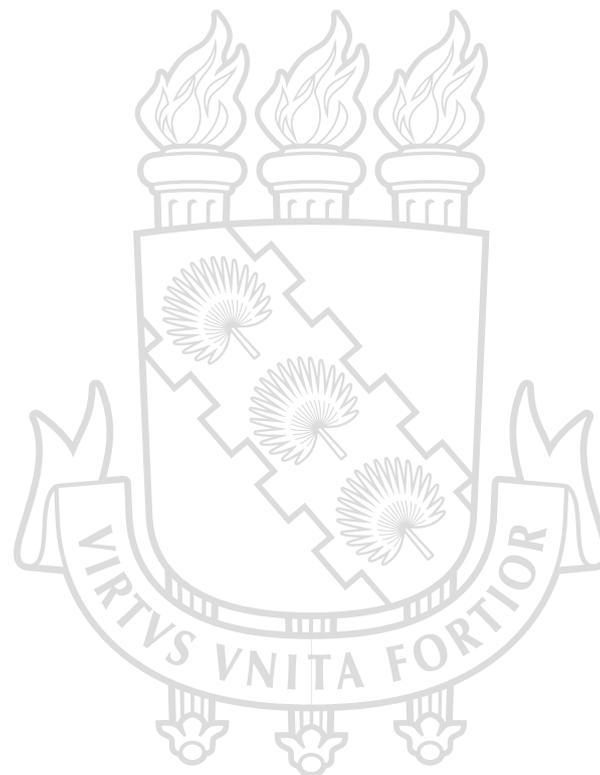
Atualmente o Departamento de Fisioterapia da UFC dispõe de 11 grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq):

- Estudo do Desenvolvimento e da Funcionalidade Humana – Líder: Profa. Dra. Kátia Virgínia Viana Cardoso;
- Fisioterapia Musculoesquelética: epidemiologia clínica & análise do movimento humano – Líder: Prof. Dr. Pedro Olavo de Paula Lima;
- Avaliação e Intervenção das Alterações dos Tendões – *Tendon Research Group* – Líder: Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro de Oliveira;
- Violência, promoção da saúde e populações vulneráveis – Líder: Profa. Dra. Raimunda Hermelinda Maia Macena;
- Grupo de estudo em Fisioterapia aplicada a cardiologia e pneumologia – INSPIRAFISIO – Líderes: Profa. Dra. Juliana Freire Chagas Vinhote e Profa. Nataly Gurgel Campos;
- Grupo de Pesquisa Inovação Tecnológica em Reabilitação Humana – Líder: Prof. Dr. José Carlos Tatmatsu Rocha;

- GETS – Grupo Educação, Tecnologia e Saúde – Líder: Profa. Dra. Andréa Soares Rocha da Silva;
- Grupo de estudo e pesquisa em fisioterapia oncológica e cuidados paliativos – GEFON – UFCL – Líder: Profa. Dra. Daniela Gardano Bucharles Mont’Alverne;
- Funcionalidade e incapacidade em indivíduos com disfunções neurológicas – Líder: Profa Lidiane Andréa Oliveira Lima;
- Grupo de Pesquisa em Joelho e Esporte – Líder: Prof. Dr. Gabriel Peixoto Leão Almeida; e
- Grupo de Pesquisa em Fisioterapia na Saúde da Mulher – PRO-FISM/UFC - Líder: Profa. Dra. Simony Lira do Nascimento.



Laboratório da Clínica Cirúrgica, Hospital-Escola da Faculdade de Medicina, em 1959
Fonte: Acervo do Hospital Universitário Walter Cantídio.



A PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A RESIDÊNCIA MÉDICA NA FAMED

*Salustiano Gomes de Pinho Pessoa**

“Quem estuda medicina sem livros navega por mar desconhecido, mas quem estuda medicina sem pacientes não vai para o mar de forma alguma” (William Osler – médico canadense considerado o “pai” da especialização).

A possibilidade de manter a continuidade de aprendizado na forma de treinamento permanente após a conclusão do curso de graduação aos médicos, ex-alunos formados pela atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) e outras, foi disponibilizada desde seus primórdios como é relatado pelo professor da disciplina de Neurologia, Dr. Carlos Mauricio de Castro Costa, que foi coordenador Geral da Comissão de Residência Médica do Hospital Universitário Walter de Moura Cantídio (COREME/HUWC/UFC). Conforme documento arquivado na Secretaria da Residência Médica do HUWC, o Prof. Carlos Maurício afirma que os Programas de Pós- Graduação *latu sensu* desta egrégia instituição, fundada pelo pioneirismo dos Doutores César Cals de Oliveira e Jurandir Morais Picanço que, em meados de 1947, fruto da fundação da “Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará”, que foi a pedra fundamental desta faculdade, resultando na realização da sua primeira aula inaugural em 12 de maio de 1948, tiveram seu início nos anos de 1960.

Ainda sobre a criação da Famed, convém relatar que, desde 1939, esta ideia vinha sendo desenvolvida, tendo o destacado nome da Medicina nacional, professor Antônio Austragésilo, como mentor da ideia de fundação da Famed através do estímulo a seu ex-aluno “Doutor Jurandir”, que assumiu a empreitada elogrou êxito, sendo a Famed, na atualidade, desvinculada do Centro de Ciências da Saúde desde 1997, mantendo suas atividades de ensino no Complexo Hospitalar da UFC, o qual é composto pelo Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC). A Famed foi considerada pelo desempenho dos seus alunos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) 2019, como o 6º melhor Curso de Medicina do Brasil e o 1º da região Nordeste.

* Professor Adjunto do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal do Ceará. Presidente da Comissão Estadual de Residência Médica do Estado do Ceará (CEREM-CE).



Digno de nota: Este professor pernambucano era filho do advogado José Austregésilo Rodrigues Lima e de Maria Adelaide Feitosa Lima. Aos 16 anos foi estudar Medicina no Rio de Janeiro, porém, teve muitas dificuldades devido a pobreza, a falta de patrocínio, por ser mulato e por gaguejar. Interessou-se pelas doenças mentais e se tornou referência nacional em estudos neurológicos e membro de várias academias médicas internacionais. Foi presidente da Academia Nacional de Medicina, membro da Academia Brasileira de Letras, sendo seu presidente em 1930, e designado por aclamação em 1912, como o primeiro professor catedrático de Neurologia da Faculdade Nacional de Medicina, que hoje é a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro²

O professor da disciplina de Neurologia, Dr. Carlos Mauricio de Castro Costa, em seu documento acima citado, afirma que a Pós-Graduação *latu sensu*, em 5(cinco) das 6(seis) áreas básicas atuais, a saber, Clínica Médica, Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia e Pediatria, teve início logo após a inauguração do HUWC (1959) com a presença do Presidente da República Juscelino Kubitschek. A sexta especialidade que, na atualidade é considerada básica, é o Programa Saúde da Família (PSF) que foi implantado no Brasil pelo Ministério da Saúde em 1994, sendo conhecido hoje como “Estratégia de Saúde da Família”, por não se tratar mais apenas de um “programa”.

O desempenho dos programas da Famed, desde o seu início, é pródigo no bem formar mais de uma centena de profissionais que foram especializados no HUWC nos anos 1960, 1970 e 1980. Infelizmente, no presente momento, não foi possível localizar a totalidade dos registros, nos arquivos mortos da instituição. Mas, felizmente, após diversas buscas, foram resgatados 2 (dois) livros de registro dos anos de 1976/1979 e 1982/1985, nos quais podemos constatar o grande número de ex-alunos que passaram a compor o quadro de docentes e desempenhar destacadas funções nos mais diversos setores públicos, privados e filantrópicos no estado e no país. Estes renomados profissionais contribuíram de forma decisiva para a consolidação da Famed e do nosso hospital no cenário médico nacional e internacional.

A RESIDÊNCIA MÉDICA DO HUWC NA ATUALIDADE

Para que se possa compreender a forma atual da “Residência Médica”, convém salientar algumas considerações específicas sobre o

tema; isto porque, embora esse tipo de programa tenha tido sua origem com o médico cirurgião William Halsted, no Hospital da John Hopkins University, nos Estados Unidos em 1889, com o objetivo de capacitar o jovem médico possibilitando o acesso, sob supervisão, a execução de cirurgias, assim como a realização dos cuidados no pré e pós-operatórios. Além disso, davam todo o suporte aos pacientes operados no período da noite. O modelo de Halsted defendia que a cirurgia deveria ser aprendida através do treinamento prático em um programa hierárquico. Na época, a duração da residência médica era longa e dividida em 3 (três) etapas: 1 (um) ano como interno, 6 (seis) anos como residente assistente e 2 (dois) anos como “housesurgeon”, um tipo de instrutor. Os futuros cirurgiões permaneciam praticamente 24 horas à disposição das atividades realizadas na especialização — como se residissem no hospital. Por isso, surge o termo residência médica.

O professor canadense William Osler, por sua vez, criou a especialização de Clínica Médica (Medicina Interna), com o ensino feito à beira do leito e uma estrutura hierarquizada com os internos, também no Hospital John Hopkins. O programa funcionava da seguinte maneira: em uma sala de cirurgia ficavam alguns internos assistindo (os novatos) enquanto dois ou três residentes auxiliavam no procedimento cirúrgico.

Em 1927, o sistema de especialização RM foi reconhecido pela American Medical Association (AMA) e foi publicada a primeira lista de hospitais aprovados para treinamento em residência. A partir de então, a RM foi classificada como o padrão-ouro para treinamento médico em especialização e começou a ser difundida em vários países.

No Brasil, o primeiro programa de residência foi criado no Serviço de Ortopedia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em 1945. Alguns anos depois, em 1948, o Hospital dos Servidores do Rio (Ipase-RJ) abriu diversos programas em Clínica Médica, Pediatria e Cirurgia Geral.

O relatado acima só passou a existir realmente no Brasil após a Residência Médica ser instituída na forma da lei como uma modalidade de ensino de pós-graduação pelo Decreto 80.281, de 5 de setembro de 1977, que cria na Secretaria de Ensino Superior (SESU) do Ministério da Educação (ME) a Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) após ser instituída pela Lei Federal nº 6932/81, que restringe o uso do nome Residência Mé-

dica única e exclusivamente para os programas que sejam credenciados pela CNRM. Além da lei, há diversas outras normativas como o Decreto Presidencial nº 8516/2015, que estabelece todas as normativas legais para ser especialista no país.

A Residência Médica é definida pela citada lei acima, como um curso de especialização oferecido por instituições de saúde como hospitais-escola públicos, privados, filantrópicos, nos quais os pós-graduandos realizam treinamentos com a duração de 60 horas semanais e 2.880 horas/ano, recebendo bolsa cujo valor é estabelecido por lei e são orientados por médicos especialistas.

Na atualidade, estes treinamentos são realizados com base nas Matrizes de Competências elaboradas pela CNRM, que são únicas para todos os serviços de formação credenciados do Brasil na forma que é estabelecido para as 55 especialidades e 59 áreas de atuação hoje reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), pela Resolução nº 2221/2018.

A atuação da CNRM corrigiu muitas das distorções existentes nos programas, tais como o uso do jovem profissional como mão de obra barata, mas ainda falta muito para que o considerado “padrão ouro” de treinamento para o médico em nosso país, realmente atenda as aspirações de todos.

O tempo de treinamento mínimo para uma especialidade é de 2 (dois) anos ou 5.760 horas de atividades, divididas em no mínimo de 90% a 80% de prática e 20% a 10% de teoria.

As especialidades médicas são divididas em dois grandes grupos: as que têm acesso direto e as que têm pré-requisito.

Especialidades com acesso direto

As especialidades com acesso direto são aquelas nas quais o médico pode se inscrever sem ter nenhuma especialidade prévia. Qualquer médico pode se candidatar aos concursos para essas especialidades, independentemente do tempo de formação ou de experiência prévia.

Especialidades com pré-requisito

Como foi relatado acima, há as especialidades que são consideradas áreas básicas, como a Cirurgia Geral, Clínica Médica, Ginecologia e

Obstetrícia, Pediatria e Medicina da Família e Comunidade que precisam ser cursadas antes das especialidades com pré-requisito, como por exemplo: para cursar Cirurgia Plástica ou Urologia é necessário cursar antes Cirurgia Geral; Cardiologia, o pré-requisito é Clínica Médica; Neonatologia, o pré-requisito é Pediatria.

É importante informar que embora haja outros cursos de especialização médica que são ministrados pelas sociedades médicas filiadas a Associação Médica Brasileira e reguladas pelo Decreto 8516/2015, com programas idênticos aos cursos de Residência Médica, os formandos destes cursos de especialização não terão validação ou equivalência ao título de especialização obtido com a Residência Médica, que confere o título de especialista ao seu término. A estes profissionais são negadas as vantagens de se obter o registro de especialista (RQE) automaticamente após a conclusão do curso junto aos Conselhos Regionais de Medicina (sendo os mesmos obrigados a se submeter a exame probatório da sociedade de sua respectiva especialidade), da mesma forma que pode haver veto editalício para obtenção de pontuação em concursos públicos, entre outras implicações.

Programas por instituições universitárias e que seguem as normas da Resolução CNE/CES nº 1, de 3 de abril de 2001, Lei Federal nº 9394/1996, com carga horária mesmo que igual ou superior, não conferem a possibilidade de registro como especialista nos Conselhos Regionais de Medicina, são títulos puramente acadêmicos como Mestrado e Doutorado.

Áreas de atuação

A CNRM promove ainda o treinamento e o Conselho Federal de Medicina (CFM) faz o registro em áreas específicas de cada especialidade, como por exemplo: a Cirurgia Crânio-Maxilo-Facial, que é área de atuação da Cirurgia Plástica, Otorrinolaringologia e Cirurgia da Cabeça e Pescoço. O tempo de treinamento nas áreas de atuação é de 1 (um) ano ou 2.880 horas. O acesso segue as mesmas condições explicitadas abaixo.

Anos Adicionais

É uma modalidade de treinamento reconhecida e prevista pela CNRM, que não confere o registro no CFM, o órgão regulador do exercício profis-

sional, e é comumente chamada de "Fellowship". Caracteriza-se pela ênfase em um *Tema* de uma especialidade reconhecida, como por exemplo: Fellowship em Pesquisa Clínica em Gastroenterologia, ou Cirurgia Geral com ênfase em Cirurgia Minimamente Invasiva Avançada, são programas de Pós-Graduações *Lato Sensu* de cunho prático nos moldes citados acima. O ingresso nestes treinamentos segue os ditames abaixo.

Ingresso na Residência Médica

O ingresso na Residência Médica não é configurado como um cargo público, pois trata-se de uma vaga como aluno em treinamento sob supervisão, com início em todo o Brasil, no primeiro dia do mês de março!

O processo de seleção dos programas de Residência Médica fica a cargo de cada instituição que oferece os programas. Todas as instituições devem seguir as Resoluções da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), instância colegiada do Ministério da Educação.

No estado do Ceará, a COREME/HUWC/UFC, através do projeto ARES que tem como interveniente o Centro de Treinamento e Desenvolvimento (CETREDE), instituição cujo objetivo é ensinar a cidadania, promovendo qualificação profissional e especialização de capital humano, promovendo e prestando serviços de consultoria promove, desde 2004 a Seleção Unificada para Residência do Ceará (SURCE) que congrega todas as instituições cearenses que, espontaneamente, aderem à Seleção Unificada do Ceará (SURCE).

Etapas do Certame

A CNRM autoriza que o processo seletivo contenha "até 3 fases", sendo a **primeira fase obrigatória**.

Os possíveis tipos de seleção são:

Seleção com etapa única. Avaliação cognitiva / conhecimentos teóricos, com questões objetivas e nota final valendo 100%;

Seleção com 2 (duas) fases. Primeira fase com avaliação cognitiva / conhecimentos teóricos, com questões objetivas e proporção de 50% a 60% da nota final. Segunda fase com avaliação prática e proporção de 40% a 50% da nota final;

Seleção com 2(duas) fases. Primeira fase com avaliação cognitiva / conhecimentos teóricos, com questões objetivas e proporção de 90% da nota final. Segunda fase com avaliação curricular e proporção de 10% da nota final; e

Seleção com 3(três) fases. Primeira fase com avaliação cognitiva / conhecimentos teóricos, com questões objetivas e proporção de 50% a 60% da nota final. Segunda fase com avaliação prática e proporção de 30% a 40% da nota final. Terceira fase com avaliação curricular e proporção de 10% da nota final.

Coordenadores da Residência Médica no HUWC

A Comissão de Residência Médica (COREME) do HUWC, após sua criação no início da década de 1980, teve os seguintes coordenadores gerais: Prof. Carlos Mauricio de Castro Costa, Dr. Sérgio Guimarães Botelho, Prof. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa e Profa. Annya Costa Araújo de Macedo Goes.

Até o ano de 2023 constam, nos registros do Sistema da Comissão Nacional de Residência Médica (SISCNRM) do Ministério da Educação, 2.151 registros de especialistas formados no HUWC a partir de 1982.

A partir do ano de 2004, todas as bolsas para residentes do HUWC passaram a ser financiadas pelo Ministério da Educação.

A Coreme da Famed tem, no presente momento, como Coordenadora Geral, a Dra. Annya Costa Araújo de Macedo Goes e como Vice-coordenador, o Dr. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa. A secretaria é coordenada pela Sra. Maria das Graças Martins da Silva, com participação da Srta. Francisca Sheyla de Paula Ximenes e Sra. Lorena Ferreira de Freitas.

O complexo hospitalar universitário dispõe de 17 programas com acesso direto, 16 programas com pré-requisito, 18 programas de área de atuação e 2 (dois) programas adicionais em seus 2 (dois) hospitais a saber: o HUWC dispõe de 50 programas e a Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC) dispõe de 5 (cinco), sendo que o quadro de supervisores e seus respectivos programas estão listados no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Supervisores e programas de residência **médica** do HUWC/UFC

Nome	Supervisores
Dr. Rodrigo José Alencar de Castro	Supervisor do PRM em ANESTESIOLOGIA
Prof. ^a Josenília Maria Alves Gomes	Supervisora do PRM em DOR EM ANESTESIOLOGIA
Dr. ^a . Ane Karoline Medina Néri	Supervisor do PRM em CARDIOLOGIA
Dr. ^a . Danielle Melo Leopoldino	Supervisora do PRM em CARDIOLOGIA R3: ECOCARDIOGRAFIA
Prof. Fernando A. Siqueira Pinheiro	Supervisor do PRM em CIRURGIA DO APARELHO DIGESTIVO
Prof. José Huygens Parente Garcia	Supervisor do PRM em TRANSPLANTE HEPÁTICO
Dr. Luis Alberto Albano Ferreira	Supervisor do PRM em CIRURGIA DE CABEÇA E PESCOÇO
Dr. Márcio Ribeiro Studart da Fonseca	Supervisor do PRM em CIRURGIA CRÂNIO-MAXILOFACIAL
Prof. ^a Anya Costa A. Macedo Goes	Supervisora do PRM em CIRURGIA GERAL
Prof. Salustiano G. de Pinho Pessoa	Supervisor do PRM em CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. João Edison de Andrade Filho	Supervisor do PRM em CIRURGIA VASCULAR
Dr. João Edison de Andrade Filho	Supervisor do PRM em ECOGRAFIA COM DOPPLER
Dr. Ítalo Gustavo Lima Monteiro	Supervisor do PRM em CLÍNICA MÉDICA
Dr. Rainardo Antônio Puster	Supervisor do PRM em CLÍNICA MÉDICA R3
Prof. Rodrigo Dornfeld Escalante	Supervisor do PRM em COLOPROCTOLOGIA
Prof. José Wilson Accioly Filho	Supervisor do PRM em DERMATOLOGIA
Dr. ^a . Danielle de Souza Bessa	Supervisora do PRM em ENDOCRINOLOGIA
Dr. ^a . Ana Paula Dias R. Montenegro	Supervisora do PRM de ENDOCRINOLOGIA PEDIÁTRICA
Dr. Fred Olavo A. Andrade Carneiro	Supervisor do PRM em ENDOSCOPIA
Prof. ^a Lúcia Libanês B. C. Braga	Supervisora do PRM em GASTROENTEROLOGIA
Dr. Fred Olavo A. Andrade Carneiro	Supervisor do PRM de ENDOSCOPIA DIGESTIVA
Prof. Charlys Barbosa Nogueira	Supervisor do PRM em GERIATRIA
Prof. Fernando Barroso Duarte	Supervisor do PRM em HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA
Prof. Fernando Barroso Duarte	Supervisor do PRM em TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA
Dr. ^a . Evelyne Santana Girão	Supervisora do PRM em INFECTOLOGIA
Dr. ^a . Gina Zully Carhuancho Flores	Supervisora do PRM em MASTOLOGIA
Prof. Marco Túlio A. Mourão Ribeiro	Supervisor do PRM em MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE
Dr. Johann Vargas Silva	Supervisor do PRM em MEDICINA INTENSIVA
Prof. Marco Túlio A. Mourão Ribeiro	Supervisor do PRM em MEDICINA PALIATIVA
Dr. Arnaldo Aires Peixoto Júnior	Supervisor do PRM em ÁREA DE ATUAÇÃO NUTRIÇÃO ENTERAL E PARENTERAL
Prof. Renato Evando Moreira Filho	Supervisor do PRM em MEDICINA LEGAL E PERÍCIA MÉDICA
Dr. ^a . Cláudia Maria Costa de Oliveira	Supervisora do PRM em NEFROLOGIA
Dr. ^a . Cláudia Maria Costa de Oliveira	Supervisora do PRM em NEFROLOGIA R3: TRANSPLANTE RENAL

Dr. Paulo Ribeiro Nobrega	Supervisor do PRM em NEUROLOGIA
Prof. Manoel Alves Sobreira Neto	Supervisor do PRM em NEUROLOGIA R4: MEDICINA DO SONO
Prof. Francisco de Assis Gondim	Supervisor do PRM em NEUROLOGIA R4: NEUROFISIOLOGIA CLÍNICA
Dr ^a . Karinne Cisne F. Rebouças	Supervisora do PRM em OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA
Prof. Francisco Herlânio C. Carvalho	Supervisor do PRM em MEDICINA FETAL
Prof. Leonardo Robson P. S. Bezerra	Supervisor do PRM de ENDOSCOPIA GINECOLÓGICA
Prof. André Jucá Machado	Supervisor do PRM em OFTALMOLOGIA
Prof. José Alberto Dias Leite	Supervisor do PRM em ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA
Prof. Marcos Rabelo de Freitas	Supervisor do PRM em OTORRINOLARINGOLOGIA
Prof. Marcos Rabelo de Freitas	Supervisor do PRM em OTORRINOLARINGOLOGIA R4 (ano opcional)
Prof. Gunter Gerson	Supervisor do PRM em PATOLOGIA
Dr ^a . Fernanda Paiva Pereira Honório	Supervisora do PRM em PEDIATRIA
Dr ^a . Liliana Soares Nogueira Paes	Supervisora do PRM em PEDIATRIA R3: NEONATOLOGIA
Dr ^a . Lucyara Gomes Catunda	Supervisora do PRM em PNEUMOLOGIA
Prof. Eugênio de Moura Campos	Supervisor do PRM em PSIQUIATRIA
Prof. Eugênio de Moura Campos	Supervisor do PRM em PSIQUIATRIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA
Prof. Eugênio de Moura Campos	Supervisor do PRM em PSIQUIATRIA R4: PSIGERIATRIA
Prof. Eugênio de Moura Campos	Supervisor do PRM em PSIQUIATRIA R4: PSICOTERAPIA
Prof. Eugênio de Moura Campos	Supervisor do PRM em PSIQUIATRIA R4: PSIQUIATRIA FORENSE
Dr. Lindenberg Barbosa Aguiar	Supervisor do PRM em RADIOLOGIA E DIAGNÓSTICO POR IMAGEM
Dr ^a . Mailze Campos Bezerra	Supervisora do PRM em REUMATOLOGIA
Prof. Rommel Prata Regadas	Supervisor do PRM em UROLOGIA

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da Secretaria da Resmed HUWC/UFC.

Legenda: PRM – Programa de Residência Médica

Conclusão

Concluimos este capítulo, informando que os Programas de Residência Médica do HUWC/ MEAC têm, na atualidade, 302 médicos residentes brasileiros e 14 estrangeiros.

Digno de nota, a partir do ano de 2007, inicialmente mediante convênio do CFM, esta egrégia Famed internacionalizou seus programas que, na atualidade, se mantêm via Pró- Reitoria de Assuntos Internacionais, da UFC, fundamentado na Resolução CFM 2216/ 2018, que dispõe sobre as atividades no Brasil do cidadão estrangeiro e do cidadão brasileiro for-

mados em Medicina por faculdade no exterior, bem como as suas participações em cursos de formação, especialização e pós-graduação no território brasileiro. Os programas, até a presente data, formaram 67 especialistas para os países da África, América do Sul e Europa, tendo atualmente 14 alunos cursando especialidades em seus campos de prática.

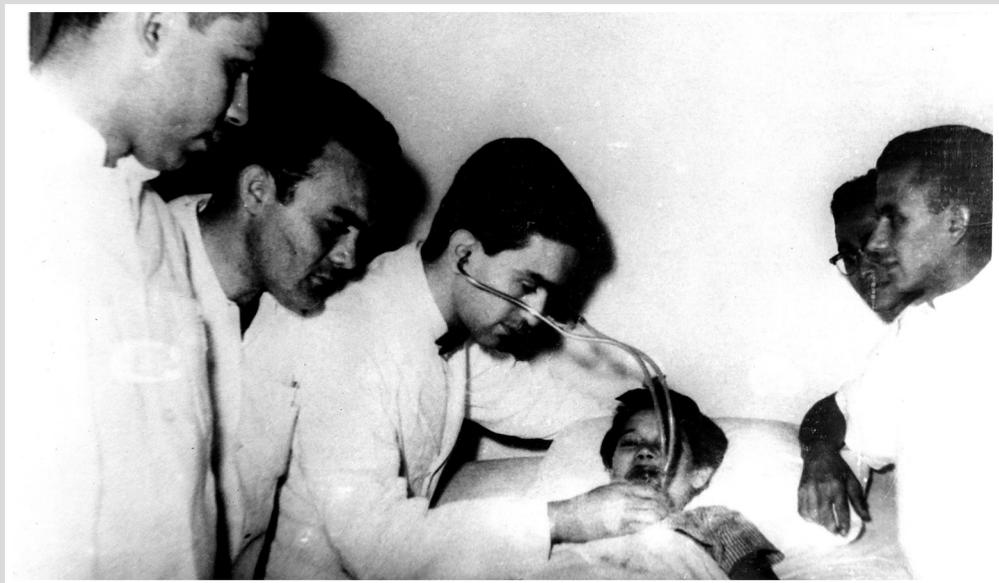
As perspectivas destes programas são bastante alvissareiras, considerando a Resolução nº 1/CEPE, de 10 de fevereiro de 2022 que regulamenta, no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, na Seção de Pós-Graduação *Lato Sensu*, as ações dos Programas de Residência Médica e as Residências Uniprofissional e Multiprofissional, abrindo novos horizontes para os alunos dos Programas de Residência da FAMED, que agora poderão cursar Mestrado e Doutorado durante a realização da Residência Médica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, B. *Conheça a história da residência médica*. [S.l.], 2016. Disponível em: <https://blog.imedicina.com.br/a-historia-da-residencia-medica/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Residência Médica*. Brasília, DF, [202-]. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/residencia-medica>. Acesso em: 31 jan. 2023

PARTE do primeiro pedido de Credenciamento Provisório (PCP) dos programas de especialização do HUWC para Residência Médica feito para a Comissão Nacional de Residência Médica. [1947?]. 1 fac-similer. Coleção Secretaria da Resmed HUWC/UFC.



Aula de Clínica Médica no hospital escola, em 1959. Examinando a paciente o Prof. José Murilo de Carvalho Martins

A PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Paulo Roberto Leitão de Vasconcelos*

A Universidade Federal do Ceará (UFC) foi fundada em 1955. O propósito de sua fundação foi o de oferecer acesso efetivo à educação superior para o maior número de pessoas no estado do Ceará, e na região Nordeste, quanto possível.

Trata-se de uma Universidade Federal que opera por meio de múltiplos *campi* distribuídos no Estado do Ceará, em seis diferentes cidades. Três dos maiores *campi* podem ser encontrados na cidade de Fortaleza que, além de ser uma das maiores cidades brasileiras, é um dos maiores polos econômicos da região nordeste.

Estruturas semelhantes também existem em menores *campi* nas cidades de Sobral, Barbalha, Russas, Quixadá, Itapajé e Crateús.

Do ponto de vista acadêmico, a UFC oferece mais de 100 cursos de graduação e um número equivalente de cursos de pós-graduação. São 30 Programas de doutorado disponíveis acompanhados de oportunidades de realização de pesquisa com a consequente geração de conhecimento novo, e formação de doutores, células replicadoras habilitadas para a aplicação do método científico e geradoras de conhecimento novo e inovação. Há uma grande proliferação de Cursos de Medicina no Brasil, mas caracterizando-se como cursos de terceiro grau, já que não contam com massa crítica docente, nem infraestrutura para realização de um dos pilares principais de uma universidade, ou seja, a pesquisa por meio de programas de pós-graduação *stricto sensu*. A UFC dispõe de várias áreas de pesquisa, que variam da Biologia ao Direito. A Universidade também dispõe de oportunidades para alunos de pós-graduação estrangeiros.

De acordo com o site *U.S. News & World Report*, a Universidade Federal do Ceará encontra-se classificada como número 977 dentre as Melhores Universidades Globais em 2023. As universidades são classificadas de acordo com sua performance, por meio de um conjunto de indicadores aceitos como de excelência. Ocupa o lugar de trigésima quarta melhor universidade da América Latina e décima sétima Universidade do Brasil.

* Professor Titular do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Na classificação brasileira, a UFC encontra-se em décimo sétimo lugar. Em primeiro lugar encontra-se a Universidade de São Paulo (número 120 no *ranking* global), seguida da Universidade Estadual de Campinas (número 290 no *ranking* global). Dentre as universidades federais, a terceira melhor instituição do país é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (número 413 no *ranking* global), seguida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (número 432 no *ranking* global), Universidade Federal de Minas Gerais (número 468 no *ranking* global). No Nordeste do Brasil, ocupa o 13º Lugar a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (número 871 do *ranking* global), Universidade Federal de Pernambuco ocupando o número 15 no país (número 901 do *ranking* global) e a nossa Universidade Federal do Ceará ocupando o terceiro lugar no Nordeste e o 17º lugar no país (número 977 no *ranking* global).

Quando se leva em conta a área, em Medicina, e portanto, diretamente avaliando-se a nossa querida Faculdade de Medicina, a UFC ocupa no *ranking* global, o de número 683, e nesta área encontra-se como a primeira do Nordeste. Tal fato enaltece a importante contribuição de nossa Faculdade na qualidade do ensino e pesquisa, o que elevaria a nossa Universidade na área de medicina em 294 colocações frente ao seu posicionamento global. Levando-se em conta o número de publicações em Medicina, a UFC obteve o *ranking* de número 615 dentre as universidades do planeta.

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará é de grande importância para a instituição por diversos motivos:

1. Formação de profissionais: A Faculdade de Medicina é responsável por formar médicos altamente qualificados, preparados para atuar em diversas áreas da medicina;
2. Pesquisa: A Faculdade de Medicina é um importante centro de pesquisa na área da saúde, contribuindo para o avanço do conhecimento e para a solução de problemas de saúde;
3. Extensão: A Faculdade de Medicina também atua na extensão, oferecendo atendimento médico gratuito à população, além de realizar campanhas de prevenção de doenças e outras ações de promoção à saúde;
4. Reputação: A Faculdade de Medicina é conhecida por sua excelência em ensino e pesquisa, o que contribui para a reputação e o prestígio da Universidade Federal do Ceará como um todo.



Em resumo, a Faculdade de Medicina é fundamental para a Universidade Federal do Ceará, contribuindo para a formação de profissionais capacitados, para o avanço do conhecimento e para a melhoria da saúde da população.

Foi fundada em 12 de maio de 1948 e, hoje, é uma unidade acadêmica da UFC localizada no Campus de Porangabussu, Fortaleza, Ceará. Em 1997, o Curso de Medicina foi desvinculado do Centro de Ciências da Saúde, criando-se assim a Faculdade de Medicina (Famed) e a Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE).

As atividades de ensino são desenvolvidas junto ao Complexo Hospitalar da UFC, o qual é composto pelo Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC). O Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) foi, em 2015, o maior centro de transplantes de fígado da América Latina, sob o comando do Prof José Huygens Garcia; e conta com um dos melhores centros de Transplante de Medula do país, sob o comando do Prof. Fernando Barroso.

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal está inserida em vários projetos do governo, desenvolvendo pesquisas e tecnologias para a qualificação do atendimento médico no interior, entre eles, estão o Pró-Ensino na Saúde e Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (NUTEDS), CNPq, Projeto Nacionalidade Telessaúde, Projeto UNASUS (Universidade Aberta do SUS). Além disso, tem exercido um papel de grande importância no treinamento de educadores médicos, sediando o Programa FAIMER – Brasil (*Foundation for Advancement of International Medical Education and Research*).

A Universidade Federal do Ceará conta ainda com o Curso de Medicina no *campus* de Sobral - CE, expansão para o interior do estado, inaugurada em 2001.

O Curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará também é vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Criado em 2010, foi o primeiro Curso de Fisioterapia de uma instituição pública no estado do Ceará. O Curso vem se juntar às atividades de ensino e assistência já existentes no Hospital Universitário Walter Cantídio e na Maternidade Escola Assis Chateaubriand. Nessas unidades, será integrado aos serviços de Fisioterapia, Residência Multiprofissional em

Terapia Intensiva, assistência em Diabetes e Assistência em Transplante, além da Residência Multiprofissional em Saúde da Mulher e da Criança.

A Famed conta com 8 (oito) Departamentos:

- Departamento de Cirurgia
- Departamento de Fisiologia e Farmacologia
- Departamento de Fisioterapia
- Departamento de Medicina Clínica
- Departamento de Morfologia
- Departamento de Patologia e Medicina Legal
- Departamento de Saúde Comunitária
- Departamento de Saúde Materno-Infantil

Os Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará são programas de mestrado e doutorado que visam a formação de profissionais altamente qualificados na área da saúde. Há ainda Programas de Mestrado Profissional. Esses programas oferecem aos alunos a oportunidade de se aprofundarem em temas específicos da medicina e de desenvolverem projetos de pesquisa inovadores. Abrangem diversas áreas, incluindo epidemiologia, saúde coletiva, clínica médica, cirurgia, entre outras. Além disso, os programas contam com corpos docentes altamente qualificados, laboratórios com equipamentos de última geração e uma ampla rede de colaboração com instituições nacionais e internacionais.

A Faculdade de Medicina conta com 12 Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Farmacologia (1978), Patologia (1991), Saúde Pública (1994), Ciências Médico-cirúrgicas (1995), Microbiologia Médica (2002), Ciências Médicas (2004), Ciências Morfofuncionais (2013), Mestrado Profissional em Farmacologia (2017), Mestrado Profissional em Saúde da Criança, da Mulher e do Adolescente (2016), Ciências Cardiovasculares (2018), Fisioterapia e Funcionalidades (2018), Medicina Translacional (2019).

PÓS-GRADUAÇÃO EM FARMACOLOGIA (1978 - Conceito 7/CA-PES - Excelência Internacional)

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Farmacologia da Universidade Federal do Ceará é um programa de mestrado e doutorado que tem como objetivo formar profissionais altamente qualificados na área da Farmacologia.

A história da Pós-Graduação em Farmacologia na Universidade Federal do Ceará se confunde com a própria história do Departamento de Fisiologia e Farmacologia.

Quando, em 1947, um grupo de médicos idealistas fundou a Faculdade de Medicina do Ceará, a qual foi instalada oficialmente em 1º de março de 1948, tendo como seu primeiro diretor o professor Saraiva Leão, catedrático da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia, já havendo sido publicado no Diário Oficial da União o Decreto nº 24.796, de 13 de abril de 1948, que concedia autorização para o funcionamento do Curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Ceará, tornava-se necessária a formação da Congregação para reconhecimento pelo Conselho Nacional de Educação.

Como se vê, a estrutura inicial da Faculdade de Medicina não era constituída por departamentos, e sim por cátedras. A estrutura departamental se iniciaria a partir da reforma do regimento interno da Faculdade, em 1957, para que a Faculdade pudesse se adequar às normas da Universidade Federal do Ceará, à qual havia se incorporado em 1955. São importantes catedráticos que prestaram serviços ao Departamento: Saraiva Leão, Haroldo Juaçaba, José Waldemar de Alcântara e Silva, Livino Virgínio Pinheiro, Luiz Gonzaga da Silveira, Walter de Moura Cantídio.

Em 1973, o então Reitor da UFC, professor Walter Cantídio, dá início à implantação da reforma universitária, quando desaparecem os nomes *Faculdade de Medicina*, *Faculdade de Farmácia* e *Faculdade de Odontologia* e passam a vigorar os nomes *Curso de Medicina*, *Curso de Farmácia* e *Curso de Odontologia*, criando-se, assim, o **Centro de Ciências da Saúde**. Neste ano, finalmente, aparece o nome **Departamento de Fisiologia e Farmacologia** que, além das disciplinas de *Fisiologia* e *Farmacologia*, comportava ainda as disciplinas de *Biofísica Médica* e *Bioquímica Médica*. Um fato marcante e que deve ser mencionado com relação

à formação da Pós-Graduação em Farmacologia na UFC, é a interação com o Departamento de Química Orgânica da UFC.

Em 1978 foi criado o Mestrado em Farmacologia que deu origem a Pós-Graduação tão profícua, e a mais destacada da Faculdade de Medicina da UFC.

Dentre os professores que fundaram a Pós-Graduação, destacam-se: Hélio Rola, Manassés Fonteles, José Maria Bulcão, Giselda Costa Lima, Luiz Capelo, Fahad Otoch, Hely Vieira da Cunha, Jorge Romcy, José Iran dos Santos, Francisca Heloísa Pinheiro Marques, Estevão Célio Moura e Glauce Socorro de Barros Viana.

O Prof. Manoel Odorico de Moraes Filho volta com seu Doutorado na Universidade de Oxford, junto com sua esposa, Professora Elizabete de Moraes (Doutora em Farmacologia clínica pela Universidade de Oxford), em 1989, e impulsiona o Programa de Pós-Graduação em Farmacologia, culminando com a criação do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (2013), com excelente estrutura voltada à pesquisa, tendo este Núcleo albergado a maioria dos professores do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia. O Prof. Odorico de Moraes foi Coordenador do Programa (1991-1995) e Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC (2003-2007). Criou a disciplina de Oncologia na Famed (1996).

Outro professor do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia que prestou relevantes serviços à pesquisa e ao engrandecimento do Programa, foi o Prof. Dr. Ronaldo Ribeiro, desaparecido precocemente em 2015.

O Programa de Pós-Graduação em Farmacologia é o mais antigo e profícuo de todos os Programas da Famed, tendo graduado 531 mestres e 373 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM PATOLOGIA (1991 - Conceito 4/CAPES - bom)

O Programa de Pós-Graduação em Patologia da Universidade Federal do Ceará foca na ciência que estuda as doenças a partir da análise de tecidos e órgãos do corpo humano, incluindo a sua estrutura, funcionamento e alterações patológicas.

O programa oferece uma formação sólida em Patologia, com ênfase em temas como patologia clínica, patologia experimental, histopatologia, citopatologia, patologia molecular, entre outros.

O Programa de Pós-Graduação em Patologia foi aprovado em 1991, possuindo Conceito CAPES 4 (Avaliação Quadrienal 2020). A área de concentração é Patologia, contando com duas linhas de pesquisa: Oncologia e Doenças Infectoparasitárias. O Programa é formado por 17 professores doutores permanentes e 6 (seis) colaboradores. Destes, 8 (oito) são pesquisadores PQ do CNPQ e 6 (seis) têm pós-doutorado.

Tem como objetivos: 1 - formar docentes e pesquisadores na área de saúde; 2 - desenvolver habilidades para formação de grupos de pesquisa. 3 - desenvolver pesquisa com enfoque em alterações morfológicas, mecanismos patogênicos, resposta imune, diagnóstico, terapêutica e transmissão das doenças infectoparasitárias e neoplásicas. Propõe-se a atender a demanda do Norte, Nordeste e Centro-oeste.

O corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Patologia da Universidade Federal do Ceará tem experiência em diversas áreas da patologia, incluindo patologia clínica, patologia experimental, patologia molecular, histopatologia e citopatologia.

Com a melhoria na qualidade das dissertações e o aumento da produção científica vinculada ao aluno, e na qualidade das publicações, completando as metas do projeto de recuperação, iniciado em 2013, foi criado o Doutorado Interinstitucional em Medicina Tropical (DINTER) FIOCRUZ-IOC/UFC, que culminou com a criação do Doutorado em Patologia da UFC.

Em 2008 foram entrevistados 69 dos egressos, e 40 (58%) estão vinculados a universidades públicas e privadas, professores de cursos de pós-graduação, responsáveis por chefias de laboratórios de pesquisa no Estado do Ceará ou em outros Estados, um deles na Organização Pan-Americana de Saúde. Ao longo destes anos, os objetivos do curso têm sido alcançados. No quadriênio 2013-2016 houve um crescimento significativo tanto qualitativo quanto quantitativo na produção científica do Programa.

O Programa de Pós-Graduação em Patologia graduou 232 mestres.

PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA (1994 - Conceito 5/CA-PES - Muito bom)

Em 1959 criou-se o Instituto de Medicina Preventiva (IMEP) com o objetivo de desenvolver o ensino e a pesquisa em Medicina Preventiva, Saúde Pública e disciplinas afins nos cursos de graduação em saúde da UFC.

A partir de 1972, com a Reforma Universitária, o Departamento de Saúde Comunitária da UFC (DSC/UFC) incorporou os remanescentes do IMEP e do Departamento de Medicina Preventiva, juntamente com docentes que atuavam na área de Pediatria, Ginecologia-Obstetrícia e Doenças Infecciosas e Parasitárias.

Despertada para as mudanças almeçadas para o país, consubstanciada pela Carta Magna de 1988, a UFC assumiu protagonismo na discussão sobre as questões de saúde da população cearense. Uma primeira inovação foi criar o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC), que até hoje é referência estadual em pesquisas e na formação de gestores e trabalhadores em Saúde Coletiva, bem como na assessoria às secretarias de Saúde do Estado e dos municípios cearenses.

Iniciado em 1994, o mestrado da UFC foi um dos primeiros da região Nordeste do país na área da Saúde Coletiva, posterior somente ao pioneiro existente na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Quando criado, o PPGSP/UFC estava fundamentado no núcleo disciplinar da Epidemiologia com área de concentração única. No entanto, a partir de suas linhas e projetos de pesquisa, demarcou-se ainda em seu início, o compromisso com outras perspectivas disciplinares do campo da Saúde Coletiva: Epidemiologia das doenças transmissíveis e não transmissíveis; Estudos de epidemias e Infecção hospitalar; Trabalho, produção e saúde (incluindo Saúde do trabalhador); Saúde materno-infantil e do adolescente; Ciências Humanas e Sociais em Saúde; Políticas de saúde e Organização e avaliação de serviços de saúde.

Em 2009 foi implantado o primeiro Doutorado em Saúde Coletiva do Estado do Ceará – o Programa de Doutorado em Saúde Coletiva com Associação Ampla de Instituição de Ensino Superior (IES) – um projeto pioneiro, iniciado com a participação da UFC e da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com posterior ingresso

(2011) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). A modalidade Associação Ampla constituiu opção inovadora e estratégica criada pela CAPES para induzir a união de instituições universitárias distintas, no objetivo de implementação e consolidação interinstitucional da pós-graduação, até que cada Universidade participante acumulasse experiência suficiente e meios objetivos para a sustentabilidade de seus próprios programas.

A maioria do corpo docente do Mestrado em Saúde Pública da UFC passou a fazer parte do Doutorado em Saúde Coletiva em Associação Ampla, juntamente com professores indicados pelas demais instituições que compunham a referida parceria. Por meio de seu quadro docente de orientadores, a UFC apresentou expressiva e qualificada participação no Doutorado em Associação Ampla, com um total de 13 orientadores docentes pertencentes aos quadros da instituição.

Também foi no PPGSP/UFC que se alocaram as primeiras bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ, na área da Saúde Coletiva) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tanto PQ nível 2 como PQ nível 1 no estado do Ceará.

Com acúmulo de *expertise*, capital científico e aprendizagens institucionais, o coletivo do PPGSP da UFC tem assumido o papel fundamental de liderar um curso de mestrado e doutorado. Isso acontece sem perder o diálogo, a solidariedade, a colaboração interinstitucional e o compromisso social apreendidos em sua trajetória.

Histórico de Avaliações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) do Brasil

O PPGSP/UFC é o primeiro (e único até o momento) a obter o conceito de excelência nacional (Conceito 5) no contexto da Saúde Coletiva cearense, após a última avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

O Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública graduou 419 mestres e 42 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICO-CIRÚRGICAS (1995 - Conceito 5/CAPES - Muito Bom)

O Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências Médico-cirúrgicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, recomendado pela CAPES para Mestrado acadêmico em 1995 e Doutorado em 2001, graduou 409 discentes, sendo 300 mestres e 109 doutores (1995-2023), se consolidando como centro no norte/nordeste formador de docentes e pesquisadores. Na última avaliação quadrienal, o Programa recebeu da CAPES conceito 5.

O Programa foi criado graças ao esforço de três professores da Faculdade de Medicina: Prof. Manoel Odorico de Moraes Filho, Prof. Luiz Roberto de Oliveira e Prof. Paulo Roberto Leitão de Vasconcelos, que organizaram e elaboraram a estrutura do então novo Mestrado em Cirurgia, com irrestrito apoio de todos os professores do Departamento de Cirurgia (1995). No início do Mestrado, vários professores do Departamento de Cirurgia se graduaram, destacando-se os professores João Evangelista Bezerra Filho, João Martins, Antônio Borges Campos, Moreira Lima e Eugênio Lincoln. Em 2000, o Doutorado foi recomendado pela CAPES. Tornaram-se coordenadores, desde o início do Programa até hoje, os professores: Luiz Roberto de Oliveira, Paulo Roberto Leitão de Vasconcelos, Sérgio Gondim Juaçaba, Lusmar Veras Rodrigues, que esteve sempre presente e atuante no Programa, nos faltando em 2019, e o professor José Alberto Dias Leite (Coordenador)

O Programa tem como missão e propósito fundamental a formação de recursos humanos altamente qualificados para o exercício de atividades no ensino, pesquisa, desenvolvimento e produção tecnológica e científica na grande área de Ciências da Saúde, com ênfase nas áreas de Medicina, Cirurgia.

O Programa tem como objetivo precípua gerar conhecimento novo, por meio de seus projetos de pesquisa, utilizando o método científico, visando fortalecer a pós-graduação *stricto sensu* em nosso país. O produto do Programa é traduzido sob a forma de formação de mestres e doutores, de publicações de livros, capítulos de livros, e de artigos internacionais em periódicos de impacto, da geração de patentes, e de produção técnica em geral. Os graus obtidos no Programa são de Mestre ou Doutor em Ciências Médico-cirúrgicas.



O Programa de Pós-Graduação em Ciências Médico-cirúrgicas (PP-CMC) tem o corpo docente formado por professores da Universidade Federal do Ceará com regime de atuação de 40h de trabalho (16 DPs - 84%), atuante nos diversos serviços médicos do Complexo Hospitalar Universitário. Três docentes permanentes são professores aposentados do Departamento de Cirurgia que atuam no Programa (3 de 19 DPs - 16%). São professores médicos doutores pesquisadores com larga experiência em pesquisa experimental e clínica. O Programa teve em média no quadriênio (2017-2020) 21 docentes permanentes.

O Programa contou no último quadriênio (2016-2020) com os seguintes docentes permanentes: Luiz Gonzaga Porto Pinheiro, Francisco Sérgio Pinheiro Regadas, Leonardo Robson Pinheiro S Bezerra, Lúcia Libanez Bessa Campelo Braga, Sthela Maria Murad-Regadas, Marcos Rabelo de Freitas, José Alberto Dias Leite, Marcellus Henrique Loiola P. de Souza, Maria Luzete Costa Cavalcante, Eanes Delgado Barros Pereira, Manoel Odorico de Moraes Filho, Francisco das Chagas Medeiros, Maria Elisabete Amaral de Moraes, José Huygens Parente Garcia, Paulo Roberto Leitão de Vasconcelos, Conceição Aparecida Dornelas, Francisco de Assis Aquino Gondim, José Glauco Lobo Filho, Miguel Ângelo Nobre e Souza, Sérgio Botelho Guimarães.

Os professores Maria Elizabete Amaral de Moraes e Manoel Odorico de Moraes Filho, um dos fundadores do Programa, infelizmente tiveram de descontinuar sua presença no Programa, e participavam intensamente no dia a dia do Programa. O Programa segue se renovando, e adentraram o Programa três professores egressos: Paulo Roberto Cavalcante de Vasconcelos, Heraldo Lobo e Marcio Wilker Soares Campelo. Atualmente o Programa conta com 22 docentes permanentes, dos quais, 14 são cirurgiões. Tal fato demonstra a compatibilidade e a adequação do corpo docente do Programa com a Proposta do Programa. A atual coordenação é composta pelos professores José Alberto Dias Leite (Coordenador) e Conceição Aparecida Dornelas (Vice-coordenadora).

Em seu desenvolvimento futuro, o Programa tem como objetivo sua internacionalização. Para isso, emvidou esforços de manter convênios e parcerias com instituições estrangeiras por meio dos diversos docentes permanentes que detêm parcerias internacionais produtoras e de longo prazo, em consonância com suas linhas de pesquisa. O Programa passou a participar do CAPES-Print a partir do ano base 2018 o que

ajudou no esforço de internacionalização do programa na área de investigação em neurociências, em conjunto com os programas da UFC de Ciências Médicas, Farmacologia e Morfologia. Trata-se de um esforço conjunto de internacionalizar os programas envolvidos, e de uma ação muito importante por parte da CAPES.

O Programa tem uma característica única em seu corpo discente que é composto em sua maioria por médicos, que o identificam como um programa clínico-cirúrgico que desenvolve pesquisa clínica, e que se adequa e se utiliza da *expertise* destes alunos para o desenvolvimento de projetos relevantes para área da medicina. Tais projetos podem ser desenvolvidos no âmbito dos hospitais do Complexo Hospitalar da UFC e de outros hospitais da região Nordeste.

No último Quadriênio [2017-2020], o programa publicou 227 artigos em periódicos indexados, além do desenvolvimento de 5(cinco) patentes. O esforço coletivo dos corpos docente e discente na produção científica do programa, e na geração de novo conhecimento, pode ser, em parte, aferido pela quantidade de artigos vinculados e publicados em periódicos indexados.

Há apenas 2 (dois) Programas de Pós-Graduação na Área da Medicina III no Nordeste do país. Por conseguinte, o Programa desfruta de inserção regional importante na medida que, como núcleo formador, disponibiliza mão de obra altamente qualificada de docentes/pesquisadores para outras regiões do país, ensejando redução da desigualdade existente entre a oferta de Programas no Sudeste do país, quando comparada à região Nordeste

Para seu tempo de existência, o Programa tem sido extremamente produtor com a graduação de 300 mestres e 109 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM MICROBIOLOGIA MÉDICA (2002 - Conceito 5/CAPES - Muito Bom)

O Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Médica (PPG-MM), na modalidade de Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal do Ceará (UFC), foi aprovado pela Resolução nº 5 do Conselho Universitário (CONSUNI), de 28 de agosto de 2002, recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES na reunião do Conselho Técnico Científico (CTC), em 21 e 22 de novembro de 2002 (OF./CTC/CAPES No. 392/2002) e homologado pelo CNE

(Portaria MEC 524, DOU 30/04/2008 - Parecer CES/CNE 33/2008, 29/04/2008). Adicionalmente, a modalidade Doutorado Acadêmico foi aprovada pela Resolução nº 7 do CONSUNI, de 28 de março de 2008, recomendada pela CAPES na 102ª reunião do Conselho Técnico Científico (CTC), em julho de 2008 e homologada pelo CNE (Portaria MEC 590, DOU 19/06/2009 - Parecer CES/CNE 122/2009, 18/06/2009).

O Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Médica (PPG-MM) está vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC). O PPGMM tem sede no Departamento de Patologia e Medicina Legal da Faculdade de Medicina. As áreas de concentração e atuação estão incluídas nos diversos ramos da Microbiologia Médica.

A área de concentração Microbiologia Humana e Animal visa, de forma ampla, à produção de conhecimento, relacionado a etiopatogenia, epidemiologia, clínica, diagnóstico e tratamento de doenças infecciosas que acometem o homem e animais.

O Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Médica (PPGMM) tem, como objetivo geral, a formação de recursos humanos qualificados para o exercício de atividades de pesquisa e magistério superior na área de Microbiologia Médica. Este objetivo está fundamentado nas necessidades nacionais e, mais especificamente, nas regionais, onde não há nenhum Curso de Pós-Graduação na área, e têm sido verificados avanços técnico-científicos. Os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos membros do corpo docente estão voltados para as principais questões da Microbiologia Médica, relacionadas ao nosso contexto regional.

O PPGMM busca formar recursos humanos, com raciocínio crítico e independente e que tenham perfil de pesquisador e docente, autossuficientes para gerar e conduzir pesquisas e orientar alunos de Pós-Graduação nas diferentes subáreas da Microbiologia (Bacteriologia, Virologia, Parasitologia e Micologia). Adicionalmente, é importante que possam também ser capazes de articular pesquisas entre diferentes instituições federais, estaduais e/ou privadas, nacionais e estrangeiras. Para tanto, os alunos cursam disciplinas integrantes das linhas de pesquisa em Resistência à Antimicrobianos, Imunologia e Microbiologia Básica das Infecções Microbianas, Epidemiologia Clínica das Doenças Microbianas, Genética Molecular e de Micro-organismos e Biotecnologia e Inovação recebendo, assim, uma formação global na área de concentração do programa, denominada de Microbiologia Humana e Animal.

O corpo docente permanente é formado pelos professores: Anatócio de Queiroz Souza, Aldo Angelo Moreira Lima, Alexandre Havt Binda, Cecília Rocha da Silva, Danielle Macêdo Gaspar, Débora Castelo Branco de Souza Collares Maia, Edson Holanda Teixeira e Francisco Airton Castro da Rocha.

O PPGMM possui acordos com Universidades e outras instituições estrangeiras com o objetivo de promover o intercâmbio acadêmico e o desenvolvimento de projetos de pesquisa com cooperação internacional. Estados Unidos: University of Maryland, New York University, Fogarty International Center, University of Virginia, University of Colorado, Division of Medical Oncology, Center for Disease Control and Prevention - National Center for Emerging and Zoonotic Infectious Diseases, University of Toronto e University Health Network no Canadá, Universidad de Costa Rica, Facultad de Ciências na Universidade de la República de Uruguay, Institute Pasteur na França, King's College em Londres, University of Ioannina e Aristotle University of Thessaloniki na Grécia, e Sichuan University e Capital Medical University na China.

O Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Médica tem se mostrado muito produtivo e graduou 144 mestres e 44 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS (2004 - Conceito 6/ CAPES - Excelente em Nível Internacional)

O curso de Doutorado em Ciências Médicas foi criado em 2004, e com o início do Mestrado em 2008 foi então criado o Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas (PPGCM). O PPGCM possui conceito 6 pela Capes. A missão do PPGCM é de formar recursos humanos altamente qualificados para o exercício de atividades no ensino, pesquisa, desenvolvimento e produção científica e tecnológica, nas áreas de Medicina e Biomedicina.

O objetivo principal do PPGCM é o de agregar pesquisadores capacitados da Faculdade de Medicina (Famed) da UFC, com a finalidade de formação de recursos humanos qualificados para o exercício de atividades de magistério superior e de pesquisa, tanto na Famed, quanto em outras Instituições de ensino e de pesquisa.

Os projetos de pesquisa desenvolvidos pelos membros do corpo docente do curso estão voltados para as principais questões das Ciências Médi-

cas, e as linhas de pesquisa contemplam estudos em: Doenças Crônicas Degenerativas, Doenças Infecciosas e Parasitárias, Ensino na Saúde, Farmacologia Clínica e Patogênese das Doenças Imunoinflamatórias.

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas (PPGCM) da Universidade Federal do Ceará (UFC) é o único curso com nota 6, em modalidade acadêmica, na área de Medicina I, nas regiões Norte/Nordeste, o que lhe confere uma grande importância regional e um caráter de nucleação, aspecto muito importante para reduzir disparidades em pesquisa médica e biomédica em áreas distantes dos grandes centros do Sul e Sudeste.

O Programa possui 5 (cinco) linhas de pesquisa: Doenças Infecciosas e Parasitárias, Farmacologia Clínica, Doenças Crônico-Degenerativas, Patogênese das Doenças Imunoinflamatórias e Ensino na Saúde. A proposta curricular do PPGCM foi elaborada com a finalidade de produzir um conhecimento efetivo nas áreas de concentração de Medicina e Biomedicina. Desta forma, a grade curricular de disciplinas organiza-se com intuito de buscar a interdisciplinaridade e uma série de competências relacionadas a conhecimentos científicos teóricos e práticos, e contemplam as diferentes linhas de pesquisa do programa.

O corpo docente do PPGCM é formado atualmente por 21 professores permanentes altamente qualificados, todos vinculados à Faculdade de Medicina da UFC, oriundos de departamentos da área básica e da área clínica. Os professores do PPGCM realizam pesquisas com forte enfoque em integração básico-clínica e de internacionalização, com uma ampla rede colaborativa em Universidades renomadas no mundo. Todos os professores do quadro permanente do PPGCM têm demonstrado engajamento e compromisso com a grade curricular do Programa e ministraram pelo menos uma disciplina por ano, durante o quadriênio.

Com estratégia o Programa visa melhorar e ampliar as ações de internacionalização que poderá contribuir para publicações em alto impacto, no âmbito do projeto CAPES PrInt do PPGCM/UFC e produtos biotecnológicos. Ampliar a quantidade e a qualidade das publicações com discentes e egressos, seguindo as novas diretrizes da CAPES e no âmbito dos estratos mais altos do QUALIS. Aumentar a captação de financiamento nacional e internacional. Cumprimento da exigência de uma ou mais publicações, com o orientador, de acordo com o Regimento

do PPGCM, durante a permanência no mestrado/doutorado, estimulando a participação do discente/egresso em artigo científico como primeiro autor. Oferecer disciplinas específicas sobre aspectos éticos e técnicos da escrita de artigos científicos. Estimular que o documento de qualificação de Doutorado seja redigido em inglês no formato de um artigo de revisão.

O LABICONTE do PPGCM, coordenado pelo Prof. Reinaldo Oriá, vem realizando periodicamente um Simpósio Internacional em Neurociências/Simpósio Luso-Brasileiro de Neurociências, anualmente, desde 2018. Esses eventos têm sido realizados no âmbito do subprojeto CAPES PrInt da UFC “Fortalecimento da rede de pesquisa translacional em neurociência na Universidade Federal do Ceará”. Em 2018 foi realizado o II Simpósio Internacional de Neurociências/ I Simpósio Luso-Brasileiro de Neurociências (www.ibisab.ufc.br/sine2018), no hotel Sonata de Iracema em Fortaleza. Participaram desse evento, 5(cinco) conferencistas pesquisadores estrangeiros e 8(oito) pesquisadores brasileiros da UFC e de outras Universidades no país no Núcleo de Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM)/UFC. Foi realizado um *workshop* em “*Advanced methods in neural stem cell research*”, ministrado pelos Profs. Drs. João Malva da Universidade de Coimbra e Sofia Grade da Ludwig-Maximilians Universitat da Alemanha. Em 2019 foi realizado o III Simpósio Internacional em Neurociências e II Simpósio Luso-Brasileiro de Neurociências e (www.labiconte.ufc.br/sine2019) no auditório central do NPDM. Participaram desse evento, 4 (quatro) conferencistas pesquisadores internacionais e 3 (três) conferencistas brasileiros. Além disso, durante esse evento foi realizado um *workshop* teórico-prático, coordenado pelas Profas. Dras. Larissa Khoutorova, BS e Ludmila Belayev, MD, PhD do Centro de Excelência in Neuroscience da Louisiana State University (LSU), EUA, (vide: <https://www.medschool.lsuhsu.edu/neuroscience/>), com título “Surgical training in Brain Ischemia- Reperfusion in Rats”, com 5(cinco) alunos pós-graduandos em Ciências Médicas e Farmacologia, vinculados aos laboratórios envolvidos. Em 2020 foi realizado o I Simpósio Internacional CAPES Print de Neurociências/ III Simpósio Luso-Brasileiro de Neurociências (www.sine-print2020.com), inteiramente realizado por via remota. Participaram desse evento 13 conferencistas pesquisadores estrangeiros e 5 (cinco) brasileiros. Todos os eventos de 2018 a 2020 tiveram apresentação de *posters*, com apresentação de resultados das pesquisas em neurociência do PPGCM e do projeto CAPES Print.

O Programa de Ciências Médicas tem como corpo docente os professores: Aldo Ângelo Moreira Lima (PQ 1A), Armênio Aguiar dos Santos (PQ 1C), Eanes Delgado Barros Pereira (PQ 2), Elizabeth de Francesco Daher (PQ 1B), Flávia Almeida Santo (PQ 2), Francisco Airton Castro da Rocha (PQ 1D), Geanne Matos de Andrade (PQ 1D), Gerly Anne de Castro Brito (PQ 1B), Marcelus Henrique Loiola Ponte de Souza (PQ 1D), Pedro Braga Neto (PQ 2), Pedro Felipe Carvalho de Bruin, Raimunda Sâmia Nogueira Brilhante (PQ 1D), Raquel Carvalho Montenegro (PQ 2), Rossana de Aguiar Cordeiro (PQ 2), Silvia Maria Meira Magalhaes, Tainá Veras de Samdes Freitas (PQ 2), Veralice Meireles Sales de Bruin (PQ 2) e Reinaldo Barreto Oriá (PQ 1A) (Coordenador).

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas graduou 167 mestres e 134 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MORFOFUNCIONAIS (2013 - Conceito 4/Bom)

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Morfofuncionais (PCMF, de Mestrado e Doutorado), da Universidade Federal do Ceará (UFC) aprovado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) em 10 de dezembro de 2013, iniciou suas atividades reconhecendo a importância da história da pesquisa na Faculdade de Medicina da UFC.

Em 2004, após retornar de seu pós-doutorado na Universidade de Virginia, o Prof. Reinaldo Oriá se junta a já citada professora, para formar o Núcleo de Estudos em Microscopia e Processamento de Imagens (NEMPI), diretório de pesquisa do CNPq, coordenado pelos dois docentes. O ingresso no Departamento de Morfologia dos professores Renata F. C. Leitão, que, na época fazia pós-doutorado na Harvard University, e Pedro Marcus Soares (PQ 2) e mais recentemente dos professores Emmanuel Prata (Anatomia), Virginia Girão e Antoniella Souza Gomes (Histologia e Embriologia) juntos formaram um grupo consistente dedicado à pesquisa na área de Morfologia, permitindo assim efetivar uma proposta de um curso de pós-graduação voltado para Ciências Morfofuncionais. A Profa. Renata Leitão vem dando prosseguimento ao trabalho já iniciado em Morfofisiologia Osteoarticular voltado para cavidade oral, reabsorção óssea como a periodontite. A ela juntou-se, em 2014, a professora Paula Goes, que tem experiência na área de Osteoimunologia

e reabsorção óssea inflamatória, e a Profa. Virginia Girão, cuja linha de pesquisa se refere principalmente a doenças osteoarticulares e reparo ósseo. Reforçando esta mesma linha, incluímos a Profa. Mariana Lima Vale, com experiência no estudo de modelos experimentais de artrite induzida por zymosan, estudando aspectos inflamatórios e mecanismos nociceptivos. A Profa. Ana Paula Ribeiro Rodrigues (Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 1D), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), cuja linha de pesquisa se dedica ao isolamento e cultivo de folículos pré-antrais caprinos foi convidada a participar da equipe, com a finalidade de atuar na área de concentração de Biologia Celular e Tecidual com ênfase na reprodução. Em Neurociências, a Profa. Glauce Viana (PQ 1B), uma das fundadoras do Mestrado e Doutorado em Farmacologia da UFC (nível 6 pela classificação da CAPES) e colaboradora do grupo da morfologia. A Profa. Francisca Clea Florenço de Sousa (PQ 1C) integrou, juntamente com a Dra. Glauce Viana, o Prof. Reinaldo Oriá e o Prof. Francisco de Assis Gondim (PQ 2) a área de concentração em Neurociências, dando ênfase a estudos morfofuncionais. O último orientador citado, professor de Neurologia e Clínica Médica da UFC, com excelente produção científica, vem acrescentar a este programa, a investigação clínica e aplicada, princípio de uma busca pela pesquisa translacional. Como colaborador, o Prof. Ariel Scafuri, anatomista, juntamente com os outros professores, como o Prof. Gilberto Cerqueira e Profa. Virginia Girão, tem se dedicado à área de concentração de Ensino e Divulgação das Ciências Morfológicas.

No histórico do Programa há um marco no desenvolvimento do grupo, que consiste no Instituto de Biomedicina do Semiárido Brasileiro (INCT/IBISAB), do qual participam grande parte dos pesquisadores integrantes da presente proposta, e o NEMPI, um ambiente adequado ao desenvolvimento da pesquisa em Morfologia, que dispõe de equipamentos multiusuários de última geração, como microscópio confocal, microscópio eletrônico e microscópio de epifluorescência que contribuem, de forma significativa, para análise dos fenômenos biológicos em nível ultraestrutural e microestrutural, acoplada à dinâmica das interações celulares em tempo real que levam a uma melhor compreensão da biologia das células e tecidos, e consequente entendimento da fisiopatologia de diversas doenças e efeitos de substâncias com potencial terapêutico.

É importante ressaltar a carência de pós-graduações na área de morfologia no Brasil e especialmente na região Nordeste. O programa visa suprir a necessidade de formação de pessoal qualificado para pesquisa em ciências morfofuncionais, que gere conhecimentos em área básica e aplicada para solução de problemas prevalentes na região Nordeste do Brasil, em particular no semiárido. O principal alvo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Morfofuncionais (PCMF), é nucleação e difusão do conhecimento a partir da UFC e tem papel social reconhecido, pelo histórico de alta relevância no contexto em que esta se encontra.

O corpo docente é composto pelos professores: Ana Beatriz Graça Duarte, Ana Paula Ribeiro Rodrigues, Antoniella Souza Gomes Duarte, Camila Ferreira Roncari, Emmanuel Prata de Sousa, Francisca Clea Florenço de Sousa, Francisco de Assis Aquino Gondim, Gerly Anne de Castro Brito, Gilberto Santos Cerqueira, Glauce Socorro de Barros Viana, José Garcia Ribeiro Abreu Junior, Karuza Maria Alves Pereira, Marisa Jadna Silva Frederico, Paula Goes Pinheiro Dutra, Pedro Marcos Gomes Soares, Reinaldo Barreto Oriá, Renata de Sousa Alves, Renata Ferreira de Carvalho Leitão, Ana Beatriz Graça Duarte, Roberta Jeane Bezerra Jorge, Thyago Moreira de Queiroz e Virginia Claudia Carneiro Girão.

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Morfofuncionais graduou 40 mestres e 26 doutores.

PÓS-GRADUAÇÃO EM FARMACOLOGIA - MESTRADO PROFISSIONAL (2017 - Conceito 5/CAPES - Muito Bom)

Os mestrados profissionais são regulados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), segundo a Portaria nº 389, de 23 de março de 2017.

Segundo a Portaria, os mestrados profissionais: a) Enfatizam estudos e técnicas diretamente voltados ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional. Esta ênfase é a única diferença em relação ao acadêmico; b) Conferem idênticos grau e prerrogativas, inclusive para o exercício da docência; e, tal como todo programa de pós-graduação *stricto sensu*, têm a validade nacional do diploma condicionada ao reconhecimento prévio do curso. O Mestrado Profissional em Farmacologia Clínica prioriza a formação do profissional que atua, principal-

mente, em setores externos à Academia como, por exemplo: Indústria de Produtos para a Saúde, Medicamentos e Cosméticos; Instituições de Pesquisa; Secretarias de Saúde, Sistema de Vigilância Sanitária; Órgãos Públicos e Privados, visando atender demandas específicas e arranjos produtivos para o desenvolvimento nacional, regional e local. Além disso, contribuir para ampliar a competitividade e a produtividade de empresas, organizações públicas e particulares. O principal objetivo do Mestrado Profissional em Farmacologia Clínica é formar mestres com alto nível de qualificação profissional, com capacidade para planejar e desenvolver trabalhos técnico-científicos e de inovação, aplicando o método científico, e, desta forma, agregar valores às suas atividades em temas de interesse na área da saúde, com foco na Farmacologia Clínica/Pesquisa Clínica.

O Mestrado Profissional em Farmacologia Clínica oferece conhecimentos teóricos e práticos, embasados no rigor metodológico e nos fundamentos científicos; desenvolve atitudes críticas e pesquisas em laboratórios clínicos, pré-clínicos e de campo, ampliando as oportunidades para os profissionais da área da saúde. Mais especificamente, o PPGF-MP visa: Formar pesquisadores nas áreas de Farmacologia Clínica, nas diversas linhas de pesquisa oferecidas e desenvolvidas pelo Curso; Formar recursos humanos que contribuirão para o desenvolvimento sustentável do Estado e/ou País; Formar profissionais qualificados para atuar no setor produtivo, público ou privado nas mais diversas áreas relacionadas à farmacologia clínica e à cadeia produtiva relacionada à Política. Principais Produtos Gerados: Revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, entre outros.

O Programa de Mestrado Profissional em Farmacologia já graduou 131 mestres.



PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (MESTRADO PROFISSIONAL) (2016 Conceito 3/CAPES)

O Mestrado Profissional em Saúde da Mulher e da Criança destina-se à formação de profissionais com habilidades e competências voltadas para a aplicação prática do conhecimento na área da Saúde Materno-Infantil a fim de transformar os atuais indicadores epidemiológicos, bem como para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o desenvolvimento de processos, tecnologias e gestão de atividades de aplicação no Sistema Único de Saúde e instituições de saúde.

Conta com o seguinte corpo de docentes permanentes: Alvaro Jorge Madeiro Leite, Ana Karina Bezerra Pinheiro, Ana Kelve de Castro Damasceno, Francisco das Chagas Medeiros, Francisco Edson de Lucena Feitosa, Francisco Herlânio Costa Carvalho, Helvécio Neves Feitosa, João Joaquim Freitas do Amaral, José Eleutério Junior, Luciano Lima Correia, Lucas Carolos Rey, Márcia Maria Tavares Machado, Priscila de Souza Aquino, Raquel Autran Coelho, Rivianny Arrais Nobre e Simone Lira do Nascimento.

O Programa oferece as seguintes disciplinas: Diretrizes para utilização de literatura científica, Métodos e técnicas da investigação epidemiológica em saúde materno-infantil, Estágio prático em serviço, Avaliação e intervenção em saúde, Avaliação e intervenção pós-parto das disfunções do assoalho pélvico, Boas práticas de assistência multiprofissional ao parto e nascimento, Crescimento normal e seus desvios da vida fetal à adolescência, Infecção durante o ciclo gravídico-puerperal e Mortalidade e morbidade materna e perinatal.

O Mestrado Profissional em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente já graduou 43 mestres.

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CARDIOVASCULARES (2018 - Conceito 3/CAPES/Curso Novo)

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares (PP-GCardio) da Universidade Federal do Ceará, vinculado à Faculdade de Medicina, oferece Mestrado em Ciências Cardiovasculares com áreas de concentração em Ciências Biomédicas e Cardiologia Clínica.

No ano de 2010, foi aprovado o primeiro Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Cardiologia entre a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio de seus hospitais, o InCor, o Hospital de Messejana e o Hospital Universitário Walter Cantídio.

O principal objetivo deste programa é capacitar pesquisadores do Estado do Ceará na área de cardiologia. Em decorrência do sucesso do DINTER, foi proposta a criação de um programa de pós-graduação *stricto sensu* contemplando as áreas básicas e clínica das ciências cardiovasculares. O Mestrado do PPGCardio é o primeiro programa de pós-graduação em ciências cardiovasculares das regiões Norte e Nordeste do Brasil; foi aprovado pela CAPES em outubro de 2018 e o início das atividades se deu em agosto de 2019. O PPGCardio tem como objetivo a formação de docentes e pesquisadores e a promoção da investigação científica em ciências cardiovasculares, contribuindo para a redução da prevalência, morbidade e mortalidade das doenças cardiovasculares, a principal causa de morte no Brasil. As linhas de pesquisa são “Fisiologia do sistema cardiovascular e do equilíbrio hidroeletrolítico”, “Farmacologia do sistema cardiovascular”, “Epidemiologia e manifestações clínicas das doenças cardiovasculares” e “Fisioterapia cardiovascular aplicada”.

O PPGCardio possui infraestrutura de pesquisa e conta com 13 professores e orientadores com ampla experiência em ensino e pesquisa.

São docentes permanentes do Programa: Alexandre Havt Bindá, Armênio Aguiar dos Santos, Camila Ferreira Leite, Camila Ferreira Roncari, Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho, Eduardo Arrais Rocha, Jefferson Luís Vieira, Mohammed Saad Lahlou, Octávio Barreto de Mesquita, Rodrigo José Bezerra de Siqueira e Ricardo Pereira Silva (Coordenador).

O Programa de Mestrado em Ciências Cardiovasculares já graduou 7 (sete) mestres.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA E FUNCIONALIDADE (2018 - Conceito 3/CAPES/Curso Novo).

A UFC criou mais de 30 cursos de graduação, dentre eles o Curso de Fisioterapia (2009), vinculado à Faculdade de Medicina (Famed).



Esse processo de ampliação e expansão da universidade objetivou universalizar as possibilidades de acesso para toda a população cearense ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, abrangendo também a Pós-Graduação, em cumprimento ao Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, que tem como uma de suas metas “estimular a criação de novos cursos de pós-graduação, atendendo às necessidades regionais e nacionais”.

Implantar um Programa de Pós-Graduação em Fisioterapia e Funcionalidade para atender a região mais ao norte do Nordeste, indiretamente reverbera na melhoria da qualidade de vida dos habitantes da região. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), e-MEC, no Brasil há aproximadamente 722 cursos de Fisioterapia. Desse total, 167 estão em funcionamento na região Nordeste.

No Ceará são 22 cursos de graduação em Fisioterapia, sendo 14 na capital e 8 (oito) no interior do estado. No que concerne aos cursos de Educação Física no Brasil, há aproximadamente 1452 cursos, desse total, 237 estão em funcionamento na região Nordeste. No Ceará, são 35 cursos, sendo 20 na capital e 15 no interior do estado (MONTEIRO, 1997).

Esse quantitativo de cursos de graduação em Fisioterapia e Educação Física no Nordeste, especificamente no estado do Ceará evidenciaram a necessidade da criação de um Programa de Pós-Graduação na capital cearense, pois, na região Nordeste havia apenas 3 (três) cursos de Mestrado acadêmico em Fisioterapia (Natal-RN; Recife-PE; Santa Cruz-RN), e 1 (um) curso de Doutorado (Natal-RN). No que diz respeito aos cursos de pós-graduação em Educação Física, são 6(seis) cursos de Mestrado acadêmico (Natal-RN; São Cristóvão-SE; Petrolina-PE; Recife-PE; João Pessoa-PB e São Luiz-MA), 2(dois) de Mestrado Profissional (Natal-RN e Recife-PE) e 2(dois) cursos de Doutorado (Recife-PE e João Pessoa-PB) na área 21 da CAPES (Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional), conforme dados da Plataforma Sucupira.

A implantação de um Mestrado em Fisioterapia e Funcionalidade no Ceará foi de extrema importância para absorver a demanda por qualificação dos mais de 6000 fisioterapeutas e 11000 profissionais de Educação Física do estado do Ceará, que estão nas redes públicas e privadas de saúde, além dos profissionais que atuam de forma autônoma nos mais diversos cenários servindo a população de 8.843 milhões de cearenses.

Os docentes do Departamento de Fisioterapia e do Instituto de Educação Física e Esportes implementaram a proposta de criação do Mestrado Acadêmico em Fisioterapia e Funcionalidade.

O Programa de Pós-Graduação intitulado “Fisioterapia e Funcionalidade”, o primeiro e único Mestrado na área de Fisioterapia e Educação Física no Estado do Ceará, sediado no *Campus* do Porangabussu da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza/CE é composto por 22 docentes permanentes, todos pertencentes ao quadro de professores efetivos do Departamento de Fisioterapia e do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará. O referido Mestrado Acadêmico tem como área de concentração a Avaliação de Intervenção Fisioterapêutica e Aspectos Funcionais, distribuída nas seguintes linhas de pesquisa: i) Processos de avaliação e intervenção no sistema musculoesquelético nos diferentes ciclos da vida; e ii) Processos de avaliação e intervenção nos sistemas cardiorrespiratório e neurológico nos diferentes ciclos da vida.

Como professores permanentes do Programa encontram-se: Alexandre Igor Araripe Medeiros, Ana Carla Lima Nunes, Cintia Ehlers Botton, Fabiana Resende de Jesus Moralelida, Gabriel Peixoto Leão Almeida, Mário Antonio de Moura Simim, Mayle Andrade Moreira, Pedro Alvo de Paula Lima, Rodrigo Ribeiro de Oliveira, Simony Lira do Nascimento, Tulio Luiz Banja Fernandes, Vilena Barros de Figueiredo, Camila Ferreira Leite, Daniela Gardano Bucharles Mont’Alverne, José Carlos Tatmatsu Rocha, Cátia Virginia Viana Cardoso, Lidiane Andréa Oliveira Lima, Magno Formiga, Marcela de Castro Ferracioli Gama, Nataly Gurgel Campos, Rafael Barreto de Mesquita e Shamyry Sulyvan de Castro.

O Mestrado Acadêmico em Fisioterapia e Funcionalidade graduou 21 mestres.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA TRANSLACIONAL (2019 - Conceito 3 CAPES/Programa Novo)

O Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional (PPG-MDT) emerge como uma iniciativa pioneira em pesquisa no Norte/Nordeste/Centro-Oeste do Brasil advindo do esforço conjunto dos pesquisadores que compõem o Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), vinculado à Faculdade de Me-

dicina da UFC. O Núcleo foi inaugurado no dia 2 de fevereiro de 2015, após dez anos de planejamento e é coordenado pelo Prof. Dr. Odorico Moraes.

Um dos pontos de partida para a idealização, planificação e realização do NPDM foi a criação, em 1992, da Unidade de Farmacologia Clínica da Universidade Federal do Ceará (UNIFAC). No momento atual, o Centro de Pesquisa Clínica UNIFAC-NPDM é formado por pesquisadores com sólida formação acadêmica e experiência adquirida em mais de duas décadas de pesquisa e ensino na área de Farmacologia Clínica. Vale destacar que a UNIFAC, tem, como objetivos, a realização de estudos clínicos em seres humanos auxiliando no desenvolvimento de novos medicamentos e no controle de qualidade de fármacos comercializados no país, através de ensaios clínicos Fase I, II, III e IV, e estudos de Biodisponibilidade/Bioequivalência e já realizou mais de 3 (três) centenas de ensaios clínicos para a indústria farmacêutica nacional e internacional.

Da união entre os pesquisadores clínicos da UNIFAC com pesquisadores pré-clínicos da UFC surgiu o NPDM, uma estrutura multidisciplinar de estudos científicos, prestação de serviços, desenvolvimento tecnológico, inovação e capacitação de recursos humanos para o desenvolvimento de novos medicamentos na indústria. No ano de 2017, parte dos pesquisadores do NPDM manifestou o interesse de montar uma nova pós-graduação, o que deu origem, então, ao projeto do PPGMDT.

Vale destacar que, nos dois primeiros anos de vida do NPDM (2015-2017), seus pesquisadores publicaram, em conjunto, mais de 3 (três) centenas de artigos científicos em periódicos de circulação nacional e internacional.

O PPGMDT foi idealizado de forma que propiciasse uma ampla interação entre pesquisadores jovens e experientes, no âmbito da participação em projetos de pesquisa, bem como em disciplinas viabilizando, portanto, um processo de troca de experiências e aprendizado mútuo o que será importante para a continuidade das atividades do programa, fortalecimento e consolidação das linhas de pesquisa. Esta interação trará ideias inovadoras e motivação ao grupo, com potencial de melhorar as atividades desenvolvidas dentro das linhas de pesquisa, bem como no ambiente de sala de aula.

O programa de pós-graduação em Medicina Translacional (PPGM-DT) foi aprovado pela UFC através da Resolução nº 54/CONSUNI, de 30 de outubro de 2017 e pela CAPES na 4ª Reunião Extraordinária do Conselho Superior (CS) em 14 de novembro de 2019. Iniciou suas atividades em janeiro de 2020.

A Coordenação do Programa é composta pelos professores permanentes: Manoel Odorico de Moraes Filho (Coordenador), Francisca Cléa Florenço de Sousa (Vice-coordenadora), Caroline de Fátima Aquino Moreira Nunes e Daniele de Oliveira Bezerra de Sousa. O Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional graduou 1(um) mestre, que já se encontra em início de atividade.

A produção de artigos científicos pela Faculdade de Medicina/Programas de Pós- Graduação *Stricto Sensu* demonstra o resultado de parte de sua atividade fim, na pós-graduação que é a geração de conhecimento novo, transmitido à comunidade acadêmica global por meio de publicações em periódicos internacionais com alto impacto propiciando, além da divulgação dos projetos originários da produção bibliográfica, a possibilidade de que estes trabalhos sejam citados e reconhecidos internacionalmente.

Quadro 1 – Quadriênio 2017-2020 Programas FAMED

PPG	Nível	Produção Bibliográfica - Artigos em Periódicos				
		2017	2018	2019	2020	TOTAL
Ciências Cardiovasculares	M			27	28	55
Ciências Médicas	M-D	174	116	113	123	526
Ciências Médico-Cirúrgicas	M-D	57	76	61	35	229
Ciências Morfofuncionais	M-D	92	78	76	95	341
Farmacologia	M-D	144	129	135	163	571
Farmacologia	MP	54	58	52	60	224
Fisioterapia e Funcionalidade	M			41	53	94
Medicina Translacional	M-D				158	158
Microbiologia Médica	M-D	59	58	69	80	266
Patologia	M-D	106	104	94	129	433
Saúde da Mulher e da Criança	MP	56	60	63	88	267
Saúde Pública	M-D	111	121	137	147	516

Fonte: elaborado pelo autor.

A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará segue, ao longo dos seus 75 anos de existência, viva, produtiva, com imensa inserção social, reputação indiscutível como a melhor Faculdade de Medicina do Estado do Ceará, e dentre as primeiras do Nordeste e do país. Tem contribuído de forma incontestante para a formação de médi-

cos qualificados, para a geração de conhecimento novo à sociedade por meio de artigos publicados em periódicos internacionais indexados, da criação de patentes, e sobretudo, na pós-graduação *stricto sensu*, pela expressiva graduação de 2056 Mestres e de 718 Doutores.

Quadro 2 – Dissertações e teses FAMED/UFC

DISSERTAÇÕES E TESES FAMED/UFC			
	PROGRAMAS	DISSERTAÇÕES	TESES
01	Pós-graduação em Ciências Médicas	167	134
02	Pós-graduação em Ciências Médico-Cirúrgicas	300	109
03	Pós-graduação em Ciências Morfofuncionais	40	26
04	Pós-graduação em Farmacologia	551	363
05	Pós-graduação em Farmacologia – Mestrado profissional	131	
06	Pós-graduação em Microbiologia Médica	144	44
07	Pós-graduação em Patologia	232	
08	Pós-graduação em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente	43	
09	Pós-graduação em Saúde Pública	419	42
10	Pós-graduação em Ciências Cardiovasculares	07	
11	Programa de Pós-graduação em Fisioterapia e Funcionalidade	21	
12	Programa de Pós-graduação em Medicina Translacional	01	

Fonte: elaborado pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHA DE SÃO PAULO. *Medicina - Ranking de Cursos - Ranking Universitário Folha - 2015*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://m.ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-cursos/medicina/>. Acesso em: 3 jul. 2016.

MONTEIRO, F. C. D. O INSTITUTO DE MEDICINA PREVENTIVA (IMEP): *uma história do ensino da medicina preventiva na Universidade Federal do Ceará*. 1997. 153 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Medicina, Fortaleza, 1997.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. [Página inicial]. [S.l.], [2016]. Disponível em: www.sbpcnet.org.br. Acesso em: 3 de julho de 2016.

U.S. NEWS & WORLD REPORT. Best Global Universities in Brazil. New York, 2023. Disponível em: <https://www.usnews.com/education/best-global-universities/brazil>. Acesso em: 4 abr. 2023.

UFC homenageia Walter Cantídio. Diário do Nordeste, Fortaleza, 8 maio 2007. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ufc-homenageia-walter-cantidio-1.677549>. Acesso em: 20 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. HUWC consolida-se como maior centro de transplantes de fígado da América Latina. Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2015/6315-huwc-consolida-se-como-maior-centro-de-transplantes-de-figado-da-america-latina#:~:text=da%20Am%C3%A9rica%20Latina-,HUWC%20consolida%2Dse%20como%20maior%20centro%20de,de%20f%C3%ADgado%20da%20Am%C3%A9rica%20Latina&text=O%20Hospital%20Universit%C3%A1rio%20Walter%20Cant%C3%ADdio,transplantes%20de%20f%C3%ADgado%20do%20Pa%C3%ADs>. Acesso em: 3 jul. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CAMPUS SOBRAL. ENADE: UFC tem 9 cursos entre os 10 melhores do Brasil em suas áreas; Farmácia, Enfermagem e Odontologia (Sobral) estão em 1º lugar. Sobral, 2020. Disponível em: [https://sobral.ufc.br/2020/enade-9-cursos-entre-os-10-melhores-do-brasil/#:~:text=Farm%C3%A1cia%2C%20Enfermagem%20e%20Odontologia%20\(Campus,na%20Capital%20quanto%20no%20Interior](https://sobral.ufc.br/2020/enade-9-cursos-entre-os-10-melhores-do-brasil/#:~:text=Farm%C3%A1cia%2C%20Enfermagem%20e%20Odontologia%20(Campus,na%20Capital%20quanto%20no%20Interior). Acesso em: 30 out. 2020.



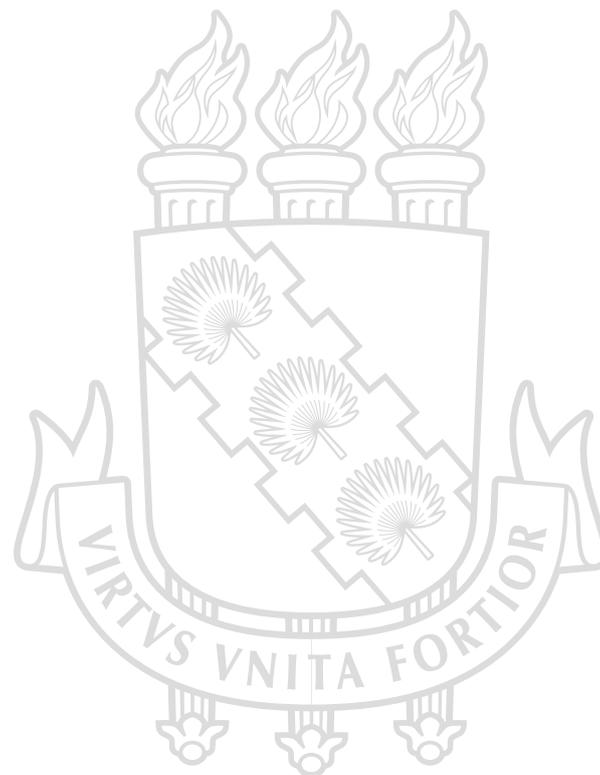
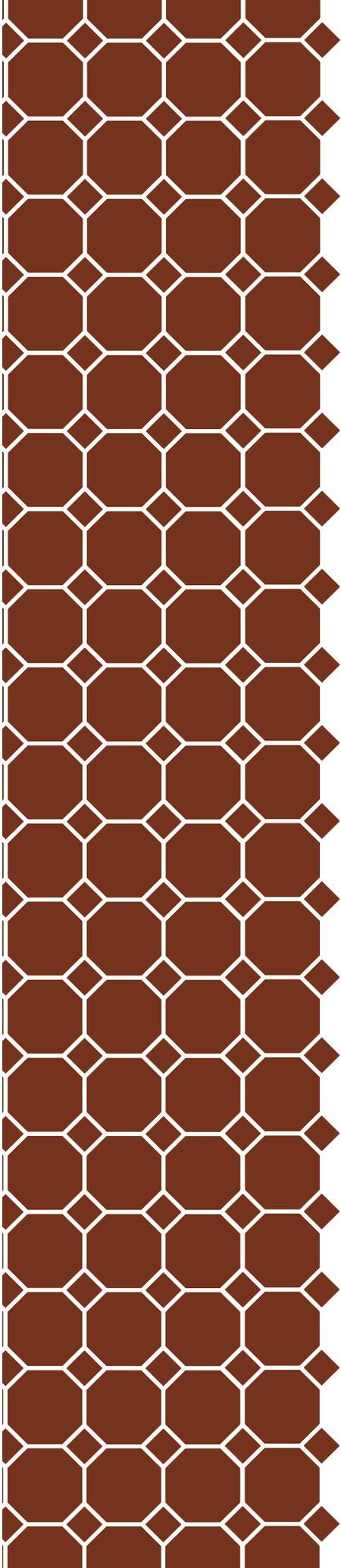
Aula prática no Instituto Evandro Chagas da Faculdade de Medicina, em 1965

Fonte: Memorial da UFC



Inauguração da UTI
- Unidade de Terapia
Intensiva do Hospital
Universitário Walter
Cantídio, em 1979. Da
esquerda para a direita:
Arnóbio Machado
(diretor administrativo
do hospital), Evandro
Stuart, Paulo Elpídio de
Menezes (reitor), José
Nogueira Paes Júnior
(diretor do hospital),
Walter Cantídio, Maria
José do Espírito Santo
(enfermeira-chefe da
UTI), Geraldo de Sousa
Tomé e José Edísio
Tavares

Fonte: Acervo do
Hospital Universitário
Walter Cantídio



A EXTENSÃO

EXTENSÃO E LIGAS ACADÊMICAS

Elizabeth de Francesco Daher*

Geraldo Bezerra da Silva Junior**

Aline de Oliveira Viana***

Introdução

As ligas acadêmicas representam um espaço onde os estudantes desenvolvem atividades de extensão focadas em uma área específica, além de pesquisas científicas relacionadas e treinamento em ensino. Na Medicina, as ligas acadêmicas são bastante atuantes, sendo uma das primeiras ligas de que se tem notícia no Brasil, a Liga de Combate à Sífilis, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), segundo a Associação Brasileira de Ligas Acadêmicas de Medicina (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA, c2023).

No final dos anos 1990, começou a ser considerada a inclusão das atividades de extensão das ligas acadêmicas nos currículos de Medicina (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA, c2023), e atualmente as diretrizes curriculares nacionais dos Cursos de Medicina recomendam que o projeto pedagógico tenha uma formação integral, “[...] através de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência” (BRASIL, [2023]).

Ligas Acadêmicas no Brasil

Como mencionado, a primeira Liga Acadêmica de Medicina no Brasil foi fundada na USP, no início do século XX. Durante aquele período, a taxa de crescimento da quantidade de ligas foi pequena até que, entre 1990 e 2000, começa a haver um aumento expressivo das Ligas Acadêmicas de Medicina, em acordo com as recomendações de integração entre ensino, pesquisa e extensão (MOREIRA *et al.*, 2019). Moreira *et al.* (2019) analisaram a criação das Ligas Acadêmicas na Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo (EPM-UNIFESP) e evidenciaram 45 ligas em funcionamento até 2017, época em que foi feita a coleta de dados.

* Professora Titular de Nefrologia da Faculdade de Medicina e Pró-Reitora de Extensão da Universidade Federal do Ceará.

** Professor Adjunto de Nefrologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

*** Assistente em Administração da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará.



Entre as motivações de adesão dos alunos às Ligas, o principal fator de interesse relatado por eles para o ingresso em uma Liga Acadêmica foi a possibilidade de estar em contato com uma área específica da liga/especialidade médica, seguida pela oportunidade de prática, de contato com pacientes (MOREIRA *et al.*, 2019). Atualmente, várias sociedades de especialidades médicas apoiam os estudantes nas atividades desenvolvidas em suas Ligas Acadêmicas, incentivando a participação nos eventos que promovem (GEORGEN; HAMAMOTO FILHO, 2021). Entretanto, sejam percebidos as vantagens e ganhos na formação discente, é necessário refletir sobre eventuais pontos negativos. Um desses pontos é considerar que esta busca precoce pela especialidade pode ser vista como negativa, com o aluno priorizando o estudo de uma especialidade em detrimento de várias outras áreas durante o curso médico (GEORGEN; HAMAMOTO FILHO, 2021).

Ainda há pouca literatura sobre as Ligas Acadêmicas e, de acordo com Cavalcante *et al.* (2021), as Ligas se apresentam como uma oportunidade para criação de vínculos entre estudantes, professores e sociedade, em diversos cenários de práticas. A maioria das publicações brasileiras sobre as Ligas Acadêmicas aborda as especialidades médicas, incluindo cirurgia, ortopedia, anestesiologia, psiquiatria e medicina intensiva (CAVALCANTE *et al.*, 2021). Em uma pesquisa muito interessante realizada na Universidade Federal do Ceará (UFC) e na Universidade Estadual Vale do Acaraú, considerou-se a extensão como o pilar de sustentação das Ligas Acadêmicas, que integra o ensino e a pesquisa nas respectivas áreas de atuação de cada Liga (CAVALCANTE *et al.*, 2021). Outros autores evidenciam a satisfação dos alunos com a sua participação nas Ligas de Medicina (MIRANDA *et al.*, 2020; YANG *et al.*, 2019), sendo estas experiências a oportunidade de adquirir conhecimentos, realizar atividades de extensão e promover mudanças na universidade e na comunidade local (YANG *et al.*, 2019).

As Ligas Acadêmicas na Faculdade de Medicina da UFC

O primeiro registro de uma Liga Acadêmica da Faculdade de Medicina (Famed) da UFC na Pró-Reitoria de Extensão (PREX) data do ano 2000. Trata-se da **Liga do Coração**, cadastrada como projeto e coordenada pelo Dr. Demóstenes Gonçalves Lima Ribeiro, a Liga tem por objetivo o acompanhamento regular e educação em saúde de pacientes com doenças cardíacas e de seus familiares, como também esclarecê-

-los acerca das suas doenças e como podem evitar suas complicações, melhorando sua qualidade de vida. 23 anos depois, a Liga do Coração segue em funcionamento, coordenada pelo Dr. Antônio Augusto Guimarães Lima.

Nos anos que se seguiram, as ações de extensão no formato de Ligas Acadêmicas cresceram em número e em relevância na atuação dentro da Universidade. Na escrita deste capítulo, fizemos uma caminhada documental em 22 anos de história das 69 Ligas oriundas da Faculdade de Medicina de Fortaleza e do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC). Nos parágrafos a seguir, convidamos o leitor a conhecer as memórias da PREX e da Famed, ao elencar as demais 51 Ligas Acadêmicas que funcionaram efetivamente como atividades extensionistas, amalgamadas ao ensino e pesquisa, e que deixaram suas marcas na linha cronológica da Famed em parceria com o HUWC. Os dados foram obtidos a partir dos documentos disponibilizados pela PREX.

No ano de 2001, surge a **Liga de Trauma- CE** que continua em execução até os dias de hoje, ainda sob coordenação do seu fundador. Esta Liga realiza atividades de extensão para prevenção de traumas e orienta acerca do atendimento em primeiros socorros. Em 2002, mais três Ligas são cadastradas: **Liga Acadêmica de Neurociências (Neuroliga)**, fundada pela Dra. Veralice Meireles Sales de Bruin e conduzida, já há alguns anos, pelo Dr. Francisco de Assis Aquino Gondim, por meio da divulgação dos principais temas relacionados a Neurologia e a Neurociência no ambiente acadêmico e na comunidade. Por sua vez, a **Liga de Dor**, que trabalha a conduta e abordagem terapêutica a pacientes com dor, é fundada pelo Dr. Carlos Maurício de Castro Costa e passou a ser dirigida pelo Dr. José Mauro Mendes Gifoni, posteriormente. O tema da dor passou também a ser objeto da **Liga de Anestesia e Dor**, fundada em 2014, para desenvolver ações no âmbito da anestesiologia e da dor visando melhorar e humanizar o atendimento aos indivíduos que demandem intervenções terapêuticas nestas áreas. A Liga foi fundada e conduzida inicialmente pela Dra. Josenília Maria Alves Gomes e hoje conta com o Dr. Henrique Cesar Temoteo Ribeiro, em sua coordenação.

Ainda em 2001, surge a **Liga do Câncer UFC** com o fito de educar e conscientizar grupos específicos da população sobre fatores de risco e prevenção para os tipos de câncer mais prevalentes e/ou com maior mortalidade no país, bem como analisar academicamente os dados obtidos durante

as ações de extensão. Fundada pelo Dr. Victor Hugo Medeiros de Alencar, a Liga hoje é conduzida pelo Dr. Manoel Odorico de Moraes Filho.

Os três anos seguintes são marcados pelo período de maior crescimento numérico das Ligas, diversificados temas passam a ser objeto dessa modalidade. No ano de 2003, há a criação da **Liga de Estudos em Ginecologia e Obstetrícia** que atua na educação em saúde da mulher, por iniciativa da Dra. Silvia Bonfim Hypólito. A Liga, que continua em execução nos dias de hoje, é coordenada atualmente pela Dra. Andreísa Paiva Monteiro Bilhar. Também nesse ano, é criada a **Liga Acadêmica do Pulmão** para conscientizar sobre questões pertinentes à saúde relacionadas à realidade de discentes, servidores, pacientes e idosos pela Dra. Elcineide Soares de Castro, que coordenou as atividades por longos anos até passar a coordenação para o Dr. Diego Bastos Porto. Outra importante e atuante Liga foi criada no ano de 2003; trata-se da **Liga de Nefrologia** que propicia a difusão de conhecimentos sobre temas relevantes em Doenças Renais para a comunidade acadêmica e para a população em geral, integrando, de maneira exemplar, a extensão à pesquisa e ao ensino. Sua fundadora é a Dra. Elizabeth De Francesco Daher que coordena a ação até o presente e, também, é a idealizadora e atual coordenadora da **Liga de Prevenção da Doença Renal**, criada em 2009, com o intuito de atuar na prevenção da Doença Renal Crônica, na população cearense com atividades na capital e em cidades do interior.

O ano de 2003, como se percebe, foi bastante profícuo em Ligas que continuam em funcionamento. Entre estas, está a **Liga de Emergência**, tendo como foco principal o Suporte Básico de Vida. O primeiro cadastro da Liga leva a assinatura do Dr. Antônio Aldo de Melo Filho. Hoje, as atividades são capitaneadas pelo Dr. Heraldo Guedis Lobo Filho. Por sua vez, a **Liga de Cirurgia Digestiva e Transplante Hepático** tem como idealizador e atual condutor o Dr. Jose Huygens Parente Garcia para levar, à população, amplo acesso à informação e aos serviços de saúde de forma a atingir maior conscientização, promoção e prevenção de saúde nesta seara. Ainda em 2003, é cadastrada a **Liga Acadêmica de Diabetes (LAD)** pelo Dr. Renan Magalhães Montenegro Júnior e que hoje é coordenada pela Dra. Virginia Oliveira Fernandes Cortez, que trata da prevenção a esse problema crítico que acomete a população.

Chegando ao ano de 2004, tem início a **Liga Acadêmica de Endocrinologia** a fim de proporcionar, à população, conhecimento sobre a

própria condição física e medidas possíveis de prevenção e intervenção nos agravos. A Liga é uma proposta da Dra. Adriana Costa e Forti e, atualmente, é coordenada pela Dra. Danielle de Souza Bessa. A Dra. Adriana Forti também cria a **Liga de Endocrinologia e Metabologia**, no ano seguinte, e que hoje é coordenada pelo Dr. Manoel Ricardo Alves Martins. O ano de 2004 oferece, ainda, um enlevado exemplo de Liga Acadêmica, trata-se da **Liga de Cirurgia Plástica e Microcirurgia Reconstructiva Dr. Germano Riquet**, fundada e coordenada atualmente pelo Dr. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa, com o objetivo de difundir conhecimentos relacionados à prevenção, diagnóstico e tratamento de acidentes doenças ou agravos decorrentes, atuando em queimaduras, neoplasias ou fatores biopsicossociais que podem influenciar na perda da qualidade de vida do indivíduo.

Em 2004, merece destaque, também, a **Liga de Anatomia e Cirurgia: Projeto Acadêmico para Estudos e Trabalhos Aplicados**, a primeira Liga dessa temática no Brasil. A ação foi fundada pelo Dr. Ariel Gustavo Scafuri, a quem os autores deste livro exaltam e lamentam pela prematura partida no ano de 2021. Dando continuidade a este brilhante trabalho, encontra-se o Dr. Emmanuel Prata de Souza. O Dr. Ariel Scafuri também foi o fundador da **Liga de imaginologia e diagnóstico por imagem**, no ano de 2005.

O ano de 2005 segue a tendência fecunda de criação de ligas. A **Liga de Oftalmologia** é fundada, nesse ano, para o acompanhamento regular de pacientes com doenças oftalmológicas e educação em saúde de profissionais de saúde e comunidade. Seu fundador foi o Dr. Rafael Dias Marques Nogueira e, atualmente, o Dr. Jailton Vieira Silva é o coordenador da ação. A **Liga de Gastroenterologia e Emergência**, fundada e ainda coordenada pela Dra. Lucia Libanez Bessa Campelo Braga, em 2005, desenvolve ações de extensão que beneficiam os pacientes atendidos no ambulatório e a população em geral, além de desenvolver projetos de pesquisa na área de epidemiologia do câncer gástrico, doença inflamatória intestinal e H.pylori dentre outras. A **Liga de Psiquiatria e Saúde Mental**, também fundada em 2005, foi, inicialmente, coordenada pela Dra. Mônica Colares Oliveira Lima, e, em seguida, pelo Dr. André Ferrer de Carvalho e, atualmente, é coordenada pelo Dr. Paulo Rodrigues Nunes Neto. No campo da pediatria, surge a **Liga de Estudos em Pediatria e Neonatologia**, fundada pelo Dr. Lício de Albuquerque Campos e que hoje é orientada pelo Dr. Robério Dias Leite. Concluindo

o ano de 2005, tem-se a **Liga do Sangue** sob a tutela da Dra. Silvia Maria Meira Magalhães, na missão de fomentar a responsabilidade social e estimular atividades relacionadas à doação de sangue e medula óssea em meio à comunidade.

Os anos seguintes passaram por uma desaceleração no surgimento de novas Ligas que tiveram continuidade. Em 2006 é criada, pelo Dr. José Otho Leal Nogueira, a **Liga de Medicina Clínica Dr. Paulo Marcelo Martins Rodrigues**. Hoje, o Dr. Arnaldo Aires Peixoto Junior é o responsável pela realização de atividades de extensão no intuito aumentar o vínculo da sociedade civil com as instituições públicas de ensino superior, e utilizar as mídias sociais como ferramentas para impactar e conscientizar socialmente um maior número de cidadãos no que se refere a temas pertinentes de interesse público.

Em 2007, a **Liga de Cirurgia de Cabeça e Pescoço** é criada pelo Dr. Francisco Monteiro de Castro Júnior para auxiliar a comunidade por meio de ações para informação, prevenção e rastreamento de afecções relacionadas à especialidade. O Dr. Wellington Alves Filho é o atual coordenador da Liga que segue em funcionamento.

No ano de 2008, o Dr. João Macedo Coelho Filho, a partir das atividades do projeto de extensão Bem-viver, funda a **Liga Acadêmica de Geriatria e Gerontologia do Ceará**, que viria a ser coordenada pelo Dr. Charlys Barbosa Nogueira que atua na promoção e prevenção de saúde entre idosos da comunidade, em instituições de longa permanência, e participa e realiza estudos científicos na área.

O ano de 2009 traz à instituição a fundação da **Liga de Cirurgia Cardiovascular** por iniciativa do Dr. José Glauco Lobo Filho, hoje, Vice-Reitor da Universidade. A missão de expor à população assistida os fatores de risco para doenças cardiovasculares, bem como conscientizá-la da necessidade de se prevenir e as formas de como fazê-lo, é conduzida, atualmente, pelo Dr. Heraldo Guedis Lobo Filho. Em 2009, surge também a **Liga de Otorrinolaringologia** para proporcionar, à população, informações sobre o tema por meio de atividades extensionistas. A fundação foi realizada pelo Dr. Marcos Rabelo de Freitas.

O ano de 2010 oferta 2 (duas) Ligas nas áreas de Histologia e Patologia. A primeira é a **Liga de Histologia e Embriologia Humanas** fundada pela Dra. Eliana Silva de Oliveira e a segunda, a **Liga de Patologia da**

UFC, com o intuito de estimular mudanças significativas nas famílias quanto aos aspectos de vida saudáveis, hábitos alimentares e construir o sentido de pertença à comunidade, introduzindo o conceito de ser corresponsável pela saúde, individual e coletiva. A criação e condução são realizadas pela Dra. Emília Tomé de Sousa.

O ano de 2011 é marcado pelo surgimento da primeira Liga oriunda do Curso de Fisioterapia da Famed. Trata-se da **Liga de Fisioterapia Esportiva**. A Liga conta com a colaboração de diversos docentes do curso, tendo sido fundada pelo Dr. Pedro Olavo de Paula Lima e hoje coordenada pelo Dr. Márcio Almeida Bezerra, no desenvolvimento de ações de ensino, assistência, pesquisa e avaliação em Fisioterapia Esportiva junto à população praticante de atividade física e atletas no Estado do Ceará.

Em 2012, o Dr. Antero Gomes Neto cria a **Liga de Cirurgia Torácica**, com o objetivo de orientar a sociedade em geral na prevenção de enfermidades relacionadas. A Liga também realiza pesquisas científicas envolvendo a epidemiologia, fatores de risco relacionados ao câncer de pulmão e às doenças infectocontagiosas.

Ainda com temas relativos à cirurgia, surge a **Liga de Cirurgia Digestiva** fundada e orientada pelo Dr. Fernando Antônio Siqueira Pinheiro, atuando na intervenção, acompanhamento regular e educação em saúde de pacientes com patologias digestivas e de suas famílias.

O ano de 2013 oferta, à sociedade cearense, mais uma Liga voltada para a infância. A **Liga de Neurologia e Psiquiatria Infantil** busca aumentar os conhecimentos na área de neuropediatria e psiquiatria infantil, contribuindo para diminuir as dúvidas e preconceitos quanto aos distúrbios neurológicos e psiquiátricos da infância. A proposta e condução são do Dr. José Lucivan Miranda. Por sua vez, a **Liga Acadêmica de Cirurgia Pediátrica** realiza ações de prevenção de acidentes com crianças e atividades para pais e cuidadores, e é coordenada por seu fundador, Dr. Antônio Aldo de Melo Filho.

No campo do transplante, o Dr. João Batista Gadelha de Cerqueira cria a **Liga de Urologia e Transplante Renal** que hoje é coordenada pelo Dr. Ricardo Reges Maia de Oliveira, por meio da disseminação do conhecimento e das informações científicas e epidemiológicas na área de urologia e seus aspectos.

Em 2014, a Dra. Maria Vaudelice Mota propõe uma nova temática no campo das Ligas da instituição e funda a **Liga de Saúde da Família**, criando espaços e modelos de produção de trabalho interdisciplinar e empoderamento dos sujeitos, dentro do campo da Atenção Primária à Saúde nas zonas urbanas. Hoje, a liga é coordenada pela Dra. Caroline Mary Gurgel Dias Florencio.

Os anos de 2014 e 2015 marcam a chegada de novas Ligas propostas pelo Curso de Fisioterapia. São elas: a **Liga do Pulmão da Fisioterapia**, fundada pela Dra. Daniela Gardano Bucharles Mont'Alverne e coordenada, atualmente, pelo Dr. Rafael Barreto de Mesquita, e a **Liga Cardiovascular da Fisioterapia**, também coordenada pela Dra. Daniela Gardano que segue na condução da ação.

Em 2016, a fim de reformar a relação entre os serviços em saúde mental nos ambientes sociais, acadêmicos, hospitalares/ambulatoriais do município de Fortaleza, surge a **Liga de Psicofarmacologia Clínica Aplicada**, fundada pelo Dr. David Freitas de Lucena. Ainda nesse ano, surge a **Liga de Anatomia Cabeça e Pescoço** que visa aproximar a comunidade do conhecimento prático da Anatomia da Cabeça e Pescoço, promovendo atividades em escolas públicas do ensino fundamental e médio. Na idealização e condução, está a Dra. Delane Viana Gondim. Também no campo da Morfologia, em 2017, a Dra. Virginia Claudia Carneiro Girão Carmona cria a **Liga Acadêmica de Embriologia e Microscopia Aplicada** que desenvolve diversas atividades de extensão, destacando-se o evento “Arte sob o microscópio”.

Após esse período marcado por poucas Ligas criadas anualmente, nos últimos 4 (quatro) anos, ocorreu uma reaceleração na criação de novas ações. Novos temas de interesse surgiram e, entre os anos de 2019 e 2022, foram cadastradas 10 novas Ligas.

Em 2019, surge a **Liga de Neuroanatomia Clínica e Antropologia Forense** pelas mãos do Dr. Antônio Miguel Furtado Leitão que atua na promoção de ferramentas para o fortalecimento da identificação humana e prevenção de doenças cérebro-vasculares. Ainda nesse ano, e atenta aos novos paradigmas na saúde e educação, a **Liga de Saúde Digital** é fundada pelo Dr. Luiz Roberto de Oliveira com o exitoso fito de institucionalizar com caráter regular e obrigatório, um projeto de ensino da Saúde Digital, longitudinalmente, inicialmente na graduação do Curso de Medicina. Por fim, em 2019, surge a **Liga de Genética Médica** em

que a fundadora e coordenadora Maria do Socorro Queiroz Alves de Souza realiza ações na UFC, em escolas de ensino médio e junto a profissionais e pacientes da Maternidade Escola e Hospital Albert Sabin.

Nos anos de 2020 e 2021, apesar dos desafios impostos pela pandemia, surgem novas Ligas com temáticas diversificadas. Em 2020, há a criação da **Liga Acadêmica de Cirurgia Oncológica**, que leva informação sobre câncer e cirurgia oncológica para a população em geral e a vendedores ambulantes do centro de Fortaleza, informando os estudantes da rede pública de saúde sobre os benefícios da prevenção primária do HPV, além de reduzir a fila de espera no serviço de pequenas cirurgias do HUWC. A liga é criada e conduzida pelo Dr. Marcelo Leite Vieira Costa. No mesmo ano, a já extensionista Dra. Maria Luzete Costa Cavalcante propõe a **Liga Acadêmica de Medicina do Esporte e do Exercício** que fornece noções básicas para ajudar e orientar atletas amadores e profissionais, e praticantes recreativos de exercício físico, prevenindo possíveis complicações e problemas relacionados à prática esportiva.

No âmbito da saúde mental, o Dr. Fábio Gomes de Matos e Souza dá início à **Liga Acadêmica de Psiquiatria**, no ano de 2021. Naquele ano, também é criada a **Liga de inteligência artificial em saúde**, demonstrando o potencial moderno e inovador das ligas da instituição, sob coordenação do Dr. Hermano Alexandre Lima Rocha.

Oriunda do HUWC, em 2021, surge a **Liga de Simulação Realística em Saúde**, possibilitando o desenvolvimento de cenários simulados e treinamentos de profissionais e estudantes em maior número e com maior qualidade; a atividade foi proposta pela Dra. Erika Gondim Gurgel Ramalho Lima, e hoje é coordenada pelo Dr. Romulo Rebouças Lobo.

As duas Ligas mais recentes foram criadas em 2022. A primeira, trata-se da **Liga de Ensino de Morfologia nas Escolas**, coordenada pelo Dr. Emmanuel Prata de Souza que busca ultrapassar os limites físicos da Universidade levando, de maneira prática e didática, o Ensino da Morfologia para Escolas de Ensino Público, em todo o estado do Ceará e região.

Por último, apresentamos a **Liga Cearense de Endoscopia** que trabalha em temas de Endoscopia e Gastroenterologia, em geral. O intuito, de acordo com seu fundador, Dr. Fred Olavo Aragão Andrade Carneiro, é alertar e educar a população acerca dos principais sinais e sintomas, além dos métodos de prevenção.



O passeio por essa história é longo e não se esgota neste breve levantamento. Não caberia nestas páginas a profícua realização de valor imaterial que as Ligas Acadêmicas têm na história da Famed e da PREX, bem como no percurso formativo de seus egressos.

As Ligas Acadêmicas e seu impacto na Extensão Universitária

No ano de 2022, as Ligas seguiram mostrando seu impacto na extensão. Foram cadastradas por Famed e HUWC, 43 ligas acadêmicas em um universo de 203 ações de extensão, correspondendo a 21,18% das ações extensionistas oriundas das duas unidades.

Na realização destas atividades, estiveram envolvidos 134 orientadores e colaboradores. Destes, 78 são docentes, 7 (sete) são servidores técnico-administrativos e 49 são colaboradores externos (voluntários e preceptores). Entre os discentes, do total de 565, 29 foram bolsistas de extensão, 511 voluntários e 25 alunos de pós-graduação. Essa equipe diversificada foi responsável por atingir 118.261 pessoas, internas e externas à UFC, de forma presencial e remota.

Diante desse cenário, a expectativa é que as ligas continuem a crescer em quantidade e em resultados. Os números são expressivos e mostram como a Ligas Acadêmicas têm um papel de destaque não só dentro da instituição, pois honram, por meio de seus professores, técnicos, alunos e voluntários, o prestigioso nome da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará perante a sociedade cearense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA. *ABLAM: Fundação e Princípios*. São Paulo, c2023. Disponível em: https://ablam.org.br/?page_id=159. Acesso em: 09 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina*. Brasília, DF: MEC, [2023]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Med.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2023.

CAVALCANTE, A. S. P. et al. Em busca da definição contemporânea de “ligas acadêmicas” baseada na experiência das *ciências da saúde*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 25, e190857, 2021.

GOERGEN, D. I.; HAMAMOTO FILHO, P. T. As ligas acadêmicas e sua aproximação com sociedades de especialidades: um movimento de contrarreforma *curricular*? *Revista Brasileira de Educação Médica*, [s.l.], v. 45, n. 2, e055, 2021.

MIRANDA, L. E. C. et al. Lessons Learned from the Student's Surgery Academic League: Is It Worth It? *Revista Brasileira de Educação Médica*, [s.l.], v. 44, n. 1, e039, 2020.

MOREIRA, L. M. et al. Ligas Acadêmicas e Formação Médica: estudo exploratório numa tradicional escola de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, [s.l.], v. 43, n. 1, p. 115-125, 2019.

YANG, G. Y. H. Liga de Anatomia Aplicada (LAA): as Múltiplas Perspectivas sobre Participar de uma Liga Acadêmica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, [s.l.], v. 43, n. 1, p. 80-86, 2019.



Visita a uma paciente do hospital escola, realizada pelo Prof. Jurandir Picanço

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO ENTRE ENSINO, PESQUISA E COMUNIDADE: EXPERIÊNCIA DE TREZE ANOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA UFC

*Fabiane Elpidio de Sá Pinheiro**

Nataly Gurgel Campos⁴²

*Pedro Olavo de Paula Lima***

*Rafael Barreto de Mesquita****

*Rodrigo Fragoso de Andrade*****

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2007, p. 17).

A investigação social, na qual a Extensão Universitária realizada pelos cursos da área da saúde, busca elucidar os processos educacionais e suas relações com a saúde, cultura, política, economia, filosofia, história, psicologia, antropologia e sociologia para que possamos compreender aspectos da dinâmica social para a explicação dos contextos de saúde e doença.

Os projetos e programas de extensão desempenharão uma função de integração entre as disciplinas com ações de inovação e sustentabilidade, com responsabilidade e comprometimento com a sociedade.

Para tanto, nessas ações de extensão, encontra-se inserido o modelo de funcionalidade humana o qual adota a perspectiva biopsicossocial, interagindo com as dimensões do contexto saúde: ambiente e aspectos pessoais. Ou seja, não se descreve apenas a doença e sua incapacida-

* Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

** Professor Adjunto do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

*** Professor Adjunto do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

**** Professor Associado do Curso de Fisioterapia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

de, mas a representação dessas dimensões distintas e inter-relacionadas. Portanto, a deficiência de uma pessoa é qualificada quanto à estrutura e função do corpo, enquanto as atividades e participação são aspectos relacionados ao ambiente vivenciado pelo sujeito.

Atualmente, o Departamento de Fisioterapia consta com 20 ações de extensão (Quadro 1) sendo 17 projetos, 1(um) programa, 1(um) curso e 1(uma) prestação de serviço.

Quadro 1 – Ações de extensão universitária vinculadas ao DEFISIO cadastradas na Pró-Reitoria de Extensão

O cuidado centrado no acompanhamento multidisciplinar da criança com desenvolvimento atípico	Fabiane Elpídio
Liga cardiovascular da Fisioterapia	Daniela Gardano
Liga do pulmão da Fisioterapia	Rafael Mesquita
Aperfeiçoamento docente online em tecnologias educacionais (ADOTE)	Andréa Soares
Projeto de fisioterapia na saúde da mulher (PROFISM)	Alaine Souza
Projeto de reabilitação em portadores de doenças crônicas não transmissíveis (REAB)	Carlos Tatmatsu
INOVAFISIO	Carlos Tatmatsu
Grupo FISIONEURO - promoção de saúde e recuperação funcional da saúde de adultos com disfunções neurológicas	Ramon Távora
DermeUFCfisio	Renata Bessa
Revista fisioterapia & saúde funcional	Magno Formiga
Projeto movimento	Fabianna Moraleida
Promoção e acompanhamento do desenvolvimento infantil (PADI)	Renata Jucá
Liga de fisioterapia esportiva (LIFE)	Márcio Almeida
Grupo de atenção integral e pesquisa em acupuntura e medicina tradicional chinesa (GAIPA)	Bernardo Diniz
Projeto de assistência e prevenção das disfunções do joelho (PAPO – joelho)	Gabriel Peixoto
Programa promoção da saúde (PROSA)	Linda Macena

Pilates clínico	Pedro Lima
Curso de formação em auriculoterapia clínica	Bernardo Diniz
Projeto de atendimento e controle em esportes de <i>endurance</i> do Ceará	Márcio Almeida
“VNI em casa” – adaptação e acompanhamento ambulatorial de indivíduos em ventilação mecânica não invasiva (VNI) domiciliar	Camila Leite

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados fornecidos pelo Departamento de Fisioterapia da UFC.

PRÊMIOS E HOMENAGENS

- Curso de Fisioterapia da UFC recebe conceito 5 no ENADE 2019 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020)

O Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgaram, na manhã desta terça-feira (20/10), os resultados do ENADE de 2019. [...] o Curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará obteve a segunda maior nota do Brasil (4,9441), dentre os Cursos de Fisioterapia, atrás apenas da UFMG (5,0).

Nesse mesmo ano, foi o “3º melhor avaliado dentre todos os cursos de Graduação da UFC e o 17º em relação a todos os cursos de Graduação do Brasil” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020).

- Curso de Fisioterapia da UFC recebe premiação pelo resultado no ENADE 2016 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2017)

Curso de Fisioterapia – UFC recebe premiação pelo resultado do último ENADE em uma solenidade promovida pelo Governo do Ceará na Feira do Conhecimento através da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior. O Curso de Fisioterapia da UFC foi a maior nota do ENADE dos cursos de Graduação da UFC e dos Cursos de Fisioterapia do Estado do Ceará.

- Reconhecimento e Conceito do Curso de Fisioterapia da UFC

Resultado do processo de Reconhecimento do Curso realizado pela Comissão Avaliadora do Ministério da Educação – MEC. Den-



tre os aspectos que receberam maior pontuação, encontram-se o alto nível de comprometimento e qualificação do corpo docente, a unidade e participação do corpo discente, a existência de laboratórios básicos e específicos que atendem bem as necessidades do curso, a variedade de Projetos de Extensão e a atuação da Coordenação e do NDE.

O conceito final emitido foi 4,0. O resultado satisfatório é reflexo do comprometimento e da atuação ativa da Direção da Faculdade de Medicina, dos professores, alunos e servidores do curso, desde o início de sua implantação.

- Conceitos Preliminares de Curso (CPC) 2019 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021)

A Universidade Federal do Ceará conquistou, por mais um ano, o melhor desempenho no Índice Geral de Cursos (IGC) 2019 entre universidades públicas e privadas do Norte e Nordeste do País. Um dos fatores que contribuíram para o resultado foi a qualidade dos cursos de graduação, que é levada em conta, juntamente com a pós-graduação, no cálculo do IGC pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

De acordo com a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) dos 27 cursos de graduação da UFC avaliados em 2019, 4 (quatro), sendo um deles o Curso de Fisioterapia (Faculdade de Medicina de Fortaleza) ficou com CPC nota 5 (nota máxima) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021).

- Curso de Fisioterapia da UFC recebe nota 5 estrelas na Avaliação do Guia do Estudante

Recebimento do conceito 5 estrelas na avaliação do Guia do Estudante (GE) em 2016 que constará na publicação *GE Profissões Vestibular 2017*.

- *Ranking* Universitário Folha (RUF): 8 (oito) cursos da UFC estão entre os 10 melhores do País

O Curso de Fisioterapia juntamente com os cursos de Medicina, Design, Física, Geografia e Letras ocuparam a décima posição cada um, no RUF em 2018.

- Pesquisa do Inovafisio recebe prêmio de Melhor Inovação Tecnológica de 2022 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021)

Pesquisa desenvolvida pela equipe de Inteligência Artificial do Laboratório de Inovações Tecnológicas em Reabilitação Humana (INOVAFISIO), coordenada pelo Prof. Dr. José Carlos Tatmatsu recebeu o Prêmio de Melhor Trabalho em Inovação Tecnológica da UFC, em 2022

- Prof. José Carlos Tatmatsu é convidado para representar a UFC na Rede de Inovação Aberta em Saúde no Estado do Ceará (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2023)

Docente do Departamento de Fisioterapia da UFC, Carlos Tatmatsu é um dos dois professores da universidade que comporão a equipe de pesquisadores da Rede de Inovação Aberta em Saúde no Estado do Ceará.

A Universidade Federal do Ceará é a mais nova integrante da Rede de Inovação Aberta em Saúde do Ceará (RIAS), grupo de instituições cearenses dedicado a pensar soluções e tecnologias para problemas de saúde da população, idealizado pela Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Martins Rodrigues (ESP/CE) e pelo Instituto de Desenvolvimento, Estratégia e Conhecimento (IDESCO).

15º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq, na categoria Bolsista de Iniciação Tecnológica

A discente Ana Jéssica dos Santos Sousa foi premiada no 15º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq, na categoria Bolsista de Iniciação Tecnológica, através do trabalho intitulado “Desenvolvimento e validação de aplicativo de multimídia em plataforma móvel direcionado a adolescentes com alterações posturais”, sob orientação da docente Raimunda Hermelinda Maia Macena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO JÚNIOR, J. P. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, set. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jan. 2023.

BISPO JÚNIOR, J. P. Trajetória da fisioterapia no Brasil. In: BISPO JÚNIOR, J. P. (org.). *Fisioterapia & Saúde Coletiva: reflexões, fundamentos e desafios*. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 17-49.



BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução n. CNE/CES n. 4, de 19 de fevereiro de 2002. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Fisioterapia. Brasília, DF: MEC, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (COFFITO). *Formação acadêmica e profissional*. [S.l.], [2009]. Disponível em: https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=2344/. Acesso em: 26 jan. 2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Extensão Universitária: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Brasília, 2006. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7BDA44B69A-B6B3-427F-8095-CF35F478533A%7D_Fisioterapia.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.

PINHEIRO, F. E.S de. O corpo em processo de adoecimento e suas (re) significações psicossociais no currículo de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2016.

SÁ, F. E. de. O corpo em processo de adoecimento e suas (re) significações psicossociais no currículo de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará. 2016. 225f. – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Curso de Fisioterapia. Curso de Fisioterapia da UFC recebe conceito 5 no ENADE 2019. Fortaleza, 20 out. 2020. Disponível em: <https://fisioterapia.ufc.br/pt/curso-de-fisioterapia-da-ufc-recebe-conceito-5-no-enade-2019/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Fisioterapia. Curso de Fisioterapia da UFC recebe premiação pelo resultado do ENADE 2016. Fortaleza, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://fisioterapia.ufc.br/pt/curso-de-fisioterapia-da-ufc-recebe-premiacao-pelo-resultado-do-enade-2016/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Fisioterapia. Prof. Carlos Tatmatsu é convidado para representar a UFC na

Rede de Inovação Aberta em Saúde no Estado do Ceará. Fortaleza, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://defisio.ufc.br/pt/prof-carlos-tatmatsu-e-convidado-para-representar-a-ufc-na-rede-de-inovacao-aberta-em-saude-no-estado-do-ceara/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

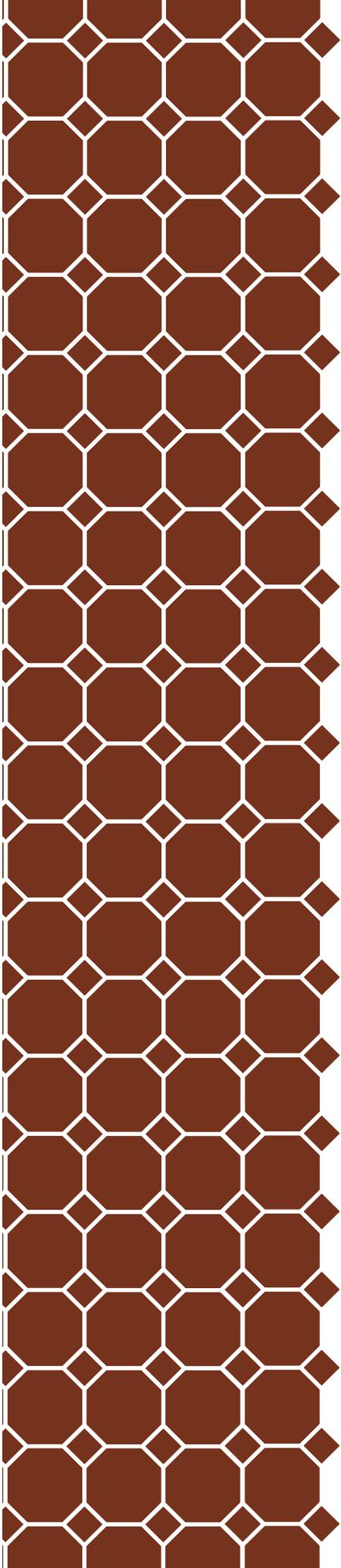
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Fisioterapia. Projeto político pedagógico do curso de fisioterapia - Versão 2013. Disponível em: <https://fisioterapia.ufc.br/pt/sobre-o-curso/projeto-politico-pedagogico/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Departamento de Fisioterapia. Projeto político pedagógico do curso de fisioterapia - Versão 2022. Disponível em: Disponível em: https://sei.ufc.br/sei/controlador.php?acao=procedimento_trabalhar&acao_origem=protocolo_pesquisar&id_procedimento=2780756&id_documento=&infra_sistema=100000100&infra_unidade_atual=110000743&infra_hash=589090ccdd1687b98fd5f899570e041685d0c65ee9d371a580b99a2eb12fdd31/. Acesso em: 26 jan. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pesquisa do Inovafisio recebe prêmio de Melhor Inovação Tecnológica de 2022. Fortaleza, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://inovafisio.ufc.br/pt/pesquisa-do-inovafisio-recebe-premio-de-melhor-inovacao-tecnologica-de-2022/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. UFC tem melhor Índice Geral de Cursos do N-NE: entenda o papel da graduação no resultado. Fortaleza, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/15671-ufc-tem-melhor-indice-geral-de-cursos-do-n-ne-entenda-o-papel-da-graduacao-no-resultado>. Acesso em: 5 abr. 2023.





O COMPLEXO
HOSPITALAR

O COMPLEXO HOSPITALAR DA UFC E A FAMED

Carlos Augusto Alencar Júnior

O Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará (CHU-FC) é constituído pelo Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e pela Maternidade Escola Assis Chateaubriand (MEAC), atualmente gerenciados pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), e têm como visão “ser a melhor sala de aula do Norte-Nordeste, com assistência segura, integral e humanizada, pesquisa clínica de excelência e gestão sustentável e inovadora”. Percebe-se, desde sua visão, de ser a melhor sala de aula do Norte-Nordeste, a interação do CHUFC com a Faculdade de Medicina e Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará (UFC), nossa Famed, que agora completa 75 anos!

Nos primórdios da Famed, os dois hospitais ainda não existiam. Em 1947, com incentivos legados do I Congresso de Médicos Católicos realizado em Fortaleza, foi fundada a “Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará”, transformada, depois, em Instituto de Ensino Médico (IEM). Para que a Faculdade de Medicina fosse criada, era necessário haver cenários de prática. Conta Alencar Araripe (1998, p. 101), em seu livro *A Faculdade de Medicina e sua Ação Inovadora* que, no seu início,

[...] não demoram as manifestações de solidariedade da Santa Casa de Misericórdia, da Maternidade Dr. João Moreira, da 10ª Região Militar, que põe à disposição do IEM o seu grande hospital da Aldeota, da Assistência Municipal, dos Laboratórios do Centro de Saúde, da Escola de Agronomia, do Instituto de Radioterapia, do Posto de Puericultura Zezé Diogo, do Instituto de Traumatologia e Ortopedia Professor Godoy Moreira, do Hospital Central da Polícia e Gabinete Médico Legal e do Laboratório Gaspar Viana.

Após a criação da Famed, em 1948, fez-se necessário, para o IEM, o complemento natural da nova escola, o funcionamento de um Hospital das Clínicas. Para sua construção, o Instituto se interessou, em 1949, por um hospital em Porangabussu que tinha tido sua construção iniciada em 1944, o Hospital Carneiro de Mendonça, mas interrompida um ano após. Naquele momento, os alicerces do hospital estavam feitos, algumas paredes levantadas e havia material ao pé da obra (ARARIPE, 1998). O Governo do Estado autorizou a transferência e, em 1950, por



intermédio do Deputado Paulo Sarasate, o orçamento da união, destinou Cr\$ 3.000.000,00 para a continuação da obra pelo IEM. Já nos primeiros meses de 1952, inaugurava-se a ala destinada ao tratamento de doentes portadores de moléstias transmissíveis. Essa unidade é considerada o núcleo embrionário do atual HUWC. No entanto, os recursos eram parcos e a obra continuou de forma muito lenta.

Em 23 de dezembro de 1954 foi publicado no Diário Oficial da União, a federalização da Faculdade de Medicina à UFC, tendo sido criados 37 cargos de professores catedráticos. Em 20 de abril de 1956, por sua vez, realizou-se, em cartório, a assinatura da escritura de transferência do patrimônio do IEM para a UFC.

Com a integração à UFC, a Famed teve possibilidade de impulsionar as obras, retomadas no final de 1956, com vigor e determinação. E, com tal rapidez se executou a obra, que, em junho de 1957, tornava-se possível a transferência da Famed, do prédio situado no centro da cidade, ao lado do Theatro José de Alencar, para as dependências do então chamado Hospital Escola. Finalmente, em agosto de 1959, com a presença do então presidente da república, Juscelino Kubitschek, inaugurava-se o Hospital Escola, que passaria a ser chamado de Hospital das Clínicas. Somente no início da década de 1980, passou a ser nominado como Hospital Universitário Walter Cantídio, em homenagem ao professor de Dermatologia, diretor da Famed e Reitor da UFC. Paulatinamente, tornou-se hospital de referência em alta e média complexidade, não só para a Capital, mas também para o interior do Estado.

Desde o início de funcionamento, assumiram a direção geral do hospital: Waldemar Alcântara e Silva (1959-1963), Ocelo Pinheiro (1963-1966), Walter de Moura Cantídio (1966-1968), Gerardo Assunção Magalhães (1968 – 1972), Danísio Dalton da Rocha Correia (1972 – 1973), Arnóbio Pereira Machado (1973 – 1974), José Nogueira Paes Junior (1974 – 1983), José Carlos da Costa Ribeiro (1983 – 1986), Luiz Carlos Fontenele (1986 – 1991), Fernando Antônio Frota Bezerra (1991 – 1995), César Augusto de Lima e Forti (1995 – 1999), Eugenio Lincoln Campos Maia (1999 – 2003) e Silvio Rocha Furtado (2003 – 2011). Vale ressaltar que, desde 2010, o Reitor da UFC, Professor Jesualdo Pereira, na perspectiva de formar o complexo hospitalar, nomeou para gerenciar os dois hospitais um único superintendente, mudando o organograma das instituições e preparando os hospitais para a entrada da Ebserh, fato

que ocorreria em 2013. Neste período, o cargo de diretor-geral foi substituído pelo de superintendente, sendo nomeado o primeiro superintendente, externo aos quadros da UFC e da Famed, Florentino de Araújo Cardoso Filho (2010 – 2014) e surgiu o cargo de diretor assistencial do HUWC, ocupado por Eugenio Lincoln Campos Maia (2011 – 2013). Seguiram-se, no cargo de superintendente, os professores da UFC José Luciano Bezerra Moreira (2014 – 2019) e Carlos Augusto Alencar Júnior (2019 – atual). Após a chegada da Ebserh, o cargo recém-criado de diretor assistencial foi substituído pelo de Gerente de Atenção à Saúde (GAS) do HUWC, sendo nomeados Josenília Maria Alves Gomes (2013 – 2019), Arnaldo Aires Peixoto Júnior (2019 – 2021) e Jailton Vieira Silva (2021 – atual), todos professores da Famed.

Como parte integrante do CHUFC, a MEAC teve uma história que iniciou oficialmente, com uma campanha em prol da construção da Maternidade Popular (Escola) de Fortaleza, lançada na capital cearense na noite de 28 de maio de 1955, pelo futuro senador, Sr. João de Medeiros Calmon, diretor-geral dos Diários, Rádios e TV Associados, motivado pela convicção da deficiência da assistência médica à mãe pobre na capital cearense. As doações ocorreram de forma intensamente significativa, inclusive do próprio Presidente do Brasil, Juscelino Kubistchek.

A Sociedade Pró-Construção da Maternidade Popular, constituída logo nos primeiros dias depois de lançado o movimento, e integrada por destacadas personalidades da sociedade cearense, pôde então marcar a data do lançamento da pedra fundamental. Desta forma, a edificação foi lançada em 3 de março de 1956, em memorável solenidade pública. Começou, então, a segunda etapa da campanha, ou seja, a da construção efetiva do belo e funcional projeto arquitetônico de acordo com a mais moderna técnica hospitalar dessa época, e não mais pararam até que surgisse a grande estrutura de cimento armado no bairro de Porangabussu. Ao falar durante o ato solene, o senhor João Calmon anunciou que o Diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, resolvera doar, como contribuição pessoal, um Posto de Puericultura destinado aos filhos das mães pobres que viessem a nascer na maternidade.

Com os grandes empresários motivados e conscientes quanto à contribuição social que dariam à capital cearense, marcada com grandes adversidades pelo flagelo da seca, o movimento pró-construção da Mater-

nidade Popular foi crescendo. No Ceará, era intensa a carência de leitos hospitalares filantrópicos específicos para as gestantes pobres, sobretudo porque, àquela época, não se instituíra o princípio da universalidade, o qual assegura a todos o direito à saúde.

Sete anos depois, em 14 de dezembro de 1963, a Maternidade foi inaugurada e entregue à Universidade Federal do Ceará. Como homenagem aos responsáveis pela campanha, foi denominada Maternidade Escola Assis Chateaubriand. Apesar de oficialmente inaugurada, somente em janeiro de 1965 ocorreriam, em suas instalações, seus primeiros partos. Seu primeiro diretor-geral foi o Professor José Galba de Araújo (1963-1985). Além dele, estiveram à frente da instituição os professores Francisco das Chagas Oliveira (1985-1999), Francisco Manuelito Lima de Almeida (1999-2003) e Zenilda Vieira Bruno (2003-2011). Em 2011 foi instituído o CHUFC, com um único superintendente e o cargo de diretor-geral foi extinto, sendo criado o cargo de diretor assistencial da MEAC, sendo ocupado pelo Prof. Carlos Augusto Alencar Júnior (2011-2013); com a chegada da Ebserh para gerenciar os hospitais, o cargo de diretor assistencial foi substituído pelo de Gerente de Atenção à Saúde (GAS). Essa função foi ocupada por Carlos Augusto Alencar Júnior (2013 – 2019) e Francisco Edson de Lucena Feitosa (2019 – atual), ambos professores da Famed.

Com o decorrer dos anos, a maternidade expandiu seus serviços e conquistou a confiança e credibilidade da comunidade pelos relevantes serviços prestados, passando a ser considerada um hospital de referência de média complexidade.

A importância dos hospitais para a graduação em Medicina na UFC pode ser definida pelas ricas experiências partilhadas nas muitas enfermarias, ambulatórios, salas de cirurgias e de partos, unidades de terapia intensiva, e em todos os demais cenários de prática disponíveis para formar o melhor médico, sob a ótica técnica e humana. Assim, a cada semestre, cerca de 400 alunos de Medicina dos semestres 4 ao 8 vivenciam no HUWC e na MEAC, ou em ambientes vinculados aos dois hospitais, suas experiências formativas, que contribuirão para formar, com excelência, os médicos para o Ceará, para o Brasil e para o mundo. Adicionalmente, no internato médico, 200 a 260 alunos, a cada semestre, desenvolvem suas atividades didáticas práticas no CHUFC atingindo, a cada semestre, o espantoso número de 660 alunos vivenciando diuturnamente os hospitais.

Para dar suporte ao aprendizado nas grandes salas de aula, foram realizadas, no HUWC, somente no ano de 2022, 5.052 internações em seus 197 leitos, 170.090 consultas médicas, 35.773 consultas multiprofissionais, 3.669 cirurgias, 153 transplantes e 1.136.316 exames laboratoriais e de imagem. Na MEAC, também em 2022, foram contabilizadas 11.912 internações em seus 200 leitos, 35.570 consultas médicas ambulatoriais e mais 18.901 consultas médicas na emergência, 19.652 consultas multiprofissionais ambulatoriais e 24.792 consultas multiprofissionais na emergência, 1.858 cirurgias, 1.662 partos normais e 2.824 cesarianos, além de 73.486 exames laboratoriais e de imagem.

Não bastasse isso, esses hospitais foram sempre inovadores, proporcionando à população cearense, procedimentos nunca antes realizados. Os exemplos aqui citados nos foram enviados por algumas de nossas especialidades, tanto do HUWC, como da MEAC.

No HUWC realizou-se, no Estado do Ceará, os primeiros transplantes de rim de doador vivo (1977, esse o primeiro no Norte-Nordeste), de rim de doador falecido (1988 – 1851 realizados, incluindo doadores vivos e falecidos), de fígado (2002 – 1389 realizados), de pâncreas e rim, concomitantemente (2012). Também foi pioneiro no transplante de células tronco hematopoiéticas (2008 – 705 realizados). Além disso, foi o primeiro a realizar no Norte-Nordeste, o transplante haploidêntico (2016). Atualmente, de forma inovadora, está iniciando o projeto de terapia celular com *chimeric antigen receptor T cell* (CAR) em parceria com o Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (Hemoce), em fase de implantação do estudo de fase 1. Todos esses procedimentos tiveram, à frente, professores de nossa Famed, mostrando, mais uma vez, a simbiose que há entre essas instituições.

Ressalte-se, ainda, a realização de outros procedimentos, como o implante coclear (44 implantados). A neurologia tem o ambulatório interdisciplinar do sono, com atendimento interdisciplinar da neurologia, otorrinolaringologia, pneumologia, fisioterapia e psicologia, sendo o único com estas características no Norte-Nordeste, o ambulatório de NeuroCOVID: criado no ano de 2020, que acompanha 221 pacientes com sintomas neurológicos provenientes da infecção por COVID, o ambulatório de neurogenética, para diagnóstico e tratamento de doenças raras neurológicas, sendo o único local de referência público para o atendimento de doenças raras em adultos no Ceará, e o ambulatório de

distúrbios do movimento, o primeiro a oferecer tratamento com toxina botulínica para alguns destes transtornos. Destaque-se que o HUWC é o único centro do Norte-Nordeste a oferecer exames de videoeletroencefalograma pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e realizar potencial evocado motor, através de técnica de estimulação magnética transcraniana e foi o primeiro hospital público a realizar polissonografia, sendo o único a realizar este exame em crianças.

Nas palavras do atual gerente de atenção à saúde do HUWC, Prof. Jailton Vieira,

[...] esse hospital possui uma importância para a comunidade cearense que perpassa o serviço de atendimento médico, e engloba um enorme papel no ensino, na pesquisa científica e no contexto social. Na assistência direta à população, através de contrato com o SUS, o HUWC oferece atendimento especializado de natureza clínica e cirúrgica em todas as áreas e serviços de apoio diagnóstico e terapêutico, equiparando-se aos melhores do país. Ao longo de seus 197 leitos e quase 200 ambulatórios especializados, nosso hospital se configura numa imensa sala de aula para formação de novos profissionais de áreas médicas e não médicas, que, através de uma educação de qualidade e preocupação ética, se integrarão ao mercado de trabalho. No campo científico, é palco de várias pesquisas com repercussão nacional e internacional. Destaca-se, ainda, o seu relevante papel socioeconômico na geração de empregos em várias categorias que este hospital encerra.

O espírito inovador do HUWC, que incentiva o ensino, também é vivenciado na MEAC. Nesta, realizou-se as primeiras correções de persistência de canal arterial no próprio leito da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) neonatal e os primeiros procedimentos intraútero guiados por ultrassom, como a cordocente, biópsia de vilocorial e transfusão intrauterina. Mais recentemente, realizou-se a primeira cirurgia intraútero para correção de meningomielocele no feto e o primeiro tratamento a laser para a correção das anastomoses causadoras da síndrome de transfusão feto-fetal em gestação gemelar. Na assistência, introduziu a consulta pré-natal simultânea pelo obstetra e o especialista da área (endocrinologista, cardiologista, reumatologista, hematologista, geneticista, infectologista), a disponibilização de equipamento de ultrassom em todos os cenários da assistência, como centro obstétrico, emergência, UTI materna e centro cirúrgico e é o único hospital público do estado a utilizar vácuo extrator de forma regular para ultimar o parto vaginal. Destacamos, também, as revolucionárias cirurgias de reconstituição do canal vaginal, em pacientes com agenesia de vagina, com a utilização da

pele da tilápia de forma pioneira no Brasil (2017 – 32 realizadas). Também de forma pioneira no país, foram realizadas 2 (duas) cirurgias de anastomose entre o útero e a vagina, uma por agenesia de colo (2107) e outra por agenesia de terço da vagina (2020). De forma pioneira, no Ceará, destacamos também, a realização de clitoroplastia em paciente adulta (2017 – 4 (quatro) realizadas), a cirurgia da septoplastia em paciente com útero didelfo, com septo oblíquo vaginal e agenesia renal (2016 – 7 (sete) realizadas) e a promontofixação por videolaparoscopia com prótese de polipropileno (2020). Ressaltamos, por fim, a realização das histeroscopias ambulatoriais, iniciadas em 2011, pioneiramente no Ceará, e da cirurgia por videolaparoscopia para endometriose profunda com acometimento vaginal, em que profissionais da MEAC e do HUWC trabalham concomitantemente, sendo realizada unicamente, no Ceará, na MEAC, pelo SUS.

Para o Prof. Edson Lucena, gerente de atenção à saúde da MEAC, essa instituição:

[...] é a principal maternidade pública do Estado do Ceará no tocante ao ensino e assistência. Assistindo cerca de 5.000 partos/ano e 48% das gestações de alto risco do estado, é campo de prática dos cursos de graduação da área da saúde da UFC como a medicina, enfermagem, fisioterapia, odontologia e farmácia. Na pós-graduação, destaca-se por abrigar as residências de Ginecologia e Obstetrícia, Medicina Fetal, Endoscopia Ginecológica, Mastologia, Neonatologia, Enfermagem Obstétrica e Multiprofissional em Saúde da Mulher. Utiliza como pilares básicos assistenciais, voltados para o ensino, o cuidado à saúde da mulher na integralidade e a promoção da saúde como princípios norteadores e busca consolidar os avanços no campo dos direitos sexuais e reprodutivos, com ênfase na melhoria da atenção obstétrica, no planejamento familiar, na atenção ao abortamento inseguro e à violência sexual. Agrega, também, a prevenção e o tratamento de mulheres vivendo com retrovíroses e as portadoras de doenças crônicas não transmissíveis e de câncer ginecológico. Destaco ainda, como primordial, a atenção humanizada, qualificada, calcada na cultura de segurança do paciente, elementos essenciais para que as ações de saúde se traduzam na resolução dos problemas identificados, na satisfação das usuárias, no fortalecimento da capacidade das mulheres frente à identificação de suas demandas, favorecendo a implantação de práticas seguras e a diminuição da ocorrência de eventos adversos.

A melhoria da atenção à saúde na MEAC pode ser traduzida pela drástica queda da morte materna, que era em média de 11 óbitos ao ano na segunda década deste século, caindo para 6 (seis) em 2021 e 2(dois) em 2022!

No campo das pesquisas, segundo o gerente de ensino e pesquisa, Prof. Renan Montenegro Jr,

[...] atualmente 66 docentes da Famed estão cadastrados na Unidade de Pesquisa Clínica, desenvolvendo suas atividades nos hospitais universitários, sendo 60 do HUWC e seis da MEAC. Houve aumento gradual e contínuo do número de pesquisas, em 2013, eram apenas nove, e em 2021 esse número já era de 61, chegando a 68 em 2022. Somente em 2022, 51 novas pesquisas foram iniciadas. Destaque-se, também, a expansão das áreas terapêuticas envolvidas. Em 2013, somente três especialidades tinham suas pesquisas cadastradas. Hoje são 15 especialidades realizando pesquisas. Isso, sem dúvida, traduz o maior engajamento de pesquisadores das diversas áreas.

Na extensão, segundo o cadastro da Pró-Reitoria de Extensão da UFC, mais uma vez mostrando a acentuada integração da docência com os hospitais, 96 projetos são desenvolvidos nos hospitais universitários, sendo 4 (quatro) nos dois hospitais, 16 somente na MEAC e 76 no HUWC.

Os programas de treinamento em especialidades básicas (clínica médica, clínica cirúrgica, ginecologia e obstetrícia e pediatria), hoje a chamada residência médica, foram iniciados de forma institucionalizada em 1960. Desde 1962, temos a residência médica no CHUFC. Já a residência em outras áreas profissionais da saúde foi iniciada em 2006 com a residência de farmácia hospitalar, seguida pelas de fisioterapia e psicologia hospitalar, sendo, em 2010, criado o Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Hospitalar à Saúde, área de concentração em terapia intensiva, onco-hematologia, transplante, saúde mental e saúde da mulher e da criança, e, em 2013, na área de concentração em diabetes. A residência uniprofissional em cirurgia e traumatologia buco-maxilo-facial (Resbuco) iniciou em 2010 e a uniprofissional em enfermagem obstétrica (Resenfo), em 2013. Em 2022 tínhamos, no HUWC, 263 residentes médicos, 40 multiprofissionais e 2 (dois) na Resbuco. Na MEAC, 39 médicos, 12 multiprofissionais e 6 (seis) na Resenfo, totalizando 302 residentes médicos, 52 multiprofissionais e 8 (oito) nas uniprofissionais. O CHUFC tem 53 programas de residência médica atualmente, sendo que desses, 20 são de anos adicionais em subespecialidades (31 no HUWC, mais 17 de subespecialidades, e 2 (dois) na MEAC, com mais 3 (três) de subespecialidades). A existência das residências é um incentivo aos alunos da graduação da Famed e da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (FFOE), que veem, nela, a possibilidade de continuidade de seu aprendizado, agora na pós-graduação, no CHUFC.

Logicamente, a integração entre a Famed e os hospitais universitários ainda precisa ser, em muito, incrementada. Ao assumir a superinten-

dência, em outubro de 2019, uma das demandas da gestão era justamente promover a reaproximação e ampliar os espaços para o ensino e qualificá-los para as práticas assistenciais. O desafio era enorme, pois o crescimento desordenado dos hospitais, a existência de várias obras inacabadas e paralisadas de longa data e a precária condição dos hospitais, geraram impactos tais como a perda de espaços destinados aos professores e alunos. Todas essas fragilidades precisavam ser enfrentadas e foram assumidas como absoluta prioridade. De 2019 até 2022 enfrentamos a pandemia por Covid-19 (e nos orgulhamos de nenhum de nossos colaboradores e estudantes ter falecido pela doença, mesmo estando na linha de frente de tratamento), estruturamos as equipes e espaços de trabalho para continuar a oferta de serviços para a sociedade, mas, para além deste trágico período da nossa história, retomamos todas as obras paralisadas existentes no complexo, adquirimos 189 diferentes equipamentos médico-hospitalares, e investimos mais de 5 milhões de reais na renovação do parque tecnológico da instituição. Segundo a gerente administrativa, Dra. Eugenie Neri,

[...] mesmo em anos tão difíceis, foram saneados os processos administrativos e registros de contabilidade e implementadas sistemáticas de gestão de riscos e governança corporativa que situam o CHUFC entre os melhores da rede Ebserh. Em virtude da implementação de processos estratégicos de cuidado aos colaboradores (programa Conectados de qualidade de vida no trabalho), figurou entre os finalistas do prêmio de Inovação na Administração Pública da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), em 2021, e recebeu três prêmios de Iniciativa de Valor da Ebserh: melhor trabalho em rede (2020); melhor ação inovadora e de cuidado aos colaboradores (2021) e melhor ação de humanização do cuidado (2022). Apesar de tantos avanços, muito ainda há por fazer, para preparar os nossos hospitais para o futuro. Neste olhar, planejamos ampliar de forma crescente os espaços para o ensino prático, para a pesquisa e assistência de qualidade, e trazer estruturas assistenciais que funcionam em estruturas locadas externas aos prédios dos hospitais para dentro dos hospitais em áreas com estrutura adequada para o cumprimento da missão do CHUFC. Esse movimento será possível a partir da transferência de algumas atividades administrativas para um centro administrativo do Complexo Hospitalar, que deverá funcionar em prédio cedido pela Superintendência do Patrimônio da União para a UFC, em 2021, para funcionar como centro administrativo do nosso complexo.

Mesmo diante dos desafios enfrentados em anos tão duros de pandemia, contabilizamos muitos motivos para comemorar, pois inauguramos a nova unidade de transplante, diversos ambulatórios no prédio Ronaldo Ribeiro e, em 2023, inauguraremos as novas enfermarias ci-

rúrgicas do HUWC, a Unidade de Transplante de Medula Óssea, a nova brinquedoteca da enfermaria de Pediatria, a nova unidade do Serviço Materno-Fetal, a academia de ginástica para colaboradores, além de áreas de apoio para a pesquisa clínica. Na construção de um maravilhoso futuro para nossas instituições, estão em andamento e previstas para inaugurar em 2024/2025 a Emergência da MEAC, a UTI 40 leitos e quem sabe o sonhado Centro de Ensino e Pesquisa, composto por auditórios modulares e estruturados para pequenos e grandes eventos, cujo projeto será entregue em 2023. Além das grandes obras, mais de 120 áreas foram recuperadas e adequadas para atendimento das demandas do corpo docente, discente e funcionários.

Enfim, sabemos que muito ainda há de ser feito, concretizado, porém, também sabemos que admiráveis conquistas foram obtidas ao longo dos últimos anos e que importantes sementes para o futuro foram plantadas, de forma responsável e técnica, para que em breve, mais e mais frutos sejam colhidos para o bem da sociedade e de cada aluno, professor e funcionário, por meio de hospitais melhores, mais modernos, mais bem utilizados e sustentáveis.



Conferência sobre transplante hepático na Faculdade de Medicina, em 1967, ministrada pelo Prof. Silvano Raia (Universidade de São Paulo-USP), primeiro cirurgião na América Latina a realizar um transplante de fígado, em 1985, e o primeiro no mundo a realizar o mesmo transplante intervivos, em 1988. Na foto, da esquerda para a direita, na primeira fila, os docentes: Paulo Marcelo Martins Rodrigues, Fahad Otoch e Luiz Carlos Fontenele

Fonte: Memorial da UFC

PIONEIRISMO DOS DOCENTES DA FACULDADE DE MEDICINA EM TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS

O primeiro transplante renal do Norte-Nordeste foi realizado no Hospital Universitário Walter Cantídio, em 1977, pelo Prof. Antônio Lacerda Machado e sua equipe. Este procedimento inaugurou a vocação e o pioneirismo dos docentes da Faculdade de Medicina da UFC na área de transplantes

Em 2002 foi realizado o primeiro transplante hepático do Ceará, pelo Prof. José Huygens Parente Garcia e equipe, chegando o Hospital Universitário Walter Cantídio a ser o maior centro da América Latina quanto a número de transplantes de fígado.

Realizado em 2008 o primeiro transplante de medula óssea do Ceará no Hospital Universitário Walter Cantídio pelo Prof. Fernando Duarte Barroso e equipe.

Em 1981 foi realizado o primeiro transplante na região Norte-Nordeste de retalho inguinal cutâneo com microcirurgia, para salvamento do pé, pelo Prof. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa e equipe.

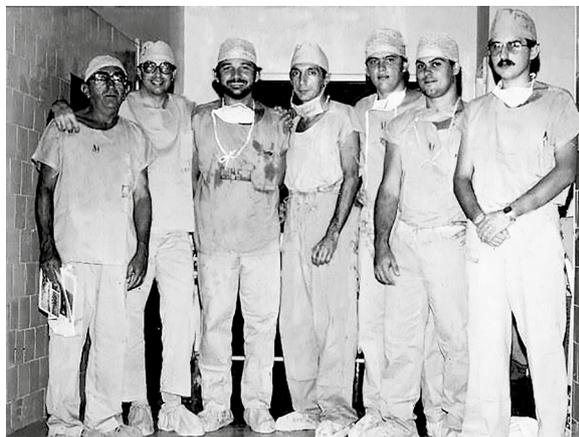
Em 1982. O primeiro transplante osteomiocutâneo no Brasil para reconstrução de mandíbula, pelos Profs. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa, Dr. José Everardo Macedo e Prof. José Alberto Dias Leite. Em 1983 foram realizados o primeiro transplante livre de jejuno com microcirurgia para reconstrução de esôfago cervical e o primeiro transplante de músculo grande dorsal funcional para reconstrução da musculatura do antebraço, na região Norte-Nordeste, pela equipe composta pelo Prof. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa, Dr. José Everardo Macedo, Prof. Luiz Roberto de Oliveira e Prof. José Alberto Dias Leite. Em 1984 foi realizado o primeiro transplante no Ceará, e segundo no Brasil, de dedo do pé para reconstrução do polegar, pela equipe do Prof. Salustiano Gomes de Pinho Pessoa, Dr. José Everardo Macedo e Prof. José Alberto Dias Leite. Todos os procedimentos citados tiveram, como anestesista, o Dr. Marcos Fábio.

RINS

FÍGADO

MEDULA ÓSSEA

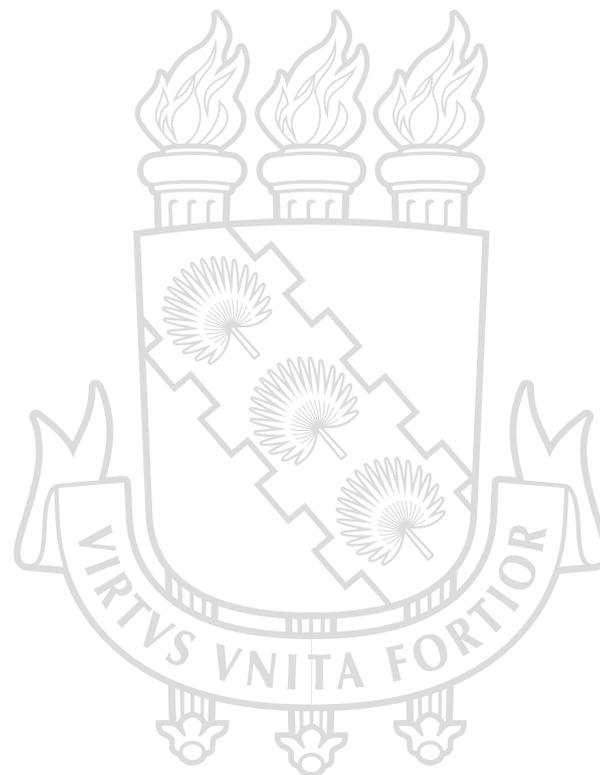
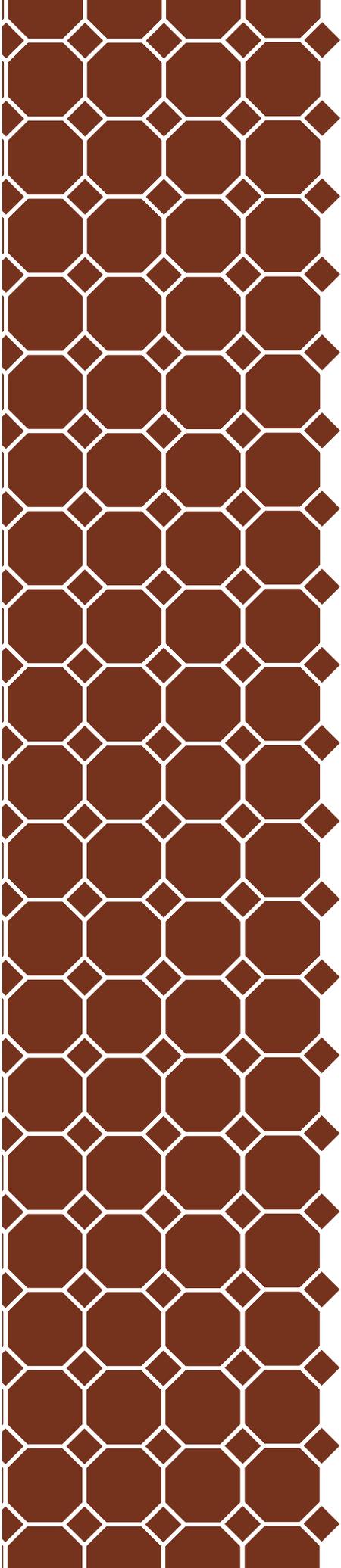
ORTOPÉDICOS, PLÁSTICOS E OUTROS



Na foto, em 1984, da esquerda para a direita: Prof. Antônio Lacerda Machado, Prof. João Evangelista Bezerra, Dr. Ailson Gurgel, Prof. Antônio Borges Campos, Prof. Fernando Siqueira, Dr. André Castelo, Dr. Luciano Aguiar



Foto de aparelho de Raio-X do hospital escola



O CENTRO
ACADÊMICO
XII DE MAIO

CENTRO ACADÊMICO XII DE MAIO: CENÁRIO DE SONHOS, LUTAS E APRENDIZAGENS

*Helly Pinheiro Ellery**

Introdução

Ao sermos surpreendidos com o convite do Prof. Fernando Siqueira para escrever um artigo sobre o Centro Acadêmico (CA) XII de Maio, sentimo-nos honrados ao sermos lembrados para fazer um resgate histórico da trajetória de lutas e conquistas do “XII de Maio”, como carinhosamente chamamos nosso querido CA. Por outro lado, ficamos impactados pela responsabilidade de escrever sobre nossa entidade tão cara a todos nós. Compreendendo, contudo, a relevância histórica de eternizar tantas ricas experiências, aceitamos o desafio. Tal convite nos fez lembrar de Caetano Veloso, que, ao receber a sugestão de gravar a canção “Sozinho”, de autoria de Peninha reagiu, inicialmente, contra, porque referida composição já havia sido gravada pelo cantor Tim Maia. Segundo Caetano, depois de Tim Maia gravar, seria difícil fazê-lo novamente. Após alguma relutância, Caetano resolveu gravar e ficou realmente linda sua interpretação. E novamente na música, encontramos apoio para enfrentar tamanha responsabilidade e desafio, parafraseando Caymmi: “é doce” falar do CA XII de Maio.

Para sermos minimamente fiéis na tradução das ricas experiências de centenas de pessoas, decidimos fazer entrevistas informais, com atores que construíram e constroem o CA. Para esta tarefa, utilizamos os recursos tecnológicos disponíveis, principalmente o whatsapp, com mensagens escritas e chamadas online, com 14 pessoas,** tendo sido a grande maioria membros da diretoria do CA, e 1 (um) professor da Faculdade de Medicina, importante colaborador do CA. Temos

* Médico ginecologista e obstetra, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará em 1985.

** Nosso agradecimento aos médicos Dalgimar Bezerra de Menezes, Jorge Montenegro, Keny Colares, Marco Penaforte, Mariano Freitas, Odorico Monteiro, Policarpo Barbosa, Ramon Rawache, Ricardo Azevedo, Roberio Leite, Silvia Mamede, Terezinha Braga, Urico Gadelha e Nicolas Gustavo, que contribuíram com informações valiosas para este resgate histórico.

consciência de ser este um capítulo inacabado, pela ausência de tantos outros personagens importantes e, por vezes, anônimos, que tiveram um papel preponderante na História do CA XII de Maio. Os limites de um capítulo de livro, contudo, nos obrigaram a definir uma amostra, por demais representativa. No percurso metodológico de construção deste capítulo, deparamo-nos com relatos emocionantes; resgatamos filmes, fotos e documentos sobre a atuação do CA, oriundos de atores diversos, representantes de diferentes períodos, sintetizando as principais lutas e conquistas.

2 A trajetória histórica da construção do CA XII de Maio

O CA XII de Maio é a entidade representativa dos estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo como missão, atuar na defesa de interesses específicos dos estudantes de Medicina, relacionados ao ensino, à extensão e à pesquisa, envolvidos na formação médica, e também no fomento à integração e socialização entre os estudantes, a arte e a cultura. Os interesses dos estudantes de Medicina da UFC também não se efetivam, se não houver uma ligação estrutural e política, em defesa da Universidade pública e gratuita, do Sistema Unificado de Saúde (SUS) e garantia do Estado Democrático de Direito, a defesa do Meio Ambiente e de tantas outras lutas humanitárias e civilizatórias, determinantes da Saúde.

Embora tendo autonomia, o CA tem ligação programática com a Diretoria Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), Diretório Central dos Estudantes da UFC (DCE-UFC) e com a União Nacional dos Estudantes (UNE).

O CA XII de Maio teve, como precursor, o Diretório Acadêmico (DA) XII de Maio, cujo nome faz referência ao dia da fundação da Faculdade de Medicina da UFC (Famed), em 12 de Maio de 1948. Por coincidência, 12 de Maio é também o Dia da Enfermagem, categoria parceira indispensável da Medicina. Apesar de não conseguir identificar exatamente o ano da fundação do DA XII de Maio, segundo o relato de médicos das primeiras gestões da entidade, há uma proximidade temporal com a fundação da Faculdade de Medicina.

O DA XII de Maio, embora tenha sido criado para o atendimento específico das demandas dos estudantes de Medicina, representava

também interesses dos estudantes de Enfermagem, de Farmácia e de Odontologia. Em decorrência de conflitos internos entre alunos dos diferentes cursos, houve a separação, e foi, então, criado o CA XII de Maio, representando apenas os interesses acadêmicos dos estudantes de Medicina. O último presidente do Diretório Acadêmico XII de Maio, foi Sizenando Ernesto. A entidade teve outros diretores, anteriores ao período da Ditadura Militar no Brasil, iniciada em 1964.

Em 1979/1980, houve a primeira eleição para o CA XII de Maio, tendo sido vitoriosa a chapa encabeçada por Jorge Montenegro, grande liderança do movimento estudantil no Ceará.

No que se refere à sede física do CA, o mesmo começou a funcionar num prédio localizado na Rua Delmiro de Farias, ao lado da Faculdade de Farmácia. A primeira diretoria do CA XII de Maio, em 1979/1980, reivindicou ao Magnífico Reitor, Professor Paulo Elpidio, a construção da sede do CA, em localização estratégica, olhando, inclusive, para as “queridas mangueiras”, palco de tantos encontros e memórias afetivas. O logotipo do CA XII de Maio foi usado a partir de 1981, na gestão de Robério Leite, escolhido por meio de concurso, sendo vencedora a proposta do estudante Francisco de Assis Ximenes, atualmente médico ortopedista / traumatologista, que continua retroalimentando-se com o amor à arte e à cultura.

3 Lutas e conquistas

A história e atuação do CA XII de Maio pode ser organizada em dois grandes períodos: da Fundação do DA XII de Maio até a criação do CA XII de Maio, em 1979/1980; e a partir de 1979/1980 até os dias atuais.

3.1 Da Fundação do DA até 1979

Dos primeiros anos do DA XII de Maio até 1960, sua atuação era mais restrita às questões puramente acadêmicas. Neste período, podemos destacar um fato pitoresco, demonstrando a formalidade da época, em que os diretores do CA usavam paletós em suas atividades. O período de 1960 a 1970 foi marcado por intensa efervescência política, no movimento estudantil, através dos DAs, Diretório Central dos Estudantes (DCE), União Estadual do Estudantes (UEE) e da UNE, que mobilizavam expressivo contingente de estudantes, para participar da

vida política do país, com suas pautas reivindicatórias e mobilizações, através de assembleias e passeatas. Em 1964, instala-se uma nefasta ditadura com o golpe militar, quando houve a ruptura política, tendo o movimento estudantil participado de forma importante, na definição dos rumos políticos do nosso país.

Com a expansão das Universidades Federais, a partir dos anos 1960, o número de estudantes universitários quase triplicou, criando, portanto, demandas maiores para as entidades estudantis, e seus representantes que, com diferentes correntes de pensamento, sonhavam com mudanças sociais profundas. Simultaneamente inicia-se, também, através do DA, uma luta importante pela reforma universitária, incluindo questões curriculares e correção de deficiências do ensino superior.

Com o Golpe Militar, em 1964, houve perseguição a muitas lideranças, sendo as entidades estudantis colocadas na ilegalidade. A partir deste ano, o movimento estudantil passa a ter uma atuação mais abrangente, extrapolando interesses restritos do ensino médico. Passam a lutar pela reorganização das entidades estudantis, contra a Ditadura Militar e por liberdades democráticas, culminando em 1968, com grandes manifestações populares. Com a publicação do Ato Institucional n. 5, em 1968, a Ditadura Militar endureceu mais ainda a repressão aos movimentos, levando à prisão, tortura e morte de importantes lideranças estudantis, sobretudo entre os anos de 1969 a 1973. Neste período, podemos destacar a participação de vários estudantes de Medicina, como o saudoso Francisco Monteiro (Chico Passeata), sua companheira Helena Serra Azul, Mariano Freitas, João de Paula, os irmãos Julio e Marco Penaforte, Valton Miranda, Luis Teixeira e inúmeros outros médicos e médicas, a quem o movimento estudantil e a luta pela redemocratização do país reverenciam, pela sua bravura e compromisso na luta por uma sociedade plural, justa e inclusiva.

A partir de 1974, no Governo Geisel, como fruto de mobilizações e de pressões sociais contra o regime de Exceção, imposto pela Ditadura Militar, o movimento estudantil passa a se reorganizar, sobretudo após o retorno de antigas lideranças estudantis, que estavam exiladas, presas ou na clandestinidade, ao ambiente universitário.

Em torno do ano de 1978, intensas e grandes mobilizações foram desenvolvidas pelo país, em vários setores de atividades, sobretudo o movimento estudantil, buscando o fim da Ditadura Militar e o retorno à normalidade democrática no Brasil. Ainda em 1978, com a redução da

repressão aos movimentos estudantis, mas ainda sob o Regime Militar, os DA são reorganizados, e, dentre eles, o DA XII de Maio, que se reorganiza para lutar pelos interesses dos estudantes dos Cursos de Medicina, Enfermagem, Odontologia e Farmácia. Apesar da força que a união destes 4 (quatro) cursos representava, havia muitos conflitos entre as representações de cada curso. A partir daí, cada um dos cursos passou a estruturar o próprio CA. Os dois últimos presidentes do DA XII de Maio, foram os estudantes de Medicina, Policapo Barbosa e Sizenando Ernesto.

3.2 De 1979/1980, com a reorganização dos movimentos estudantis e a criação do CA XII de maio até agora (2023)

Como vimos no item 2, onde tratamos da trajetória histórica do CA, em 1979/1980, foi eleita sua primeira diretoria, tendo como presidente, Jorge Montenegro. Foi um período de intensa mobilização dos estudantes, tanto pelas lutas gerais da sociedade, quanto por questões específicas da formação acadêmica.

O CA XII de Maio esteve junto com a Associação Cearense de Médicos Residentes, em várias oportunidades, lutando pela manutenção, ampliação e melhoria das residências médicas no Ceará. Há uma foto que registra bem este momento de parceria entre estas entidades, quando na mesa de autoridades de uma das assembleias, na antiga sede do Centro Médico Cearense, identificamos a presença do presidente do DA XII de Maio, Sizenando Ernesto, que levou os estudantes a participarem ativamente da greve assumida pelos residentes, em 1979. Faz-se necessário recordar que esta greve foi deflagrada após o Secretário de Saúde do Estado que, à época, decidiu acabar com as residências médicas nos hospitais do Estado do Ceará. Após intensa mobilização de estudantes, residentes e professores, tivemos como vitória, a manutenção das vagas de residência médica e a assinatura da carteira de trabalho dos residentes, que era uma das bandeiras do movimento nacional de médicos e médicas residentes.

Entre os anos de 1979 a 1986, quando ainda vivíamos sob o Governo Militar, sucederam-se várias gestões do CA, havendo eleição anual para a diretoria, com mandatos únicos, sem direito à reeleição. No período referido, cronologicamente, o CA foi presidido por Jorge Montenegro, Silvia Mamede, Robério Dias Leite, Helly Ellery, Ricardo Azevedo e João Macedo. Entre tantas bandeiras de luta, podemos destacar: garantia de matrículas

para todos os estudantes do Curso de Medicina; a defesa da manutenção e melhoria dos serviços do Restaurante Universitário (RU); garantia de verbas para a Manutenção das Universidades Federais e do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e questões mais gerais da sociedade, que afetavam as lutas anteriores, como o Fim da Ditadura Militar e o restabelecimento do Estado Democrático de Direito e eleições diretas para Presidente, Governadores e Prefeito. Em 1985, tivemos no Brasil a primeira eleição pós-Ditadura, que foi a eleição indireta de Tancredo Neves, pelo Congresso Nacional, como fruto de ampla luta da sociedade civil, com atuação marcante dos movimentos estudantis, dentre estes, o CA XII de Maio.

Sobre a luta indispensável de garantia de matrícula para os estudantes de Medicina da UFC, iniciada sob a liderança de Silvia Mamede, então presidente do CA, em 1981, temos a destacar o momento em que foi negado o direito à matrícula para toda uma turma de Medicina no semestre, manifestada através do Coordenador do Curso de Medicina. Referido Coordenador, apesar de sisudo, era uma pessoa que, por diversas vezes, foi sensível às lutas travadas pelo CA XII de Maio. Nesta questão, contudo, quando nossa matrícula foi negada, mostrou-se insensível, nos aconselhando, ironicamente, a aproveitar o semestre, estudando línguas estrangeiras, como inglês, alemão, e até hebraico. Sugeri, ainda, irmos à praia. O CA XII de Maio, através do seu presidente, Robério Leite, contratou os serviços advocatícios do Dr. Donato Leal, que conseguiu um mandado judicial para efetivação de nossas matrículas, negada pelo coordenador do Curso de Medicina. Retornamos ao advogado, que conseguiu nova ordem judicial, ordenando as matrículas de forma imediata, sob pena de prisão do coordenador do Curso. Essa vitória sacramentou o fim de um problema que vinha se perpetuando em vários semestres, reforçando o protagonismo do CA na garantia da resolução de problemas, que afetavam os alunos do Curso de Medicina.

No período de 1980 - 1985, tivemos também um grande movimento contra o corte de verbas para o HUWC, que, inevitavelmente, levaria à redução de leitos e serviços, trazendo grandes prejuízos à população e também para a formação médica. O CA XII de Maio, juntamente com a Associação de Médicos Residentes (ACEMER) e com o apoio de professores, realizaram uma grande assembleia na famosa sala C, do Bloco Didático, com expressiva participação de estudantes, residentes e professores, para evitar o corte de verbas para o HUWC.

Nos anos de 1983-1984, sob as gestões de Helly Ellery e Ricardo Azevedo, o CA empreendeu atividades para conseguir mais aproximação com os estudantes de Medicina, visando ampliar a participação estudantil na sua entidade. Para tanto, desenvolveram ações, tais como: a criação da Cooperativa de Material Didático (COMAD), instalação de xerox, carrinho de lanches, jogos (gamão, ping pong, totó, xadrez) na sede do CA. Realizaram, ainda, shows culturais às sexta-feiras e modificaram o modelo de recepção aos novos estudantes, passando a realizar trotes amigáveis, com calourada festiva, acabando com os trotes violentos.

Entre os anos de 1983/1984, o CA, sob a liderança de Robério Leite e Helly Ellery, em conjunto com as demais entidades estudantis do Ceará e do Brasil, empreenderam outra grande luta contra a privatização das Universidades Federais e contra restrições importantes ao funcionamento do restaurante universitário. Estas lutas, após várias tentativas frustradas de diálogos com a Reitoria da UFC, levou à deflagração de uma Greve Geral dos Estudantes da UFC. A greve terminou por nos levar à perda de um semestre letivo, não em consequência do movimento, mas pela intransigência da Reitoria da UFC e da Ministra da Educação, que impuseram esta sofrida decisão aos alunos. Por outro lado, garantimos direitos importantes, para manutenção da universidade pública, vivenciando momentos únicos de aprendizagem com as batalhas travadas e na compreensão da complexidade das questões conjunturais, que repercutem diretamente no ensino médico.

Merecem destaque os Encontros Científicos dos Estudantes de Medicina (ECEM), que abrem um capítulo à parte na História do CA XII de Maio. Os estudantes de Medicina do Ceará sempre tiveram participação expressiva, com a formação de grandes delegações e protagonismo de seus membros nas discussões e decisões.

Em 1986, realizou-se o XVII ECEM em Fortaleza, tendo como presidente do CA João Macedo, e do ECEM, Odorico Monteiro. Referido ECEM foi um marco na luta pela mudança do Ensino Médico no Brasil, pois, neste encontro, foi estruturada a Proposta de Transformação do Ensino Médico (PTEM), que já vinha sendo gestada há alguns anos. Ainda neste ECEM em Fortaleza, foi criada a Diretoria Nacional de Estudantes de Medicina (DENEM), instância deliberativa dos estudantes de Medicina no Brasil. Sobre a mudança curricular da formação do médico no Brasil, merece destaque a realização do I Encontro Nacional de

Ensino Médico, realizado em 1984, onde o Ceará teve importante participação, com a maior delegação, sob a liderança de Odorico Monteiro, que teve protagonismo relevante na organização e formulação de ideias e propostas para o referido encontro.

Da geração de 1979-1986, grandes atores sociais também marcaram a história do CA, tais como: Raimundo Araújo, Augusto Esmeraldo, Luis Dantas, Gardênia Amorim, Lenilde Ferreira, dentre tantos outros.

Nos anos de 1986 a 1990, surgem novas lideranças, que emergiram durante o XVII ECEM em Fortaleza, em 1986. Nesse período, além de outras batalhas, ressaltamos a luta pelo fortalecimento da Denem e reformas do ensino médico e sanitário. Já dentro do espírito da reforma sanitária e buscando mais aproximação com pacientes e comunidade, foram criadas frentes de trabalho, sendo a primeira no município de Icapuí. Outra importante conquista foi a criação do Programa Acadêmico de Saúde Comunitária (PASCO), como também um trabalho comunitário no Projeto 4 Varas, no bairro Pirambu, em Fortaleza, sob a orientação dos Profs. Adalberto Barreto e Dover Cavalcante. Nessas iniciativas, realçamos lideranças de Henrique Sá e Marcos Rabelo.

Em 1987, após a eleição da chapa REBENTO, assume a presidência Keny Colares que, junto com ilustres companheiros e companheiras, realizaram o II Seminário de Ensino Médico, com o tema da Proposta de Transformação do Ensino Médico (PTEM), com participação de estudantes, professores e presença do Dr. Vicente Lemos, coordenador do curso. A proposta foi aprovada em assembleia, com votos de professores e estudantes. Decisões importantes foram tomadas, como a reforma do Ciclo Básico e a liberação de frequência nas aulas teóricas, em algumas disciplinas. Novas abordagens pedagógicas foram discutidas, tais como: Ensino Baseado em Problemas (PBL), já introduzida em outras Faculdades.

Outro feito relevante desse período, para implementar as decisões do seminário de ensino médico, foi a mobilização da turma que iniciava o Curso de Medicina, para trancar a matrícula na disciplina de Cálculo. Com participação corajosa de Liduina Rocha e Roberto da Justa, o CA XII de Maio conseguiu esse feito significativo, tendo sido substituída a disciplina de Cálculo pelas disciplinas de Ética Médica e Sistemas de Saúde, com a colaboração do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) e do Prof. Dover Cavalcante. No semestre seguinte, também foi retirada a disciplina de Física, tendo sido ainda

expandido o uso das metodologias ativas, com destaque para PBL, no Departamento de Patologia. Desses anos de intensa atividade do CA XII de Maio, devemos citar ainda protagonistas imprescindíveis como Alciléa Leite de Carvalho, Arnaldo Colares, Elodie Bomfim, Francimeiry Amorim, Lidia Dias, Liduina Rocha, Paulo Colares, dentre tantos outros valiosos colaboradores.

No período compreendido entre 2005 e 2010, destacamos 3(três) grandes lideranças do CA XII de Maio: Ramon Rawache, Roberto (Bob) Maranhão e Ada Cristina, além de outras lideranças. Em 2006, tivemos o 46º ECEM em Fortaleza, palco de grandes discussões sobre o Ensino Médico e conjuntura do país, que afetavam sobremaneira a Universidade Pública e a qualidade da formação médica no Brasil. Dentre ações mais relevantes do CA, neste período, destacamos ainda a participação dos estudantes na greve dos professores da UFC, em 2005. Foi nesse período também que o CA XII de Maio conseguiu uma reaproximação com os demais CAs do Centro de Ciências da Saúde (CCS), por compreender que a Colaboração Interprofissional, indispensável nos serviços de saúde, começa com a Educação Interprofissional, ainda durante a formação dos estudantes desta área. Através do diálogo entre os CA do CCS, intensifica-se a luta pelo Restaurante Universitário no referido centro, luta vitoriosa, precedida pela garantia do transporte gratuito dos estudantes do CCS para o RU, situado no Campus do Pici. A época, o Prof. Henry Campos, então diretor da Famed, foi um importante colaborador do movimento estudantil.

Em 2023, o CA XII de Maio está sob a Gestão “Nova Estação”, que tem como princípios a defesa do SUS, da democracia brasileira, da vida e de uma educação médica de qualidade, bem como a promoção da ciência e da pesquisa pública no âmbito acadêmico. A exemplo de muitas outras gestões, as ações são políticas, formativas e recreativas, buscando conciliar a luta política geral com as demandas dos alunos do Curso de Medicina.

Ressaltamos que a linha e abrangência de atuação do DA/CA XII de Maio sempre dependeu e depende muito da orientação política e visão de sociedade, que a diretoria do mesmo se propõe a dar ao movimento estudantil: se mais conciliador/conservador, ou se mais aguerrido e progressista.

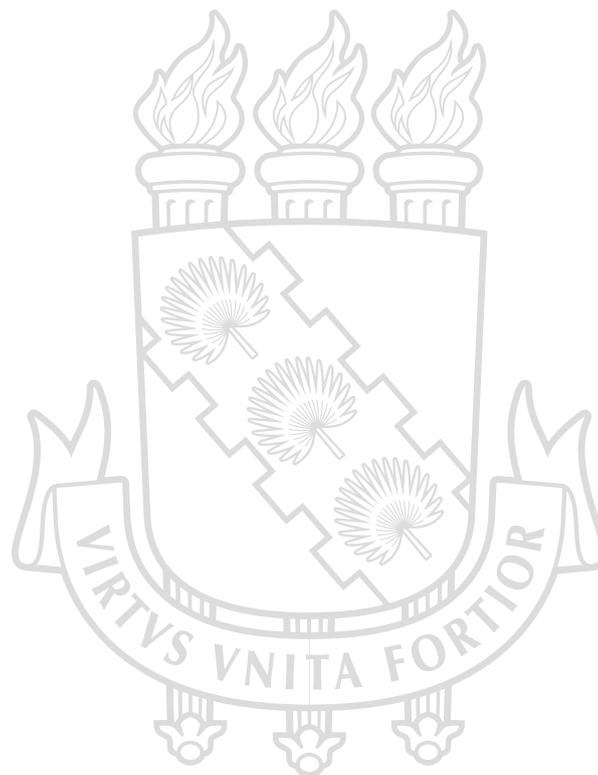
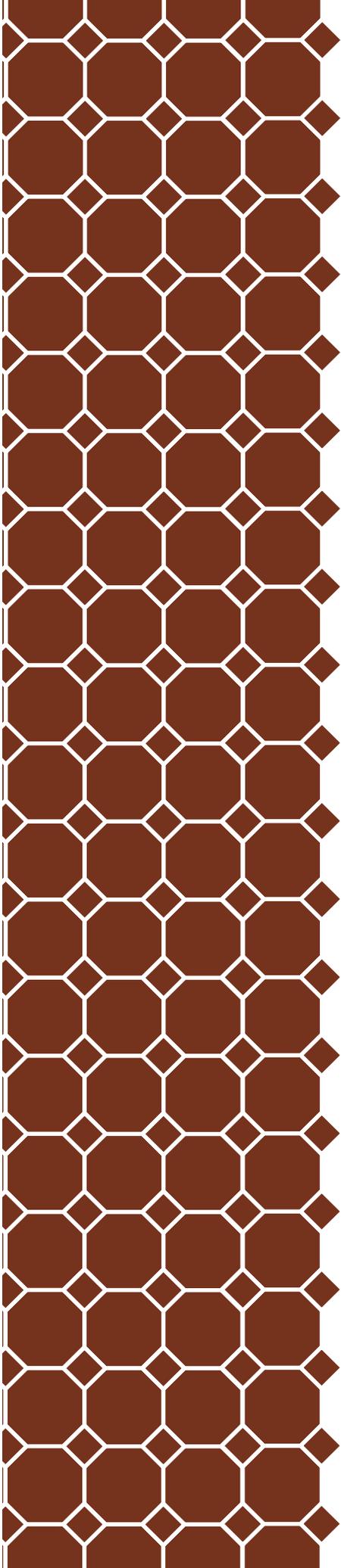
CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desafio de estruturar este capítulo, interrogamos diversos atores sobre a motivação para participar do CA, lutas, personagens, histórias, fotos e filmes. Naturalmente, em 8(oito) páginas não daria para retratar tudo que conseguimos coletar, mas fizemos um apanhado de lutas e embates necessários, que o CA XII de Maio abraçou. Dentre estes, a reforma do Ensino Médico e Sanitário, defesa do SUS, de mais verbas para as universidades federais, restaurante universitário, arte e cultura, fim da Ditadura Militar e a defesa intransigente da Democracia em todos os âmbitos. Um aspecto convergente que observamos, em praticamente todas as entrevistas feitas, foi a necessidade de ampliação de sentidos, buscando uma formação médica, não só técnica, mas também humana, solidária e com participação na vida social e política do país.

A história do CA XII de Maio se confunde com a própria história da Famed, pois uma das principais razões da existência desta faculdade é formar bons profissionais para o sistema de saúde. O CA e os estudantes de Medicina, com suas forças instigadoras e transformadoras, sempre fizeram, fazem e farão valer várias lutas específicas e gerais. Mais uma vez, encontramos apoio na música: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (*Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré) e que com “Alegria e muitos sonhos, espalhados no caminho” (*Coração de estudante*, de Milton Nascimento), veremos o sol brilhar a cada novo dia, pugnando sempre para que “Nossa esperança seja mais que vingança, seja sempre um caminho, que se deixa de herança” (*Novo tempo*, de Ivan Lins).



Diretório Acadêmico XII de Maio, em 1961, localizado em área onde atualmente funciona o Departamento de Morfologia da Faculdade de Medicina da UFC



INTERIORIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

PIONEIRISMO NA EXPANSÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC PARA O INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ

*Henry de Holanda Campos**

*José Luciano Bezerra Moreira***

*Gerardo Cristino Filho****

Yacy Mendonça de Almeida⁴⁹

Maria Goretti Frota Ribeiro⁴⁸

*Marciano Lima Sampaio*****

Vicente de Paulo Teixeira Pinto⁵⁰

Cláudio Gleidiston Lima da Silva⁵¹

Maria Neile Torres de Araújo⁴⁹

Atribui-se ao grande cirurgião e professor Haroldo Gondim Juacaba, a primazia da ideia de interiorização da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC), ainda que não haja uma informação precisa da data em que ocorreu essa manifestação, possivelmente no final da década de 1970. Correspondência enviada, em novembro de 1988, pelo então Reitor da UFC, Raimundo Hélio Leite (1988), ao neurocirurgião e professor Gerardo Cristino Filho, quando este realizava a sua formação em Perpignan, França, constitui, possivelmente, a primeira declaração institucional escrita de interesse na expansão de nossa universidade para o interior do estado:

Desde que assumi a Reitoria da Universidade Federal do Ceará, em 21 de junho do ano passado, preocupei-me, juntamente com meus assessores, com a extensão da Universidade para toda a comunidade, uma vez que a Instituição, salvo em poucos casos, era adstrita apenas a Fortaleza, o que não condizia com a sua própria denominação, muito menos com os seus objetivos (LEITE, 1988, n.p.).

A interiorização do Curso de Medicina viria a ocorrer anos depois, no segundo Reitorado do Prof. Roberto Cláudio Frota Bezerra, com a aprovação, pelo Conselho Universitário da UFC (CONSUNI), da Re-

* Departamento de Medicina Clínica da Universidade Federal do Ceará.

** Departamento de Patologia e Medicina Legal da Universidade Federal do Ceará.

*** Curso de Medicina de Sobral da Universidade Federal do Ceará.

**** Curso de Medicina de Barbalha da Universidade Federal do Ceará.

solução nº. 5, de 2 de junho de 2000, que autorizou a expansão do Curso de Medicina para o interior do Estado, nas cidades de Sobral e Barbalha, com o aval prévio do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina da UFC e da Secretaria de Ensino Superior (SESU) do Ministério da Educação (MEC). Entre as justificativas apresentadas na resolução figuram “a posição estratégica” dos dois municípios, a existência, em ambos, de “rede de atenção primária à saúde adequadamente estruturada”, de “[...] unidades hospitalares de excelente qualidade, habilitadas pelo Ministério da Saúde, além de cursos superiores na área de saúde, ministrados pelas universidades estaduais”, nas premissas de que a expansão contribuiria para a “[...] política de interiorização do desenvolvimento do Estado” e para uma “política de saúde mais abrangente e efetiva” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2000b, n.p.). Resoluções posteriores do CONSUNI, em novembro de 2000 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2000a), criaram os bacharelados em Medicina nos dois municípios, já com referência aos respectivos *campi*, o que viria a consolidar-se anos depois, em 2007, com a efetivação desses *campi* no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que levou a UFC a instalar vários cursos em Sobral, no Cariri e, posteriormente, em Quixadá, Crateús e Itapajé.

O compromisso com o caráter histórico que orienta a elaboração do presente registro leva-nos a ressaltar que a primeira iniciativa de interiorização da UFC deu-se em 1997, no primeiro reitorado do Prof. Roberto Cláudio Frota Bezerra, com a instalação do curso de Direito da Universidade Vale do Acaraú (UVA), em Sobral. Esse feito deve ser igualmente creditado ao Reitor da UVA, Prof. José Teodoro Soares, entusiasta da interiorização do ensino superior. Os dois reitores celebraram, à época, um convênio entre as duas universidades e o Governo do Estado do Ceará (governador Tasso Jereissati), estabelecendo que a UFC assumia a gestão acadêmica, seleção e formação dos alunos, sendo os custos de infraestrutura, salários de docentes e servidores técnico-administrativos, de responsabilidade de seus parceiros, Governo do Ceará e UVA. Três anos depois, em 2000, o Curso de Direito foi incorporado à UVA, ao mesmo tempo em que a UFC dava início à interiorização do seu curso médico, sendo a primeira universidade federal do país a instalar o curso de Medicina fora da sua sede, pioneirismo ainda mais relevante, pois criava, simultaneamente, duas expansões da Faculdade de Medicina no interior. Esse movimento

de interiorização do ensino superior liderado pelo Reitor Roberto Cláudio, tinha caráter embrionário, com a sua visão de futuro da criação de duas novas universidades federais no Ceará, na Zona Norte do Estado e no Cariri, nossos dois principais polos de desenvolvimento. Esse objetivo foi parcialmente alcançado, com a transformação do *campus* da UFC no Cariri em Universidade Federal do Cariri, em junho de 2003, criada juntamente com a suniversidades federais do Sudeste do Pará, Oeste da Bahia e Sul da Bahia. A Zona Norte vislumbra, igualmente, e aguarda a criação de uma universidade federal para a Região, na cidade de Sobral. É importante destacar que a iniciativa de interiorização do ensino superior liderada pelo Reitor Roberto Cláudio Frota Bezerra, iniciada em 1997, ampliada em 2000, com as duas expansões do curso médico, antecede a notável iniciativa de criação, a partir de 2003, no primeiro governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e até 2014, de 18 universidades federais e 173 *campi* universitários.

Em maio de 1998 a Faculdade de Medicina da UFC (FAMED/UFC) recuperou o seu status de unidade acadêmica, com o desmembramento do Centro de Ciências da Saúde (CCS), graças a um movimento liderado pela Diretora do CCS. Profa. Neile Torres, e o Vice-Diretor, Prof. Elias Salomão, com o apoio do Reitor Roberto Cláudioe decisiva atuação política do Senador Lúcio Alcântara. A reconquista da sua identidade constituiu fator decisivo para que a Faculdade de Medicina levasse a termo o projeto de interiorização do curso médico.

Durante mais de meio século, até 2000, a FAMED/UFC foi a única escola médica de nosso Estado e a decisão de sua expansão para o interior foi precedida por longo período de avaliação e negociações, quando ganhava corpo a discussão, pela sociedade brasileira, das graves consequências da desigual distribuição de médicos, concentrados nos grandes centros urbanos. As políticas neoliberais adotadas na década anterior haviam levado o país da posição de 8ª economia mundial para a 13ª posição nesse ranking, e a expansão do desemprego de 1,8 milhão para 11,5 milhões, impondo-se uma retomada do desenvolvimento social com justiça social, que favoreceu, progressivamente, a descentralização do crescimento econômico e a adoção de políticas públicas de investimento para além das regiões metropolitanas, como também a expansão de empregos e renda, com as fontes do dinamismo nacional deslocando-se mais para o interior do país, o que viria a tornar-se mais evidente nos anos seguintes.



Embora tenha sido na esteira do início desse impulso de interiorização que surgiu a expansão dos Cursos de Medicina para o interior, a empreitada representava um grande desafio. Graças à habilidade do então Reitor, Roberto Cláudio Frota Bezerra, ao seu profundo conhecimento das políticas educacionais e à sua capacidade de articulação e diálogo, foram estabelecidas as bases de uma parceria pactuada para a instalação dos cursos, sendo definida como de responsabilidade do governo federal, a liberação de vagas para servidores docentes e técnico-administrativos e os recursos para custeio de manutenção, cabendo ao governo estadual os custos da aquisição de material permanente e equipamentos e ao governo municipal, a doação de terreno e prédios, assim como obras de construção, adaptação e reformas. Um inédito Acordo de Cooperação Técnica entre o Ministério da Educação (MEC), UFC e Governo do Estado do Ceará foi assinado, estabelecendo as bases de pactuação. Nessa empreitada, o Reitor Roberto Cláudio recebeu firme apoio do Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, do Governador Tasso Jereissati e dos então prefeitos, de Sobral, Cid Ferreira Gomes, e de Barbalha, Edmundo de Sá Filho. Esse processo teve, em várias frentes, atores importantes e decisivos para o seu sucesso. Na impossibilidade de nomear todos, destaca-se, em Sobral, as figuras do grande Reitor da UVA, José Teodoro Soares, apoiador incansável da interiorização, o deputado federal, Padre José Linhares Ponte, diretor da Santa Casa de Sobral e Dom Aldo di Cillo Pagotto, bispo diocesano. Em Barbalha, realça o protagonismo do deputado federal Francisco Rommel Feijó de Sá, do prefeito Edmundo de Sá Filho, do ex-prefeito Antônio Inaldo de Sá Barreto, de Fabriano Sampaio e Alberto Callou Torres, líderes do Centro de Melhoramentos, da Irmã Edeltraut Lerch, diretora do Hospital São Vicente de Paulo, e dos irmãos Antônio, José e João Correia Saraiva, dirigentes do Complexo Hospitalar Santo Antônio e Hospital do Coração. Esses baluartes mantinham movimento constante para angariar apoio da sociedade local das regiões à instalação dos dois cursos, o que servia de estímulo à reconhecida autoestima sobralense e dissipava eventuais inconformismos no triângulo Crato - Juazeiro do Norte - Barbalha quanto à escolha do município sede da nova escola médica naquela região.

O terreno para a instalação do Curso de Medicina de Sobral foi doado pela UVA, junto ao seu Centro de Ciências da Saúde, localizado no *Campus* do Derby, por iniciativa do seu Reitor, Teodoro Soares, prove-

dor de inestimável apoio à iniciativa, no que foi seguido por seu Vice-Reitor, Evaristo Linhares Lima, pró-reitores e assessores. Pouco depois da doação do terreno, no primeiro semestre de 2001, o Prefeito Cid Ferreira Gomes, um dos baluartes do projeto, deu início à construção da sede do curso, em maior parte realizada na gestão seguinte, do Prefeito Leônidas Cristino, grande apoiador da interiorização área coberta de 5.141 m², com salas de aula, laboratórios, anfiteatros, biblioteca, auditório, áreas de convivência, segundo projeto do arquiteto Antenor Coelho, que concebeu o prédio central, inspirado no Instituto Tecnológico de Massachussets (MIT), hoje uma das edificações mais bonitas da UFC, que recebeu o nome do sobralense Vicente Cândido Figueira de Saboia, o lendário Visconde, autor da importante reforma do ensino superior de 1879, Médico da Casa Imperial e Cirurgião da Corte, que foi também diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1881). Desde o início do projeto foi estabelecido, com o decisivo apoio do deputado federal e padre José Linhares, que o complexo da Santa Casa de Misericórdia de Sobral e o Hospital do Coração, por ele dirigidos, seriam os hospitais de apoio ao curso médico, decisão apoiada pela Diocese de Sobral, mantenedora daqueles hospitais, então representada por D. Aldo Di Cillo Pagotto. A Santa Casa de Sobral viria a integrar, mais tarde, a Rede Federal de Hospitais Universitários Federais e de Ensino, fato que contribuiu para o aval do MEC e da Comissão Nacional de Residência Médica para reconhecimento dos programas de Residência Médica em Sobral. O município já contava com um sistema municipal de saúde que era referência na atenção primária, tendo à frente, o médico Luiz Odorico Monteiro de Andrade, dos primeiros a integrar o quadro docente do curso. O neurocirurgião de referência e pesquisador Gerardo Cristino Filho liderou, desde o início, a implantação do Curso de Medicina de Sobral, sendo por muitos anos o seu Coordenador e condutor de marcantes etapas, determinantes da qualificação acadêmica de excelência daquela unidade, missão a que continua a dedicar-se fielmente, sempre com o apoio do seu colaborador mais próximo, o professor Vicente de Paulo Teixeira Pinto. É merecedor de alto reconhecimento, devido ao entusiasmo e a dedicação ao Curso de Medicina de Sobral, do icônico mestre João Barbosa Pires de Paula Pessoa, o decano sobralense da FAMED/UFC que promovia, na Santa Casa de Sobral, sessões clínicas semanais, encantando também estudantes e residentes com o seu “ensino à beira do leito”, lições de Medicina holística, nas visitas diárias aos pacientes internados. Sem receber qualquer remuneração por essas ativi-

dades, o Dr. Pessoa era também preceptor dos médicos do Programa de Saúde da Família de Sobral, deslocando-se com frequência às diferentes unidades de saúde e distritos para orientação daqueles profissionais.

A perspectiva de chegada do Curso de Medicina da UFC ao Cariri provocou intensa mobilização da sociedade local no apoio à iniciativa. A disputa política pelo local de instalação do curso foi superada pela condição de polo regional de saúde ostentada pelo município de Barbalha, que contava também com uma boa organização da sua rede de atenção primária, em alinhamento com a estratégia de saúde da família. Um dos maiores patrimônios da cidade, o prédio do tradicional Colégio Santo Antônio, foi doado por sua mantenedora, o Centro de Melhoramentos de Barbalha, à UFC, em generosa iniciativa, liderada por seus próceres, Fabriano Sampaio e Alberto Callou Torres, que assumiram, sem efetivas garantias, o ônus e a responsabilidade de transferência das aulas e alunos do tradicional colégio, símbolo da melhor educação oferecida há muitas décadas no município. As obras de reforma e acréscimo das instalações ocorreram de forma lenta, em decorrência da limitada disponibilidade financeira do município, sempre compensada pela crença inabalável no significado da iniciativa e pela criatividade política do deputado federal Rommel Feijó, do prefeito Edmundo de Sá Filho, referências de homens públicos no município. Os hospitais de referência da região, Hospital São Vicente de Paulo e Complexo Hospitalar Santo Antônio assumiram de pronto, o compromisso de disponibilizar o apoio ao curso, formalizado por seus dirigentes – respectivamente, a religiosa Edeltraut Lerch e os médicos Antônio, José e João Correia Saraiva. Desde o início, grande empenho foi direcionado para a qualificação desses hospitais como unidades de referência, visando à acreditação futura de programas de residência médica. O município de Barbalha já contava, igualmente, com uma rede municipal de saúde organizada e atuante na consonância com a estratégia de saúde da família, como preconizado, sob o comando do secretário municipal de saúde, o médico Erick Sampaio, que trouxe substancial apoio ao curso. Cabe registrar a atuação determinante dos primeiros e dedicados coordenadores de Curso – Gislene Farias de Oliveira, Marinila Calderaro Munguba Macedo, João Ananias Machado Filho e Cláudio Gleidiston Lima da Silva. Conceituado docente da Faculdade de Medicina da UFC, em Fortaleza, com vasta experiência didática e administrativa, o médico e professor Marciano Lima Sampaio, de tradicional família barbalhense, muito contribuiu em visitas regulares de

acompanhamento da implantação do Curso de Medicina de Barbalha, para onde transferiu-se posteriormente e continua emprestando o seu talento. Enquanto, no curso de Sobral, pontificou como inspiração a figura do médico e filósofo Visconde de Saboia, em Barbalha reverenciava-se a memória do Dr. Leão Sampaio, ícone da Medicina local, que deu nome ao centro acadêmico criado pelos estudantes. Merece registro de reconhecimento a dedicação do Prof. Aprígio Mendes Filho na supervisão de todo o processo de implantação dos cursos, atuando também na interlocução entre a Administração Superior da UFC e as instituições parceiras, tarefa que cumpriu com muita eficiência, sobretudo no Curso de Medicina de Barbalha, cidade onde praticamente passou a residir durante muitos anos.

A revisão do processo de expansão do Curso de Medicina da UFC para o interior deixa evidente a dimensão do desafio, bem como a intensidade do ritmo dos trabalhos desenvolvidos. Tão logo autorizada pelo Consunu a abertura dos dois cursos, iniciou-se a formalização das parcerias oficiais entre as esferas de poder federal, estadual e municipais, o estabelecimento de parcerias com os futuros hospitais de ensino, o planejamento de obras e reformas, o plano de aquisição de equipamentos, as estratégias para a formação dos quadros de docentes e técnico-administrativos, em movimento *pari passu* com sucessivas reuniões de sensibilização e divulgação do projeto em Brasília, Fortaleza e nas regiões que receberiam os novos cursos. Em sua edição de 27 de janeiro de 2001, o jornal *O Povo* trazia a lista dos 80 estudantes aprovados no vestibular, realizado nas duas cidades, que selecionou 40 alunos para cada curso. Poucos dias depois, no dia 6 de fevereiro de 2001, o Diário Oficial da União, publicava os quatro primeiros editais de concurso para seleção de professores, com previsão de oito vagas para cada curso, sendo cinco na categoria de auxiliar de ensino e três na de assistente. No dia 6 de abril de 2001 realizou-se, no campus do Derby, da UVA, a aula inaugural do Curso de Medicina de Sobral, com a presença dos alunos e familiares, da sociedade sobralense, de representantes das comunidades universitárias da UFC e da UVA, todos atentos às manifestações de uma longa sucessão de oradores, que incluía o Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, o Reitor Roberto Cláudio Frota Bezerra, o Governador Tasso Jereissati, o Prefeito Cid Ferreira Gomes, o Reitor da UVA, José Teodoro Soares, políticos e lideranças locais. Poucos dias depois, em 28 de abril de 2001 ocorreu, na Câmara Municipal, a aula inaugural do

Curso de Medicina de Barbalha. A escolha do local deveu-se ao simbolismo do legislativo municipal, bem como *à inexistência, na cidade, de um auditório em outro prédio público. A solenidade teve, igualmente, a presença de alunos do Curso e seus familiares, de representantes políticos e da sociedade da região.*

Os novos cursos foram iniciados tendo por base o novo projeto pedagógico aprovado pela FAMED/UFC, em Fortaleza, objeto de capítulo que compõe esta publicação. Assentado nas proposições recomendadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Medicina de 2001 (DCN 2001), o novo projeto proporcionou aos docentes da Famed a participação em discussões para elaboração das DCN 2001, processo coordenado pelo médico e professor pernambucano Éfrem Maranhão, membro do Conselho Nacional de Educação, que incluiu, no seu texto final, alguns pontos explicitados no projeto pedagógico concebido para a FAMED/UFC.

O chamado currículo novo foi implantado, inicialmente, nas duas expansões e, só posteriormente, obedecendo a uma transição progressiva, no curso de Fortaleza. Esse currículo refletia um movimento global, de ampla repercussão no Brasil, visando a um novo paradigma na formação médica, sendo fruto de longa reflexão e discussão de caráter institucional, em âmbito nacional e internacional, sobre educação médica. Críticas à educação médica de base flexneriana praticada no Brasil e no exterior, nas últimas décadas, apontavam para a necessidade de individualizar o currículo de cada escola médica, com especial atenção ao contexto dos locais onde estavam inseridas. Essa premissa tornava-se ainda mais relevante no processo de expansão para o interior. A proposta inovadora deveria possibilitar uma aprendizagem dinâmica e ser progressivamente ajustada à realidade local. O Diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Henry de Holanda Campos, em resposta ao ceticismo de muitos quanto à pertinência de um novo modelo de formação médica, assim registrou:

A velocidade de geração do conhecimento e as transformações sociais determinam que “a estagnação é antipedagógica e anti-cultural”. Devemos conferir à missão de educar uma concepção mais ampla, de construção da cidadania, que culmine na redução do fosso entre a produção do saber e as necessidades da população (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2001).

Embora já magistralmente descrito no capítulo mencionado, cabe mencionar alguns aspectos desse projeto pedagógico pelas repercus-

sões, sabidas de antemão, que ocorreriam no processo de implantação dos novos cursos. A organização em módulos integrados, oposta à compartimentalização do conhecimento, que deriva da organização tradicional em disciplinas, e o abandono da separação entre os ciclos básico e clínicos são pontos que impõem profunda e permanente articulação interdisciplinar, assim como a construção de situações de aprendizagem que privilegiem as patologias mais prevalentes em detrimento da valorização de patologias raras, como ocorre nos modelos de ensino centrados nos hospitais terciários. A diversificação dos ambientes de aprendizagem preconizada, com incentivo à utilização da rede de atenção primária, impõe uma reorganização dos diferentes *loci* de ensino e aprendizagem e, mais uma vez, mais diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, escuta e valorização dos anseios da comunidade. A centralidade do processo ensino e aprendizagem no estudante impõe novas concepções – relações interpessoais mais horizontalizadas, respeito à autonomia dos educandos. Princípios de aprendizagem de adultos e emprego preferencial de metodologias ativas como base do processo-ensino-aprendizagem, aliados ao objetivo de alcance de um perfil de competências profissionais e do conceito de profissionalismo, requerem planejamento detalhado das atividades educacionais para que se alcance a aquisição progressiva de competências e seja valorizada a aprendizagem longitudinal. Os postulados de compromisso ético-profissional com a defesa da vida e o direito à saúde, o compromisso com o fortalecimento e consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), assim como a responsabilidade social que deve ser exercitada pela escola médica trazem, de fato, novos balizadores para o processo de ensino e aprendizagem, em especial para o desempenho docente. A valorização de atividades complementares e o aumento do período de Internato para dois anos impuseram, igualmente, reflexões sobre a terminalidade da formação, dando maior ênfase ao alcance do perfil profissional estabelecido. A essa nova ordem organizacional associa-se a necessidade de qualificar e diversificar a avaliação discente, relacionando-a, de modo explícito, aos objetivos de aprendizagem e à aquisição das competências estabelecidas no perfil profissional. Premissas idênticas aplicam-se à avaliação de unidades curriculares (módulos), à avaliação de desempenho de docentes e da escola médica como um todo. É preconizado que as avaliações sejam consequentes e ensejadoras de revisões e renovação de conceitos e práticas.

A instituição de um novo projeto pedagógico, que rompe os liames de modelos tradicionais trouxe, de fato, consideráveis desafios, que puderam ser tratados, em boa parte, como oportunidades. A priorização, nessa construção, da oferta de atividades de desenvolvimento docente, foi perseguida com determinação e disponibilizada com regularidade, ocorrendo com frequência mínima mensal, ao longo dos 6 (seis) primeiros anos de instalação dos cursos. As oficinas de desenvolvimento docente, que ocorriam, na maioria das vezes, na sede das expansões, eram organizadas pelo Núcleo de Desenvolvimento Docente (NUDEM), da Faculdade de Medicina, e contavam com a participação de colaboradores externos, *experts* em educação, como os professores Stewart Mennin, da Universidade do Novo México, USA, e Silvia Mamede Studart Soares, da Escola de Saúde Pública-CE e Universidade de Maastricht. A avaliação dessas atividades pelos próprios docentes das expansões, pode ser considerada como de atendimento às suas expectativas e necessidades, tendo contribuído significativamente para fortalecer a qualidade dos novos cursos.

A implantação das expansões da Faculdade de Medicina revelou-se complexa em muitos aspectos, que demandaram perseverança e determinação não só dos gestores do projeto, com também dos professores, servidores técnico-administrativos e, sobretudo, dos estudantes que exerceram marcante protagonismo ao longo do processo. A efetivação dos primeiros docentes só veio a correr a partir de 2002 e, mesmo assim, sem a regularidade esperada. O corpo docente dos cursos permaneceu durante vários anos sendo composto majoritariamente por professores substitutos, já que apenas 8 (oito) vagas de efetivos haviam sido autorizadas para cada curso. A disponibilização de um número adequado de vagas – oitenta vagas de docentes para os dois cursos e um pequeno número de vagas de servidores técnico-administrativos, só ocorreu em 2007, na esteira do Reuni, após audiência do Reitor Ícaro Moreira com o Ministro Fernando Haddad. A evolução do processo de recrutamento de docentes para os novos cursos passou a apontar para a importância de valorização de profissionais já instalados nas duas regiões, conhecedores da epidemiologia e das estruturas administrativas locais e, portanto, com mais possibilidade de revestirem-se do desejável pertencimento aos novos cursos. Essa tarefa não se revelou fácil, em especial pela remuneração oferecida pela atividade acadêmica, significativamente mais baixa quando comparada aos rendimentos do exercício

profissional privado, restando como alternativa um possível apelo da qualificação acadêmica, assim como o despertar de vocações genuínas, o que aconteceu em muitos casos. Somava-se a isso o desafio de oferecer oportunidades de acesso aos programas de pós-graduação, inexistentes nos dois cursos nos seus primeiros anos de funcionamento. A solução foi encontrada com a disponibilização de vagas nos cursos de pós-graduação oferecidas na Faculdade de Medicina, o que foi proporcionado, numa iniciativa louvável, por diferentes programas dos vários departamentos. Disciplinas de pós-graduação também passaram a ser ofertadas nas sedes no interior, notadamente em Barbalha, onde merece destaque a atuação do Prof. Manoel Odorico de Moraes, no que foi acompanhado por alguns de seus colegas integrantes do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia. Progressivamente, a titulação dos docentes foi sendo viabilizada e o acesso hoje à pós-graduação já ocorre nos próprios cursos, destacando-se aí a brevidade com que ocorreu a estruturação da pós-graduação em Sobral.

Os maiores desafios de infraestrutura foram vencidos graças ao Reuni, que possibilitou concluir reformase construir novos espaços, equipar melhor e em maior número, salas de aula e laboratórios, melhorar o acervo e a estrutura das bibliotecas, oferecer espaços condignos de convivência e auditórios. Progressivamente, as improvisações foram sendo substituídas por ambientes planejados e melhor adequados, enquanto que, na mesma medida, ganhavam corpo as atividades de pesquisa, a interação com a comunidade era ampliada pelos programas de extensão e pelas contribuições aos sistemas municipais de saúde, afirmando-se também a interação com outras áreas de conhecimento, graças à estruturação de muitos outros cursos em cada um dos *campi*. Deve ser ressaltado o contínuo apoio recebido da Administração Superior da UFC, nas gestões dos reitores que sucederam Roberto Cláudio Frota Bezerra – os professores Renê Teixeira Barreira, Ícaro de Sousa Moreira e Jesualdo Pereira Farias, gestões que registraram o maior número de providências de infraestrutura para esses dois novos cursos e os respectivos *campi*. A implantação, pelo governador Cid Ferreira Gomes, do Hospital Regional do Cariri, em 2011, e do Hospital Regional, em 2013, acresceram substancial apoio às atividades de formação oferecidas pelas duas unidades acadêmicas.

Notadamente, os primeiros anos de implantação dos dois cursos médicos, exigiram de seus principais protagonistas – estudantes, servido-

res docentes e técnico-administrativos, extraordinária resiliência, que trouxe preciosas contribuições ao processo. Dos docentes e servidores técnico-administrativos foi requerido não só a perseverança, como também a capacidade de improvisação, com competência e responsabilidade, a cada etapa do curso que se apresentava, na maioria das vezes, de complexidade crescente. A maturidade e a qualidade alcançadas pelo curso refletem, possivelmente, conquistas e superações pessoais, que somadas tornam-se ainda maiores. Aos estudantes, coube o desafio de vivenciar incertezas, enquanto confiavam, à expectativa de sucesso da empreitada, as suas perspectivas de vida, a construção de sua identidade profissional. Em seu percurso sem omissão, os estudantes promoveram paralisações e greves, sem aceitação do possível e sim, a busca, sempre, pelo melhor. Privações foram o *leitmotiv* para as suas conquistas, sempre muito festejadas. Proporcionaram ao curso as mais expressivas correções de rumo e fizeram chegar, ao seu entorno, à comunidade que os acolheu, novos olhares, novos anseios. A riqueza da construção coletiva e as recompensas da superação, espera-se, tenha dado a eles, sobretudo, atributos para o alcance daquele ambicioso perfil profissional, preconizado pelas duas novas escolas médicas, de alcance complexo e, urgentemente, clamorosamente, necessário e esperado.

O projeto de interiorização inicialmente também encontrou críticas e resistências externas, notadamente das entidades médicas, mas foram sendo vencidas progressivamente, pois, em pouco tempo, os benefícios da iniciativa foram se tornando evidentes. A instalação dos novos *campi* da UFC, em Sobral e no Cariri, trouxe para as duas regiões um novo ethos – o da efervescência transformadora das comunidades universitárias. A criação, mais tarde, dos programas de Residência Médica vinculados aos dois cursos fortaleceu a perspectiva de fixação dos egressos nas duas regiões, para o que passou a contribuir também a oferta de cursos de pós-graduação e a disseminação das atividades de pesquisa e das atividades de extensão, que ampliaram o diálogo com a comunidade das duas regiões e a participação, juntamente com diferentes representações políticas e sociais, na busca da superação de desafios e na construção coletiva. A instalação de um serviço de verificação de óbito, em Barbalha, ainda nos primeiros anos de funcionamento dos cursos, é bem representativa da contribuição dos cursos interiorizados, que contribuíram também para ampliação da estrutura, melhora na qualificação e ampliação de acesso na assistência à saúde nas duas regiões. Iniciativa

marcante do Curso de Medicina de Sobral, já em 2005, foi a criação do Núcleo de Biotecnologia de Sobral (NUBIS) sob o comando do Prof. Gerardo Cristino Filho. O NUBIS foi fruto de parceria entre UFC, UVA, Governo do Estado – Secitece e Prefeitura de Sobral, e um extraordinário leque de apoio – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Finep, Embrapa Caprinos, empresa General Electric Healthcare, merecendo realce o empenho do Governador Lúcio Alcântara, do Secretário da Secitece, Hélio Barros, do Prefeito Leônidas Cristino e dos Reitores Renê Barreira e Teodoro Soares. O NUBIS, composto inicialmente pelos pesquisadores Benildo Sousa Cavada, Vicente de Paulo Teixeira Pinto, Rodrigo Maranguape Silva da Cunha, Fabiano Cavalcante de Carvalho, Gregório Maranguape da Cunha, Raymundo Rizaldo Pinheiro, Maria José Pinheiro Rodrigues, trouxe notável impulso à pesquisa e foi nucleador dos cursos de pós-graduação posteriormente criados no Curso de Medicina de Sobral. O desempenho de algumas centenas de médicos formados pelos dois novos cursos no acesso a programas de residência médica, é muito expressivo e as avaliações externas realizadas conferem a ambos uma posição confortável quanto à qualidade da formação por eles oferecida, o que é corroborado pela presença de vários egressos no corpo docente de ambos os cursos.

Os signatários do presente capítulo manifestam a todos os envolvidos nessa interiorização do curso médico, à Universidade Federal e, de modo especial, à sua Faculdade de Medicina, a gratidão pelo privilégio que lhes foi dado de participar dessa extraordinária caminhada, a primeira registrada no país, de interiorização do ensino médico público gratuito e de qualidade. Permanece indelevelmente vivo, em nós, o sentimento que ter participado dessa construção coletiva significou fazer história, ter dado início a “uma nova era”, com abertura de novas e sólidas perspectivas para a formação médica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRISTINO FILHO, G. *Memorial para Concurso de Professor Titular do Curso de Medicina de Sobral*. Fortaleza: [s.n.], 2021.

GONÇALVES, B. P. C. de B. *Curso de medicina da Universidade Federal do Cariri: sua origem e consolidação (2001-2018)*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos, 2020.



LEITE, R. H. [*Correspondência*]. Destinatário: Gerardo Cristino Filho. Perpignan, 1988. 1 carta.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Departamento de Medicina. Comissão de Reforma Curricular*. Projeto Pedagógico do Curso de Medicina. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 15/Consuni, de 13 de novembro de 2000*. Aprova a expansão do Curso de Medicina para o interior do Estado. Fortaleza: CONSUNI, 2000a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Resolução nº 5/Consuni, de 2 de junho de 2000*. Aprova a *expansão do Curso de Medicina para o interior* do Estado. Fortaleza: CONSUNI, 2000b.



Foto da Maternidade Escola Assis Chateaubriand em construção, com animais pastando em frente ao prédio

INTERNACIONALIZAÇÃO NA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

*Armênio Aguiar dos Santos**

*Aldo Ângelo Moreira Lima***

Desde a fundação da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Reitor pioneiro Prof. Antônio Martins Filho, ensinou sobre a nobreza da missão da educação em cultivar a compreensão do mundo que nos cerca em prol da melhoria da qualidade de vida da população. A educação é, portanto, imperativa para proteger a democracia; que é o poder nas mãos do povo; que se o povo alguma vez parecer irresponsável por esse poder, a solução não é tirar o poder do povo, mas educá-lo. Neste sentido, o Prof. Martins Filho criou a Universidade Federal do Ceará, sob o lema “O universal pelo regional” ou “pensar globalmente, agir localmente”; da nossa parte, cultivamos o intercâmbio internacional entre a UFC e a *University of Virginia*, (UVa) sob o lema: “engajar-se como se tudo dependesse de você, mas saber que tudo depende de Deus”.

Nestes 75 anos de comemoração da fundação da Faculdade de Medicina (Famed), o programa de colaboração científica e tecnológica entre a UFC e a UVa completa, em 2023, 46 anos de intercâmbio ininterrupto. Até onde sabemos, trata-se do convênio internacional mais longo, produtivo, regular e ainda ativo em ambas as universidades, tornando-se, portanto, modelo de colaboração internacional em ciências básicas e tecnologias translacionais aplicadas à biomedicina e medicina. É tido como pedra fundamental na construção do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia, originado no Departamento de Fisiologia e Farmacologia e que, neste ano de 2022, foi elevado à nota máxima, o Nível 7 da CAPES, agência nacional que avalia os cursos de pós-graduação no Brasil. O intercâmbio UFC & UVa também foi crucial no desenvolvimento dos programas de pós-graduações em Microbiologia e Ciências Médicas, ambos níveis 6.

Descrevemos aqui três lições básicas que aprendemos juntos ao longo desse tempo: (a) colaboração internacional, educação e desenvolvimento; (b) sobre ciência; e (c) lições para sociedade e civilização.

* Professor Titular de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

** Professor Titular de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Colaboração internacional, educação e desenvolvimento

Os principais ingredientes de um programa bem-sucedido de colaboração internacional com impacto duradouro, incluem características essenciais um quadro de indivíduos profundamente comprometidos e simpáticos, cujos objetivos pessoais e institucionais incluem o sucesso do intercâmbio. Outro ingrediente fundamental da colaboração é o apoio e o respaldo institucional em longo prazo ao intercâmbio, que fortalece as instituições.

Sobre ciência

Aprendemos, ao longo dos anos, que as doenças que afligem os desfavorecidos nos deram uma das maiores lições para a ciência e para a sociedade. Para a ciência, o conhecimento adquirido com a cólera, enteropatia tropical, infecções entéricas e desnutrição, por exemplo, levou a muitas descobertas sobre a regulação fisiológica e farmacológica da sinalização celular bem como a patobiologia de uma série de doenças como cólera, *Escherichia colidiarreio gênica/uropatogênica*, hipertensão arterial, fibrose cística, colite ulcerativa, doença de Crohn, disbiose da microbiota intestinal, disfunção da barreira do epitélio intestinal e outras tanto em animais quanto em seres humanos.

Lições para sociedade e civilização

A mais importante das lições é a civilização. A saúde, com certeza, tem um valor humano universal, histórico e sem precedentes que transcende todas as fronteiras geopolíticas e fornece base inatacável para a construção de relações humanas em todo o mundo. A saúde precária dos desfavorecidos e a constante frequência de endemias, epidemias e pandemias no mundo ameaçam continuamente nossa sobrevivência. Assim, o desenvolvimento de educação melhor e globalizada, incluindo interiorização e internacionalização, bem como o desenvolvimento científico, principalmente na saúde, além de um controle ambiental e populacional, são essenciais para o benefício das comunidades e da civilização humana. À luz da história, seremos avaliados pelo quão bem resolvemos essas questões para o benefício unificado da nossa civilização.

Breve histórico do início e desenvolvimento do programa de colaboração internacional entre a UFC & UVA

Em 1977, o Dr. Edward Hook, Chefe do Departamento de Medicina, Centro Médico da UVA, e seu colega Prof. Richard L Guerrant, visitaram pela primeira vez a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará em busca de médicos interessados e ambiente favorável para a colaboração universitária ao estudo de doenças infecciosas diarreicas e parasitárias (GUERRANT, 2022). E ficaram imediatamente impressionados com três coisas: a excelente ciência (e cientistas, como o Prof. Manassés Fonteles), as boas instalações do Hospital das Clínicas (então dirigido pelo Prof. Nogueira Paes) e o excelente e único Centro de Saúde Materno-Infantil (dirigido pelo Prof. Galba Araújo e pela Profa. Maria Auxiliadora de Souza), onde haviam acabado de desenvolver um programa pioneiro de saúde materna rural que reduzira as complicações da gravidez tardia e do parto, bem como cesarianas desnecessárias, a praticamente zero. Todavia, cerca de 11% das crianças nascidas neste programa morriam nos primeiros dois anos, principalmente de diarreia. Assim sendo, foram graciosamente receptivos aos interesses comuns em estudar diarreia infantil e infecções parasitárias.

A história também envolveu sacrifícios, inclusive pessoais. Quatro anos depois (1980) da visita inicial do Prof. Guerrant ao Ceará, a esposa do Prof. Nogueira apresentava uma súbita doença que incluía arritmia, hipocalemia e edema generalizado, sob a suspeita de se tratar de um quadro de Cushing, mas diagnosticado em São Paulo como Apudoma, um tipo raro de tumor neuroendócrino. Nessa época, o Dr. Guerrant novamente visitava Fortaleza e se prontificou a levar para o serviço de Endocrinologia da UVA, uma amostra de soro e do tecido tumoral para realizar dosagens hormonais e análise histológica. O tumor foi estudado com técnicas histoquímicas e dosagens de vários hormônios, incluindo fator de liberação do hormônio do crescimento (GFGH) e hormônio adrenocorticotrófico (ACTH), dentre outros. Com isso, as células tumorais foram cultivadas. Um ano depois, o Dr. Guerrant me pediu para autorizar o Dr. Thorner a usar seus reagentes experimentais para estudar o tecido do tumor. O grupo Salk caracterizou e produziu GHRF de um paciente acromegálico de Thorner com tumor de ilhotas pancreáticas. Graças a essa sequência de eventos e relacionamentos, milhares de crianças em todo o mundo estão crescendo novamente. Dick Guerrant, sua prestatividade e curiosidade cientí-

fica ajudaram a levar a esses avanços na medicina e à possibilidade de nossa participação no progresso da UVa.

[Nota: Michael Thorner esclareceu que foi “Wylie Vale no Salk [quem] fez [GHRH] para nós e Serono indenizou o Salk para nos permitir estudá-lo”. E minha lembrança de suspeitar pela primeira vez da aparência Cushingoid da Sra. Paes foi em um gracioso almoço ao meio-dia em sua casa, após o qual combinamos que eu levasse seu soro ao laboratório do Dr. Thorner na UVa. O Dr. Thorner e colegas do Salk Institute caracterizaram o GHRH (*Nature* 300: 276, 1982) de paciente com um tumor de ilhotas pancreáticas (*JCI* 70: 965, 1982) que ajudou a confirmar o diagnóstico da Sra. Paes].

Vale ressaltar o papel fundamental do Prof. Manassés nesta jornada acadêmica. Em 1980, retornara de ano sabático nos Estados Unidos, onde trabalhara com o Prof. Julius Cohen no desenvolvimento e montagem de modelo de perfusão renal *ex-vivo* para estudos metabólicos e de mecanismos de transportes tubulares de sódio e potássio. Na época, o interesse era estudar os mecanismos de transportes de íons associados com mensageiros intracelulares, com ênfase na ainda recente descoberta da molécula de adenosina monofosfato cíclica (AMPC). A toxina da cólera foi descrita como tendo potente ação de estímulo da síntese desse mensageiro hormonal intracelular, tornando-se assim importante ferramenta farmacológica para estudo no sistema de perfusão renal.

Em 1981, após completar a Residência em Doenças Infecciosas, ingressei no Mestrado de Farmacologia sob a orientação do Prof. Manassés. Com a técnica experimental de perfusão renal, estudei as ações da toxina produzida pelo *Vibrio cholera* nos mecanismos de transporte de sódio e potássio. Neste período conheci, por intermédio do Prof. Galba, o Prof. Guerrant. Um ano depois, ele descreveria nova toxina bacteriana produzida pela *Escherichia coli*, capaz de estimular a guanilatociclastase para produzir guanosinamonofosfato cíclica (GMPC), outro potente mensageiro hormonal intracelular. Isolados de fezes obtidas de crianças com diarreia no município de Pacatuba/CE, possibilitaram o cultivo da bactéria em laboratório e o isolamento da toxina patogênica, termoestável, útil ferramenta farmacológica para estudo de mecanismos de transportes de sódio e potássio. Pouco tempo depois, usando o modelo experimental de rim isolado, descrevemos de forma original, o efeito natriurético dessa toxina termoestável da *E. coli* o que fez surgir a hipótese da existência de um hormônio endógeno, gerando a descoberta da família das guanilinas. As estruturas desses peptídeos foram identificadas, clonadas e levaram ao desenvolvimento dos fármacos linaclotide e ple-

canatide, ambos eficazes no tratamento da dor abdominal em pacientes com constipação idiopática crônica (LIMA; MONTEIRO; FONTELES, 1992; CURRIE *et al.*, 1992; CHANG *et al.*, 1992; MINER JÚNIOR *et al.*, 2017), pois também estimulam a contratilidade intestinal.

Durante este período de trabalho (1980-1983), passei a ter mais contato com o Dr. Guerrant, o que resultou no convite para um *Postdoctoral-Fellowship* na Universidade de Virginia (UVa), nos EUA, para onde me mudei com a família entre 1984 e 1988, sob intensa formação acadêmica, pautada no enfrentamento de problemas em saúde pública no âmbito local, nacional e até mesmo global. Incluem-se, neste contexto, problemas causados por infecções entéricas em crianças, infecções entéricas repetitivas, enteropatia ambiental e desnutrição, complexo de doenças resumido como Ciclo Vicioso Diarreia e Desnutrição.

Ao retornar dos EUA, em 1988, realizamos em uma comunidade pobre próxima à Faculdade de Medicina da UFC, um primeiro estudo coorte com 189 crianças, acompanhadas duas vezes por semana. Descobrimos que a ocorrência de diarreia persistente (duração > 13 dias) em crianças sinalizava para déficits de crescimento e aumento nos episódios de diarreia nestes indivíduos. Pela primeira vez, sugeriu-se a necessidade de atenção imediata e duradoura para a diarreia infantil, sob risco de potenciais danos e impacto a longo prazo (LIMA *et al.*, 2000). Um segundo estudo de coorte com 414 crianças dessa comunidade, acompanhadas por período de dez anos, revelou que, mesmo as crianças com episódio de diarreia sobduração mais curta (7-13 dias) apresentavam também maior risco para desenvolver desnutrição e, conseqüentemente, para o aumento no ciclo vicioso diarreia-desnutrição (MOORE *et al.*, 2010).

Na avaliação dos efeitos ao longo prazo (período de 10 anos) de doenças diarreicas e infecções parasitárias em crianças, passamos a utilizar testes cognitivos (Teste de McCarthy Draw-A-Design), testes físicos de aptidão (Harvard Step Test), e dados de escolaridade. Assim, documentamos, pela primeira vez, que crianças com mais episódios de diarreia nos primeiros 2 (dois) anos de idade apresentam déficit de cognição e aptidão física, e perda de pelo menos um 1 (ano) de escolaridade quando avaliadas no período entre os 6-9 anos de idade. Crianças que tiveram episódios de diarreia e infecções por *Cryptosporidium* spp. também tiveram déficits significantes na cognição e atividade física (GUERRANT, 1999, p. 1999).

Estes resultados chamaram a atenção em saúde pública global e levaram ao estudo multicêntrico internacional denominado Desnutrição-Infecção Entérica (MAL-ED; <http://www.ibisab.ufc.br>) realizado em vários coortes envolvendo 2.145 crianças em 8 (oito) países: Brasil, Peru, África do Sul, Tanzânia, Índia, Bangladesh, Paquistão e Nepal. Dados etiológicos dessas crianças demonstraram que patógenos entéricos estão associados negativamente com o desenvolvimento cognitivo em crianças de 0-24 meses de idade (MAL-ED NETWORK INVESTIGATORS, 2018). De 6.625 amostras de fezes diarreicas analisadas, mostramos importantes causas etiológicas específicas associadas com infecções entéricas, enteropatia ambiental, e o ciclo vicioso diarreia-desnutrição. Desta forma, os dez principais microrganismos associados com infecções entéricas em ordem decrescente foram: *Shigella* spp., sapovirus, rotavírus, adenovírus, *E. coli* enterotoxigênica, norovirus, astrovirus, *Campylobacter jejuni/ coli*, *Cryptosporidium* spp., e *E. coli* enteropatogênica típica (PLATTS-MILLS *et al.*, 2018; ROGAWSKI *et al.*, 2018). Foi possível ainda associar a infecção por *Shigella* spp., *E. coli* enteroagregativa, *Campylobacter* spp., e *Giardia* com déficits no crescimento das crianças. Esta informação serve para enfatizar causalidades de infecções entéricas e enteropatia ambiental, associando-as com desnutrição infantil e o maior risco para aumento no ciclo vicioso diarreia-desnutrição.

Ademais, estudamos a relação entre microbiota intestinal e o desenvolvimento de probióticos e prebióticos para prevenção e recuperação da barreira funcional do epitélio intestinal e, por consequência, no bloqueio efetivo do ciclo vicioso diarreia-desnutrição. Estudos pré-clínicos e clínicos envolvendo crianças de vários coortes incluindo o estudo MAL-ED demonstraram a associação da imaturidade da microbiota intestinal com a desnutrição infantil (BLANTON *et al.*, 2016; RAMAN *et al.*, 2019; BARRATT; AHMED; GORDON, 2022). Já a adoção de dietas estimulantes de microbiota intestinal saudável resultou em melhora clínica significativa na recuperação de crianças desnutridas¹⁷. Ensaios clínicos realizados em comunidades urbanas em Fortaleza, demonstraram a eficácia do tratamento com glutamina e alanil-glutamina na recuperação da barreira funcional do epitélio intestinal, bem como na melhora clínica do estado nutricional das crianças (LIMA, A. A. M. *et al.*, 2005; LIMA, N. L. *et al.*, 2007). Estes resultados apontam para o desenvolvimento de terapias promissoras na prevenção, recuperação da

desnutrição infantil e bloqueio efetivo no complexo ciclo vicioso diarreia-desnutrição, tão importante em saúde pública nacional e global.

Finalmente, gostaria de enfatizar meu reconhecimento às fundações Kellogg, Clark e Rockefeller, Project Hope, National Institutes of Health (NIH), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e Fundação Bill e Melinda Gates (BMGF), pelo fomento a este intercâmbio que se tornou modelo de colaborações acadêmicas internacionais. Foram mais de 150 publicações colaborativas, 5 (cinco) teses de doutorado, 1 (um) livro e mais de 80 intercambistas, bolsistas e professores, cujas vidas e contribuições serão para sempre afetadas pelo que aprendemos aqui.

Internacionalizar a ciência brasileira é internalizar a ciência no Brasil

A ciência tem, por natureza, vocação universal. Por sua complexidade, temas como a física de partículas são investigados por equipes internacionais, como no caso do CERN, Organização Europeia para Pesquisa Nuclear, na Suíça. É difícil tratar questões climáticas em um único país, pois fenômenos em nosso ambiente influenciam nosso planeta como um todo. Ele é válido para pesquisas das doenças ditas negligenciadas, como a malária. A novidade é o ritmo quase vertiginoso do atual intercâmbio acadêmico. Nos países desenvolvidos, é impossível gerar conhecimento sem cientistas com formação diversificada. Já aos países ainda em desenvolvimento, atuar em redes internacionais de pesquisa enseja a transferência do conhecimento. Tal processo vivenciamos no Brasil, de 2012 a 2015, mercê do exitoso programa *Ciência sem Fronteiras*. À época, a UFC estabeleceu profícuo intercâmbio com o Prof. Daniel Sifrim, renomado esofagólogo da *Queen Mary University of London*, a fim de estudar, de forma pioneira no Brasil, o efeito protetor de produtos naturais sobre a permeabilidade esofagiana ante a corrosão clorídrico, péptica e biliar.

Por sua vez, o Brasil há de cuidar do reverso da internacionalização da ciência, isto é internalizar a ciência no país. Para tanto, necessitamos sediar Universidades de alto gabarito: com elevada produção acadêmica, quantitativa e qualitativamente; com corpo docente notável, membro das principais academias e detentores de prêmios relevantes;

formação de egressos com alta qualidade e capaz, portanto, de atrair alunos e docentes estrangeiros. Para isso se consubstanciar, urge contarmos com quadro técnico de alta qualidade; avaliação constante de mérito dos professores e servidores; menos burocracia na captação de doações financeiras; além de estímulos para transformação do conhecimento em negócios. Uma iniciativa simples e salutar seria a Administração Superior apoiar laboratórios multiusuários para os grupos de pesquisa que se dedicam a elevar a Universidade brasileira.

Por fim, somos de opinião restar ainda, às Universidades brasileiras, contribuir na redução das diferenças regionais mediante a interiorização dos *campi* nos grotões nacionais bem como na elevação do ensino médio das escolas públicas, mediante ações de divulgação científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRATT, M. J.; AHMED, T.; GORDON, J. I. Gut microbiome development and childhood undernutrition. *Cell host & microbe*, [s.l.], v. 30, n. 5, p. 617–626, 2022.

BLANTON, L. V. *et al.* Gut bacteria that prevent growth impairments transmitted by microbiota from malnourished children. *Science*, New York, v. 351, n. 6275, 2016.

CHANG, L. *et al.* The impact of abdominal pain on global measures in patients with chronic idiopathic constipation, before and after treatment with linaclotide: a pooled analysis of two randomised, double-blind, placebo-controlled, phase 3 trials. *Alimentary pharmacology & therapeutics*, [s.l.], v. 40, n. 11-12, p. 1302-1312, 2014.

CURRIE, M. G. *et al.* Guanylin: an endogenous activator of intestinal guanylate cyclase. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, [s.l.], v. 89, n. 3, p. 947-951, 1992.

GUERRANT, D. I. *et al.* Association of early childhood diarrhea and cryptosporidiosis with impaired physical fitness and cognitive function four-seven years later in a poor urban community in northeast Brazil. *The American journal of tropical medicine and hygiene*, [s.l.], v. 61, n. 5, p. 707–713, 1999.

LIMA, A. A.; MONTEIRO, H. S.; FONTELES, M. C. The Effects of *Escherichia coli* Heat-Stable Enterotoxin in Renal Sodium Tubular Transport. *Pharmacology & Toxicology*, [s.l.], v. 70, n. 3, p. 163-167, 1992.



LIMA, A. A. *et al.* Persistent diarrhea signals a critical period of increased diarrhea burdens and nutritional shortfalls: a prospective cohort study among children in northeastern Brazil. *The Journal of infectious diseases*, [s.l.], v. 181, n. 5, p. 1643-1651, 2000.

LIMA, A. A. M. *et al.* Intestinal barrier function and weight gain in malnourished children taking glutamine supplemented enteral formula. *Journal of pediatric gastroenterology and nutrition*, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 28-35, 2005.

LIMA, N. L. *et al.* Wasting and Intestinal Barrier Function in Children Taking Alanyl-Glutamine-Supplemented Enteral Formula. *Journal of pediatric gastroenterology and nutrition*, [s.l.], v. 44, n. 3, p. 365-374, 2007.

MAL-ED NETWORK INVESTIGATORS. Early childhood cognitive development is affected by interactions among illness, diet, enteropathogens and the home environment: findings from the MAL-ED birth cohort study. *BMJ global health*, v. 3, n. 4, e000752, 2018.

MINER JÚNIOR, P. B. *et al.* A Randomized Phase III Clinical Trial of Plecanatide, a Uroganylin Analog, in Patients with Chronic Idiopathic Constipation. *American Journal of Gastroenterology*, [s.l.], v. 112, n. 4, p. 613-621, 2017.

MOORE, S. R. *et al.* Prolonged episodes of acute diarrhea reduce growth and increased risk of persistent diarrhea in children. *Gastroenterology*, [s.l.], v. 139, n. 4, p. 1156-1164, 2010.

PLATTS-MILLS, J. A. *et al.* Use of quantitative molecular diagnostic methods to assess the aetiology, burden, and clinical characteristics of diarrhoea in children in low-resource settings: a reanalysis of the MAL-ED cohort study. *The Lancet. Global health*, [s.l.], v. 6, n. 12, e1309-e1318, 2018.

RAMAN, A. S. *et al.* A sparse covarying unit that describes healthy and impaired human gut microbiota development. *Science*, New York, v. 365, n. 6449, eaau4735, 2019.

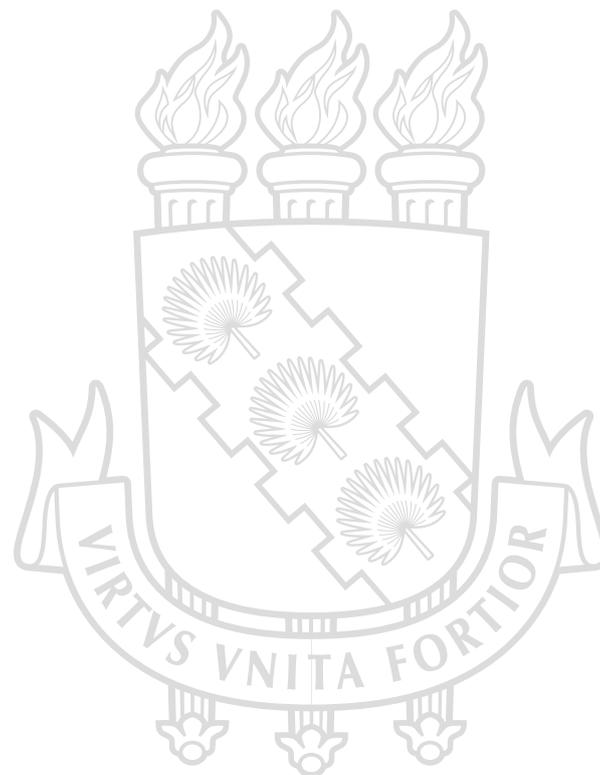
ROGAWSKI, E. T. *et al.* Use of quantitative molecular diagnostic methods to investigate the effect of enteropathogen infections on linear growth in children in low-resource settings: longitudinal analysis of results from the MAL-ED cohort study. *The Lancet. Global health*, [s.l.], v. 6, n. 12, e1319-e1328, 2018.



Reunião na sala da diretoria da Faculdade de Medicina da UFC, em 1963. Da esquerda para a direita: Fernando Leite, Waldemar Alcântara (Diretor da Faculdade de Medicina da UFC), Paulo Machado, José Caminha Alencar Araripe.

Note-se a galeria de quadros de personalidades que contribuíram para a instalação da Faculdade de Medicina, da direita para a esquerda: Pedro Philomeno Gomes (empresário), Paulo Sarasate (deputado e depois governador do Ceará), Dioclécio Dantas de Araújo (cirurgião catedrático da Faculdade de Medicina de Niterói), Juscelino Kubitschek (presidente da República), Antonio Martins Filho (Reitor da UFC), Jurandyr Lodi (Diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura).

Fonte: Acervo da Fundação Waldemar Alcântara.



ARTES E HUMANIDADES
NA FACULDADE DE
MEDICINA

ARTE E CULTURA NA FAMED

*Hélio Rola**



Arte do Prof. Hélio Rola

Derivas do viver

A Faculdade de Medicina (Famed) logo completará 75 anos de existência. Dentre as comemorações, surgirá uma publicação de vários professores e autoridades universitárias sobre vários pontos de vista atinentes ao evento... A mim, honrado pelo convite, coube dar conta de algo relacionando arte e vida acadêmica na minha experiência profissional...

Nasci em Fortaleza, em 1936, e me deram o nome de Francisco Hélio Rôla. Sou filho de uma modesta família, meu pai atendia em um bar-restaurant e minha mãe cuidava do fazer doméstico. Morávamos numa vila perto do centro da cidade e, nessa modesta vizinhança, e com a ajuda dela, aprendi, à luz de lamparina movida a querosene, a ler e a escrever, a contar e a fazer as quatro operações. Não havia gás de cozinha, só carvão, com cujos fragmentos encontradiços nós, crianças, grafitávamos nas calçadas. Os vizinhos reclamavam, sim, pois havia o hábito de sentar na beira da calçada ao entardecer.

Influenciado por uma vizinha de uma outra rua, Dona Eneida, ela mesma desenhista amadora, mãe de dois amigos meus, idades próxi-

* Professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Artista plástico.

mas, cuja família era proprietária de uma modesta tipografia, passei a usar lápis sobre papel e cheguei a utilizar guache presenteado por ela. A emoção de fazer arte aflorou então...

Nessa vila também me encantei pelo inglês ao ouvir um vizinho que, trabalhando para os americanos na base aérea do Pici, logo falou com desenvoltura a língua dos gringos. Eu também assistia a filmes de guerra: americanos contra alemães e japoneses. Tal vizinho também mantinha na exígua casa, pequena oficina com torno mecânico e outras ferramentas que nos permitiu, a mim e a um de seus filhos, construir carrinhos de madeira e de lata vazia de óleo lubrificante, advindas da Base Aérea. Inesquecível! Criativo, era um vizinho que contava os filmes a que tinha assistido...levava jeito e o devido gesto para contar uma cena de *bang bang...* em plena guerra de “Far West”.

As artes

Minha mãe, Alice Tavares, conviveu na sua juventude com uma família de músicos, do maestro Mozart Brandão e, em decorrência, também estudei piano...

Meu pai, Antônio Rôla, sempre trazia em casa algum amigo para tomar uns *drinks* e conversar. Assim conheci artistas e poetas e de uma feita, o jornalista-escritor, Caio Cid. Um pintor, Raimundo Campos, fez na minha frente, com lápis e papel, um retrato do meu pai que me deixou encantado. Me lancei e cheguei até a ganhar uns trocados com uns perfis de pessoas que desenhei na época... Ao conhecerem meus primeiros desenhos, esses visitantes, amigos do meu pai, sugeriram que eu frequentasse a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Eu tinha uns 8-10 anos e minha mãe, Alice me levava às quintas-feiras à noite para as sessões de desenho nos altos de um bar na Praça José de Alencar. Entretanto, logo que adotaram um modelo nu, uma mulher, não mais pude comparecer às aulas na SCAP por ser menor de idade... Parei com as “artes” por uns 20 anos...

Estudos e ciência

Adolescente, ganhei bolsa de estudos de um deputado amigo da família com a qual fiz o “ginasial e o científico” no Colégio São João. Uma escola de elite, onde comecei como bedel e um dia lá cheguei a ser Prof. de Química. Na verdade, sonhava cursar engenharia eletrônica no Ins-

tituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), mas não havia como prestar exames em Recife. Então, resolvi fazer o vestibular de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) por influência de um colega de colégio, filho de médico, hoje Dr. Raimundo Porfírio Sampaio. Estudamos juntos e fomos aprovados, ambos em primeiro lugar. Ele foi para a cirurgia e eu para o laboratório.

O gosto pela ciência, sem dúvida, surgiu naquele momento em que começamos a nos preparar para a identificação de substâncias químicas, ânions e cátions para a prova prática de química no vestibular. Na Faculdade de Medicina logo passei a frequentar a “cadeira” de Bioquímica e, como monitor, tomei gosto pela química mesmo a despeito de lá não haver ainda uma tradição de pesquisa. Só aulas práticas. Graduei-me em Medicina pela UFC em dezembro de 1961. Como na época não havia indicação explícita de como um jovem pudesse seguir adiante na carreira científica, recebi de um amigo, Dr. Airton Xavier, a recomendação de entrar em contato com o pesquisador Júlio Pudles que, naquele momento, se transferira da UFMG para o Departamento de Bioquímica da Faculdade de Medicina da USP, chefiado então pelo Prof. Isaias Raw. À minha custa, fui a São Paulo, conheci o professor Júlio Pudles e ficou acertado que ele me orientaria.

Mercê de uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), iniciei meu doutorado na Universidade de São Paulo (USP) (o primeiro no Brasil) em 1962. Mas, em 1964, por conta do golpe militar e da “caça às bruxas” que impossibilitou a vida acadêmica, no país inteiro, o Prof. Pudles teve de deixar o país e somente fui revê-lo 15 anos depois na França. Retornei ao Ceará, onde residia e era professor da UFC, e só em 1966, após a vida acadêmica na USP permitir, lá obtive o doutorado com um estudo sobre inibidores de enzimas proteolíticas em lombrigas de porco. Assim, pelas derivas do viver fui o primeiro docente da UFC a obter o título de Doutor.

De volta ao Ceará, logo constatei inexistir na Faculdade de Medicina condição de trabalho de pesquisa, o que consegui no Instituto de Química da UFC, no tempo do Prof. Manuel Mateus Ventura, mediante bolsa da Comissão Central de Pesquisa da UFC. Lá desenvolvi, de 1964 a 1967, pesquisa inédita, com o Prof. Cilenio Correa Aguiar, sobre a existência de inibidores de enzimas proteolíticas, desta feita na batata inglesa, trabalho publicado nos Anais da Academia Brasileira de Ciências.



Como a vida acadêmica local, no Brasil, se tornava mais e mais difícil, pela atmosfera ditatorial que envenenava o país em suas múltiplas dimensões, consegui uma posição de pesquisador no *The Public Health Research Institute* da cidade de Nova York, onde permaneci por 3 (três) anos, de 1967 a 1970, graças a mediação do Prof. Walter Colli, da USP que, à época, já trabalhava no mesmo Instituto. Nos 2 (dois) primeiros anos, trabalhei no Departamento de Bioquímica sob a orientação de Maynard Pulmann, na biossíntese de lipídios nas membranas interna e externa de mitocôndria de fígado de rato. No terceiro ano, 1969-1970, agora em outro departamento, o de Genética, então chefiado por Paul Margolin, fiz parte do grupo, junto com o casal de pesquisadores brasileiros Marina Pasetto e Francisco Nóbrega, da USP. Sob a orientação de Michio Oishi, estudávamos a atividade enzimática isolada da bactéria *Escherichia coli* que era, ao mesmo tempo, DNase e ATPase (DNA dependentes) e poderia fazer parte dos mecanismos de recombinação genética... Tratava-se de assunto nascente naquela época e objeto de intensa concorrência no domínio da nascente biologia molecular.

Reflexões político-filosóficas

No Brasil, era a ditadura militar que a todos inquietava e comprometia, e nos Estados Unidos da América (EUA) era o clima gerado pela ignominiosa guerra movida contra o Vietnã. Naquela época, lendo, soube que os EUA, com Lindon Johnson, já tinham despejado 100 mil toneladas de napalm sobre o Vietnã... Aos poucos fui me dando conta da ciência para fins militares, as reações a ela e o papel dos cientistas nela.

Com o tempo, dei-me conta que questões políticas e filosóficas acerca da atividade da ciência, não eram bem-vindas na vida acadêmica em lugar nenhum. Em New York City (NYC), o chefe do laboratório desaconselhou a leitura do livro *Dupla Hélice*, do James Watson, Prêmio Nobel nos anos 1950, por não se tratar de ciência e sim de “mexericos”, afirmou ele. Isso, pelo fato de Watson contar no livro, candidamente, como a estrutura do DNA foi proposta por ele e Francis Crick, revelando o domínio das relações e conveniências (e inconveniências) em que o fato se deu. Esse incidente, uma censura, aumentou minha curiosidade e reflexão sobre o fazer científico e sua filosofia, com que me ocupo desde então. Ainda em NYC, quando de uma greve de trabalhadores da

saúde, percebi que os cientistas-chefes menosprezavam algumas das reivindicações feitas pelos servidores. E também dei-me conta de ser um mero “operário”, com mulher e casal de filhos, que tinha de trabalhar duro para ganhar modesto salário de 600 dólares mensais, descontando 125 de aluguel.

Salvo pelo lampião

Até aí eu era tão somente um jovem médico brasileiro fazendo pesquisa científica no Instituto de Saúde Pública e Pesquisa de Nova York. Eis que, um dia, aparece um casal querendo falar comigo. Ele se apresentou como Joe Tobin, pintor e ela Margareth Wagner, escritora. Ambos disseram que eram conhecidos do meu orientador no Departamento de Genética, cuja esposa era uma pintora de renome. Sabendo que eu era brasileiro, queriam informações sobre bandoleiros do Nordeste, o cangaço etc. Daí solicitei e logo recebi de um tio, um livrinho sobre Lampião, cangaço etc., e lhes repassei. Em razão disso, nos tornamos amigos e ocasionalmente passamos a nos visitar. Descobrimos que morávamos na mesma área. Enquanto isso, a vida de cientista no Instituto de Saúde Pública e Pesquisa de Nova Iorque corria como esperado: muito trabalho, salário curto e as pressões do mundo científico para publicar. Aos poucos, fui me inteirando de que a bioquímica já era uma ciência perdendo o brilho de outrora. Enquanto isso, surgia a biologia molecular como a real novidade acadêmica que atraía pesquisadores jovens, à época, identificados com os movimentos de liberação social dos anos 1960 da Nova Esquerda que agitava os EUA, com o meme “sexo, drogas e rocknroll...”

Eu e a política

Em Nova York desembarquei “esquerdista”, “cubanista”, “guevarista”, não apreciava o regime de exceção no Brasil, fã de Fidel e da revolução cubana, Lastimava o envolvimento dos EUA na sanção ao regime cubano, bem como na guerra do Vietnam e nos seus envoltimentos geopolíticos alhures. Ingênuo e estrangeiro, eu não fazia ideia de que era a Esquerda Pós-Moderna que animava o mundo e eu nem sabia disso. Herbert Marcuse, era um dos filósofos daquela era e de hoje mais ainda, como diz o movimento “woke” de agora. Logo adquiri seu livro *O Homem Unidimensional*. Marcuse foi um dos famosos filósofos da Escola de Frankfurt que, junto com outros



famosos, deixou a Alemanha nazista rumo aos EUA. Convém observar que a escola de Frankfurt vem, desde então, com sua visão pós-moderna, minando nas universidades e nas escolas a maneira capitalista de ser dos EUA, tarefa-missão essa cada vez mais adiantada e dando resultados.

Verdade se diga, eu era um ingênuo brasileiro antiamericanista que logo se identificou com os movimentos artísticos e sociais libertários em curso: Woodstock, Black Panthers, feminismo, Beatles, Stevie Wonder etc e etc... Claro que, com saudade da “santa terrinha”, me ligava nos maravilhosos sons advindos da Tropicália, movida por Gil, Caetano, Gal, Chico Buarque, Elis Regina e muitos outros geniais artistas brasileiros, todos eles ídolos de sempre.

Eu e Joe Tobin

Bom, depois de seis meses de amizade e alguns encontros em nossas casas, onde falávamos mais em arte, um dia acordei com uma vontade de desenhar, pintar e pedi ao Joe ajuda para adquirir material de pintura. Com entusiasmo de iniciante, comecei a pintar temas domésticos, jarros de flores, pessoas. Ele achou que eu levava jeito e me convidou para, aos sábados, pintar junto com ele no seu atelier na rua 14. Cada qual na sua tela, pintando os mesmos temas. Foi instrutivo por um tempo e ele me aconselhou, depois, a frequentar o ateliê da pintora Agnes Hart na Liga do Estudante de Arte de Nova York. Lá, aos sábados, tive o privilégio de conviver com adultos e crianças. A partir dessa experiência, entrei na emoção de ser pintor, de pintar sempre, dali pra frente. Fazia ciência de dia e, de noite e nos fins de semana, pintava, desenhava e também passei a fotografar. Ao final do meu estágio consegui fazer uma exposição do que andei pintando por lá.

A mudança radical

No final de 1970, de volta ao Brasil e ao Instituto de Química da UFC, desenvolvi pesquisa sobre mobilização de lipídios ao longo do processo germinativo do feijão de corda.

Em 1974, e mediante convite, retornei à Faculdade de Medicina da UFC, desta feita por concurso, ficando à frente da disciplina Bioquímica Médica, no Departamento de Fisiologia e Farmacologia, cuja pesquisa de pós-graduação, a partir daí, passou a contar com os equipamentos

como ultracentrífuga, cintilógrafo etc. e outras facilidades que eu havia adquirido ainda no início dos anos 1970 através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e que só foram desembaraçados 4 (quatro) anos depois.

Experiência didática na Graduação de 1974 a 1979

Na escola médica, me apercebi que nossas práticas pedagógicas naquele tempo, baseavam-se na desconfiança, no controle agressivo, na manipulação autoritária, por parte de nós professores, no mando e na obediência negadora dos aprendizes. Eu me perguntava: como falar de humanismo e ética na escola médica se a convivência “pedagógica” se dava num ambiente social competitivo e negador do outro, no qual a relação mestre-aprendiz se realizava, de certo modo, no controle sistemático e agressivo dos alunos? O mal é que práticas sociais baseadas na desconfiança, no controle, na manipulação autoritária, no mando e na obediência negadora do aprendiz desumanizam e fazem surgir o “submisso hipócrita” em vez do ser autônomo reflexivo e responsável, como seria o melhor. Por sugestão de um amigo, Prof. Nelson Vaz, então na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1985, passei a estudar a teoria da autopoiese dos eminentes cientistas chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, segundo os quais, a colaboração, e não a obediência, somente surge quando a relação mestre-aprendiz se funda na aceitação e na legitimidade do outro.

Para motivar o estudo e incentivar a reflexão, com uma modesta ajuda da Funarte, o Professor Marcus Vale e eu animávamos em grupos de 4-5 alunos, a pintura de fluxogramas da fisiologia, nas paredes fora das salas de aula, criando assim o Muro Didático e apoiando outras manifestações artísticas dos alunos, como o teatro, poesias, cordéis etc...

Reconfiguramos o “currículo” da disciplina e também o ritual didático, turmas de 50 alunos eram divididas em duas de 25 alunos. Grupos de 4-5 alunos tinham a tarefa de apresentar ao fim do curso uma monografia editada, versando sobre temas que facilitavam o aprendizado da bioquímica: Cirrose, desnutrição etc. A cada aula, os grupos davam uma aulinha dando conta do progresso na feitura das monografias. Na medida dos nossos apercebimentos, na época, fizemos o possível para conduzir os encontros num clima de confiança. Instituímos a autoavaliação e observamos, curiosos, que todos os alunos se davam sempre altos conceitos; raro



foi algum deles a se subavaliar. Um *trend* comum aos seres humanos. Claro que esse movimento, e mais outras questões, sem dúvida, motivaram a retirada extemporânea da disciplina “Bioquímica Médica” do currículo médico, para voltar à grade curricular da Faculdade uns 20 anos depois.

Um docente sem disciplina: um “recomeço”?

Em decorrência disso, e em dificuldade existencial, consultei a UFC e tive que me mudar para o setor de estudos de Fisiologia, passando a frequentar o laboratório do Prof. Luiz Recamonde Capelo. Assim, tive a proveitosa parceria com o brilhante amigo, mestre em Fisiologia Renal pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1973. Na ocasião, o Capelo tentava configurar experimentalmente o papel do trato gastrointestinal na regulação do volume do líquido extracelular em mamíferos. O professor Capelo continuou seus estudos e eu, em mais uma mudança, num segundo pós-doutorado.

Doze anos depois do movimento de 68, estive na França de 1979-1981, na Universidade Paris XI, outra vez sob a orientação do prof. Júlio Pudles (meu orientador na USP, nos idos dos anos 1960). Fiz parte de um grupo que estudava a biologia celular da formação do citoesqueleto quando o ovo de ouriço do mar era ativado artificialmente por procaína. Também lá, à guisa de extensão promovi, na Paris XI, uma exposição de mais de 50 obras dos pintores da Escola do Pirambu, que foram alunos do famoso pintor primitivista brasileiro, já falecido, Chico da Silva.

A filosofia da ciência

Há tempos interessado pela filosofia da ciência, assisti na Sorbonne, durante dois anos, 1979-1981, aos sábados, às palestras do filósofo Michel Serres sobre “História e Filosofia da ciência”. Foi uma experiência gratificante e intelectualmente instigante que me acompanha até os dias de hoje.

Nas artes, com apoio do artista francês Alain Pauzié, também economista da Comissão de Energia Nuclear, consegui exibir meus desenhos, pinturas, objetos e fotos feitos lá, numa mostra intitulada “L’artisanat do Quotidien” num Centro Cultural da região parisiense. Curioso acontecimento, lá reencontrei o Joe Tobin, o pintor de Nova York que visitava Paris... Ademais, após uma missão científica de um mês na Estação de

Biologia Marinha François Arago, no sul da França, com tudo o que eu podia fazer arte. Fiz outra pequena e rápida mostra, no espaço cultural da Estação, tendo os cientistas como visitantes, que intitulei “P’Art Terre, P’Art Tout: arte no chão e em qualquer lugar”. Foi bem apreciada.

O Retorno

Em 1981 retornei ao Brasil e dei-me conta de que também não contaria na UFC com condições experimentais para dar continuidade ao que fizera na França, que dependia de microscopia eletrônica e mais coisas. Assim, deixei de lado a biologia celular e retomei a colaboração com o Prof. Luiz Capelo na motilidade gastrintestinal que estava em andamento. Muito aprendi com minha decisão e não me arrependi.

Porém, o Prof. Capelo faleceu de modo inesperado um ano e meio após a retomada dessa parceria, em dezembro de 1982. Em meio a essa tragédia, assumi a responsabilidade do laboratório de levar em frente sua pesquisa junto com os alunos bolsistas do CNPq, hoje médicos e pesquisadores atuantes na UFC e alhures.

Nós, os sobreviventes, assim o fizemos. Foi difícil, pois não contávamos com nenhum voto explícito de solidariedade e apoio a partir da instituição, talvez por eu ser um “fisiologista” iniciante. Com dedicação, determinação e trabalho duro, retomamos a pesquisa e observamos experimentalmente, e sem dúvida, que a motilidade gastrintestinal variava com o volume sanguíneo. Para nos fortalecer, o então estudante de medicina e hoje Prof. Titular Armênio Aguiar, insistiu em cursar seu Mestrado em Fisiologia e não em Farmacologia. Entrei, então, em contato com o Prof. Fernando Alzamora da UFMG, com quem o Prof. Capelo obtivera o Mestrado. De lá, veio o argumento de que não dispunham de orientador com experiência na área de “gastrintestinal” e, então, seria necessário que alguém da UFC fosse previamente passar um tempo na UFMG, para demonstrar experimentalmente a pertinência da nossa proposta. Eu fui para a UFMG como Prof. Visitante e lá passei os 6 (seis) primeiros meses de 1985. Ao final, fiz uma palestra dando conta das pesquisas realizadas e a validade da proposta de trabalho foi aceita. O Dr. Armênio foi então aceito como mestrando e eu figurei como coorientador. O fato alvissareiro nas relações acadêmicas foi a UFMG aceitar coorientar um tema proposto pela UFC. Posteriormente, o Prof. Armênio complementou a formação, obtendo o Doutorado em Fisiologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

Nas artes, no tempo livre, comecei a desenhar e colorir a página do crime do jornal *O Estado de Minas* e chamei a arte de “A Cor do Criminoso”. De volta à Fortaleza, fiz o mesmo com o jornal *O Povo*: coloria a página do crime e a enviava pelo correio para a redação. Essa série foi intitulada “A Cor do Crime”. No momento, 3(três) dessas obras fazem parte de uma mostra na Pinacoteca do Estado.

A ciência, La nave va

Essa linha de pesquisa, na fisiologia de órgãos e sistemas, na UFC, continua em desenvolvimento, sob óticas diversificadas, dando bons frutos, sob a responsabilidade dos Profs. Armênio Aguiar, Miguel Nobre, Francisco Gondim, Gerardo Cristino e Ronaldo Graça, estes dois últimos na Faculdade de Medicina em Sobral. Desse grupo inicial, teve ainda o Dr. José Xavier Neto, que pesquisava embriologia no Laboratório Nacional de Biociências (LNBio) em Campinas.

Em resumo: com o falecimento do Prof. Capelo, de bioquímico virei aprendiz de fisiologista. Traumatizados, em homenagem batizamos o ambiente de trabalho de Laboratório Escola Prof. Luiz Capelo, nome que perdura até os dias de hoje.

Infelizmente, por conta das minhas visões e “idiosincrasias acadêmicas”, as incompreensões continuaram e resolvi dar um basta nessa dificuldade. Em 1991 me aposentei para sair da cena e me proteger um pouco como ser humano, pois já tinha tempo de serviço o suficiente. Assim o fiz, sem abandonar as ideias de antes, nem a pesquisa ou o ensino, pois era pesquisador do CNPq e, por ser aposentado, era assistido pelo Programa de Apoio ao Professor Aposentado (Propap).

Filosofia da ciência na pós-graduação em Farmacologia

Um gancho. Muitos anos atrás, o Curso de Pós-Graduação em Farmacologia criou uma disciplina na pós-graduação em Farmacologia, dirigida a reflexões sobre “metodologia científica e filosofia da ciência”. Como não surgiu nenhum docente interessado, e contando com alguma “experiência” passei a animar essa disciplina sob as luzes da Biologia do conhecer de Humberto Maturana e de Francisco Varela e das ideias do filósofo francês Michel Serres. Nesse Curso, oferecido de modo ininterrupto desde 1992 até 2016, além de “conversas”, o envio de e-mails para os alunos com comentários e textos sobre ciência, arte, cultura, política, ativismos ambientais, sempre acompanhados de arte minha, eram recursos didáticos.

Extensão/Ativismo ambiental/OMC

A Organização Mundial de Saúde considera o ruído aéreo, depois do rodoviário, ameaça socioambiental de forte impacto na saúde humana. Anos atrás, me referi nas aulas aos meus esforços contra a poluição sonora aeroviária em Fortaleza, que resultara numa ação civil pública contra a União e a ANAC. Uma aluna da disciplina, a médica Conceição Aparecida Dornelas, Profa. Dra. do Departamento de Patologia e Medicina Legal da UFC, que também cursava, à época, Direito Ambiental na UNIFOR, veio a se interessar pelo assunto, a ponto de desenvolver estudos e escrever monografia sobre o tema. Em decorrência, ela organizou o **I Congresso Nacional Multidisciplinar de Ruído Ambiental Urbano e Ruído Aéreo**, em Fortaleza, em setembro de 2012, sob patrocínio da UFC/Unifor. Desse evento pioneiro na área do direito ambiental, resultou também a publicação do livro *Poluição Sonora por Aeronaves Versus Poder Econômico*, Editora CRV, no qual figurei como coautor ao lado das professoras Conceição Aparecida Dornelas e Mary Lúcia Andrade Correia, da Unifor. Em 2016 fui agraciado com o título de *Professor Emérito da UFC* e, finalmente me aposentei aos 80 anos de idade.

A exposição “Um Atlas para Hélio Rola”, com curadoria de Flávia Muluc, foi lançada virtualmente em março de 2021, e iniciou a visitação presencial entre os meses de setembro e novembro do mesmo ano, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, que integra o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), complexo cultural da Secretaria de Cultura do Estado, gerido em parceria com o Instituto Dragão do Mar.

Ao leitor, espero ter dado a ideia de uma trajetória acadêmica variada e plena de sobressaltos, temeridades multidisciplinares e alguns feitos.

Homenagem às cobaias, Departamento de Fisiologia e Farmacologia da UFC



AS MANGUEIRAS DA FAMED

*Dalgimar Beserra de Menezes**

Muitas vezes uma instituição, de ensino ou não, um logradouro recebe um nome carinhoso, um diminutivo, um apelido. Conheci criança a Praça General Tibúrcio, na voz de mamãe, como Praça dos Leões; quando estudante de medicina, ao fazer um estágio na Faculdade de Medicina da USP, Pinheiros, fins de 1965, desci de um bondinho à frente da CASA DE ARNALDO; trinta anos depois, em 1995, ao visitar a Universidade de Pádua, a Faculdade de Medicina, Itália, deparei-me com IL BO, e iria longe fosse mencionar mais nomes: prefiro parar à sombra das MANGUEIRAS do Porangabussu / Rodolfo Teófilo.

Aportei à sombra das MANGUEIRAS no começo do ano de 1962, quando existia junto delas um prédio chamado INSTITUTO EVANDRO CHAGAS, embora a maioria das aulas que iria ter fossem ser dadas noutro, o ANDREAS VESALIUS; no que 60 anos foram passando, muita coisa foi se modificando, mudando. No EVANDRO CHAGAS estava a Biblioteca...

Vou me esforçar para não citar nomes, não cometer injustiças, ainda assim preciso. Para a Aula da Saudade da Turma 2006.1, realizada debaixo das MANGUEIRAS, garatujei esta peça, e solicitei do Prof. Dr. Paulo Roberto Carvalho de Almeida musicá-la; o que ele fez, e nós todos a cantamos na solenidade, embaixo das MANGUEIRAS, aos dezenove dias do mês de junho de dois mil e seis; chama-se NAS MANGUEIRAS VOU DEIXAR MEU CORAÇÃO. Então: inspirado na canção PERDI MEU CORAÇÃO EM HEIDELBERG (*Ich hab ' mein Herz in Heidelberg verloren*, de Fred Raymond, Fritz Löhner-Beda e Ernst Neubach), em *I left my heart in San Francisco*, DEIXEI MEU CORAÇÃO EM SÃO FRANCISCO, música de George Cory, letra de Douglass Crosse...sem olvidar *Gaudeamusigitur / De brevitae vitae* canção que serve de Hino Universitário em todo o mundo, designadamente na Europa, com frequência interpretada em cerimônias de graduação ou formaturas. Em que pese o uso formal, hino jocoso, brincalhão, alegre, que chega a trocar da vida universitária, de autoria desconhecida, nascido na idade média... e em... digressão irreprimível: Evento: **Gaudeamusigitur**, 2014. Teatro Celina Queiroz. Instituição promotora: Universidade de Fortale-

* Professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

za - XVI Cerimônia do Jaleco - Curso de Medicina: 10/05/2014. Menezes discorre sobre a brevidade da vida, as tradições universitárias, canta *Gaudeamusigitur*, tendo convidado para acompanhá-lo João Erivan Façanha Barreto, médico, professor universitário, ex-aluno e violinista; Barreto JEF se fazia acompanhar de Enoque Martins, tecladista, professor da UECE. Barreto talvez um dia ainda interprete *De Brevitate Vitae* à SOMBRA DO MANGUEIRAL; quem me convidou a tomar parte nessa cerimônia, Feitosa HN. *Il vasansdire...* . Digressão insopitável, ainda hoje espero cantar de BREVITATE VITAE sob as MANGUEIRAS, embora minha voz esteja se acabando, só me restando lamentar e cantarolar YESTERDAY...livre associação interminável, cheguei ao que queria:

Nas mangueiras / vou deixar meu coração.
Sob aquela densa copa, / Portal que adentrei
Fui em buscar do saber, / Escondido, bem guardado,
À sombra de teus caminhos.
NAS MANGUEIRAS/ VOU DEIXAR MEU CORAÇÃO.

Lá sofri meus sobressaltos / E curti os meus cuidados.
Ao final das alamedas, / Encontrei o teu saber,
Encontrei os meus amores. / O saber fugidio,
Os amores se acabaram.
NAS MANGUEIRAS/ VOU DEIXAR
MEU CORAÇÃO.

MADRINHA MANGUEIRA / Mãe, doce sombra que abriga,
Enquanto lá fora / o sol castiga.
Cheguei inocente e verde / E saio ainda menino
De um doloroso parto / Mas largo as minhas saudades
Debaixo dessas mangueiras
E parto.

Quando eu voltar / Não sei se existirão
o/a menino/a / e a sombra do mangueiral...
NAS MANGUEIRAS VOU PLANTAR
MEU CORAÇÃO
(MENEZES; ALMEIDA, 2007).

Muitos anos antes desse episódio, passou-se este, mais intimista, publicado em 2020, resgatando fatos de mais de meio século antes, de quando eu assobiava indo e vindo, debaixo das mangueiras - passarinhos, tão sutis, pipilando no alto -, encontrando e desencontrando



peessoas; está em espanhol no original, de abril de 2020: “Por lamaanã venía yo silbando, bajo árboles de mango - casiningunahoy -, o enuncallejón de mi *Alma Mater*, la Facultad de Medicina de la Universidad Federal de Ceará, andaba silbando algo, sin siquiera saber qué, haciendo la melodía y el ritmo com la boca, la armonía y el ritmo conel resto del cuerpo: mitad de la década de los años 60 del siglo pasado, XX, más de médio siglo ... una chica guapa, joven como nunca podrá aún ser, me hizo parar elsilbato, - oye Dalgimar, estás silbando música española; dije que no, sabiendo que era casicierto. Ella dijo: ok, español acasi no, pero el Concierto de Madrid, silba basel Minueto de Boccherini. La niña se llamaba M..., si viva, tiene hijos, hijas, nietos, quizá...; y no espero volver a encontrarla bajo las mangueras, diciendo: Hola, Dalgimar, hoy estás silbando el primer movimiento del concierto de oboe más famoso de Albinoni... Jamás.

*Quebra-cabeças da memória, vire e mexe, passei mais de meio século debaixo das mangueiras, prossigo...nossa diretora **Valeria Goes Ferreira Pinheiro** me comissionou a falar sobre um passeante de debaixo das mangueiras, o Belchior, recém-falecido, assim comecei* “Vamos ambientar a nossa palestra MANGUEIRAS DA CANTORIA. Título criado pela Profa. **Pinheiro VGF**. Havia outras mais mangueiras. Isso digo por que estou aqui há 56 anos. 6 (seis) como estudante. Meio século como professor. Ali onde está o Departamento de Patologia, inaugurado em 1975, estava o Instituto Evandro Chagas. Mais para os lados da Maternidade, o Instituto Andreas Vesalius. Este recanto era chamado por muitos Território Livre das Mangueiras”.

Sem atixar ódios ideológicos, de que o país se empanturra, hoje, o termo era alusão a Cuba, Território Libre de América. Fazendo história, o convite postado na *net* para essas MANGUEIRAS DA CANTORIA, “Primeira Semana de Saúde da UFC - A Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará fará uma Homenagem ao Belchior na próxima semana dia 10 às 10h nas Mangueiras. A história será contada pelo Dr. DalgimarBeserra de Menezes. Envio o convite esperando que possam prestigiar. Será simples, informal, mas preparada com todo carinho pelo nosso coração latino-americano”... MANHÃ, TARDE DE 10 DE MAIO DE 2017.

A celebração foi filmada pela Dra. Ana Margarida Arruda Rosemberg, e está em youtube<https://www.youtube.com/watch?v=XHpS9DPmYjs>

Vamos celebrar tudo na voz do João Guimarães Rosa (2019, p. 293):

“O correr da vida embrulha tudo. / A vida é assim: esquenta e esfria, / Aperta e daí afrouxa, / Sossega e depois desinquieta. / O que ela quer da gente é coragem”.

Na minha vasta correspondência...Embaixo dAS MANGUEIRAS, passearam centenares de homens ilustres, vamos evitar nomeá-los... inclusive um prêmio Nobel. Da vasta correspondência que guardo em VALP, escolhi estas duas preciosidades para referir, sempre me penitenciando de não dar a lume outras eloquentes (duas eletrônicas), já publicadas por mim: dezembro 2002, dos Estados Unidos; missivista Erick Leite Maia de Messias, Turma 1996.1: “embaixo das MANGUEIRAS (...) li com prazer a coletânea intitulada A VIENA DE FREUD E OUTROS ENSAIOS... Seu autor Bruno Bettelheim ganhou proeminência em psiquiatria infantil...”. Em 25 de julho de 2002 recebi estoutra epistolazinha dos EEUU com o título de VOLTA ÀS MANGUEIRAS, de uma médica que pretendia regressar *backtothe mango trees*.

Para jamais perder vaza, curto aqui meu espaço para falar tanto... demais, no Evandro Chagas funcionava a Bioquímica, de que fui monitor junto com Leny Alves Cavalcante, titular da Academia Brasileira de Ciências, falecida em 19 de janeiro de 2022, e não certamente era dessas coisas que me propunha falar, mas do simples fato de aí, em 1962, ter sido aluno do Prof. Dr. Hélio Rola, de quem nunca possuí uma reprodução ou cópia de trabalho seu pictórico que me fizesse dialogar com as MANGUEIRAS, e tenho quase certeza de que as pintou. Já de Pedro José Negreiros de Andrade, turma de 1972, saco dos meus arquivos insanos e implacáveis a matéria A DERRUBADA DAS MANGUEIRAS, no *CMC Informa*, de maio de 1982. Claro, espelho, o artigo deve guardar relação com a derrubada das mangueiras da FAMED pelas gentes e pelo cupim, as térmitas.

A iconografia referente às mangueiras deve ser ampla, não entra aqui, exceto pelas lembranças, pois lá estou quase menino sentado ao pequeno coreto, à sombra...no livro de Mariano Araújo de Freitas, NÓS OS ESTUDANTES, versando sobre nós estudantes dos anos 60, com prefácio (e lançamento) de Antônio Carlos Gomes BELCHIOR Fontenelle Fernandes, TUDO OUTRA VEZ; na página 84 desse texto, há uma fotografia com a legenda TERRITÓRIO LIVRE DAS MANGUEIRAS, batida às Eleições da União Estadual dos Estudantes (UEE), de 1965. Em

publicação de 2006, escrevi eu “a foto esmaeceu, nós éramos meninos, hoje somos avós”, no PÁTIO DAS MANGUEIRAS.

Dali partimos muitas vezes para a vida: lembro-me bem de 22 de novembro de 1963, eu estava devorando livros, fazendo anotações de margens de páginas, recebendo cartões de dona Cleide, por riscar livros que não eram meus; aí alguém adentrou a grande sala de leituras, disse: - Acabaram de matar o presidente Kennedy... Clima da ALIANÇA PARA O PROGRESSO (*Alliance for Progress*), que nós denominávamos de ALIANÇA PÁRA O PROGRESSO, para do verbo parar. Recordo bem que eu estava a uma mesinha com uma moça loira, chamada Cristina, eu sou apreciador de mulheres, mas juro que nunca mais a vi, como é que pode? A memória se esboroa. Daí saímos para a sombra das MANGUEIRAS, alguns tristes, chorosos... Nisso, vida curta, encaminhei-me à casa, a pé, passando pela igreja dos redentoristas, ao São Gerardo, tão perto; na frente de uma casa, uma senhora jovem, bela como uma diaba, meio zangada, saiu pela porta da frente presumivelmente de casa, vassoura às mãos, me apontou com cabo de vassoura, vociferou:

- Como é que foram matar um homem bonito daquele, por que não atiraram nesse bicho feio, - me apontava – por que não mataram este bicho feio?

Sem me rir, sem chorar, como José Américo de Almeida, segui meu caminho, ainda longe, presumia, do encontro com a “indesejada das gentes”...

Daí ao episódio do FUSCA AZUL, um passo somente: o espaço do estacionamento debaixo das mangueiras estava se enchendo de fuscas, fusquinhas; um azul, de **João de Paula Monteiro Ferreira**, que logo depois vai suportar longo exílio mundo afora, nos metemos, ele, Luiz Teixeira, se não me engano, e eu, saímos da sombra benigna, em direção à Praça José de Alencar, protestar contra o AI-5... final dezembro de 1968; cuido que jamais vi tanto estudante junto... hoje todos idosos, mas ainda se manifestando, ou “dormindo profundamente”.

AS MANGUEIRAS foram amplamente documentadas por mim, em filmes, quando os filmes eram coisas raras, os nossos. Outro dia, soube de um apresentado no Rio Grande do Sul, roubado de mim, por gente que toma gosto em roubar coisas dos outros as dizendo suas, sem oferecer os créditos, que não esteja eu sendo vítima de notícias mentirosas. *Fake News*. Penitencio-me.

Para a Aula da Saudade da turma 89.1, fiz um de mais de meia hora, cujo início documenta algo, desaparecido, ao que consta, para sempre? Existia um monumento com um LIVRO DESFOLHANTE, em pedra, na frente do Departamento de Patologia e Medicina Legal, contratei um profissional de imagens, de cinema, da firma Prisma, FERNANDO LIMA, para filmar a turma chegando ao entorno desse monumento muito belo, de SÉRVULO ESMERALDO; passamos a manhã toda registrando imagens... os formandos que se foram chegando aos poucos ou sozinhos, ÀS MANGUEIRAS, ao monumento; pus na trilha sonora peças de ALBERTO NEPOMUCENO e VILLA-LOBOS, do QUINTETO ARMORIAL, ainda mais, quadros de PORTINARI... daí saímos rumo ao COME ME PARE e ao CAMARADA BAR, do JONAS, todos de saudosa memória. E, noutra desses filmes – são vários, coloquei na trilha sonora a bela peça norte-americana SAINT JAMES INFIRMARY, que em toda parte se ouve, mas também à SOMBRA DAS MANGUEIRAS. Enfim, o monumento do livro de páginas esvoaçantes, de SÉRVULO ESMERALDO desapareceu, sumiu; já perguntei a mundos e fundos onde andará, ninguém dá notícia, ninguém se habilita a me responder. E O VENTO. LEVOU, GONE WITH THE WIND. Ficou na mente de muita gente nos quatro cantos do mundo. Portanto, vai desaparecer, vai desaparecendo. Está indo...

Nós todos os dias íamos chegando, aos *abraços* das MANGUEIRAS, e todos os dias saíamos satisfeitos ou não, *aos acenos* das MANGUEIRAS e de seus pequenos pássaros, passarinhos. Entretanto, ao longo de muitos anos, vi meninos crescerem, prosperarem, ter filhos, netos, trabalhando à SOMBRA DAS MANGUEIRAS, como o PIRATA. Filmei-o mais de uma vez em diferentes etapas etárias e é imperdoável até que mesmo hoje não lhe saiba o nome de pia. Não é único, é somente um exemplo; um outro, meu prezado amigo Veronildo, morador de rua, *homeless*, descansava ao remanso das velhas árvores, atendendo pelo apelido de SOMBRA ou de *Mr. Shadow*, ouvindo os passarinhos. Um dia, soube-se a notícia de que encontrado morto na beira da lagoa do PORANGABUSSU. Reza o dito anglo-saxônico NO NEWS IS GOOD NEWS. Porém, também vi menino nascer debaixo das MANGUEIRAS, ali entre o DPML e a sede do CA XII DE MAIO. De repente, um belo dia, estava lá uma senhora quase deitada de costas, gemendo de dor, alguns estudantes me chamando para atendê-la, fui ver o que poderia fazer, não era muito, me esforcei junto, de frente ao bebê que estava



nascendo. Fiquei lá dando o pouquíssimo auxílio que podia dar... pedi penico, ou seja, pedi a um dos estudantes fosse célere à Maternidade Escola, solicitar ajuda de um obstetra, estivesse de plantão ou não, mas que viesse, que estavam ali nas MANGUEIRAS duas pessoas ou três em apuros, uma mulher parindo e um médico inábil para essa emergência. Rapidinho chegou um médico, semi-sorrindo, assumiu meu lugar quase estratégico. Tenho certeza de que o nome do médico era Roberval, tenho quase completa certeza de que era o Dr. **Roberval Barreto**. E nunca vou saber como era o nome da digna senhora parturiente, nem do que nasceu, que se vivo estará com cerca de quarenta anos, e já poder ter tido filhos...Era a criança, se não me engano do sexo masculino. Que frase mais besta!

“Eia pois advogada nossa esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei”. Exsultate, jubilate. Vou terminar com coisas bem particulares. Poucas vezes vi o Exército acantonar tropas debaixo das MANGUEIRAS, mas vi, com algum senso de humor, pensando no nome científico do pé de manga, *Mangifera indica*...

Debaixo delas se realizava o trote dos calouros, coisa estúpida, um jovem gritando asneiras com outro - PAKANNOVA! Mede cá esse chão com este palito de fósforo! Em ano de seca exigindo que o **bicho** gritasse: – Prof. João Ramos, o senhor vai ou não fazer chover? Trote não me apetecia, ficava eu sentado a um meio-fio de pedras assoviando o segundo movimento da SONATA PATÉTICA.

Muitas vezes, mas muitas, aportávamos à sombra das árvores, vindos a pé do São Gerardo, meu colega amazonense Antônio Dantas Nobre e eu e, muitas vezes voltávamos a partir das mangueiras, o mesmo Dantas Nobre, tantos outros, Lúcio Alcântara, até uma digna senhora Maria Helena Calixto Alencar, nós não tínhamos a menor noção do que o destino nos preparava, e achávamos bom...

Já não mais tão jovem, toda tardinha me sentava ao fio de pedras na frente do Departamento de Patologia a ver o desfile das garotas, vezes, amiúde, me recitando Byron: *She walks in beauty*, ela anda em beleza, que coisa extraordinária o andar natural das mulheres, independentemente da moda, das épocas, dos costumes, *O tempora O mores...She walks in beauty, like the night / Of cloudless climes and starry skies...*

Estou sentado e espero qualquer coisa sempre prestes a haver. Com frequência se me surgia Gláucio Sombra... Fernandinho Malleiros, Airton Monte, Clinete Sampaio, Prof. Dr. Marcelo Gurgel, *plus* uns dez mil; nisso, uma criatura belíssima senta-se ao meu lado, alguém nos fotografa, nossos mestres estão voltando para casa, os carros vão mudando rápidos, e se estão indo, meu colega de turma, Fernando Dias Branco, ora empolgava um Sinca, ora um Jeep, meu colega que vai ser o grande cientista Manassés Claudino Fonteles ora dirigia uma lambreta, ora um Volkswagen, fusquinha, os fuscas povoaram o mundo... depois vão desaparecer. Estão, todavia, neste texto sob as MANGUEIRAS.

Não sei o que as pessoas sentem atualmente, o que pensam, mas estou satisfeito, uma estudante muito bonita, muito jovem e muito inteligente, senta-se ao meu lado, perto das MANGUEIRAS que estão escasseando, pois é, senta-se ao meu lado, e diz:

- Professor, descobrimos uma coisa sobre o senhor, queremos lhe comunicar: O SENHOR É ASPERGER.

Quedei-me supinamente contente. Eu não queria me concluir. Alguém brilhante, sem ironia, me dava a chave de mim mesmo que eu perdera ou nunca possuía.

Outra de mesma estirpe me tira um retrato, penso em LAS BABAS DEL DIABLO, de Júlio Cortázar, no filme BLOW UP, de Antonioni... e... *Ceci n'est pas une pipe*, de René Magritte... não penso, logo existo.

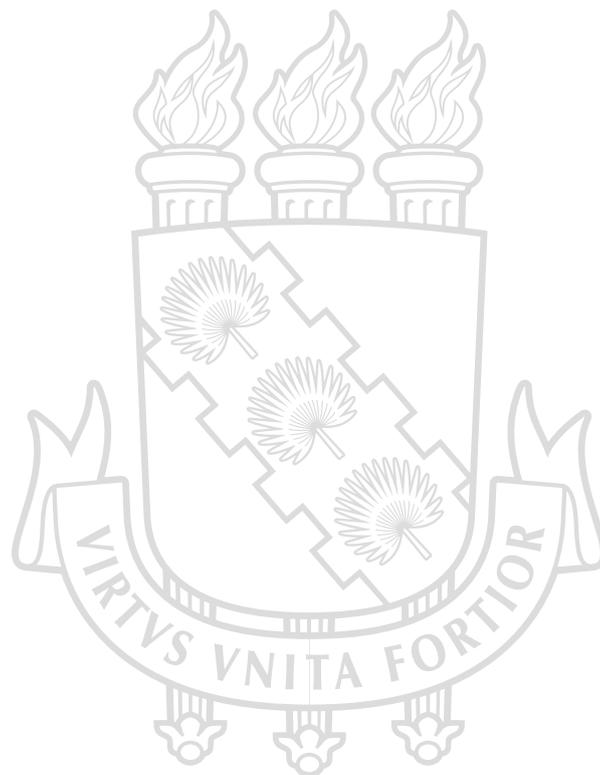
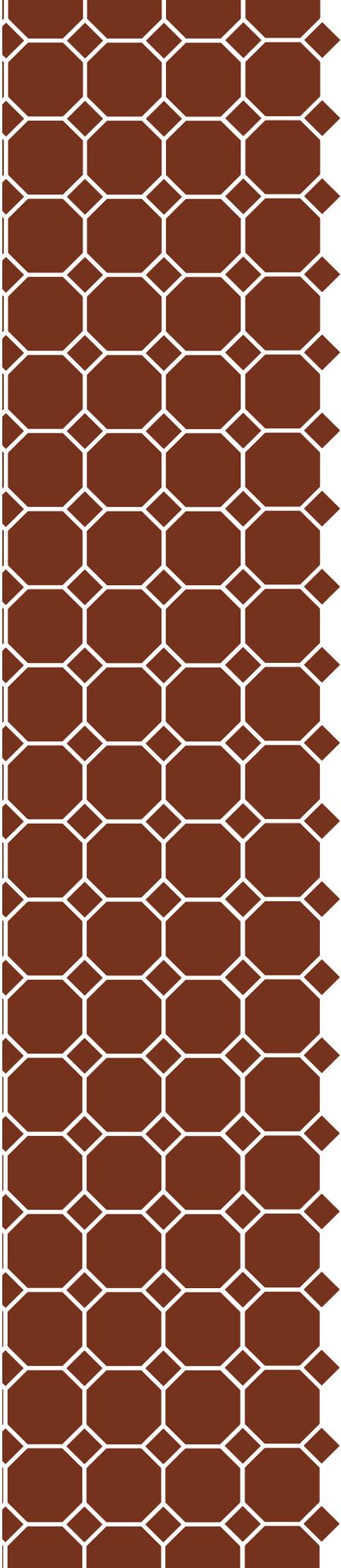
Entrevistei uma jovem médica recentemente, para concluir. O que pensa você sobre as MANGUEIRAS, como sente você as mangueiras, a SOMBRA DAS MANGUEIRAS DO PORANGABUSSU? *Ipsis litteris*, Araújo RCB: “Apesar de permanecerem lá silenciosas estamos sempre lembrando as suas presenças pela possibilidade, de uma manga, de supetão...

...Um corpo que cai...Cai uma manga, *Splash!* esparrama-se, sumarenta, melíflua, na capota de um carro.”

Ao modo como marcam presença eternamente os passarinhos.

Nota: Mantidos os sinais gráficos, os itálicos, os negritos e as letras maiúsculas conforme texto original, por solicitação do autor.





O AMANHÃ

PERSPECTIVAS FUTURAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

*José Glauco Lobo Filho**

O presente é fugaz e breve é a existência humana, como nos ensina o genial Machado de Assis (1839-1908) em um trecho da sua monumental obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jucundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste” (ASSIS, 1997, p. 30).

Inspirados pelos escritos do “Bruxo do Cosme Velho”, na voz de seu protagonista Brás Cubas, em um exercício mental, somos capazes de imaginar um passado o qual não vivenciamos e, da mesma forma, idear um momento subsequente aos tempos. Decerto somos todos meros instantes da vida, pois permaneceremos apenas como memória, enquanto as instituições, bem como o tempo, sobrevivem a nós, continuando pelas gerações seguintes.

A celebração do septuagésimo quinto aniversário de criação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (Famed/UFC), a primeira escola médica no estado, é uma excelente oportunidade para refletir a respeito do tempo, com a possibilidade de efetuar projeções futuras. Para construir um caminho luminoso no amanhã devemos, sobretudo, guiar-nos pelo exemplo sólido de trajetórias passadas, sem esquecer do conjunto de valiosas lições de sabedoria e humildade aprendidas na convivência com os mestres, no ambiente universitário e com os pares. Esta longa trilha, percorrida pela orientação do mapa e da bússola, não deve prescindir da direção certa, e o sentido maior, a caminhada tampouco pode deixar de ter.

A tradicional e vitoriosa Famed/UFC, instituída em 1948, reconhece o legado de médicos, cientistas e educadores visionários que nos antecederam. Além de conceber, em meados do século passado, uma instituição pioneira de formação médica na ensolarada e litorânea Fortaleza, os fundadores da Faculdade de Medicina tiveram ainda outro meritório papel: contribuíram decisivamente para os es-

* Professor Associado de Cirurgia Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vice-Reitor da UFC.

forços que deram origem à própria Universidade Federal do Ceará, *alma mater* do ensino superior da Terra da Luz e patrimônio maior do povo cearense.

Nossos antepassados acadêmicos conseguiram vencer a descrença, investiram no talento e na engenhosidade, colocando-se acima de desejos pessoais, do imediatismo, da vaidade e da diferença de concepções político-partidárias. Reunidos em torno de ideais civilizatórios e humanistas elevados, lograram êxito em proporcionar a sonhada formação profissional em medicina nos âmbitos do ensino, da pesquisa, da extensão e da assistência em prol da saúde e do bem-estar geral da população.

Retornaremos duzentos anos, ao início do século XIX, para contemplar um horizonte histórico ampliado, uma vez que o impulso para se estabelecer a formação médica no Brasil adveio das iniciativas precedentes da Escola de Cirurgia da Bahia, em Salvador, e da Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Localizadas nas duas primeiras capitais brasileiras, ambas foram autorizadas via decretos de Dom João VI, quando da chegada da Família Real Portuguesa em 1808.

No século seguinte, uma tentativa anterior de implantação do ensino médico no Ceará ocorreria em 1913, com o Centro Médico Cearense, e foi preciso esperar por um período de amadurecimento de mais 35 anos até a nossa Famed ser efetivamente fundada. Nos anos 1940, encontramos na Sociedade Promotora da Faculdade de Medicina do Ceará o registro de um núcleo precursor mobilizado para alcançar esse empreendimento, com a participação de lideranças da classe médica local como Jurandir Marães Picanço, Waldemar de Alcântara e Silva, Newton Teófilo Gonçalves, Walter de Moura Cantídio e José Carlos Ribeiro.

Como integrante ativo do movimento e contemporâneo desses luminares, estava o médico e professor João Otávio Lobo, catedrático de Medicina Legal e presidente da Sociedade Médica São Lucas. Como fato histórico digno de nota, após o I Congresso Brasileiro de Médicos Católicos, realizado na capital cearense em 1946, Lobo enviou um ofício dirigido ao governo federal solicitando a criação, no Ceará, de uma Faculdade de Medicina. O presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e o ministro da Educação, Clemente Mariani, responderam afirmativamente ao documento, conferindo assim maior prestígio e estímulo para que prosseguissem os trabalhos. Os originais do ofício assinado por

Otávio Lobo estão sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação de História do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Novamente avançando na marcha inclemente do tempo, até o ano 2000, o Curso de Medicina da UFC em Fortaleza, ofertado na modalidade bacharelado, era o único do segmento existente em todo o território cearense, tanto em instituições públicas quanto privadas de ensino superior. Atestada a excelência da formação médica praticada na capital, a partir de 2001, portanto, na alvorada do corrente século, a graduação em Medicina da UFC expandiu e se interiorizou, tendo sido implementada nos municípios de Sobral, no norte do estado, e Barbalha, que atualmente integra a Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Durante os últimos 75 anos, a sociedade moderna passou por múltiplas transformações, observadas em um cenário intenso de mudanças, que influíram significativamente sobre a formação médica, o exercício da medicina e a atuação dos demais profissionais da saúde. A economia do conhecimento, a quarta Revolução Industrial e a preponderância dos meios tecnológicos, com destaque aos veículos de comunicação, são aspectos fundamentais para tentarmos entender a crescente complexidade dos fenômenos observados hoje no mundo.

Historicamente, a formação médica e a prática da medicina sempre foram alicerçadas, diferentemente da maioria das outras atividades, no estudo das ciências naturais e humanas. Por essência, a medicina é privilegiada por possuir um diálogo interdisciplinar entre distintos saberes, o que lhe confere bastante força conceitual, traduzida na humanização, no engajamento e no compromisso social da boa prática médica. Isso ocorre pela necessidade de abordar e compartilhar a intimidade do que existe de mais importante: a complexa vida humana. O exercício da medicina caracteriza-se pela união do conhecimento objetivo, proporcionado pelas ciências da natureza, com a subjetividade e relatividade das ciências humanas, união fundamental para a construção do saber médico, algo incomensurável.

No início da década de 1990, um movimento liderado pela epidemiologia clínica anglo-saxônica, com a participação de um coletivo de estudiosos reunidos na Universidade McMaster, no Canadá, criou o conceito de “medicina baseada em evidências” (MBE). Além de influenciar fortemente em várias ações e condutas que repercutiram em todas as áreas no campo das ciências médicas, a MBE promoveu

uma profunda reforma no ensino médico, notadamente no Ocidente, tendo como parâmetros as diretrizes do famoso Relatório Lalonde. A partir de então, logo alcançou abrangência mundial fomentada por investimentos consistentes e maciços da Fundação Rockefeller com apoio do Cochrane Collaboration. Indiscutivelmente, são reconhecidos os subsídios pertinentes à ciência trazidos pela medicina baseada em evidências. Entretanto, ao ter se tornado corrente majoritária nos últimos trinta anos, inadvertidamente, ela pode ter contribuído para uma menor ênfase dos cursos de medicina quanto à formação humanística do médico.

A esse panorama, somam-se a transição demográfica e o aumento médio da expectativa de vida, que, com maior longevidade e conseqüente crescimento da população de idosos, geram uma série de desafios para doenças crônicas, gestão de serviços de saúde, previdência social e qualidade de vida das pessoas. Um dos principais elementos da medicina contemporânea é a saúde digital, que, paulatinamente, tem deixado de ser tendência conjuntural para se confirmar como realidade factível e se tornar um dos pilares das práticas médicas nas próximas décadas.

A Famed e a UFC como um todo, em 2022, já se anteciparam na aprovação de um programa institucional de saúde digital, iniciativa pioneira da área dentre as universidades públicas brasileiras. Com o apoio técnico do Núcleo de Tecnologias e Educação a Distância em Saúde (NUTEDS), referência no tema, está em implantação uma nova disciplina obrigatória em saúde digital para o currículo do Curso de Medicina. Em breve, as turmas de médicos no Ceará serão formadas para lidar com recursos e ferramentas digitais, tendo acesso a uma gama de informações em tempo real acerca do estado clínico dos pacientes, de modo a orientar a tomada de decisão de médicos e gestores de saúde. É fato notório que a saúde digital é um caminho sem volta, sendo bastante promissora em termos profissionais e acadêmicos, com probabilidade de crescimento exponencial.

Investimento maciço do Estado e da iniciativa privada em saúde digital, como questão de soberania e de segurança nacional, permitirá ao Brasil se posicionar estrategicamente perante o concerto das nações. Abre-se assim, uma janela de oportunidades para reindustrialização e perspectivas de ativar soluções inovadoras para o empreendedorismo, o desenvolvimento socioeconômico e a sustentabilidade do país. Nos

anos vindouros, serão cada vez mais comuns e consolidadas medidas como o prontuário eletrônico, a telessaúde, o uso de aplicativos de *e-health* e o monitoramento de sinais vitais com os dispositivos *wearables*, ou tecnologias vestíveis em aparelhos conectados à internet, como smartphones e relógios inteligentes. A saúde ficará ao alcance da mão, literalmente, ao toque da tela do celular, e isso não será mais somente uma figura de linguagem ou um jargão de marketing.

Exames, consultas, cirurgias e demais procedimentos especializados poderão ser agendados a distância, efetuados com rapidez, disponibilizados para um número maior de pessoas e, esperamos, a um custo gradativamente mais baixo. Dessa maneira, a oferta de serviços de saúde no sistema público e nos planos privados estará acessível e descentralizada para além dos grandes centros urbanos, em cidades médias, polos regionais e localidades mais afastadas, colaborando com a democratização da saúde tão almejada pela sociedade. Essas melhorias poderão ter impactos positivos na eficiência dos atendimentos de urgência e emergência, na regulação de leitos hospitalares e na diminuição de filas de atendimentos eletivos para os usuários.

Para potencializar os benefícios da evolução trazida pela saúde digital, simultaneamente deverá ocorrer o fortalecimento da medicina preventiva, com ações de conscientização de cuidados para o controle das enfermidades, diagnosticando-as e tratando-as precocemente quando necessário for, além da promoção das boas práticas de educação em saúde para todos os cidadãos. Cientes das perspectivas promissoras da saúde digital, não permitamos a repetição de eventuais equívocos da medicina baseada em evidências, cujos protocolos podem esvaziar ou desumanizar o ato médico.

É sabido que grande parte dos pacientes necessita da individualização de sua terapêutica, pois, a depender da complexidade ou gravidade, os casos não se enquadram nos *trials*. Portanto, não haverá classes de recomendação I ou IIa nem consenso para o tratamento. Necessário se faz que médicos se debruçam em suas cabeceiras, resgatando os conceitos anatomofisiopatológicos e até mesmo os métodos observacionais em casos isolados, a exemplo dos heróis precursores da medicina moderna representada por William Osler.

Apesar dos avanços tecnológicos, e de um certo otimismo atrelado a eles, podemos afirmar com segurança que, mantendo os princípios

filosóficos e humanísticos da medicina hipocrática, a base epistemológica da medicina como ciência e atividade permanecerá exatamente a mesma. Mesmo daqui a 75 anos, isto é, no encerramento do século XXI, não se substituirá a figura do médico por algoritmos ou outros mecanismos de inteligência artificial. O ato médico continuará relevante, uma vez que os médicos encontrarão formas de manter vínculos solidários e compassivos para com os pacientes e suas dores, com o intuito de curar moléstias e aplacar o sofrimento.

A medicina traz consigo, precisão e objetividade, atributos indispensáveis ao diagnóstico e à prescrição adequados para tratar individualmente cada paciente. No seu trabalho diário, o médico deve demonstrar empatia e respeito pela alteridade, com o agir consciente dirigido para a superação das desigualdades e injustiças sociais. Dessa maneira, conseguiremos resgatar a atuação humanista e humanitária de todos os médicos, que se dedicam à nobre missão de cuidar da saúde das pessoas, ou seja: quem trata doença é livro, quem trata doente é médico.

A perspectiva futura é de otimismo, com vida longa, próspera e produtiva à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Que permaneça sendo um farol a transmitir segurança e tranquilidade aos navegantes desses tempos, mesmo em momentos turbulentos, e um motivo de orgulho e de confiança para as passadas, presentes e futuras gerações.

APÊNDICE A
DIRETORES E COORDENADORES DA
FACULDADE DE MEDICINA DA UFC

DIRETORES DA FACULDADE DE MEDICINA		
NOME	INÍCIO	TÉRMINO
PROF. SARAIVA LEÃO	1948	1950
PROF. ALUÍSIO PINHEIRO (interinidade)	1950	1950
PROF. JURANDIR PICANÇO	1950	1953
PROF. NEWTON THEOPHYLO GONÇALVES	1953	1955
PROF. OSSIAN AGUIAR	1955	1957
PROF. WALDEMAR DE ALCÂNTARA	1957	1963
PROF. PAULINO DE BARROS	1963	1963
PROF. OCELO PINHEIRO	1963	1966
PROF. WALTER CANTÍDIO	1966	1970
PROF. LIVINO PINHEIRO (interino)	1970	1971
PROF. WALDER SÁ	1971	1975
PROF ^a . MARIA NEILE TORRES DE ARAÚJO	1998	2000
PROF. HENRY DE HOLANDA CAMPOS	2000	2007
PROF. JOSÉ LUCIANO BEZERRA MOREIRA	2007	2014
PROF ^a VALÉRIA GOES FERREIRA PINHEIRO	2014	2019
PROF. JOÃO MACEDO COELHO FILHO	2019	2023
DIRETORES DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE		
NOME	INÍCIO	TÉRMINO
PROF. DANÍSIO DALTON DA ROCHA CORREA (<i>pro tempore</i>)	1975	1976
PROF. EVANDRO SALGADO STUDART DA FONSECA (<i>pro tempore</i>)	1976	1976
PROF. GERALDO WILSON DA SILVEIRA GON- ÇALVES	1976	1980
PROF. ERNESTO DE PINHO PESSOA	1981	1984
PROF. CLAUDIO MARQUES FREIRE	1984	1987
PROF. FRANCISCO VALDECI DE ALMEIDA FERREIRA	1987	1991
PROF. JOSÉ AFONSO BRUNO	1991	1995
PROF. MARIA NEILE TORRES DE ARAÚJO	1995	1997
COORDENADORES DO CURSO DE MEDICINA		
NOME	INÍCIO	TÉRMINO
PROF. WALDER BEZERRA DE SÁ	Sem registro *	31/03/1975
PROF. JOSÉ CARLOS DA COSTA RIBEIRO	02/04/1975	28/06/1983



PROF. JOSÉ GERARDO PONTE DE VASCONCELOS	29/06/1983	26/04/1985
PROF. VICENTE PAULO JORGE LEMOS	02/05/1985	02/05/1987
PROF. JOSÉ MARIA CHAVES (<i>pro tempore</i>)	04/05/1987	13/09/1987
PROF. HAROLDO GONDIM JUAÇABA	14/09/1987	19/11/1987
PROF. VICENTE PAULO JORGE LEMOS	20/11/1987	20/11/1989
PROF ^a MARIA GONZAGA PINHEIRO (<i>pro tempore</i>)	21/11/1989	05/12/1989
PROF. JOSÉ ESTRELA NETO	06/12/1989	06/12/1991
PROF. SEBASTIÃO DIÓGENES PINHEIRO	06/12/1991	06/12/1993
PROF ^a MARIA NEILE TORRES DE ARAÚJO	06/12/1993	20/10/1995
PROF. ELIAS GEOVANI BOUTALA SALOMÃO	21/10/1995	12/05/2000
PROF ^a YACY MENDONÇA DE ALMEIDA	12/05/2000	31/12/2004
PROF ^a MARIA GORETTI FROTA RIBEIRO	01/01/2005	15/10/2007
PROF ^a YACY MENDONÇA DE ALMEIDA	16/10/2007	31/12/2013
PROF. MANOEL OLIVEIRA FILHO	28/03/2014	28/03/2018
PROF. MANOEL OLIVEIRA FILHO	29/03/2018	28/02/2021
PROF ^a MÔNICA CARDOSO FAÇANHA	01/03/2021	---

COORDENADORES DO CURSO DE FISIOTERAPIA

NOME	INÍCIO	TÉRMINO
PROF. ROBERTO DA JUSTA PIRES NETO	2010	2011
PROF ^a . FABIANE ELPÍDIO DE SÁ PINHEIRO	2011	2013
PROF ^a . FABIANE ELPÍDIO DE SÁ PINHEIRO	2013	2015
PROF. RODRIGO RIBEIRO DE OLIVEIRA	2015	2017
PROF ^a . JULIANA FREIRE CHAGAS VINHOTE (<i>pro tempore</i>)	2017	2018
PROF ^a . NATALY GURGEL CAMPOS	2018	2021
PROF ^a . NATALY GURGEL CAMPOS	2021	2024



Foto atual da Administração Setorial do Campus de Porangabuçu

APÊNDICE B
DOCENTES DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFC - 2023

DEPARTAMENTO DE CIRURGIA

Chefe do Departamento: FERNANDO ANTONIO SIQUEIRA PINHEIRO

ALINE ALMEIDA FIGUEIREDO BORSARO

ANDRE JUCA MACHADO

ANNYA COSTA ARAUJO DE MACEDO GOES

ANTERO GOMES NETO

ANTONIO ALDO MELO FILHO

FERNANDO ANTONIO SIQUEIRA PINHEIRO - Chefe do Departamento

FERNANDO BARROSO DUARTE

FRANCISCO SÉRGIO PINHEIRO REGADAS FILHO

GUSTAVO REGO COELHO

HELADIO FEITOSA DE CASTRO FILHO

HENRIQUE CESAR TEMOTEO RIBEIRO

HERALDO GUEDIS LOBO FILHO

JAILTON VIEIRA SILVA - CEDIDO

JOAO ARAGAO XIMENES FILHO

JOSE ALBERTO DIAS LEITE

JOSE ARNALDO MOTTA DE ARRUDA

JOSE ATUALPA PINHEIRO JUNIOR

JOSE GLAUCO LOBO FILHO

JOSE HUYGENS PARENTE GARCIA

JOSE JOACYLIO MOREIRA LIMA

JOSE MAURO MENDES GIFONI

JOSENILIA MARIA ALVES GOMES

LARA BURLAMAQUI VERAS

LUIZ ROBERTO DE OLIVEIRA

MARCELO LEITE VIEIRA COSTA

MARCIO WILKER SOARES CAMPELO

MARCOS RABELO DE FREITAS

MARIA LUZETE COSTA CAVALCANTE

MARKUS ANDRET CAVALCANTE GIFONI

MAXIMILIANO AGUIAR PORTO

PAULO ROBERTO LEITAO DE VASCONCELOS

PAULO ROBERTO CAVALCANTE DE VASCONCELOS

RAFAEL DIAS MARQUES NOGUEIRA

RICARDO REGES MAIA DE OLIVEIRA

RODRIGO DORNFELD ESCALANTE

ROMMEL PRATA REGADAS



SALUSTIANO GOMES DE PINHO PESSOA

STHELA MARIA MURAD REGADAS

WELLINGTON ALVES FILHO

DEPARTAMENTO DE FISILOGIA E FARMACOLOGIA

Chefe do Departamento: NYLANE MARIA NUNES DE ALENCAR

ALBERTO MELO SOARES

ALDO ANGELO MOREIRA LIMA

ALEXANDRE HAVT BINDA

ANA ROSA PINTO QUIDUTE

ARMENIO AGUIAR DOS SANTOS

CLAUDIA DO O PESSOA

DANIELLE MACEDO GASPAR

DAVID FREITAS DE LUCENA

DEYSI VIVIANA TENAZOA WONG

DIEGO VERAS WILKE

FLAVIA ALMEIDA SANTOS

FRANCISCA CLEA FLORENCO DE SOUSA

GEANNE MATOS DE ANDRADE

MANOEL ODORICO DE MORAES FILHO

MARIA ELISABETE AMARAL DE MORAES

MARIANA LIMA VALE

MARISA JADNA SILVA FREDERICO

MOHAMMED SAAD LAHLOU

NYLANE MARIA NUNES DE ALENCAR

RAQUEL CARVALHO MONTENEGRO

RICARDO DE FREITAS LIMA

RICHARD BOARATO DAVID

ROBERTA JEANE BEZERRA JORGE

ROBERTO CESAR PEREIRA LIMA JUNIOR

RODRIGO JOSE BEZERRA DE SIQUEIRA

SANDRA MARIA NUNES MONTEIRO

SILVANIA MARIA MENDES VASCONCELOS PATROCINIO

VILMA DE LIMA

DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA

Chefe do Departamento: RENATA BESSA PONTES

ALAÍNA SOUZA LIMA ROCHA

ANA CARLA LIMA NUNES

ANA KARINE DE FIGUEIREDO MOREIRA



ANDREA SOARES ROCHA DA SILVA

BERNARDO DINIZ COUTINHO

CAMILA FERREIRA LEITE

DANIELA GARDANO BUCHARLES MONTALVERNE

ELISETE MENDES CARVALHO

FABIANE ELPIDIO DE SA PINHEIRO

FABIANNA RESENDE DE JESUS MORALEIDA

GABRIEL PEIXOTO LEO ALMEIDA

JOSE CARLOS TATMATSU ROCHA

JULIANA FREIRE CHAGAS VINHOTE

KATIA VIRGINIA VIANA CARDOSO

LIDIANE ANDREA OLIVEIRA LIMA

MARCIO ALMEIDA BEZERRA

MAYLE ANDRADE MOREIRA

NATALY GURGEL CAMPOS

PATRICIA MOREIRA COSTA COLLARES

PEDRO OLAVO DE PAULA LIMA

RAFAEL BARRETO DE MESQUITA

RAIMUNDA HERMELINDA MAIA MACENA

RAMON TÁVORA VIANA

RENATA BESSA PONTES

RENATA VIANA BRÍGIDO DE MOURA JUCÁ

RODRIGO FRAGOSO DE ANDRADE

RODRIGO RIBEIRO DE OLIVEIRA

SHAMYR SULYVAN DE CASTRO

SIMONY LIRA DO NASCIMENTO

VILENA BARROS DE FIGUEIREDO

DEPARTAMENTO DE MEDICINA CLINICA

Chefe do Departamento: MARCELLUS HENRIQUE LOIOLA PONTE DE SOUZA

ANA ANGELICA LUSTOSA BITTENCOURT DE ARAUJO

ANASTÁCIO DE QUEIROZ SOUSA

ANTONIO AUGUSTO GUIMARAES LIMA

ARNALDO AIRES PEIXOTO JUNIOR

CARLOS AUGUSTO ALENCAR JUNIOR

CARLOS EWERTON MAIA RODRIGUES

CARLOS ROBERTO MARTINS RODRIGUES SOBRINHO

CATARINA BRASIL D ALVA ROCHA

CHARLYS BARBOSA NOGUEIRA

DANIELLE DE SOUZA BESSA

EANES DELGADO BARROS PEREIRA

ELCINEIDE SOARES DE CASTRO

ELIZABETH DE FRANCESCO DAHER

EMILIO ROSSETTI PACHECO

EUGENIO DE MOURA CAMPOS

FABIO GOMES DE MATOS E SOUZA

FRANCISCO AIRTON CASTRO DA ROCHA

FRANCISCO DE ASSIS AQUINO GONDIM

FRED OLAVO ARAGÃO ANDRADE DE CARNEIRO

GERALDO BEZERRA DA SILVA JUNIOR

HENRY HOLANDA CAMPOS

JARBAS DE SA RORIZ FILHO

JESUS IRAJACY FERNANDES DA COSTA

JOÃO LUIZ DE ALENCAR ARARIPE FALCAO

JOÃO MACEDO COELHO FILHO

JOSE DANIEL VIEIRA DE CASTRO

JOSE IBIAPINA SIQUEIRA NETO

JOSE MILTON DE CASTRO LIMA

JOSE WILSON ACCIOLY FILHO

KRISTOPHERSON LUSTOSA AUGUSTO

LIA LIRA OLIVIER SANDERS

LUCIA LIBANEZ BESSA CAMPELO BRAGA

LUCIANA PASSOS ARAGAO

LUÍSA WEBER BISOL

MANOEL ALVES SOBREIRA NETO

MANOEL RICARDO ALVES MARTINS

MANUELA VASCONCELOS DE CASTRO SALES

MARCELLUS HENRIQUE LOIOLA PONTE DE SOUZA

MARCELO ALCANTARA HOLANDA

MARIA GENUCIA CUNHA MATOS

MIGUEL ANGELO NOBRE E SOUZA

MONICA COLARES OLIVEIRA LIMA

PABLO ARAUJO ALVES

PAOLA FRASSINETTI TORRES FERREIRA DA COSTA

PATRÍCIA ROLIM MENDONÇA LÔBO

PAULO RODRIGUES NUNES NETO

PEDRO BRAGA NETO

RICARDO PEREIRA SILVA

ROMULO REBOUCAS LOBO



RONALD FEITOSA PINHEIRO

SANDRA NIVEA DOS REIS SARAIVA FALCAO

SILVIA MARIA MEIRA MAGALHAES

TAINA VERAS DE SANDES FREITAS

VALERIA GOES FERREIRA PINHEIRO

DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA

Chefe do Departamento: PEDRO MARCOS GOMES SOARES

ANA BEATRIZ GRAÇA DUARTE

ANA MARIA LEOPERCIO PONTE

ANGELO JOSE CARNEIRO PORTO

ANTONIO MIGUEL FURTADO LEITÃO

DELANE VIANA GONDIM

DOMINGOS ANTONIO CLEMENTE MARIA SILVIO MORANO

EMMANUEL PRATA DE SOUZA

FRANCISCO LEOPOLDO ALBUQUERQUE FILHO

GILBERTO SANTOS CERQUEIRA

JOAO ERIVAN FAÇANHA BARRETO

JOSE RICARDO SOUSA AYRES DE MOURA

KARUZA MARIA ALVES PEREIRA

PEDRO MARCOS GOMES SOARES

RANDAL POMPEU PONTE

REINALDO BARRETO ORIÁ

RENATA FERREIRA DE CARVALHO LEITAO

TELGA PERSIVO PONTES DE ANDRADE

VIRGINIA CLAUDIA CARNEIRO GIRAO

DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA E MEDICINA LEGAL

Chefe do Departamento: ANA CAROLINA FONSECA LINDOSO MELO

ANA CAROLINA FONSECA LINDOSO MELO

CONCEICAO APARECIDA DORNELAS

DANIELLE ABREU FOSCHETTI

DARY ALVES OLIVEIRA

DEBORA CASTELO BRANCO DE SOUZA COLLARES MAIA

DIANE ISABELLE MAGNO CAVALCANTE

EDSON HOLANDA TEIXEIRA

EMILIA TOME DE SOUSA

FERNANDA CAPELO BARROSO

FERNANDA EDNA ARAUJO MOURA

GLAUCIA MORGANA DE MELO GUEDES

GUNTER GERSON

IVO CASTELO BRANCO COELHO

JOSE AJAX NOGUEIRA QUEIROZ

JOSE JULIO COSTA SIDRIM

JOSE LUCIANO BEZERRA MOREIRA

JOSE TELMO VALENCA JUNIOR

LILIA MARIA CARNEIRO CAMARA

LUCAS DE LIMA NOGUEIRA

LUIZ CARLOS ALBUQUERQUE PINTO

MARCIA VALERIA PITOMBEIRA FERREIRA

MARGARIDA MARIA DE LIMA POMPEU

MARIA DO SOCORRO QUEIROZ ALVES DE SOUZA

MARIA JANIA TEIXEIRA

PAULA GOES PINHEIRO DUTRA

PAULO ROBERTO CARVALHO DE ALMEIDA

RAIMUNDA SAMIA NOGUEIRA BRILHANTE

RENATO EVANDO MOREIRA FILHO

ROBERTO WAGNER BEZERRA DE ARAUJO

ROGERIO PINTO GIESTA

ROSSANA DE AGUIAR CORDEIRO

SILVIA HELENA BAREM RABENHORST

TICIANA MONTEIRO ABREU

VLADIMIR MICHAJLOWSKY LEITE RIBEIRO

DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA
Chefe do Departamento: MARCO TULIO AGUIAR MOURAO RIBEIRO

CARMEM EMMANUELY LEITÃO ARAÚJO

CAROLINE MARY GURGEL DIAS FLORENCIO

FRANCISCO URSINO DA SILVA NETO

GUILHERME ALVES DE LIMA HENN

HERMANO ALEXANDRE LIMA ROCHA

JORGE LUIZ NOBRE RODRIGUES

KELEN GOMES RIBEIRO

LARISSA FORTUNATO ARAUJO

LISANDRA SERRA DAMASCENO

LUCIANO LIMA CORREIA

LUCIANO PAMPLONA DE GOES CAVALCANTI

MAGDA MOURA DE ALMEIDA PORTO

MÁRCIA MARIA TAVARES MACHADO

MARCO TULIO AGUIAR MOURAO RIBEIRO

MAXMIRIA HOLANDA BATISTA

MONICA CARDOSO FACANHA

RENAN MAGALHAES MONTENEGRO JUNIOR



ROBERTO DA JUSTA PIRES NETO

TATIANA MONTEIRO FIUZA

VIRGINIA OLIVEIRA FERNANDES CORTEZ

DEPARTAMENTO DE SAÚDE DA MULHER DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Chefe do Departamento: CHRISTIANE ARAUJO CHAVES LEITE

DANIEL WILLIAN LUSTOSA DE SOUSA

FRANCISCO SULIVAN BASTOS MOTA

JOAO BATISTA SILVA

JOAO JOAQUIM FREITAS DO AMARAL

JOSE ANANIAS VASCONCELOS NETO

JOSE ELEUTERIO JUNIOR

JOSE LUCIVAN MIRANDA

LUIS CARLOS REY

MANOEL OLIVEIRA FILHO

MARIA DE FATIMA VITORIANO DE AZEVEDO

RAQUEL AUTRAN COELHO PEIXOTO

RICARDO MARIA NOBRE OTHON SIDOU

RIVIANNY ARRAIS NOBRE

ROBERIO DIAS LEITE

VIRNA DA COSTA E SILVA

ZENILDA VIEIRA BRUNO

ALMIR DE CASTRO NEVES FILHO

ALVARO JORGE MADEIRO LEITE

ANDREISA PAIVA MONTEIRO BILHAR

CHRISTIANE ARAUJO CHAVES LEITE

DANIEL WILLIAN LUSTOSA DE SOUSA

FRANCISCO DAS CHAGAS MEDEIROS

FRANCISCO HERLANIO COSTA CARVALHO

FRANCISCO SULIVAN BASTOS MOTA

HELVECIO NEVES FEITOSA

JOAO BATISTA SILVA

JOAO JOAQUIM FREITAS DO AMARAL

JOSE ELEUTERIO JUNIOR

JOSE LUCIVAN MIRANDA

LEONARDO ROBSON PINHEIRO SOBREIRA BEZERRA

LUIS CARLOS REY

MANOEL OLIVEIRA FILHO

MARIA DE FATIMA VITORIANO DE AZEVEDO

RAQUEL AUTRAN COELHO PEIXOTO



RICARDO MARIA NOBRE OTHON SIDOU

RIVIANNY ARRAIS NOBRE

ROBERIO DIAS LEITE

VIRNA DA COSTA E SILVA

ZENILDA VIEIRA BRUNO

COMISSÕES DA FACULDADE DE MEDICINA

NOME	DOCENTES INTEGRANTES
COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO E REGULAMENTO	<p>Prof. Eugênio de Moura Campos - Departamento de Medicina Clínica</p> <p>Prof. José Ajax Nogueira Queiroz - Departamento de Patologia e Medicina Legal</p> <p>Prof. Luciano Pamplona Góis Cavalcante - Departamento de Saúde Comunitária</p> <p>Prof^a. Raquel Autran Coelho Peixoto - Departamento de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente</p> <p>Prof. Reinaldo Barreto Oriá - Departamento de Morfologia</p> <p>Prof. Ricardo de Freitas Lima - Departamento de Fisiologia e Farmacologia</p> <p>Prof. Ricardo Reges Maia de Oliveira - Departamento de Cirurgia</p> <p>Prof. Rodrigo Fragoso de Andrade - Departamento de Fisioterapia</p>
COMISSÃO SETORIAL DE AVALIAÇÃO	<p><u>MEMBROS EFETIVOS</u></p> <p>Carmem Emmanuely Leitão Araújo <i>Representante do Segmento Universitário Docente</i></p> <p>Alberto Farias Filho <i>Representante do Segmento Universitário Técnico-Administrativo</i></p> <p>Larissa da Silva Arruda <i>Representante do Segmento Universitário Discente</i></p> <p><u>MEMBROS SUPLENTE</u></p> <p>Fabianne Elpídio Sá <i>Representante do Segmento Universitário Docente</i></p> <p>Riany de Sousa Sena <i>Representante do Segmento Universitário Técnico-Administrativo</i></p> <p>Davi Oliveira Aragão <i>Representante do Segmento Universitário Discente</i></p>



<p>COMISSÃO DE EXTENSÃO</p>	<p>Prof^a. Delane Viana Gondim - Departamento de Morfologia</p> <p>Prof^a. Francisca Cléa Florença de Sousa - Departamento de Fisiologia e Farmacologia</p> <p>Prof^a. Maria Luzete Costa Cavalcante - Departamento de Cirurgia</p> <p>Prof^a. Paola Franssinete Torres Ferreira Costa - Departamento de Medicina Clínica</p> <p>Prof^a. Ana Carolina Fonseca Lindoso Melo - Departamento de Patologia e Medicina Legal</p> <p>Prof^a. Kelen Gomes Ribeiro - Departamento de Saúde Comunitária</p> <p>Prof^a. Zenilda Vieira Bruno - Departamento de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente</p> <p>Prof. Marcio Almeida Bezerra – Departamento de Fisioterapia</p>
<p>COMISSÃO DE PROGRESSÃO PARA PROFESSOR ASSOCIADO</p>	<p>Prof^a. Zenilda Vieira Bruno - Departamento de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente</p> <p>Prof. Eugenio de Moura Campos - Departamento de Medicina Clínica</p> <p>Prof^a. Flávia Almeida Santos - Departamento de Fisiologia e Farmacologia</p> <p>Prof. José Ajax Nogueira Queiroz - Departamento de Patologia e Medicina Legal</p> <p>Prof. Luciano Lima Correia - Departamento de Saúde Comunitária</p> <p>Prof. Marcos Rabelo de Freitas - Departamento de Cirurgia</p> <p>Prof. Reinaldo Barreto Oriá - Departamento de Morfologia</p> <p>Prof. Rodrigo Fragoso de Andrade – Departamento de Fisioterapia</p>
<p>COORDENADOR DO NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO – NUDEM – Curso de Medicina</p>	<p>Prof. José Ajax Nogueira Queiroz</p>
<p>COORDENADOR DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE – Curso de Medicina</p>	<p>Prof. Antonio Miguel Furtado Leitão</p>
<p>COORDENADOR DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE – Curso de Fisioterapia</p>	<p>Prof. Ramon Távora Viana</p>
<p>COORDENADOR DO INTERNATO – Curso de Medicina</p>	<p>Prof^a. Sandra Nívea dos Reis Saraiva Falcão</p>

COORDENADORES DO INTERNATO – Curso de Fisioterapia	Prof ^ª . Mayle Andrade Moreira Prof ^ª . Renata Viana Brígido de Moura Jucá Prof ^ª . Daniela Gardano Bucharles Mont’Alverne
COORDENADOR DE PROGRAMAS ACADÊMICOS – Curso de Medicina	Prof ^ª . Danielle Macedo Gaspar
COORDENADOR DO NÚCLEO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE MEDICAMENTOS – NPDM	Prof. Manoel Odorico de Moraes Filho
COORDENADOR DO NÚCLEO DE BIOMEDICINA – NUBIMED	Prof. Aldo Ângelo Moreira Lima
COORDENADOR DO NÚCLEO DE MEDICINA TROPICAL	Prof. Ivo Castelo Branco Coelho
COORDENADOR DO NÚCLEO DE TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM SAÚDE	Prof. Luiz Roberto de Oliveira

COORDENADORES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA

Prof. Carlos Henrique Moraes de Alencar
(Programa de Pós-Graduação em Patologia)

Prof. João Joaquim Freitas do Amaral
(Programa de Pós-Graduação em Saúde da Mulher e da Criança)

Prof. José Alberto Dias Leite
(Programa de Pós-Graduação em Ciências Médico-Cirúrgicas)

Prof. Manoel Odorico de Moraes
(Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional)

Prof. Pedro Olavo de Paula Lima
(Programa de Pós-Graduação em Fisioterapia e Funcionalidade)

Prof. Reinaldo Barreto Oriá
(Programa de Pós-Graduação em Ciência Médicas)

Prof. Roberto Cesar Pereira Lima Junior
(Programa de Pós-Graduação em Farmacologia)

Prof^ª. Camila Ferreira Roncari
(Programa de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares)

Prof^ª. Carmem Emmanuely Leitão Araújo
(Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública)

Prof^ª. Débora Castelo Branco Souza Collares Maia
(Programa de Pós-Graduação em Microbiologia Médica)

Prof^ª. Raquel Carvalho Montenegro
(Programa de Pós-Graduação em Farmacologia Clínica - profissional)

Prof^ª. Roberta Jeanne Bezerra Jorge
(Programa de Pós-Graduação em Ciências Morfofuncionais)





Vista dos primórdios do Campus de Porangabuçu, tendo no primeiro plano o pavilhão da Anatomia, com entrada pela atual Rua Prof. Costa Mendes. Notam-se as poucas casas no entorno

PATROCÍNIO:

BOGHOS BOYADJIAN – DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

FUNDAÇÃO CEARENSE DE PESQUISA E CULTURA – FCPC

INSTITUTO DO CÂNCER DO CEARÁ – ICC

RADIUS – CLÍNICA RADIOLÓGICA

UNICHRISTUS – CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

UNIMED FORTALEZA

APOIO:

CLINICA HUMANA IMAGEM

CLINICA OTORHINOS

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Versão Digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932 – Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP.: 60020-181 – Fortaleza – Ceará – Brasil
imprensa@proplad.ufc.br

PATROCÍNIO:

ISBN: 978-85-7485-445-8

